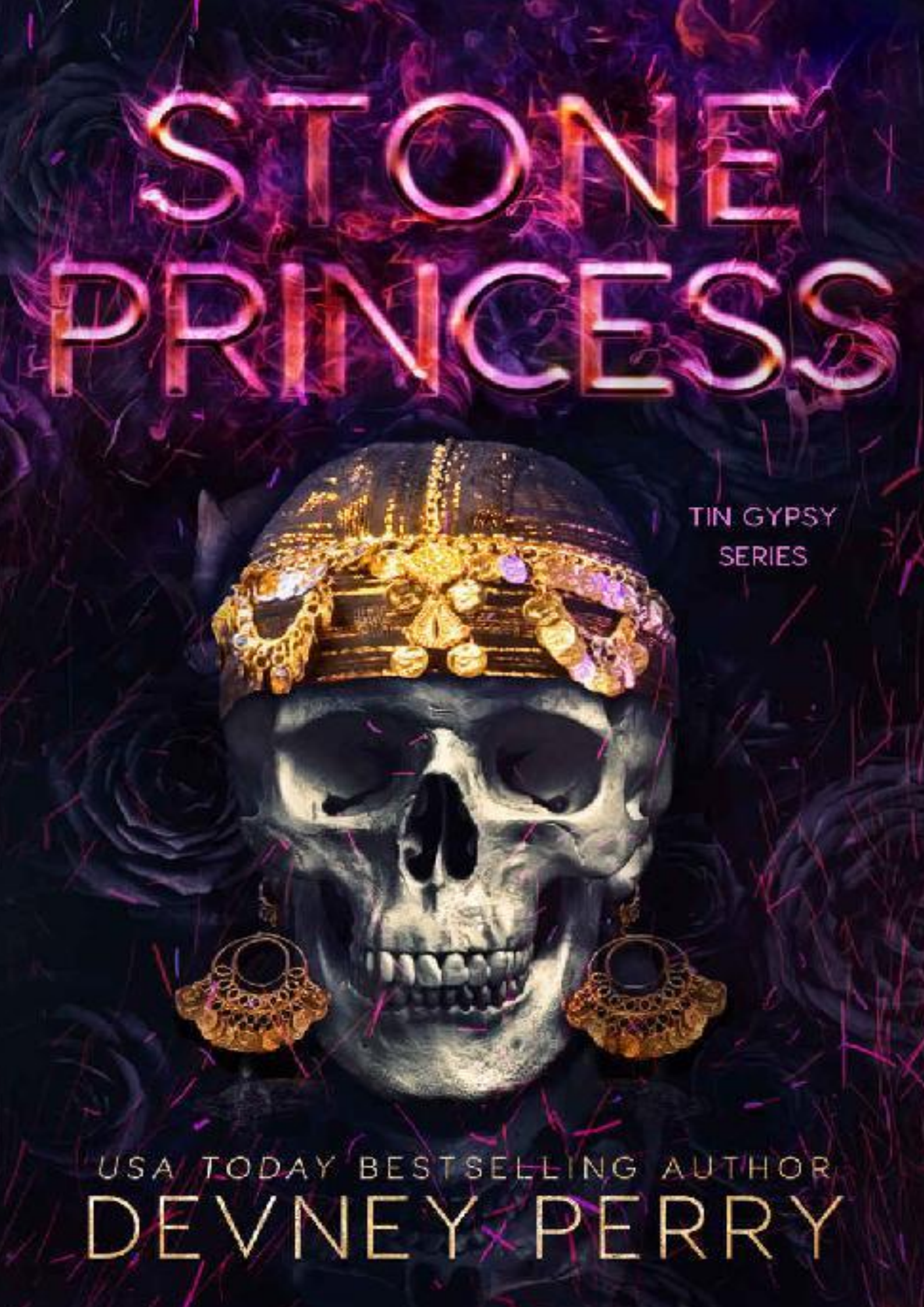
STONE PRINCESS

TIN GYPSY SERIES



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DEVNEY PERRY


Valkyrias
Traduções

TIN GYPSY SERIES













SINOPSE

Presley Marks acaba de se tornar um clichê: a noiva abandonada. Vestindo um vestido branco, em pé na frente de seus amigos e familiares, ela anuncia que seu noivo, de acordo com a sua mensagem de texto, esqueceu o casamento.

Humilhada e com raiva, ela se esconde do mundo na rotina mundana de sua vida. Trabalhar na Clifton Forge Garage não é fascinante, mas está a salvo dos holofotes.

Pelo menos era, até Shaw Valance chegar à cidade.

O famoso ator de Hollywood está estrelando um filme baseado no infame assassinato da cidade. Quando ele não está no set, Shaw paira na garagem, vendo como eles constroem sua moto personalizada e a irritam com seu belo sorriso. Ele deveria sair uma vez que as filmagens terminassem e voltar à sua vida extravagante, não comprar a casa ao lado.

Mas Shaw pode se arrepender dessa compra assim que o ex-noivo de Presley voltar, trazendo consigo uma guerra entre antigos rivais que poderiam queimar as duas casas.

Capítulo Um

Presley

Isso é hoje?

Isso é hoje

Isso é hoje.

Havia tantas maneiras de interpretar duas palavras. E alterar seu significado com várias inflexões.

Isso é hoje

Não importa quantas vezes eu tenha dito o texto de Jeremiah em voz alta, nenhuma das opções era atraente. O bastardo nem se incomodou com um ponto de interrogação ou um ponto final para aliviar alguma confusão.

As palavras feias saltaram da tela do meu telefone e eu rosnei quando o desliguei. Não havia sentido em lê-las repetidamente. Eu fazia isso constantemente desde sábado.

Essas duas palavras foram as últimas em nosso tópico. Ele as enviou na manhã do nosso casamento, o casamento que havia esquecido. Jeremiah não tinha enviado um pedido de desculpas em pânico. Ele não me tinha ligado infinitas vezes para encher o meu correio de voz com desculpas. Ele não tinha dirigido durante três horas de Ashton a Clifton Forge para se ajoelhar e implorar pelo meu perdão.

Seu texto poderia muito bem ser lido como *o final.*

Bem, foda-se ele. Foda-se seu texto.

Foda-se todos os anos que desperdicei com um homem que alegava me amar, mas não tinha a menor ideia de como demonstrá-lo. Eu nem teria a satisfação de terminar com ele cara a cara. Ou talvez deixar-me esperando no dia do casamento tivesse sido o seu jeito de terminar comigo.

Depois de cancelar o casamento no sábado, passei ontem chorando, cuidando de um coração partido e de uma ressaca violenta. Presley Marks não era uma mulher que chorava facilmente. Eu tinha desistido das lágrimas em tenra idade porque elas só me rendiam outro tapa. Mas ontem, eu as deixei cair livremente.

Eu chorei por ser tão estúpida. E patética. E sozinha. E humilhada.

Quantas vezes meus amigos me avisaram sobre Jeremiah? Quantas vezes eu o defendi? Quantas vezes eu olhei para o meu dedo anelar nu, me iludindo por não precisar de um anel de noivado quando uma aliança de casamento era o verdadeiro prêmio?

A picada no meu nariz ameaçava lágrimas mais lamentáveis, mas eu a segurei, piscando rapidamente antes que uma lágrima perdida pudesse arruinar meu rímel. Então enfiei meu telefone na bolsa e empurrei a porta do meu Jeep. A tinta branca brilhava, refletindo o sol da manhã.

Eu fiz uma limpeza criteriosa na semana passada. Eu queria que brilhasse quando Jeremiah e eu nos afastássemos da recepção do casamento. Eu queria o interior impecável quando nos dirigíssemos para Ashton.

Hoje deveria ser o dia da mudança.

A maioria dos meus pertences estava em caixas, e eu havia alugado um trailer de transporte. Também tinha assinado um contrato de aluguel de um apartamento em Ashton porque Jeremiah estava temporariamente dormindo na sede do moto clube por três anos.

Estúpida, Presley. Tão estúpida. Eu estava tão ocupada planejando como fundir nossas vidas em uma que não tinha notado que meu noivo estava perfeitamente contente vivendo separado.

Talvez devesse ter ficado em casa e lidado com as consequências hoje. Eu tinha um senhorio para contatar e numerosos depósitos a perder. Em vez disso, segui minha rotina normal de segunda-feira de manhã e fui para o trabalho, desviando-me para passar pelo supermercado e enfiar meu vestido de noiva de mil dólares na caixa de doação de roupas.

A oficina de Clifton Forge foi minha constante nos últimos dez anos e hoje eu precisava de algo familiar. Destranquei a porta do escritório e entrei, acendendo as luzes antes de me sentar atrás da minha mesa e tomar um momento para me deleitar com o silêncio.

Eu chegara uma hora antes do normal e o silêncio não duraria. Em breve, haveria ferramentas tilintando na loja, clientes conversando na área de espera e telefones tocando no escritório.

Mas, por enquanto, estava pacífico.

Respirei fundo, procurando o perfume de Draven. Ele morreu a mais de três anos atrás, mas houve momentos em que eu ainda podia senti-lo. Talvez fosse apenas minha imaginação conjurando uma pitada de Old Spice e uma lufada de hortelã girando no ar.

Quando acordei hoje de manhã, sabia que as consequências do casamento eram minhas, e era exatamente o que eu faria.

Um passo de cada vez, dia após dia, eu sobreviveria.

Pelo menos a parte mais difícil acabou. Eu já tinha marchado pelo corredor para dizer aos convidados do casamento que meu noivo havia esquecido o nosso grande dia.

O resto seria fácil, certo? Era simplesmente logística. Bartenders e fornecedores seriam pagos. *Por mim.* Presentes que não tivessem sido coletados seriam devolvidos. *Por mim.* Minha vida continuava e um dia, não doeria tanto saber que meu noivo não queria se casar comigo.

Mas eu poderia realmente culpar Jeremiah?

Isso era minha culpa. Eu fui surda à verdade e cega aos sinais. Eu deveria ter terminado esse noivado anos atrás. Talvez eu fosse tão covarde quanto Jeremiah.

Enterrando esses pensamentos, sacudi o mouse ao lado do meu teclado, ligando meu computador. Então olhei a minha caixa de entrada de e-mail e tentei ficar à frente durante o dia.

Uma vez que a equipe da oficina soubesse que eu estava aqui e não me afogando em casa, eles invadiriam o escritório. Eles pairariam sobre mim o dia todo, verificando se não estava à beira de um colapso. Eu não faria nada porque estaria ocupada mantendo um rosto corajoso e ouvindo-os amaldiçoar Jeremiah de um lado e do outro. Eu diria a eles que estava bem, o que eles sabiam que era uma mentira.

Eu não estava bem há muito, muito tempo.

Havia apenas três e-mails não lidos quando os passos ecoaram do lado de fora. A escada de metal que se estendia até o apartamento acima do escritório vibrou quando Isaiah, um de nossos mecânicos e meu amigo, desceu as escadas.

Respirei fundo e virei minha cadeira para encarar a porta quando ela se abriu. —Bom dia.

—Ei, Pres.— Isaiah entrou, vestindo um jeans desbotado e uma camiseta preta. Seu cabelo castanho curto estava úmido. Ele atravessou a sala e sentou em uma cadeira em frente à minha mesa, apoiando os cotovelos nos joelhos.

—É bom vê-lo nessa cadeira, — eu disse.

Ele sorriu. —É bom estar sentado aqui novamente.

Isaiah e sua esposa, Genevieve, moraram em Missoula nos últimos três anos enquanto ela cursava Direito. Agora que eles

retornaram, Isaiah voltaria a trabalhar na oficina e Genevieve trabalharia ao lado de seu mentor em um pequeno escritório de advocacia na cidade.

—Como está Genevieve?

—Bem. — Ele olhou para o teto. —Ela estará aqui em breve. Ela está animada por seu primeiro dia de volta ao trabalho.

—Como foi ficar no apartamento de novo?

— Como nos velhos tempos. Não conte a Genevieve, mas espero que o empreiteiro esteja atrasado algumas semanas para que possamos subir as escadas um pouco mais.

Anos atrás, aquele apartamento tinha sido a casa deles e não havia sido alugado nos anos em que eles se foram. Como seus empregos, esperando que eles retornassem. Exceto, que desta vez, eles não chamariam isso de lar. Os dois haviam comprado uma casa nova em um bairro tranquilo e logo se mudariam.

Ainda assim, não importa quanto tempo passasse, eu sempre consideraria o apartamento de Isaiah.

—Estou animado para ver sua nova casa.

—Você pode fazer a primeira turnê. — O seu sorriso aumentou.

Eu estudei o rosto dele. Era estranho ver Isaiah sorrir, mas um bem-vindo estranho. Ele mudou muito da alma torturada que começou a trabalhar aqui anos atrás.

Genevieve merecia todo o crédito. Ela resgatou meu amigo e trouxe vida de volta aos seus olhos. Ela fez um milagre naquele pequeno apartamento.

—O que? — Ele passou a mão pela boca. —Eu tenho algo no meu rosto?

—Não. É bom ver você feliz.

Ele suspirou, o sorriso desaparecendo. —Como você está?

—Bem. — Essa era a primeira do dia. Eu provavelmente repetiria vinte vezes antes de sair às cinco. — Eu não quero falar sobre isso.

—Ok.

Isaiah seria o único que não pressionaria hoje. Eu poderia abraçá-lo por isso.

Nós dois formamos uma amizade rápida desde o início, os únicos dois forasteiros trabalhando em uma oficina composta por ex-membros do Tin Gypsy Motorcycle Club.

Antes de Isaiah, eu ignorei as conversas silenciosas sozinha. Eu ia obedientemente aos correios ou banco sempre que minha presença não era desejada no escritório.

Eu ignorava as festas, as bebidas e as mulheres.

Mas então o clube se desfez e a vida na oficina mudou. Eles contrataram Isaiah, e quando os outros sussurraram sobre segredos, Isaiah e eu tínhamos um ao outro.

Tomávamos café juntos todas as manhãs. Falávamos sobre nada. Eu não perguntei a ele sobre seu passado ou o porquê de ter

passado três anos na prisão. Ele não me perguntou como eu vim parar em Clifton Forge e por que me recusava a falar da minha infância. No entanto, éramos amigos. Eu confiava nele.

E era bom tê-lo em casa.

—Como estão as coisas na oficina? — Ele perguntou.

—Ocupado. Tivemos que contratar dois mecânicos para cobrir o que você fazia por conta própria.

A sua testa franziu. —Eu não vou tirar o emprego de ninguém voltando, não é?

—Não. Dash e eu conversamos e estamos mantendo os dois para fazer as coisas de rotina para que você possa aprender o trabalho personalizado.

— Estou feliz em fazer as trocas de óleo e ajustes.

Eu acenei para ele. — Já está decidido.

Isaiah levantou-se e entrou na sala de espera. O barulho e o estalo de uma xícara sendo colocada na máquina de café flutuaram na minha direção.

O espaço como um todo tinha dois escritórios fechados junto com a área de recepção onde eu estava sentada. Um dos escritórios pertencia a Dash, o dono da oficina e meu chefe. O outro era do pai de Dash, Draven.

Draven administrou a oficina a vida inteira, passando para Dash. Ele era mais do que meu chefe, ele era minha família. De bom grado, desistiria de todos os meus bens materiais para tê-lo de volta

para um abraço hoje de manhã ou para tê-lo comigo no sábado, me acompanhando pelo corredor.

Depois que Draven morreu, Dash me ofereceu o escritório de seu pai. Tinha uma porta para que eu não precisasse sentar na frente com clientes em espera, mas não conseguia me sentar atrás da mesa de Draven.

Ninguém, especialmente eu, jamais tomaria o lugar dele.

Então convertemos o escritório em uma sala de espera. Trouxemos sofás e montamos uma estação de café.

Isaiah saiu com duas canecas fumegantes na mão.

— Obrigada. — Eu sorri quando ele pousou minha caneca. Girei o palito, misturando o pacote de açúcar que ele derramou e a quantidade de creme de baunilha francês flutuando por cima. —E obrigada por sábado.

Ele levantou um ombro, bebendo seu café preto. — Sem problemas.

No sábado, depois de anunciar o cancelamento do casamento, tentei fugir. Isaiah me pegou antes que eu pudesse entrar no Jeep e desaparecer em um buraco negro.

Ele me arrastou para o apartamento no andar de cima antes que alguém pudesse ver. Emmett e Leo, dois mecânicos e meus amigos, não estavam muito atrás. Leo pegou uma garrafa de tequila no bar. Os três tinham me dado dose após dose até eu desmaiar no sofá.

—Acho que tenho uma bagunça para limpar lá atrás, — eu murmurei.

—Acho que Dash e Bryce cuidaram da maior parte.

—Oh. — Eu balancei minha cabeça. — Droga. Eles deveriam ter deixado para mim.

Quantas horas eu passei planejando este casamento? Quantos favores eu pedi de meus amigos? Que desperdício.

Meus amigos não deveriam ter que limpar minha bagunça também.

Havia um campo atrás da garagem e eu sempre achei que tinha potencial para rivalizar com qualquer parque da cidade, então perguntei a Dash se eu poderia limpá-lo e realizar o casamento lá. Draven não estava lá para me levar pelo corredor, mas que lugar melhor para incluir sua memória do que a oficina que tinha sido seu negócio por tantos anos?

Dash concordou, insistindo que eu deixasse todos ajudarem na limpeza. Passamos três fins de semana cansativos trabalhando naquele campo, limpando o excesso da loja. Peças enferrujadas de reposição foram movidas para a outra extremidade da propriedade. Carros antigos foram empurrados para fora da vista. A grama coberta de vegetação foi cortada, revelando um tapete verde exuberante embaixo.

Na quinta e na sexta-feira, montamos a tenda branca, as mesas e colocamos cadeiras. Muito ocupada organizando a decoração, eu não tinha planejado um jantar de ensaio. Pular o jantar foi o meu

maior erro, além de escolher o noivo. Talvez se tivéssemos jantado, eu saberia que Jeremiah não iria aparecer.

—Eles não se importaram, Pres, — disse Isaiah.

—Isto é minha culpa. Eu deveria lidar com isso.

—Isso é culpa de Jeremiah.

—Não, — eu sussurrei. — É minha.

Uma porta bateu acima de nós. Isaiah e eu olhamos para a janela quando os saltos de Genevieve desceram a escada e ela se juntou a nós no escritório.

—Bom dia. — Seu cabelo escuro estava preso em coque chique e ela estava vestida para o trabalho, sofisticada e perfeita para Isaiah.

Ele se levantou para puxar a cadeira ao lado da dele, segurando a mão dela quando ela se sentou. — Você está bonita.

Meu homem já tinha oferecido uma cadeira para mim? Ele já ficou de pé quando eu entrei na sala? Cumprimentar sua noiva era tão difícil?

— Como você está se sentindo? — Genevieve perguntou, seus olhos castanhos cheios de preocupação.

— Ontem foi pior. Não bebia assim há muito tempo, então fiquei bastante inútil o dia todo. — Passei horas pairando sobre o banheiro, vomitando tequila. A ressaca não se misturou bem com o meu estado emocional. — Desculpe não ter enviado uma mensagem.

—Tudo bem. — O olhar dela suavizou-se.

Genevieve herdara os olhos de Draven. Eu invejava que ela pudesse se olhar no espelho e ver uma peça viva dele. Tudo o que eu tinha era uma foto na gaveta da minha mesa para olhar quando me sentia sozinha.

— Pronta para o seu primeiro dia de trabalho? — Eu perguntei, mudando de assunto.

— Acho que sim. Vai ser bom trabalhar com Jim novamente. Eu senti falta dele. — Ela sorriu, alisando a bainha da saia lápis preta. Ela combinou com uma blusa azul pálida e salto agulha.

Genevieve Reynolds entrava em uma sala e roubava a cena. Ela era deslumbrante, por dentro e por fora.

Eu era bonita, talvez não fosse linda, mas estava confortável em minha própria pele. Essa confiança me levou anos para construir. Quando criança, aperfeiçoei a arte de me misturar e seguir as instruções. Atenção significava apenas hematomas para encobrir e explicar.

Somente depois de me mudar para Clifton Forge eu realmente deixei de lado e abracei quem eu era.

O cabelo que eu não tinha sido autorizada a cortar quando criança agora era curto e branqueado. Ninguém nunca mais usaria meu rabo de cavalo como uma maneira de me manter refém enquanto eles gritavam na minha cara. No começo, o corte pixie era mais o estilo de um menino do que o de uma mulher. Ultimamente,

comecei a raspar os lados enquanto mantinha a parte superior maior e tampando uma sobrancelha.

Meu cabelo fazia uma declaração. Minhas roupas também. Eu tinha uma estatura pequena que não ficava bem em saias ou blusas, porque não tinha as curvas para preenchê-las.

Além disso, não era meu perfil.

Eu preferia botas de sola grossa a saltos. Minha roupa básica era um macacão folgado com uma camiseta justa por baixo. Usava calças jeans presa ao meu suspensório com um cinto apertado para dar a ilusão de quadris.

Se houvesse calça boyfriend na descrição, era provável que eu a tivesse comprado. Tinha me afastado daquela garota, no dia em que deixei Chicago aos dezoito anos.

A mais feminina que eu fui desde que saí de casa, foi no sábado, vestida para o meu casamento.

Talvez Jeremiah tenha acordado no sábado de manhã e percebido que cometeu um erro. Que ainda estava apaixonado pela garota de longos cabelos loiros que usava tons pastéis e saias florais.

Que ele quisesse a garota que eu deixei para trás.

— Sim, hum... — Genevieve torceu o nariz. —Ele ligou para você?

—Não.

O barulho de um motor me salvou de outra pergunta, embora eu duvidasse que o período de carência durasse muito.

Leo e Emmett entraram em suas Harleys, ambos estacionando contra a cerca de arame no lado oposto do estacionamento. Eles desmontaram quando Dash parou em sua própria moto.

Era raro os três estarem tão cedo e chegarem juntos, principalmente Leo, que não gostava de trabalhar antes das dez. Dash deve tê-los chamado para uma reunião, provavelmente sobre mim.

Fantástico.

A porta do escritório se abriu e os três homens entraram. O relógio na parede marcava sete e meia e os outros mecânicos só chegariam às oito.

—Pres, como você está? — Dash sentou em uma das cadeiras embaixo das janelas.

— Bem.

— Tem certeza disso?

Eu assenti. — Eu sinto muito...

— Não. — Ele levantou a mão. — Sem desculpas.

— Ainda não fui lá atrás, mas irei em breve e arrumarei tudo.

— Arrumamos ontem. Há algumas caixas de material para você levar, mas o restante está feito.

Meus ombros caíram, pesados com a culpa que meus amigos haviam limpado minha tentativa fracassada de casamento. — Eu teria...

— Nós sabemos que você teria feito isso, — disse Emmett, encostado na parede. Seu cabelo escuro estava preso em um nó na nuca. — Mas nós pegamos você.

— Obrigada. E me desculpe.

— Não se desculpe. — Leo ocupou o espaço ao lado de Emmett. — Você está se sentindo melhor?

— Sim. — Fisicamente, pelo menos.

Leo foi à minha casa ontem.

Ele foi o único que me visitou, não apenas as mensagens de texto. Me trouxe Gatorade, biscoitos salgados e picles. Ele não ficou muito tempo, apenas tempo o suficiente para entregar o seu *kit de ressaca* antes de me deixar afundar na minha tristeza.

Ele provavelmente saiu da minha casa e veio aqui para ajudar a desmontar a tenda do casamento.

— Temos que conversar sobre algo. — Dash compartilhou um olhar com Emmett e Leo. — Duas coisas, na verdade. Primeiro, Jeremiah.

— Eu não quero falar sobre ele. — Meus olhos suplicantes encontraram os dele. — Por favor.

— Não podemos ignorar isso, Pres.— O seu olhar se suavizou. — Não se sente bem comigo porque ele fez isso com você. Mas... Ele é um Warrior, e não precisamos deles de volta em Clifton Forge. Por mais que eu gostaria de bater na merda do seu punk, não precisamos desse tipo de problema.

Jeremiah havia se mudado para Ashton há três anos para ingressar em um moto clube. Ele morava e trabalhava lá, enquanto eu dividia minha vida entre as duas cidades porque ele *precisava desse tipo de família.*

Sua família em Chicago não falava com ele há anos. Ele foi fruto de uma gravidez acidental e seus pais sempre o trataram como tal. Então eu o apoiei. Me afastei quando ele se tornou parte de uma irmandade.

Mesmo quando era a irmandade errada.

Os Arrowhead Warriors eram rivais do ex-moto clube de Dash, Emmett e Leo. Eu dividi não apenas meu tempo, mas também minha lealdade. Passei três anos montando uma cerca de arame farpado entre a família que eu tinha aqui na oficina e o homem que me pediu para ser sua esposa.

Jeremiah merecia um chute no traseiro. *Repetidamente.* Mas eu nunca defenderia isso. Eu estava firmemente no lado certo da cerca agora e não colocaria minha família em perigo.

— Vamos lá, Dash. — Leo ficou mais alto. — Isso é bobagem. Ele...

— Por favor, Leo. — Eu encontrei seu olhar. — Apenas deixe isso para lá. Se você for atrás dele, isso só causará drama para mim.

Ele franziu a testa, passando a mão pelos cabelos desgrenhados antes de murmurar: —Tudo bem.

Genevieve soltou um suspiro audível. —Fico feliz que tenha concordado. Já tivemos problemas suficientes.

— Essa é a verdade, — Dash murmurou, acenando para a irmã. Os irmãos tinham mães diferentes, mas os dois haviam herdado o cabelo cor de chocolate de Draven.

— Qual é a segunda coisa? — Genevieve perguntou a Dash.

— Recebi uma ligação de Luke Rosen esta manhã.

A sala ficou em silêncio.

Por que o chefe de polícia ligou para Dash?

— O que ele queria? — As sobrancelhas de Emmett franziram. — Falei com ele ontem.

— É uma coisa de cortesia sobre o papai. — Dash olhou para Genevieve. — Ele ia ligar para você, mas eu disse que eu mesmo diria.

— Ok. — Ela ficou rígida. — Por que eu sinto que você vai me dar más notícias?

— Porque eu vou. — Dash esfregou a mandíbula. — Há uma produtora de Los Angeles que está fazendo um filme sobre o assassinato de sua mãe.

— O que? — Ela pulou da cadeira, Isaiah a seguiu rapidamente. — Eles podem fazer isso?

— É de conhecimento público, — disse Dash. —Vão dar um toque de Hollywood, sabe-se o que vai sair, mas sim, eles podem fazer isso.

— Como Luke recebeu a dica? — Emmett perguntou.

— O diretor quer que seja autêntico, então eles pediram permissão para filmar aqui. O prefeito aprovou na sexta-feira. Ele ligou para Luke hoje cedo.

— Eles vão fazer um filme em Clifton Forge. — Minha mente não conseguia entender exatamente essa afirmação. — Quando?

— Dentro do próximo mês. Luke não sabe exatamente quando. A cidade quer o dinheiro, então eles deram à produtora uma janela de doze meses.

— O que isso significa para nós? — Genevieve perguntou.

— Eu não sei —, respondeu Dash. — Mas meu palpite é que vamos vê-los por aí.

— Quem? Como atores e essas coisas? — Leo perguntou.

Dash assentiu. — Luke disse que o prefeito deu a entender que um diretor e talvez parte do elenco possam estar procurando as pessoas que estão interpretando. Podemos receber alguns visitantes na oficina.

Meu estômago despencou. A última coisa que eu precisava era que os ricos e famosos de Hollywood estivessem no meu local de trabalho. Eu não precisava ser a personagem lateral triste e patética que eles jogavam em um roteiro de filme para *autenticidade*.

— Sabemos com quem tomar cuidado? — Genevieve perguntou a Dash.

— Luke disse que o nome do diretor é Cameron Haggen.

— O vencedor do Oscar? — Emmett assobiou. — Droga. Quem mais?

Dash esfregou a mandíbula, hesitando. — O único outro nome que Luke conhecia era Shaw Valance.

Shaw Valance.

— Puta merda — Emmett murmurou quando meu queixo caiu no chão.

Então este não seria um filme pequeno.

Até uma mulher que não tinha muito tempo para televisão ou cinema sabia que Shaw Valance era a elite masculina de Hollywood, a estrela principal. Ele era o herói da América. Eu tinha lido um artigo na última edição da People, que estimava seu salário em seu último sucesso de bilheteria em quinze milhões de dólares.

Seu rosto bonito estava em cada edição graças aos paparazzi que perseguiam todos os seus movimentos. Shaw Valance era a última coisa que precisávamos nesta cidade e nesta oficina. Isaiah pegou a mão de Genevieve, apertando-a com força. —Vai ficar tudo bem.

— Eu não quero isso. — O rosto dela empalideceu.

— Eu sei, boneca. — Ele a puxou para seu peito, envolvendo-a com força. — Nós ficaremos quietos. Vamos ficar longe de tudo.

Minha amiga tinha acabado de chegar em casa para se estabelecer na vida com o marido, mas agora seria forçada a reviver antigas memórias da morte de seus pais.

— Vamos torcer para que eles fiquem longe, façam suas coisas e sumam antes que notemos, — disse Dash, tentando aliviar as preocupações de Genevieve. — Duvido que eles nos incomodem

individualmente. Se forem fazer algo, eles podem dar alguma atenção à oficina. Presley e eu poderemos responder as perguntas.

Leo zombou. — Ou dizemos para eles se foderem.

— A melhor coisa que todos podemos fazer é dizer 'sem comentários', — disse Dash. — Dê-lhes indiferença.

Indiferença? Sem problemas.

Ontem tomei uma decisão, enquanto estava deitada no piso frio do meu banheiro, pensando nos homens que deixei me machucar. Jeremiah foi o último, e eu não daria mais nada.

Daqui em diante, eu era a mulher com gelo nas veias.

A mulher com um coração de pedra.

Se Shaw Valance ou seu diretor premiado chegarem perto da oficina, eu iria seguir a sugestão de Leo.

Eles poderiam se foder.

Capítulo Dois

Shaw

— Não é o que eu esperava, — murmurou Shelly.

Olhei do banco do motorista, segurando o volante com mais força. Ela estava reclamando de tudo o dia todo. — Qual é o problema?

— É tão... *Plano*. Não é nada parecido com as fotos.

— Que fotos? — Se ela tivesse pesquisado Clifton Forge, Montana como eu tinha feito há um mês, ela saberia que a vista através do para-brisa era idêntica às fotos dos resultados da pesquisa.

— Essas são as montanhas? — Ela se inclinou para frente, olhando através dos óculos de armação roxa. — Elas estão longe.

Mordi minha língua.

As montanhas não estavam muito longe, no máximo, oitenta quilômetros. Elas cortavam o horizonte, orgulhosas e traçando uma linha irregular entre o céu e a terra. Abaixo delas, campos verdes cercados por arames farpados.

A brisa deslizava pelas ervas altas que cresciam ao longo da estrada. No alto, o céu azul estava limpo, exceto por algumas nuvens brancas.

Algumas pessoas, como eu, poderiam chamar isso de paraíso.

Observei Cameron através do espelho retrovisor. Ele estava usando seus óculos de sol redondos, mas eu percebi seu olhar.

— É isso? — Shelly apontou para um aglomerado de edifícios à distância.

Eu verifiquei o mapa no meu telefone, meu coração acelerando a cada quilômetro. — Sim. É isso aí.

Clifton Forge.

Eu podia ver com meus próprios olhos. Sem mais pesquisas no Google.

Esse filme havia sido anunciado há um mês e eu estava ansioso para visitá-lo desde então. Minha agenda cheia, cheia de trabalhos, atrasaram a minha chegada ao meu futuro previsível, mas finalmente estávamos aqui.

Eu acelerei, dirigindo pela estrada.

O sangue bombeava pelas minhas veias mais rápido do que durante a minha corrida matinal. Excitação e antecipação zumbiam em cada terminação nervosa.

Porra, eu estava pronto para começar esse projeto.

Eu não estava realmente ansioso para desempenhar um papel por cinco anos. Os filmes em que trabalhei ultimamente eram variações do mesmo. Eu interpretava o mocinho, porque era isso que o mundo via quando olhavam para o meu rosto.

Em todos os filmes, ganhava a garota no final.

Eu salvava o dia. Herói Americano era a minha marca, e eu estava me divertindo com isso desde o início. O mesmo aconteceu com meu assistente, gerente e agente.

Bem, foda-se a marca.

Eu estava cansado desse jogo, cumprindo papéis seguros e transmitindo mesmice. Nem mesmo fazer as minhas acrobacias ajudava a acabar com a monotonia.

Estava na hora de algo diferente.

Era hora de ver se eu realmente tinha talento, ou se a única razão pela qual estava ganhando milhões era porque frequentava a academia religiosamente todas as manhãs e meu rosto ficava bem nas capas de revistas.

— É pequeno, — disse Shelly enquanto a periferia da cidade se aproximava. — Isso é bom. Talvez possamos adicionar algumas montanhas ao fundo com CGI[1].

Eu bufei. — Eu pensei que estávamos indo para o autêntico.

Foi por isso que contratamos a Cameron, não foi?

Por causa de sua reputação de manter as coisas reais, cruas e honestas. Como regra geral, Hollywood não tinha honestidade. A visão de Cameron para este filme, foi a razão pela qual eu tinha aceitado, o motivo de ter investido muito do meu próprio dinheiro para fazer isso acontecer.

Eu não queria filmar na frente de uma tela verde. Ficar preso em estúdios. Queria andar por uma rua iluminada pelo sol real.

[1] Computação gráfica.

— Sem CGI. — O tom de Cameron não deixava espaço para debate.

— Certo, — concordou Shelly. — Esqueça o CGI. Eu apenas esperava... *Algo mais.* Mas isso vai funcionar. É, uh, áspero.

Eu poderia usar um pouco áspero. O brilho falso de Hollywood estava se esgotando.

Mas aqui em Clifton Forge, a vida era real.

A cidade não prosperou com o turismo ou atendeu a hóspedes ricos como algumas outras áreas do Estado, algo que eu descobri com o Google. Esta cidade era abastecida pela agricultura e por pessoas que esculpiram a vida fora da terra.

Eu respeitava isso. Eu os admirava. Houve momentos em que ansiava pelos dias árduos, trabalhando na força, em que a vida era muito mais simples.

Os negócios surgiram ao longo da estrada quando nos aproximamos dos limites da cidade, vendo placas nas portas e placas de sanduíche nas calçadas.

Era o começo de um desfile, os primeiros espectadores acenando para você no caminho, convidando-o para a briga. As janelas estavam decoradas com vermelho, branco e azul para as festividades do Dia da Independência, que aconteceriam em poucos dias.

O GPS refez o caminho, saindo da estrada e descendo a Avenida Central, cheia de lojas e restaurantes locais. O amplo rio

Missouri corria ao longo de um lado da rua. Um homem estava ao leme de um barco de pesca, lançando sua linha na água ondulada.

Eu sentia falta da pesca. Talvez antes de findar a filmagem, encontraria algum tempo para me ocupar ao longo do rio.

— Motel primeiro, Cam? Ou você quer dirigir pela cidade?

— Vamos deixar nossas malas e fazer o registro.

Fiz que sim com a cabeça e segui as instruções para o Motel Evergreen, localizado a três quilômetros do outro lado da cidade. Navegar três quilômetros no centro de Los Angeles pode levar horas. Aqui, os quilômetros passaram muito rápido.

Meus olhos lutaram para permanecer na estrada enquanto eu examinava as fachadas das lojas e as ruas laterais.

Cada célula do meu corpo zumbia. Eu ansiava por parar de dirigir, sair e apenas andar. O cronograma para essa curta viagem era o de Cameron, mas da próxima vez, voltaria sozinho. Eu passaria um tempo vagando e descobrindo tudo o que podia sobre esta cidade e seu povo.

Pela primeira vez, gostaria de estar no local.

A maioria dos filmes que fiz foi feito em Los Angeles.

Todas as viagens para fora da Califórnia eram sempre curtas e cansativas. Eu chegava a um aeroporto depois do anoitecer. Eu ia imediatamente para o local, filmava por horas e horas a fio, às vezes até vinte por dias, e no momento em que as filmagens terminavam, eu estava rodando e voltando para casa. Sempre havia algo a seguir, outro projeto, uma estreia ou uma entrevista para a imprensa.

Meu agente e gerente insistiram para que eu fizesse o mesmo aqui. *Entre e saia de Montana, Shaw.*

Mas colocaria meu pé no chão. Durante as filmagens, eu não iria e voltaria para a Califórnia. Ficaria em Montana para garantir que tudo corresse bem. Shelly tinha o papel oficial de produtora, mas eu continuava ativo. E uma vez que este filme terminasse, eu tiraria uma folga. Seis meses. Talvez um ano.

Estava na hora de fazer uma pausa.

Do trabalho. Da mídia. Da cidade.

À frente, o hotel de um andar apareceu. O edifício era sombreado por pinheiros em três lados, e seu nome na placa datada se encaixava perfeitamente.

The Evergreen Motel.

Nossa futura sede.

A cena do nosso crime.

Estacionei ao lado do escritório, pulando para esticar as pernas. Cameron, Shelly e eu voamos de jato hoje de manhã, depois alugamos o Escalade e pegamos a estrada. O aeroporto mais próximo ficava em Bozeman, a duas horas de distância. Da próxima vez, posso voar direto para Clifton Forge, mas, para a primeira viagem, não me importei em ver mais do interior de Montana.

— Isso é ótimo. — Shelly sorriu, saltando de um pé para o outro. — Espero que eles me deixem ficar no quarto dela.

— Jesus, Shelly. — Eu me encolhi.

Ela deu de ombros e partiu para o escritório do hotel.

O dela que Shelly se referiu era Amina Daylee. Quatro anos atrás, Amina havia sido assassinada aqui no Motel Evergreen. Ela foi esfaqueada até a morte sete vezes pelo ex-chefe de polícia, Marcus Wagner.

O vilão.

O homem que eu iria interpretar em *Dark Paradise.*

Cameron e eu trocamos um olhar - estávamos igualmente irritados com Shelly - e a seguimos até o escritório. Não passava de um quiosque no centro do hotel. Fiquei atrás quando Shelly assumiu a liderança, cumprimentando o funcionário, que se identificou como o proprietário. Shelly falou nossos nomes para ele encontrar nossas reservas. Eu me encolhi novamente quando ela pediu para ser colocada no quarto onde Amina havia sido assassinada.

Tanta coisa para uma visita discreta para se misturar e descobrir o esquema do lugar.

A expressão do proprietário do hotel endureceu quando ele pegou três chaves, cada uma presa a um disco oval verde carimbado com os números dos nossos quartos.

— Obrigado, — eu disse a ele quando Shelly se esqueceu.

Ele assentiu. — Apenas, uh... Avise-me se precisar de alguma coisa.

— Agradeço. — Acenei, com a chave na mão, e segurei a porta para Shelly enquanto ela marchava para fora.

Agora entendi por que Cameron insistira em vir aqui sozinho durante suas outras visitas. Misturar-se com Shelly era quase impossível, e não tinha nada a ver com o cabelo rosa choque.

Nós nos amontoamos na parte traseira do SUV, examinando o hotel em forma de U em busca de nossos quartos. Cameron e eu tínhamos quartos adjacentes. O quarto de Shelly ficava do outro lado.

Graças a Deus.

Minhas têmporas estavam começando a latejar.

Shelly e eu trabalhamos juntos há anos. Às vezes, sua personalidade me irritava, mas ela era trabalhadora e confiável. Ela fazia o trabalho e fazia bem, para que eu pudesse lidar com uma leve dor de cabeça.

Cameron e eu não nos conhecíamos há muito tempo, tendo apenas cruzado o caminho ocasionalmente antes que ele concordasse em assumir o cargo de diretor. Quando o conheci, descobri que sua reputação era real. Ele era uma lenda. Trabalhava com dedicação, precisão e sinceridade. Se este projeto o meu filho, para ele, era o seu neto.

A maioria dos atores não estava envolvido com a fase de pré-produção de um filme, mas eu não era apenas a estrela financeira. *Eu era o homem do dinheiro.*

Minha produtora estava fazendo esse filme, e eu havia feito um investimento pessoal significativo. O financiamento de um filme custava milhões de dólares, por isso atraímos outros

investidores. Mas se eu pudesse, teria financiado todo esse empreendimento.

Foi com essa força que eu acreditei nesse roteiro.

O roteiro chegou até mim através do meu jardineiro, John. Sua vizinha Ann, era uma jovem roteirista que o encantara com histórias de um assassinato em Montana. Ann passou semanas em Clifton Forge pesquisando o crime sobre o qual lera em um artigo online no ano anterior. Então ela voltou para Los Angeles e escreveu seu roteiro.

Para minha sorte, ela não teve coragem de enviá-lo. Depois que ele implorou por um mês, Ann cedeu e deu a John uma cópia de seu roteiro para passar para mim.

John me trouxe em uma segunda feira de manhã. Na terça-feira, comprei de Ann. Na quarta-feira, tinha adquirido os direitos para a Valance Pictures. Na quinta-feira, financiei os custos iniciais de desenvolvimento e dei a Shelly luz verde para procurar mais investidores e iniciar a pré-produção.

Não perdi tempo.

Eu tinha iniciado a Valance Pictures cinco anos atrás, e na maior parte, estava muito ocupado para me envolver com as atividades do dia-a-dia e possuía uma equipe confiável que dirigia o negócio e produtores, como Shelly, que confiava para supervisionar cada filme.

O CEO fazia um relatório que lia a cada trimestre, e até agora, eu não tinha sonhos de grandeza. Enquanto Shelly e meu CEO

queriam construir a empresa para ser a próxima Warner Bros. ou Universal Pictures, eu tinha me contentado em simplesmente ver o resultado final em preto.

Até agora, lançamos dois filmes, ambos com sucesso moderado. Outros ainda estavam na produção, mas nada que escolhemos se destacou.

Dark Paradise era único.

Tinha o potencial de ser algo excelente para a Valance Pictures, ou arruinaria tudo o que eu havia trabalhado nos últimos oito anos como ator. O que significava que ficaria aqui, em Montana, e espero que o resultado seja o primeiro.

— Vamos nos acomodar e nos reunir em trinta minutos. — Cameron arrastou sua mochila para fora do SUV.

— Parece bom. — Eu peguei a mala de Shelly. *Ficara mais pesada desde o aeroporto? Ficaremos aqui apenas uma noite.*

Quando ela nos atropelou, praticamente correndo para o quarto, joguei minha mochila de fim de semana por cima do ombro e caminhei ao lado de Cameron em direção aos nossos próprios quartos. — Desculpe por Shelly.

Ele levantou um ombro. — Ela é produtora. Estou acostumado com isso. E ela é melhor que algumas.

— Avise-me se ela passar dos limites.

— Nós ficaremos bem. Ela está empolgada, mas as coisas vão se resolver assim que começarmos a filmar.

Acenei para Cameron quando ele desapareceu em seu quarto e entrei no meu. O quarto era como o esperado, limpo, mas antigo. Esse hotel provavelmente foi construído nos anos setenta, embora os proprietários o tivessem mantido.

O tapume havia sido pintado de verde sálvia na última década. Do lado de fora de cada quarto, penduraram cestos de flores transbordando de uma profusão de petúnias da primavera.

Colocando minha mochila de lado, caí na cama.

Minha estrutura de um metro e oitenta e dois teria que dormir na diagonal para caber no colchão e, mesmo assim, meus dedos pendiam do final.

Meu telefone tocou no bolso da calça jeans. Sem olhar, eu sabia que era minha mãe, uma de minhas irmãs, minha agente Ginny, minha assistente Juno ou minha gerente Laurelin.

As mulheres da minha vida não acreditavam em me deixar descansar.

A ligação ficou sem resposta quando eu levantei meus braços e uni meus dedos atrás da cabeça, olhando para o teto. Este não era o quarto dela, mas era estranho estar neste hotel, sabendo que era ali que a vida de uma pessoa havia sido roubada.

Amina Daylee observou a pipoca no teto quando ela morreu? Ou fechou os olhos quando Marcus enfiou uma faca de caça em seu corpo sete vezes? O que foi necessário para ele matá-la? Raiva. Dor. Talvez uma mistura louca de ambos.

Eu estava pensando no personagem de Marcus por meses e ensaiando mentalmente as cenas. Eu não fui escolhido para o filme, mesmo que minha empresa estivesse fazendo o filme. Cameron fez uma audição comigo. Depois que ele e o diretor de elenco me ofereceram o papel, passamos horas conversando sobre meu desempenho e suas expectativas. No que diz respeito aos trabalhos, nunca estive tão preparado.

Ou aterrorizado.

Esse filme poderia fracassar, afundando minha reputação e imagem. Mas meu instinto gritava que havia algo aqui, que este era um vencedor, e eu sempre ouvia meu instinto.

Sempre.

Ainda assim, eu não estava tão assustado no meu primeiro dia na academia de polícia ou no meu primeiro dia na Força Policial. Os nervos se acalmariam finalmente, mas por enquanto estavam quase paralisando.

Precisávamos começar a filmar e deixar a cena de abertura do filme para trás, para que eu pudesse parar de pensar nisso.

Essa cena não estava programada para filmar até mais tarde, e seria a mais difícil de aperfeiçoar. Era o tiro que precisávamos para causar nossa primeira impressão e a filmaríamos aqui, neste mesmo motel.

Era a cena em que Marcus mata Amina.

Cameron queria que o foco estivesse em Amina e em como a vida se esvaía de seus olhos. O assassino, eu, seria uma reflexão tardia. Meu rosto nem estaria na filmagem.

A plateia suspeitaria que Marcus estivesse investigando o assassinato na maior parte do filme. Se eu fizesse meu trabalho, eles apenas suspeitariam que ele era o seu assassino no final.

Porque, na realidade, Marcus Wagner quase se safara do assassinato de Amina. Ele viveu e trabalhou em Clifton Forge por um ano antes de ser pego. O tempo todo, ele estava tentando enquadrar um homem inocente.

Draven Slater.

Draven era o ex-presidente de um ex-moto clube de motociclistas e amante de Amina. Apenas horas antes de sua morte, eles estavam juntos no quarto que Shelly estava agora. Segundo especulações do *Clifton Forge Tribune*, Marcus matou Amina em um crime passional. Ele estava apaixonado por ela, e sua noite com Draven foi a traição final.

Custara a vida de Amina.

Draven foi julgado por seu assassinato. Ele quase foi sentenciado também, mas no dia anterior ao julgamento do júri, Draven havia se enforcado dentro de sua casa. Ele escapou da vida na prisão por um crime que não havia cometido ao reivindicar sua própria vida.

Com Draven morto, Marcus estava em casa, livre.

Quase.

Marcus cometeu um erro. Ele não tinha contado com uma coisa, ou uma mulher. Genevieve Daylee, filha de Amina e Draven.

Genevieve descobriu a obsessão de Marcus pela mãe e o fez confessar, o que o levou à prisão. Ele estava cumprindo uma sentença de prisão perpétua sem a possibilidade de liberdade condicional.

Junto com o roteiro do filme, a Valance Pictures comprou os Direitos da História de Marcus Wagner. Isso nos levou mais do que alguns dias para conseguir. O filme estava usando fatos com base em várias fontes diferentes, mas do ponto de vista da responsabilidade, enviamos um pedido a Marcus de qualquer maneira, na esperança de obter seu consentimento. Ele nos chocou muito quando concordou com o pagamento de um milhão de dólares.

Sem contrapartidas. Sem argumentos.

Apenas um acordo assinado foi canalizado através de seu advogado e uma quantia robusta depositada em sua antiga conta bancária, agora controlada por sua ex-esposa.

Também compramos os Direitos Autorais dela – a ex-Sra. Wagner -, negociamos um pagamento ainda maior e agora, morava sozinha no Havaí enquanto seu ex-marido apodrecia em uma cela.

Eu tentei visitar Marcus na prisão, mas ele recusou o meu convite. Eu o procuraria novamente. *E de novo. E de novo.*

Um dia, me sentaria em sua frente e o olharia nos seus olhos. Precisava ver presencialmente, o homem que já fora um oficial

condecorado. O homem que escondeu seu crime por um ano. Um homem que poderia dar as costas aos juramentos que tinha feito para servir e proteger.

Porque talvez se eu pudesse entender por qual motivo Marcus se transformou, eu seria capaz de perdoar meu pai por seus crimes.

Os minutos passaram enquanto eu olhava para o teto. Quando ouvi a porta de Cameron se abrir, me levantei da cama e peguei as chaves ao lado da TV. Eu o encontrei na calçada. — Para onde?

— Eu gostaria de mostrar a Shelly os locais de filmagem, deixá-la ter uma ideia do que estamos lidando. Depois conversar com ela por algumas horas.

— Parece bom. — Eu balancei a cabeça quando Shelly saiu do seu quarto e se juntou a nós no SUV.

— É um pouco assustador — ela admitiu.

Não brinca.

Uma mulher sangrou até a morte naquele quarto. Eu duvidava que os proprietários do hotel anunciassem isso em seus folhetos. Subimos para o Escalade e dirigi pela cidade, seguindo as instruções de Cameron para cada um dos locais que ele havia marcado para fotografar.

Cameron já esteve em Clifton Forge três vezes, explorando os locais. Desde o momento em que o contratamos para esse projeto, ele mergulhou nos detalhes. Lembrava-se de nomes de ruas e empresas. Ele sabia qual bar servia o melhor *cheeseburger* e onde conseguir uma bebida forte.

Quanto mais andávamos por Clifton Forge, guiados pelas direções de Cameron, mais meus nervos se acalmavam. A rigidez em meus ombros diminuiu. Havia uma sensação de paz nesta cidade.

Uma sensação de normalidade.

As pessoas serpenteavam pelas calçadas. Ninguém andava em uma marcha frenética. Paramos em uma lanchonete para um almoço tardio e o local não estava agitado. Nossa garçonete não nos apressou a entrar e sair para dar espaço a outro cliente que dá gorjeta. Até os semáforos, poucos, pareciam mudar em um ritmo relaxado.

Cameron havia escolhido uma casa de fazenda a cerca de cinco quilômetros da cidade para usar como casa de Marcus. Os proprietários concordaram em nos deixar fotografar exterior e interior por um preço alto. Era onde filmaríamos a cena da confissão e prisão de Marcus.

A cidade nos deu um passe de acesso total para áreas públicas, depois que abrimos o talão de cheques. E depois havia o Evergreen Motel. Os proprietários estavam nos permitindo filmar no local. Essa fatia de autenticidade custou um quarto de milhão de dólares, além disso, alugamos o local inteiro por dois meses seguidos para parte da equipe.

Algumas cenas internas, como as da delegacia, seriam filmadas no estúdio de Los Angeles. Fabricaríamos o local de trabalho de Marcus e alguns outros pontos. Caso contrário, a maior

parte da ação aconteceria em Clifton Forge. Shelly passou meses no telefone acertando acordos com os habitantes locais.

O único lugar que ela nem se incomodou em se aproximar foi a Clifton Forge Garage.

Shelly pode ser um bulldog, mas sabia quando não latir.

Uma vez propriedade de Draven Slater, a oficina agora era operada por seu filho, Dash. Segundo o Google, Genevieve acabara de se formar com honras na faculdade de Direito. Eu encontrei o seu nome listado no diretório de funcionários de uma empresa em Clifton Forge.

Decidimos não nos aproximar dos Direitos Autorais. Estávamos usando fatos para criar sua parte do filme, seus personagens fictícios. E o resto era tudo faz-de-conta. Era um risco que estávamos dispostos a correr, já que o foco principal era em Marcus.

Eu sabia que filmar este filme, ainda mais em Clifton Forge, seria difícil para a família da vítima. Meu plano era abordá-los pessoalmente. Eu esperava que eles vissem esse projeto como uma maneira de esclarecer a história de Draven e mostrar ao mundo sua inocência.

Eu explicaria que o roteiro estava principalmente focado no assassinato e na queda de um policial. Essa história viajaria com Marcus em seu caminho para a corrupção e a violência.

Quando as palavras *Based on a True Story* surgissem, elas estariam o mais próximo possível da história, graças à pesquisa de

Ann. Ela retirou artigos e relatórios do tribunal. Ela escrevera cartas, se correspondia com Marcus e sua ex-esposa.

Ela passou um tempo em Clifton Forge. Eu duvidava que os cidadãos aqui tivessem notado a mulher quieta sentada no canto de um bar ou restaurante, comendo sozinha e absorvendo tudo.

Ann chegou a enfrentar uma ida à oficina para uma troca de óleo. Ela não o incluiu no roteiro, mas me contou um dia que estar sentada na sala de espera da oficina, era semelhante a situar-se numa sala de jantar, espionando o jantar de Ação de Graças de outra família.

Aproximar-se da oficina - dessa família – exigiria sutileza.

— Nós vamos até a oficina? — Shelly estava com um caderno grosso no colo e checou as pequenas caixas que desenhara ao lado dos locais de filmagem.

— Hoje não.

Shelly não teve a delicadeza de entrar na oficina e não irritar alguém. Além disso, era provavelmente uma situação sem vitória. Eu não a mandaria para a cova dos leões. Como chefe de seu chefe, eu seria o único a fazer a primeira apresentação.

— Em algum outro lugar? — Ela girou na cadeira para olhar Cameron.

— Não. — Ele estava percorrendo as fotos que tirara dos vários locais. — Eu realmente gosto de como tudo está agora. É verde, mas não muito verde. Qual foi a palavra que você usou

anteriormente? Eu quero robusto. Quão rápido podemos começar a rolar?

Shelly virou para uma página diferente do caderno. — Com uma equipe reduzida? Duas semanas. Se você precisar de toda a equipe, no mínimo um mês. Estamos quase terminando a pré-produção, mas não tenho nenhuma equipe programada para chegar aqui até o dia primeiro de agosto. Nós poderíamos ficar sem, mas será desajeitado.

— Conseguimos desajeitado até agora, — eu disse.

Ela assentiu. — Isso é verdade.

Não tínhamos contratado um gerente de locação para este filme porque Cameron havia insistido em procurar os locais. E Shelly havia entrado para negociar contratos para os diferentes lugares.

O elenco estava pronto. Nós tínhamos usado nosso diretor de elenco interno para papéis menores, enquanto Cameron tinha escolhido a dedo os protagonistas para enviar as audições. Este filme não tinha um elenco enorme, o que tornara a contratação eficiente. Cameron também insistiu em um conhecido designer de produção com quem trabalhou várias vezes no passado. Shelly cuidava do resto.

Figurino. Som. Cabelo. Maquiagem. Refeições. Habitação.

Ela passou meses colocando todos os dominós em uma fileira para que eles caíssem exatamente na ordem certa.

Deus nos ajude se ela perder esse caderno.

— Eu gostaria de ir com a equipe reduzida. — Cameron bateu no queixo. — Pelo menos, tirar algumas fotos da paisagem antes que o verão se torne insuportável. Você pode estar aqui, Shaw?

— Sem problemas. — Este filme era prioritário.

— Se vamos fazer isso, preciso de algumas horas para fazer algumas ligações, — disse Shelly, já fazendo anotações na margem de uma página.

— Eu vou levá-la de volta ao motel. — Eu tirei o pé do acelerador e dei a volta para ir em outra direção.

— Também quero entrar em contato com meu assistente, — disse Cameron.

— Vamos fazer uma pausa, — eu disse. — Podemos nos reunir para o jantar.

— O que você vai fazer? — Shelly perguntou.

— Explorar.

E fazer uma apresentação.

Depois de deixá-los no hotel, digitei um novo local no GPS e direcionei minhas rodas ao longo do caminho azul. A calma que encontrei anteriormente, evaporou quando a garagem apareceu.

A deslumbrante loja ficava imponente na rua, como as montanhas ao longe. O telhado de zinco brilhava sob o sol de julho. Havia quatro portas de baía, cada uma aberta e ocupada com um carro. Estacionei em um espaço livre ao lado da porta marcada *ESCRITÓRIO*.

O som de um compressor de ar girando encheu o ambiente. Metal raspado. Chaves de soquete giraram enquanto apertavam os parafusos. O cheiro de graxa e gasolina quase não tingia o ar.

Abri a porta do escritório, meus olhos direcionados para a loja, procurando por rostos. Quando vi um, olhei para frente, sorrindo.

Meu sorriso havia conquistado os corações de inúmeras mulheres em todo o mundo. Normalmente, era encarado com um rubor e um queixo caído.

Hoje, fui recebido com azul. Dois dos olhos mais azuis que eu já vi. Olhos que empalideceram no céu de Montana e entorpeceriam as costas do Caribe.

Eu cambaleei.

Foi a minha vez de corar e forçar minha boca a fechar enquanto observava a mulher atrás da mesa, certificando-me de que ela era real.

Seus cabelos eram da cor da areia mais pura. Era curto, mergulhando sobre uma sobrancelha perfeitamente arqueada. Seus lábios eram tão duros quanto sua expressão, mas eu suspeitava que quando ela não estivesse carrancuda, formariam um biquinho natural e sexy.

Eu não tinha ideia de quem era, mas ela claramente me conhecia. Os seus olhos não eram apenas azuis. Eles eram de um azul furioso.

Ela me conhecia e sabia exatamente por que eu estava aqui.

Por algum milagre, conseguimos manter os tabloides fora da pré-produção. Se alguém em Clifton Forge havia notado Cameron em suas visitas nos últimos meses, eles não se importaram.

Mas à medida que a produção se aproximava, todos em Clifton Forge notaram a atividade, o fluxo de visitantes. Alguns na cidade, como o prefeito, contavam com o comércio. Cerca de um mês atrás, depois que Shelly assinou o acordo final com o conselho da cidade, o prefeito anunciou o filme ao lado de nosso comunicado de imprensa de Hollywood.

Eu estava vigiando o jornal local de Clifton Forge desde então, e eles publicaram um artigo pouco depois. Meu nome só foi mencionado uma vez. E esperava que as pessoas tivessem se adaptado a ideia de elenco e equipe de filmagem, aceitando-nos mesmo depois de um mês. Esse não parecia ser o caso na Clifton Forge Garage.

Vi o último *Entertainment Weekly* jogado em uma mesa ao lado de uma cadeira vazia. Meu rosto estava na capa, decorado com um garfo e chifres de diabo.

Lá se foi a elegância e um sorriso.

— Oi. — Eu dei a ela o meu sorriso fotogênico avassalador.

O seu olhar se estreitou. — Posso ajudar?

Atravessei a sala vazia, minha mão estendida. — Shaw Valance. Acho que você sabe quem eu sou e por que estou aqui.

Seus olhos dispararam para a minha mão e ela cruzou os braços sobre o peito.

— Eu... — Eu deixei cair minha mão. — Eu esperava me apresentar ao Sr. Slater.

— Dash não está disponível hoje. — Sua voz era desinteressada. — Gostaria de marcar um horário?

— Amanhã de manhã?

Ela balançou a cabeça. — Ele está ocupado.

Por que tive a sensação de que Dash estaria ocupado não importa a hora que eu sugerisse? Eu respirei profundamente. —Eu não estou aqui para causar problemas. Só quero me apresentar. Falar um pouco sobre o projeto.

— Certo. — Seu tom pingava sarcasmo. Ela não deu a mínima para o que estávamos fazendo aqui ou o porquê.

Segurei o seu olhar, incapaz de mover meus pés. *Eu não estava chegando a lugar nenhum com essa mulher, então por que eu já não estava de volta no carro?*

As ondas furiosas pulsando de seu rosto cativante me colocou em meus calcanhares, mas as solas das minhas botas estavam coladas no chão. Ela era uma coisinha, provavelmente pouco mais de quarenta e cinco quilos, mas droga, ela era uma força a ser reconhecida.

A última pessoa que me intimidou tanto foi meu pai antes de cair em desgraça.

Tremendo sob aquele olhar azul lívido, olhei ao redor da sala. Meus olhos pousaram em uma foto emoldurada pregada na parede. Inclinei-me para mais perto, contemplando o homem que eu

sabia que era Draven Slater, mais uma pontuação no Google. Seus filhos, Nick e Dash, estavam ao seu lado e ao lado deles havia três motos.

A porta atrás de mim se abriu e meus pés se soltaram. Eu me virei quando um dos homens da fotografia entrou.

Dash limpou a graxa das mãos em um pano vermelho. Ele me olhou da cabeça aos pés enquanto eu fazia o mesmo, notando que tínhamos a mesma altura e estrutura.

— Dash Slater. — Estendi minha mão. — Prazer em conhecê-lo. Sou Shaw Valance.

Seu aperto de mão foi firme, sua expressão cautelosa. — O que posso fazer por você, Shaw?

— Estou procurando construir uma moto. — A ideia veio do nada e saiu da minha boca.

— Uma moto?

— Sim. — Eu balancei a cabeça, fingindo que não tinha acabado de nascer essa ideia. — Ouvi dizer que você é um dos melhores.

— Desculpe. Não temos vagas no cronograma. — Dash cruzou os braços sobre o peito e olhou além do meu ombro. — Não é mesmo, Presley?

— Sim. Estamos lotados há dois anos.

Droga. Isso realmente parecia verdade.

A lista de espera deles era a minha saída. Eu parei para me apresentar. Eu lhes ofereci negócios. Nenhum deles parecia querer

saber nada sobre o meu filme. *Então, por que eu ainda estava de pé aqui? Por que de repente me senti culpado por gravar um filme na cidade deles?*

Este foi um bom negócio. Traríamos dinheiro para essa cidade durante a produção e, depois, a notoriedade. *Todo mundo não queria essa alegação ilusória de fama?*

Não. Nem todo mundo gostava dos holofotes. Nem mesmo eu.

Eu deveria sair, mas, mais uma vez, nem olhei para a porta. Agora que a ideia estava exposta, eu queria uma moto. Queria conhecer essas pessoas que só eram personagens em uma página até esse momento.

— Eu deveria ter imaginado que você estaria ocupado e ligaria mais cedo. Foi uma ideia de última hora. Desculpe. Nós vamos descobrir algo para o filme. Tenho certeza que a Harley-Davidson enviará algo para o cara que vai interpretar seu pai. Não será tão legal quanto aquela moto na foto, mas aposto que as pessoas não notarão.

— Stock[2]? — O maxilar de Dash se apertou.

Ele sabia que eu tinha acabado de iscá-lo, e sabia que iria pegá-lo. Porque Draven Slater, o homem na foto diante de uma moto de cinquenta mil dólares, nunca teria pilotado uma moto de stock.

Dash construiria a moto para que a imagem de seu pai fosse a mais precisa possível. Shelly pode não entender o conceito de autenticidade, mas Dash Slater com certeza.

[2] Modelo da Harley-Davidson.

— Vai custar, — disse Dash.

— Dash...

Ele levantou a mão, silenciando o protesto de Presley.

— Quanto? — Eu perguntei.

— Setenta e cinco mil. Três meses. Eu tenho controle de projeto.

Em três meses, estaríamos longe de Clifton Forge. — Seis semanas. Projete o que quiser, e pagarei noventa pela pressa.

— Feito. Presley fará o contrato. — Sem outra palavra, Dash saiu do escritório e voltou à loja.

Quando me virei, fui recebido sob um olhar gelado.

— Por favor, sente-se. — Presley apontou para a cadeira em frente à mesa.

Eu obedeci. Quando me sentei em sua frente, o perfume de cítrico e baunilha doce flutuou sobre a mesa. O cheiro era convidativo, diferente da mulher cujos olhos estavam voltados para a tela do computador.

— Nome? — Ela perguntou.

— Shaw Valance.

— Seu nome oficial.

— Shaw. Valance.

Seus dedos hesitaram sobre o teclado antes de digitar meu nome. Ela anotou meu endereço e número de telefone, clicando com o mouse cerca de cem vezes e sem olhar meu rosto. Então ela girou na cadeira para pegar as páginas do contrato recém-impressas na

impressora. Ela os colocou na minha frente, junto com uma caneta. — Assine a última página.

Eu rabisquei meu nome.

Presley deslizou os papéis debaixo da minha mão antes que a tinta tivesse a chance de secar. Ela assinou seu próprio nome abaixo do meu.

Meus lábios lutaram um sorriso o tempo todo.

Quem era essa mulher? Quando foi a última vez que uma mulher solteira - eu verifiquei, não havia aliança - não se jogou na minha direção? Presley era gelo e fogo com olhos azuis frios que ardiam de fúria. Exceto que toda palavra, todo movimento, estava cheio de indiferença.

Ela fingia não se importar, mas seus olhos a traíram.

— Eu gostaria de uma cópia disso. — Eu balancei a cabeça para o contrato.

— E eu gostaria de um depósito.

Eu me movi para arrancar minha carteira do bolso de trás. Peguei meu cartão de crédito e joguei na sua mesa. — Execute-o para o valor total.

Os seus olhos brilharam, mas apenas um pouco. Muitas pessoas não podiam cobrar quase cem mil dólares em um cartão de crédito e, sim, era uma demonstração bruta de riqueza.

Mas sua atitude, essa apatia, estava me deixando louco.

Presley arrastou o cartão de crédito pela máquina ao lado do computador, devolvendo-o quando o recibo foi impresso. Ela

rasgou com uma régua, empurrando-o sobre a mesa para outra assinatura.

Eu assinei e levantei, caminhando para a porta. Fiz uma pausa na maçaneta, olhando por cima do ombro. Eu esperava ver os seus olhos focados na minha bunda, isso era normalmente o que acontecia quando eu saía de uma sala. Mas não havia nada.

Sem olhar. Sem brilho.

A atenção de Presley estava firmemente fixada em sua tela.

Hum. Isso prejudicava o meu ego.

— Adeus, Presley.

Ela piscou. O mouse que ela estava movendo congelou por dois segundos, depois voltou ao trabalho. Nem uma maldita palavra... Porque eu já tinha sido demitido.

Quando voltei ao hotel, não parei para contar a Cameron ou Shelly que estava de volta. Fui para o meu quarto e olhei para o teto, sem pensar no filme ou no assassinato.

Minha mente estava fixada em Presley.

Ela era diferente das mulheres que chamaram a minha atenção nos últimos anos. Todas eram lindas, mas Presley se destacava. Ela tinha maçãs do rosto fortes e um queixo bonito. Eu estava certo sobre os lábios. Quando ela não estava apertando-os, tinham esse volume perfeito e suave.

Ela prendeu os lábios entre os dentes quando assinou o contrato e eu quase alcancei para libertá-lo. Presley tinha curvas

delgadas porque era uma mulher delicada, que era apenas o meu tipo. *E esses malditos olhos.*

Ela era... *Real.*

Eu ansiava de verdade.

— Droga, — eu murmurei. Eu não deveria ter dado o controle do projeto de Dash sobre essa moto.

Porque agora eu teria que pensar em outra desculpa para visitar a Clifton Forge Garage.

Capítulo Três

Presley

— E Leo? — Genevieve perguntou.

Meu rosto azedou. — Ai, credo.

— Emmett?

Eu amordacei. — Pior. Eu acabei de comer. Você se importa?

Genevieve riu. — Desculpe. Eu tive que perguntar. Eles são solteiros e não são difíceis de olhar.

— Sim, eles são fáceis de olhar, mas a ideia de beijá-los... — Eu estremeci. — Não. Eles são como irmãos mais velhos irritantes e sempre foram.

Quando comecei a trabalhar na oficina, não havia escassez de homens bonitos para admirar e babar. Houve alguns Tin Gypsies que chamaram minha atenção, mas não Dash, Emmett ou Leo.

Sim, eles eram bonitos, igualmente à sua maneira.

Mas sempre os via como amigos, a coisa mais próxima que eu tinha de irmãos mais velhos e nada mais. Além disso, naquela época, eu estava muito ocupada tentando descobrir como sobreviver à vida adulta para ousar trazer um homem para a mistura.

Quando comecei na oficina, eu era uma menina ingênua de dezoito anos trabalhando em seu primeiro emprego e morando sozinha em uma nova cidade. Cresci rápido porque não havia outra

opção. Apesar do sorriso que eu usava para trabalhar todos os dias, acho que Draven suspeitava que eu estivesse exausta e maluca.

Ele me protegeu dos homens do moto clube naqueles primeiros meses, com medo de que eu desmoronasse ou desistisse. Ele me contratou para assumir as funções do escritório porque decidiu se aposentar. Exceto, que a aposentadoria não era realmente o estilo de Draven, então ele passava algumas horas, mas aparecia na oficina todos os dias.

Até hoje, eu não tenho certeza de como ele havia avisado os membros do moto clube, mas sempre que um dos caras me via no escritório, ele assentia educadamente, depois corria na direção oposta.

Draven era meu guardião, enquanto Dash se tornara meu campeão. Dash tinha bebido xícara após xícara do meu maldito café, sem reclamar. Quando finalmente peguei o jeito, ele apenas deu de ombros e disse que sabia que eu iria descobrir isso, cedo ou tarde.

Emmett trabalhava na oficina também. Ele entrava no escritório nos intervalos do almoço e me perguntava o que eu estava comendo. Depois de duas semanas seguidas me observando cozinhar macarrão instantâneo com uma caneca de café no microondas, ele *acidentalmente* começou a cozinhar o dobro na noite anterior. Uma manhã, eu apareci na oficina para encontrar dois recipientes da Tupperware colocados lado a lado na geladeira, ambos marcados com fitas adesivas.

Um tinha meu nome, o outro Emmett.

Seu cabelo estava mais curto então, e ele estava passando por um momento difícil. Dia após dia, eu tomava café e estremecia com as olheiras sob seus olhos.

Em dias particularmente ruins, ele fedia a álcool e fumaça. Mas não importava o quão espessa era a dor, não importava quão escura fosse a nuvem que ameaçava engoli-lo inteiro, Emmett nunca deixou de me trazer o almoço.

Até o dia em que eu descobri como não queimar o *Hamburger Helper* e trouxe meus próprios recipientes de plástico.

Draven, Dash e Emmett. *Meus protetores.* Não que eu precisasse deles. A única vez que um membro do moto clube se atreveu a dar em cima de mim, eu lidei com isso sozinha.

Foi Leo.

Ele estava bêbado às cinco horas da tarde, o que na época era a norma de Leo. Ele ainda não tinha começado a trabalhar na oficina e, até hoje, eu não sabia o que ele havia feito por dinheiro. Suspeitei que tivesse algo a ver com o moto clube - eu nunca saberia.

Leo estava vagando do lado de fora do escritório, pairando ao lado do meu carro com uma garrafa de cerveja âmbar pendurada na ponta dos dedos.

— Presley, certo?

Eu assenti.

— Como você se sente em dar uma volta?

Eu caí na gargalhada, me dobrando e quase me urinando. Quando me recuperei, disse-lhe para ir ao escritório na

manhã seguinte, prometendo lhe dar lições sobre como convidar uma mulher sóbria para um encontro.

Para minha surpresa, Leo havia parado no dia seguinte, embora não de manhã. Leo não era de acordar cedo. Ele veio por volta do meio dia com sanduíches para nós dois e outro para Emmett. Desagradável como era, havia um doce traço naquele homem. Um dia, eu esperava que uma mulher colocasse Leo na linha. Ela teria uma briga nas mãos, mas valeria a pena.

Um sorriso surgiu na minha boca quando pensei no dia em que a conheceríamos.

— O que? — Genevieve perguntou.

— Nada. — Eu balancei minha cabeça. — Eu estava pensando nos velhos tempos.

— Você trabalha aqui há dez anos?

Eu assenti. — Dez anos em agosto. Muita coisa mudou desde então.

— Eu aposto. Você estava aqui quando o moto clube ainda existia, não estava? Como era?

— Selvagem. Mesmo do lado de fora, você podia sentir a energia e a excitação. Isso me assustava um pouco, embora eu nunca admitisse isso para Dash, Emmett ou Leo. Draven me manteve bem longe de tudo, mas eu sento aqui. Eu consigo ver. — Fiz um gesto para a janela. — Eu pegava vislumbres dos caras quando eles entravam no estacionamento. Eles passavam a caminho do moto clube, usando seus coletes. Havia tantos deles. Finalmente, parei de

tentar descobrir quem era quem. Os únicos que eu realmente sabia eram os caras que trabalhavam na loja ou alguns dos mais velhos que vinham fazer besteira.

— Todos os mecânicos faziam parte do moto clube?

— Sim. Eu fui o primeiro membro não pertencente ao moto clube a trabalhar aqui. Draven me disse isso uma vez. Isaiah foi o segundo.

— Eita, eu não sabia disso.

Eu assenti. Draven dirigia tudo no escritório. Ele não trabalhava muito na loja a essa altura. Esse era o domínio de Dash e Emmett, especialmente depois que o pai de Emmett, Stone, foi morto.

— Oh. — Ela piscou. — Não sabia... Eu não sei muito sobre a família de Emmett. Eu só o ouvi falar sobre sua mãe.

— Ela é adorável, e ele a adora.

— Diga-me novamente por que você nunca está interessada em namorar Emmett?

Eu ri. — Nunca vai acontecer.

— Vale a pena tentar. — Ela mordeu o sanduíche e depois abaixou a voz. — O pai de Emmett foi morto? Foi por causa do moto clube?

— Acho que sim. Ninguém nunca me contou os detalhes. Eu só sei que ele morreu pouco antes de me mudar para cá e Emmett ficou arrasado.

A bebida era óbvia. Eu estava preocupada que houvesse drogas. Em mais de uma ocasião, ele começou a trabalhar com cortes e contusões nas mãos e no rosto que eu sabia que tinham vindo da luta.

— Ele acabou trabalhando, — eu disse. — Leo me disse uma vez que Emmett sorria muito mais naquela época. Ele era como Dash, adorava trabalhar ao lado do pai.

— Eu não fazia ideia. — Os olhos de Genevieve ficaram tristes.

— Muita coisa mudou.

Genevieve havia passado apenas um ano na oficina antes de ir para a faculdade de Direito. Quando ela morou aqui, os Tin Gypsies eram apenas uma lembrança.

Mas eu já tinha visto tudo. Eu os tinha visto em sua glória. Eu assisti como eles perderam membros e não os substituíram. Eu estive aqui no dia em que as motos pararam de rugir no estacionamento.

Ainda havia dias em que eu sentia falta do barulho.

Eu bocejei, rapidamente cobrindo-o e engolindo outro gole do Dr. Pepper.

— Cansada? — Genevieve perguntou.

— Leo, — eu murmurei. — O idiota me ligou à uma e meia da manhã da noite passada para pegá-lo bêbado no The Betsy.

— E você foi?

Eu levantei um ombro. — Ele é Leo.

— Mas não se pode namorar com ele. — Ela sorriu.

Eu ri. — Firme não. O homem é uma criança.

Genevieve entrou na oficina para almoçar hoje. Ela pegou sanduíches para toda a equipe para comemorar o fim de semana. Desde que retornara, ela trabalhava em período integral para Jim Thorne, o melhor advogado da cidade. Jim fechou a empresa cedo, então Genevieve nos surpreendeu com comida.

Exceto que os caras estavam ocupados demais vendo Leo pintar à mão livre um painel de capô na cabine de pintura para serem perturbados. Não havia como eu esperar aquelas bundas lentas aparecerem para poder comer minha comida, então Genevieve e eu começamos e terminamos, sem eles.

Ela me perguntou se eu estava pronta para começar a namorar. Eu surpreendi a nós duas com o meu *sim*.

Eu não tive namorado. *Nunca.* Nem uma vez um homem me levou para um primeiro encontro para jantar e assistir a um filme. Jeremiah e eu não tínhamos namorado, tínhamos acabado de sair... Juntos.

Eu tinha quase 28 anos e queria ser desejada. Pela primeira vez na minha vida, eu queria ser *perseguida*.

O único problema era que nenhum homem em Clifton Forge despertou meu interesse. É verdade que eu estava com Jeremiah, mas Clifton Forge não era conhecido por sua cena de solteiros. Eu conhecia a maioria dos caras solteiros por perto, os conhecia quando chegavam à oficina com seus veículos, e eles eram solteiros por alguma razão.

O mais novo homem solteiro da cidade — pelo menos, eu supus que estava solteiro — era uma estrela de cinema, e não havia como eu estar sentada diante de Shaw Valance em um restaurante.

Lindo como ele era, eu deixaria milhões de outras mulheres o cobiçarem. Era justo que ele tivesse interpretado um deus grego não muito tempo atrás. Ele tinha o corpo para isso. Com seu cabelo loiro escuro com perfeição e aqueles dentes brancos retos, Shaw provavelmente derreteu todas as tangas femininas no set.

Eu não estava interessada em derreter.

E a última coisa que eu precisava era de glamour de Hollywood.

Eu precisava do real. Honestamente. Eu precisava de um homem com um sorriso gentil, um emprego estável e raízes humildes.

Jeremiah era aquele cara, menos o trabalho e a humildade. Se ao menos a ideia de beijar Leo ou Emmett não azedasse meu estômago.

— Então... — Genevieve olhou por cima do ombro em direção à loja, certificando-se de que estávamos sozinhas. Ainda não havia sinal de Emmett, Leo ou Isaiah. Nossos outros dois mecânicos, Sawyer e Tyler, costumavam almoçar na mesa de piquenique, e Dash não trabalhava às sextas-feiras. — Jeremiah já entrou em contato?

— Não. Nenhuma palavra. — Eu dei uma última mordida no meu sanduíche de peru, descartado em sua embalagem de papel.

— Idiota.

— Você disse isso.

Fingi que não doía que, nas seis semanas desde o casamento, Jeremiah não tivesse tentado me contatar nenhuma vez. Fingi que as coisas estavam melhores assim. Não estavam, mas eu era boa em fingir.

Eu estava fingindo que a vida era maravilhosa desde o nascimento.

— Você conseguiu resolver a questão com o senhorio? — Genevieve perguntou.

— A maior parte. — Suspirei. — Estou tentando não pensar em quanto dinheiro perdi.

No aluguel. No casamento.

Jeremiah não ofereceu um centavo porque a noiva pagou o casamento, certo? Ou os pais da noiva? No que me dizia respeito, eu não tinha pais, então eu havia economizado um pedaço das minhas economias para pagar todo o desastre.

O senhorio em Ashton não ficou satisfeito quando liguei para cancelar meu contrato de aluguel. Ele manteve meu depósito e o aluguel do primeiro mês que eu paguei antecipadamente.

Felizmente, eu tinha meu trabalho. Eu poderia beijar Dash por recusar a aceitar minha demissão até o casamento terminar.

Não demorou muito tempo para reconstruir minha poupança, especialmente agora que eu não estava financiando o hábito de pôquer de Jeremiah. Ou seu hábito de beber. Ou o aluguel e os

serviços públicos. Eu não gastaria centenas de dólares em gasolina todo mês dirigindo de um lado para o outro a Ashton todo fim de semana para visitar meu noivo.

Desde que Jeremiah se juntou aos Warriors e se mudou para Ashton, ele só voltou algumas vezes. Cada vez que ele saía, eu notava que todo o dinheiro da minha carteira era deixado com ele.

Eu realmente não me importava de lhe dar dinheiro. Depois de tudo o que Jeremiah havia feito por mim, eu poderia me dar ao luxo de satisfazer meu noivo.

Eu o amei. Uma vez.

Ou talvez eu tivesse amado o garoto que ele era.

Ele estava no passado agora. Qualquer afeto havia murchado e sofrido uma morte furiosa nas últimas seis semanas. As noites insones, miseráveis e humilhantes conseguiram transformar o amor em ressentimento.

Talvez a razão pela qual Dash não tivesse tentado contratar um gerente substituto para a garagem fosse porque ele esperava que as coisas acabassem assim. Eu não poderia culpá-lo. Ele viu a verdadeira face de Jeremiah quando eu não vi.

Ainda assim, apesar do desastre do casamento, tive sorte. Eu estava mais feliz agora do que quando criança. Eu tinha minha casa modesta com um senhorio que ficou muito feliz quando perguntei se eu poderia ficar.

Minha vida parecia exatamente a mesma de antes de junho, sem Jeremiah.

Eu tinha minha independência, e isso era mais precioso para mim do que todos os dólares em minha conta poupança.

As caixas que eu tinha empacotado foram desempacotadas. Eu não tive que penhorar um anel de noivado porque Jeremiah não tinha me comprado um, ele queria economizar esse dinheiro para a nossa vida juntos. *Mentiras.*

Jeremiah não era como os homens aqui na oficina. Dash colocou um anel no dedo de Bryce semanas depois que eles se conheceram. Ele se casou com ela quase tão rapidamente. Quando Emmett e Leo conhecessem as mulheres destinadas a andar na traseira de suas motos, eles fariam o mesmo.

Quando eu me tornei uma trouxa? Aqui estava eu, pensando que me tornaria uma mulher forte e independente nos últimos dez anos. Mas talvez eu me tornasse o que mais temia — a minha mãe.

Eu era um capacho para todos? Ou Jeremiah era meu ponto fraco? Eu ponderaria sobre essas questões mais tarde, hoje à noite, quando estivesse em casa sozinha e novamente envolta em dúvida e vergonha.

— Como está sua casa? — Eu perguntei a Genevieve, mais do que pronta para tirar Jeremiah da minha cabeça.

— Está terminando. — Ela sorriu. — Isaiah fica me dizendo para não ter tanta pressa de decorá-la, mas não consigo parar de pedir coisas online. Estou pronta para ter uma casa. Nos últimos três anos na faculdade, tudo parece tão temporário. O ano anterior a isso também. Eu quero estabilidade.

— Entendi.

— Posso lhe contar um segredo?

Eu me inclinei para frente. — Sempre.

— Estou grávida.

— O que? — Minhas mãos voaram para a minha boca, depois subiram no ar. — Oh meu Deus. Isso é incrível. Parabéns.

Ela sorriu. — É cedo, mas estamos muito animados.

Levantei-me e contornei a mesa, curvando-me para puxá-la para um abraço. — Você vai ser a melhor mãe.

Genevieve tinha o coração de uma mãe, uma boa mãe. Ao contrário do meu, ela nunca deixaria seus filhos sofrerem.

— Obrigada. Eu precisava ouvir isso. Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui para que eu pudesse fazer perguntas a ela.

Eu a abracei mais apertado.

— Ainda não contamos a muitas pessoas, — disse ela quando voltei para minha cadeira.

Fechei meus lábios com força.

A porta entre o escritório e a loja se abriu e os caras entraram. Isaiah foi imediatamente beijar sua esposa. Emmett e Leo mergulharam na geladeira.

— Eu esqueci de lhe contar uma coisa ontem à noite, — Leo disse, sua boca cheia enquanto se sentava ao lado de Emmett debaixo da janela.

— Noite passada? — Isaiah olhou entre nós dois.

Eu acenei. — Eu o peguei bêbado no The Betsy.

Leo engoliu um pedaço de seu sanduíche. — Eu vi essa garota que, juro por Deus, se parecia com você.

Meu corpo ficou tenso. Havia uma *garota* que se parecia comigo, mas... *Não*. *Impossível*. — Você estava bêbado, Leo. Muito, muito bêbado.

— Verdade. — Ele mordeu outro pedaço de presunto e queijo suíço.

— Ninguém se parece com Pres. — Emmett riu. — Ela é a única fada das fadas em Clifton Forge.

Revirei os olhos. — Um Halloween. Um. E eu nunca vou esquecer isso.

— Esquecer o que? — Genevieve perguntou.

— Deixe-me contar. — Emmett levantou a mão antes que eu pudesse falar. — Então, Pres trabalha aqui há alguns anos. Ela ainda não tinha vinte e um anos e Draven teria nos sufocado com nossos próprios travesseiros se a tivéssemos convidado para a festa na sede do moto clube. Decidimos fazer uma festa aqui depois do trabalho. Todos batemos o ponto e Pres desapareceu no banheiro. Ela saiu vestida como uma fada. Varinha e tudo.

— Ok, — Genevieve falou pausadamente. — Porque isso é engraçado?

— Pergunte-a onde comprou a fantasia.

— Na seção infantil, — Leo deixou escapar. — Nenhum de nós a teria provocado, a não ser porque ela deixou as etiquetas.

Emmett e Leo explodiram em gargalhadas.

— Eu sou uma pessoa pequena! — Eu gritei sobre o riso deles, lutando contra o meu próprio sorriso. Eu nunca entendi por que essa história os divertia tanto, mas eles sempre riam, e eu gostava dos risos deles. — Espero que você engasgue com a comida. — Eu fingi uma careta. — Esses idiotas me chamaram de Pixie por meses.

— De qualquer forma, — disse Leo. — Essa garota se parecia com você, exceto que ela tinha cabelos longos.

A tensão voltou, aumentando. Poderia ser... *Não*.

Scarlett não tinha como chegar perto de Clifton Forge. Se ela estivesse aqui, eu saberia disso. — Você não é confiável quando bebe cerveja.

Ele riu. — Verdade.

— O que há no quadro pelo resto do dia? — Emmett perguntou.

Eu recitei a lista de compromissos agendados. Sendo uma sexta-feira, ele e Isaiah queriam sair mais cedo, então eles se ofereceram para fazer algumas das trocas de óleo e ajudar Sawyer e Tyler.

Genevieve me deu um abraço de despedida e declarou que estava indo para casa tirar uma soneca. Isaiah a acompanhou até o carro e deu um beijo de despedida antes de voltar ao trabalho.

O barulho na loja aumentou quando eu retomei o trabalho na folha de pagamento. Quando a porta se abriu, levantei os olhos, esperando ver o cliente agendado para uma rotação dos pneus. Em

vez disso, me deparei com um par de olhos marrom-dourados que não me assombravam há duas semanas.

— Vixi, — eu gemi quando meu coração pulou. — Você novamente?

— Eu também senti sua falta. — O canto da boca de Shaw apareceu.

Outras mulheres provavelmente chamavam essa boca de deliciosa. *Eu não. Eu nunca.*

— O que você quer? — Eu cuidadosamente mantive meu tom desinteressado.

Se Shaw Valance soubesse que ele fazia meu pulso disparar, não haveria como tolerá-lo. Seu ego mal cabia pela porta como estava. Ele pensaria que era a atração que deixava minha voz trêmula. Que eu gostava de tê-lo aqui, quando essa reação física não passava de irritação.

Eu estava no limite porque Shaw era bem treinado em entregar uma linha, e nada do que ele dizia era confiável.

— Eu esperava ver como minha moto está indo.

— Dash não está aqui hoje. Você terá que voltar na próxima semana.

Isaiah estava realmente trabalhando na moto de Shaw, mas ele não precisava saber os detalhes.

Eu me concentrei na minha tela. Os músculos das minhas pernas estavam apertados para impedir que meu pé batesse no chão, e prendi a respiração, os olhos à frente, esperando ele sair.

A cadeira em frente à minha arrastou no tapete quando ele se sentou.

Um resmungo baixo retumbou no meu peito.

Shaw riu e — *doce Jesus* — sua voz era tão suave, como uma fita de cetim correndo pelos meus dedos. Era profunda, mas não muito profunda. Baixa, mas não silenciosa.

Irritante. O homem era totalmente irritante.

Eu ainda não tinha recorrido a pesquisar no Google sobre Shaw, mas passei minhas noites sem dormir nas últimas duas semanas assistindo a todos os seus filmes. Sua voz me embalava para dormir. Um segredo que eu levaria para o túmulo.

— Como eu disse, Dash não está aqui. — Como se dissesse, 'vá embora'.

A última coisa que eu precisava era de uma estrela invadindo mais da minha vida. Eu o deixaria fazer o suficiente com apenas uma visita.

Que maldito nome era Shaw Valance, afinal? Eu apostaria a minha vida que era um nome artístico e não o seu nome oficial. Eu acho que ainda poderia ser falso, talvez ele tivesse mudado seu nome legalmente. Mas algo sobre a maneira como ele disse isso parecia familiar, como se tivesse dito isso a vida toda.

Seu olhar queimou um rastro quente pelo meu corpo quando ele me olhava. Eram momentos como esse que me fizeram desejar que eu ainda tivesse meu cabelo comprido para cobrir meus peitos minúsculos.

Eu usava um jeans *boyfriend* hoje. Eles eram folgados e apertados em volta da minha cintura com um cinto de camuflagem. Mas estava quente lá fora, então eu estava usando com uma camiseta preta fina. As tiras vermelhas do meu sutiã apareciam da clavícula à escápula.

O olhar de Shaw estava preso nessas faixas vermelhas. — Eu gostaria de assistir.

O que? Ver? Eu?

— A moto, — ele acrescentou. — Gostaria de observar, talvez aprender algumas coisas à medida que a constroem.

— Oh. — Minhas bochechas ardiam, algo mais difícil de esconder com cabelos curtos.

Eu era uma idiota. Por que um ator famoso iria querer me observar? Ele não faria. Além disso, eu também não o queria aqui. Eu estava ocupada e a maneira como ele usava jeans, solto, mas não muito solto, era uma distração desnecessária.

Ele também era... *Educado. Refinado demais. Perfeito demais.*

Eu não estava procurando a perfeição. Eu estava indo para o certo. Porque bom o suficiente não quebraria minha alma.

— Por quê? — Eu perguntei. *Ele não tinha coisas melhores para fazer do que espreitar em uma oficina de cidade pequena?*

Ele encolheu os ombros. — Eu sempre me interessei por carros e motos. Enquanto estou aqui, gostaria de ver como é feito.

— Não. — De jeito nenhum. Eu não poderia ter esse homem ao meu redor por semanas a fio. — Você não tem um filme para fazer?

— Terei tempo livre entre as filmagens.

— É uma responsabilidade. Você não pode ficar na oficina. Somente funcionários.

— Contrate-me como funcionário. Vou trabalhar de graça.

— Não.

Ele levantou uma sobrancelha. — Quanto?

— Isso não é uma negociação ou algo que você possa comprar com seu cartão de crédito platinum.

Eu nunca tinha tocado em um cartão de crédito como o de Shaw antes. Era mais pesado do que aqueles que nós, meros mortais, recebíamos por nossas carteiras. Inferno, ele poderia comprar a casa ao lado da minha com um golpe.

— Quanto? — Ele perguntou de novo. — Apenas para observar. Prometo ficar fora do caminho.

— Seus pais eram do tipo que nunca disseram não a você quando criança?

— Eu entendo o significado de 'não'.

— Você acha? — Eu levantei uma sobrancelha.

Nenhum de nós iria ceder. Ele provavelmente passaria por cima da minha cabeça e perguntaria ao Dash. A maioria dos homens não gostava de ser negado por uma mulher, muito menos, uma mulher do tamanho de uma adolescente.

— Esta é a zona segura, certo? Um lugar para o público? — Ele levantou um dedo e o girou em círculo. — Eu posso observar através da janela naquela porta.

— Desculpe?

— Essa janela. — Ele se moveu e apontou para a porta. — Eu só vou assistir daqui. Provavelmente melhor assim. Você pode me fazer companhia. As horas entre as filmagens são entediantes.

— Então leia um livro. Faça caminhadas. Trabalhe em seu bronzeado.

— Não. — Ele sorriu. O filho da puta sabia que estava me pegando. *Era assim que Dash se sentiu quando Shaw o pressionou em um canto com aquela besteira da Harley?*

Se ele estivesse blefando, eu teria me mantido firme. Mas não tinha dúvida de que Shaw apareceria aqui todas as manhãs para ficar ao lado da porta e me irritar por horas.

— Você terá que assinar uma renúncia de seguro.

Desculpe, Isaiah. Eu estava passando esse incômodo para ele. Com sorte, Dash o expulsaria da loja.

— Feliz por isso. — Seu sorriso se transformou em um sorriso arrogante quando ele se levantou e caminhou até a porta. — Adeus, Presley.

Eu o ignorei. Eu ignorei o jeito que meu nome soou em sua voz. Eu ignorei aquela risada, essa risada gloriosa, porque ecoou no escritório muito depois que ele fechou a porta.

Capítulo Quatro

Presley

— Você deveria expulsá-lo, — eu resmunguei.

Dash zombou. — Você foi quem o fez assinar a renúncia do seguro.

— O que eu pensei que você rasgaria ao meio.

— Bem... Eu estive pensando sobre isso. — Dash esfregou o queixo. — Que lugar melhor para o manter sob controle do que aqui? Eu não tenho que ir a lugar nenhum. O idiota vem até mim.

Meu lábio se curvou. — Não era assim que eu imaginei isso.

— Ei, pelo menos ele não está no escritório a incomodando.

— Sim, — eu murmurei quando Shaw se agachou ao lado de Isaiah.

Dash e eu estávamos do outro lado da loja, observando Isaiah apontar várias peças no motor e na armação da moto. Shaw assentiu, lambendo-o como se ele estivesse realmente memorizando, mas o cara era um ator.

Ele era um farsante profissional.

Fazia quase uma semana desde que Shaw apareceu no escritório querendo observar. A segunda-feira passou sem uma visita. Eu estava no limite na terça e na quarta, esperando-o aparecer.

Mas esta manhã, eu estava relaxada enquanto destrancava a porta, pensando que estávamos em casa. Eu tolamente tive esperanças de que ele estivesse ocupado com o filme e tivesse esquecido da oficina.

Nem trinta minutos depois de ligar o sinal de ABERTO de néon, o Cadillac preto de Shaw rolou para a vaga ao lado do meu Jeep e, quando ele entrou no escritório, não se recusou a renunciar ao seguro.

Corria o boato na cidade de que Shaw estava hospedado no Evergreen Motel com outros membros do elenco e da equipe técnica. O acampamento KOA estava cheio de trailers brancos e prateados brilhantes. Havia rumores de que os outros dois hotéis teriam uma taxa de vacância zero a partir de duas semanas, quando mais membros da equipe e do elenco chegariam.

Todo mundo estava falando sobre o filme. O caixa do supermercado. A garota da cabana do café. Meu vizinho e a Sra. Franklin do outro lado da rua. A cidade estava fervilhando.

Na noite passada, eu fui ao salão fazer um corte rápido e meu cabeleireiro falou sobre Shaw o tempo todo.

Você o viu? Ele é tão sexy. Eu o vi correndo pela Central ontem de manhã e quase morrendo.

Shaw. Shaw. Shaw.

Eu estava tão cansada desse maldito nome, exceto quando ele entrou no escritório e me lançou seu sorriso assassino, meu coração traidor saltou.

Dash estava em seu escritório revisando o pedido de peças, então eu o deixei lidar com Shaw. Enquanto isso, eu desprezei nosso convidado como se fosse meu superpoder.

— Precisamos descobrir sobre o que é o filme, — Dash disse calmamente. — Eu sei que você não gosta do cara. Eu também não. Mas vamos entrar no jogo. Veja se ele nos conta do que se trata. Eu realmente não dou a mínima para o que eles estão fazendo, mas Genevieve, sim.

Meu doce amigo estava tendo dificuldades com este filme.

Genevieve estava com medo de como eles retratariam sua mãe e seu pai. Ela não se importava em ser uma personagem do filme também. Ela simplesmente se preocupava com a memória daqueles que amava.

—Você está certo. — Suspirei. —Serei civilizada.

—Obrigado. — Ele apertou meu ombro.

— Vou voltar ao trabalho. — Deixei Dash na loja, que continuou assistindo Shaw, enquanto me retirava para minha mesa.

Tanta coisa para manter Shaw a uma distância firme, mas Dash tinha um bom argumento. Por Genevieve, eu deixaria meus próprios sentimentos de lado.

Nenhum de nós sabia exatamente sobre o que era o filme ou que tipo de história eles planejavam contar. O roteiro era um mistério e nem mesmo o prefeito ou Luke Rosen tinham ideia da trama do filme — Dash ligou para Luke na segunda-feira.

Sabíamos que era sobre o assassinato de Amina. Obviamente, Marcus Wagner seria o ponto principal, já que ele era o assassino. *Mas e quanto a Draven? E a oficina? Haveria menção aos Tin Gypsies ou aos Arrowhead Warriors?*

A antiga rivalidade entre os moto clubes havia surgido alguns anos atrás durante o julgamento de Draven, mas terminou pacificamente, e os Warriors estavam fora de Clifton Forge desde então. Tanto quanto eu sabia, a única pessoa que teve contato com eles desde então era eu, e isso foi porque Jeremiah me arrastou para o mundo deles.

Se eu quisesse vê-lo, teria que dirigir até Ashton e ficar em seu quarto no moto clube Warrior.

Não foi até eu ter percorrido uma das festas selvagens dos Warriors que eu entendi por que Draven me mantinha longe dos Tin Gypsies quando eu era jovem.

A bebida fluía como um rio, passando por praias de drogas e ilhas de mulheres seminuas. Minha primeira festa Warrior foi a primeira vez que vi alguém cheirar uma linha de cocaína.

Cerca de um ano atrás, eu fui visitar Jeremiah como fazia quase todo fim de semana. Nós dois estávamos sozinhos em seu quarto, em sua cama, assistindo a um filme enquanto uma festa acontecia mais além.

Eu tinha experimentado a cena da festa, para Jeremiah, mas depois da minha décima visita, eu disse a ele que tinha terminado. Então ele desistiu deles também, optando por ficar

comigo em seu quarto nas noites de sexta e sábado, em vez de beber com seus irmãos.

Estávamos no meio do último filme de *Jurassic Park* quando a porta se abriu e uma mulher nua entrou tropeçando. Ela havia confundido os quartos. No meio de seu pedido de desculpas arrastado, ela se curvou e vomitou na ponta da cama e sobre meus pés.

Eu fui substituída por alguma vadia, que estava bebendo após ele desabafar sobre o seu pai? Jeremiah, de todas as pessoas, sabia que eu também tinha problemas com meu pai. Talvez tenha sido desagradável eu ter lutado contra meus demônios, na maior parte, sozinha. Quando Jeremiah me encontrou em Clifton Forge, não precisei dele para me resgatar.

Ele estava resgatando alguém agora?

A ideia dele com outra mulher me fez mal.

Na semana seguinte ao não casamento, fui à clínica para fazer exames. Eu mal fui capaz de fazer contato visual com o médico. Os resultados tinham voltado limpos, mas eu ainda me perguntava se Jeremiah tinha sido fiel enquanto estávamos juntos.

Ele me amava? Ou eu era um sexo fácil numa sexta e sábado à noite? Não era como se sexo no moto clube Warrior não fosse fácil para nenhum homem usando um colete. Jeremiah era agradável aos olhos e não precisava que eu saísse.

Então por que ele ficou comigo só para me deixar tão mal no dia do nosso casamento?

Droga, eu queria uma resposta. Eu queria a chance de gritar e berrar na sua cara, mas me recusava a entrar em contato.

Eu não o procuraria. Eu não vacilaria.

Eu não seria minha mãe e aceitaria qualquer desculpa que ele jogasse fora.

A porta entre a loja e o escritório se abriu e Shaw entrou. Meu humor, já azedo, despencou, mas meu ritmo cardíaco disparou. Este homem torcia meu interior, puxando em direções opostas. Eu fiz uma careta quando ele pegou sua cadeira normal em frente à minha mesa, mas minha respiração parou quando ele sorriu.

— Isso foi legal, — disse ele. — Vale a pena dispensar para saber como eles constroem as motos. Você passa muito tempo na loja?

— Não.

— Você trabalhou em outras oficinas?

Ele não estava aqui para observar a criação de sua moto? Este não era o dia de conhecer Presley. — Não.

— Você cresceu em Clifton Forge?

Minha boca se achatou em uma linha fina. *Sério, o espetáculo acabou. Por que ele ainda estava aqui?* — Não.

— É você se certificando de que já ouvi não o suficiente esta semana?

Eu atirei um olhar para ele. Se Shaw acabou sendo engraçado, eu estava ferrada.

— Isaiah parece um cara legal. Agradeço que ele tenha dedicado tempo para me agradar hoje.

— Ele é um cara legal, — eu disse. — Você percebe que ele está conectado a esse filme que está fazendo, certo? A mãe de sua esposa foi assassinada.

— Sim. — Ele assentiu. — Eu sei sobre a conexão.

— Quanto mais você sabe?

— O suficiente para fazer justiça à história.

Cruzei os braços sobre o peito. — Diz um cara que não estava aqui e não conhece a história real.

Shaw pegou uma caneta na borda da minha mesa e a girou entre os dedos. — Você não gosta que estejamos fazendo este filme.

— Claro que não. Você está glorificando um crime que roubou a mãe da minha amiga.

— Confie em mim. Não estamos glorificando nada. Certamente não Marcus Wagner.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Você vai representá-lo, não é?

— Eu irei.

Esse era um papel diferente para Shaw. Todos os filmes que eu assistia, ele tinha sido o herói que salvava o dia. O papel do Marcus não se encaixava na sua lista. Ele seria mais adequado para interpretar o Chefe Rosen.

— E o resto dos personagens? Quem os interpreta? — Apontei para a foto de Draven, Dash e Nick na parede. — São pessoas reais. Draven era um bom homem. É assim que você vai mostrar a

ele? Ou será um filme sobre um policial mau perseguindo um bandido? Isso é mais interessante do que qualquer outro assassinato na década passada porque a pessoa emoldurada tinha vínculos com um moto clube?

Shaw girou a caneta novamente, depois a pegou e a colocou de volta na mesa. — Essa história é interessante por causa de todos os elementos envolvidos. As pessoas querem assistir filmes interessantes. Não é?

— Isso não é ficção. Esta é minha família. Você já se perguntou quem estava do outro lado do assassinato? Ou você tem estado muito ocupado se preocupando com Marcus? Aquele homem merece apodrecer na prisão. O que acontece depois deste filme? Ele começa a receber cartas de fãs pervertidos ao redor do mundo?

Shaw fez uma careta. — Não há como ele sair deste filme parecendo outra coisa senão um vilão.

— Então você diz. — Dei de ombros. — Até então, vejo minha amiga se preocupar com a maneira como sua mãe será retratada em um filme. Como o seu pai será retratado. Eu assisto o marido dela trabalhar com círculos embaixo dos olhos porque ela teve uma noite ruim e não conseguiu dormir. Você está aqui, anos depois de começarmos a deixar o passado para trás, e agora temos que revivê-lo novamente.

Houve um lampejo de remorso em seu olhar quando ele balançou a cabeça. — Essa não é a nossa intenção.

— Mas é a realidade, — eu respondi de volta, meus argumentos afiados. — Até onde você isto vai? Você vai mostrar o assassinato de Amina? E Draven? O mundo vai saber que ele era um bom homem?

Shaw não respondeu.

— Isso é um não, — eu murmurei.

O mundo vislumbraria a vida de Draven e saberia que ele era um criminoso. Este filme se concentraria em sua morte, e todos iriam pensar que ele foi um covarde por tirar a própria vida quando eu achava — não, eu sabia que ele tinha feito isso para nos poupar de vê-lo definhar na prisão.

— Presley, não vamos fazer isso para machucar as pessoas.

— Eu realmente acredito que você pensa assim. Mas você irá.

Shaw ficou quieto por alguns longos momentos. Por cima do ombro, Dash se aproximou da porta, mas dei-lhe um leve aceno de cabeça que o virou na direção oposta.

— Como está indo? — Eu perguntei. — O filme.

— Nós não vamos contar a ninguém. O elenco e toda a equipe assinaram os NDAs[3].

— Diga-me assim mesmo.

Ele estreitou o olhar. — Por quê? Então você pode vendê-lo para a imprensa? Estragá-lo antes do lançamento?

— Não. — Eu soltei uma risada seca. Eu não tinha nenhum desejo de chamar mais atenção para mim do que o necessário. —

[3] Acordo de Não Divulgação.

Porque não importa o que eu diga, você vai fazer esse filme. Você pode pelo menos nos dizer o que esperar para que não tenhamos que entrar no cinema e descobrir por nós mesmos.

Ele estudou meu rosto, depois assentiu. — Justo, mas não hoje. O que posso lhe dizer agora é que estamos tentando manter o mais autêntico possível.

— Autêntico. — Revirei os olhos. — Autêntico. Afinal, o que isso quer dizer?

— Isso significa que estamos aqui, não estamos?

— Você está aqui enfiando a merda autêntica em nossos rostos autênticos e esperando que gostemos do cheiro, porque você está jogando dinheiro autêntico como se crescesse em árvores autênticas.

— Eu não sou o cara mau.

— Não. Você está apenas interpretando um na TV.

Shaw se encolheu com o meu insulto. A dor cruzou seu rosto bonito e seus olhos imploraram que eu entendesse. Se eu o encarasse por muito tempo, talvez o fizesse, então voltei minha atenção para a tela do meu computador, dispensando-o.

A culpa serpenteou pelas minhas veias, seu olhar quente no meu perfil. Eu fui dura, muito dura, e Dash me repreenderia mais tarde por não entrar no jogo.

Minha língua desgovernada era culpa de Shaw. Sua presença me perturbava, e ele me fez dizer a primeira coisa que me veio à mente em vez de pensar nisso.

Shaw finalmente se levantou, sem dizer uma palavra enquanto caminhava para a porta.

Eu me preparei, esperando meu 'adeus, Presley', mas não veio.

Ele saiu e eu provavelmente arruinei nossa chance de descobrir sobre esse filme. Não pude resistir à oportunidade de contrariá-lo a respeito de sua estada em Clifton Forge.

Estúpido, Pres. Droga.

Em minha defesa, Shaw estava morando em uma terra da fantasia e ele tinha que saber como seria difícil para Genevieve vê-lo na rua. Ele tinha que saber o quanto Isaiah provavelmente odiou entretê-lo hoje.

Esperei até que seu SUV esmagasse o cascalho em seu caminho para fora do estacionamento antes de desviar meus olhos da tela. Então, coloquei minha cabeça em minhas mãos e soltei a respiração que estava segurando. A expressão ferida no rosto de Shaw ficou gravada em meu cérebro.

— Merda.

Por que me sentia tão culpada? Tudo o que eu disse era verdade, embora eu pudesse ter dito com mais graça. *Por que eu me importava se os sentimentos de Shaw haviam sido feridos?*

Porque eu construí essa imagem dele na minha cabeça com base em seus filmes. Ele era o mocinho. Os mocinhos não mereciam o tipo de atitude que eu lhe servira frio.

Mas e se ele não fosse tão bom? Será que essa suavidade que eu tinha por Shaw desapareceria se soubesse que ele era um imbecil e não o cara dos sonhos de seus filmes?

Sentei-me direito e cliquei o mouse. Até agora, eu havia evitado a combinação tentadora de Google e Shaw. Ele já passou pela maioria dos meus pensamentos, então eu não queria adicionar óleo a esse motor. E olhando-o, me senti... *Sorrateira. Dissimulada.*

Embora foi provavelmente assim que Shaw descobriu sobre nós. Eu tinha certeza que ele passara algum tempo lendo os artigos de jornal de Bryce e olhando para os nossos perfis na rede social.

Ele estava explorando o pedaço de informação que havia encontrado, e não era justo.

No entanto, aqui estava eu com meus dedos hipócritas digitando seu nome na barra de pesquisa.

A primeira coisa a aparecer foi uma fileira de fotos. Em cada um, Shaw estava na estreia de um filme. Seus sapatos brilhantes brilhavam sobre o tapete vermelho e o homem usava um smoking preto também.

Nas poucas vezes em que Shaw chegou à oficina, ele usava uma camisa de botão com as mangas arregaçadas nos antebraços bronzeados, os jeans pendurados nas pernas longas. Eu propositalmente não me deixei olhar para sua bunda, porque minha imaginação estava correndo solta por conta própria.

Shaw era casual. Natural. E mesmo sem uma equipe de cabelo e maquiagem, ele era digno de cartazes. Ele realmente era muito bonito.

Natural não aparecia nessas fotos. Cada linha de seu paletó foi feita sob medida para seu corpo forte. Sua calça descia com precisão pelas coxas musculosas. Na maioria, ele estava com uma mão no bolso. Em algumas, ele acenava para um fã.

Ele era absolutamente lindo, e tudo era para se exibir, incluindo seu sorriso. Era uma versão treinada do sorriso fácil que ele estava me dando.

As câmeras engoliram tudo.

Abaixo das fotos, o primeiro link era para a Wikipedia. O próximo era um banco de dados de filmes. Eu cliquei nele, certificando-me de ter acessado todos os filmes no Netflix que ele filmou.

Eu fiz isso, duas vezes.

Em sua página da Wikipedia, o filme mais recente listado era intitulado Dark Paradise. *Era esse filme? Nosso filme?*

De acordo com o artigo, estava em pré-produção, o que quer que isso significasse. Dado o afluxo de californianos para Clifton Forge, eu suponha que a página não tinha sido atualizada recentemente. Não havia nada pré-filmagem sobre o que estava acontecendo na cidade.

Voltei para as fotos, expandindo os resultados e dei uma segunda olhada. Mulher após mulher. Modelo após modelo. Se Shaw tinha um tipo, era simplesmente bonita.

Houve apenas uma mulher repetida em várias fotos. Ela era alta, muito mais alta que os meus um metro e sessenta, embora a maioria das mulheres fosse. Em uma foto, ela estava segurando o braço de Shaw enquanto ele a escoltava pela calçada em um dia ensolarado. Ambos estavam rindo. Em outra, o casal estava vestido com esmero e sem sorrisos, parado na escadaria do que parecia ser um museu.

Cristo. Aqui estava eu cobiçando um homem que tinha supermodelos como companheiras. Pelo que eu sabia, essa mulher repetitiva era sua namorada. A ideia me fez contorcer. *Por que eu tinha mais ciúmes da loira em uma foto do que qualquer outra vadia do moto clube Warrior que estava saindo com Jeremiah?*

— E terminamos as fotos, — murmurei, voltando à Wikipedia.

Shaw nasceu e foi criado no sul da Califórnia. Sua mãe era professora de teatro aposentada. Seu pai foi um policial condecorado e Shaw havia seguido seus passos.

Eu estalei meus dedos, lembrando de uma história que ouvi há muito tempo no noticiário. Eu me esforcei para digitar uma nova pesquisa.

Ônibus escolar Shaw Valance.

Quanto tempo fazia, sete ou oito anos? Os detalhes da história voltaram rapidamente enquanto eu examinava as palavras do

primeiro artigo que encontrei. Era sobre um policial que chamou a atenção da mídia nacional por salvar um ônibus escolar cheio de crianças de um psicopata armado que o tomou como refém.

As imagens nebulosas do passado se misturavam aos detalhes do presente. Aquele policial era Shaw. *Por que eu não juntei isso antes?* Talvez porque eu estivesse muito ocupada naquela época, com apenas vinte anos, para pensar em outras coisas além dos meus próprios problemas.

Ele era tão popular, tão heroico, depois do incidente no ônibus escolar que seu rosto havia sido espalhado por todas as agências de notícias. Alguém de Hollywood deve tê-lo agarrado depois disso e feito dele uma estrela. Claramente, sua mãe lhe ensinou uma ou duas coisas sobre atuação.

Continuei lendo e pesquisando e, de acordo com o que consegui descobrir, Shaw havia deixado a polícia um ano ou mais depois do incidente com o ônibus escolar. Na última foto dele de uniforme, ele usava um par de óculos escuros sobre os olhos castanhos e segurava um grande rifle automático.

Ele parecia um policial, estoico e sério.

Então, por que ele desistiu? Ele era um herói. *Foi por causa da atenção da mídia? Foi pelo dinheiro?* A maioria dos atores não fazia nada, embora eu estivesse descobrindo que Shaw não se encaixava exatamente no molde.

Passei o resto da manhã curvada sobre a tela, ignorando o trabalho que estava sendo paga para fazer. Eu compensaria Dash, ficando até tarde.

No almoço, eu estava no nevoeiro.

Eu abri o Google, esperando que isso me fizesse odiar Shaw Valance, só que ele me pareceu muito legal e genuinamente gentil.

Como foi que os paparazzi não o pegaram em um dia de folga? Será que um deles nunca conseguiu irritá-lo? O sorriso de Shaw nunca parecia vacilar. Inferno, na maioria das fotos, ele estava acenando para quem tinha a câmera apontada em sua direção.

Então, por que ele estava bancando o criminoso em Dark Paradise? Por que não interpretar Draven?

Confiava em Shaw como o mocinho, para interpretar Draven como um mocinho. *Mas como Marcus?* Parecia um salto demais. *Shaw, apenas sendo Shaw, faria de Marcus algum tipo de herói?*

A porta da loja se abriu e Dash entrou, bebendo uma garrafa de água. — Então? Você descobriu alguma coisa?

— Não. — Eu balancei minha cabeça, depois olhei para o estacionamento. — Mas eu vou.

Se Shaw Valance voltasse, eu o dispensaria. Eu descobriria por que ele escolheu interpretar Marcus neste filme, e faria com que ele soubesse no fundo de sua alma que Marcus Wagner tinha sido um ser humano vil e mau.

Porque enquanto eu odiava a ideia desse filme, embora eu odiasse que estivesse acontecendo aqui na minha própria cidade,

Shaw era a única pessoa envolvida neste filme visitando a oficina. Ele era o único que poderia ouvir.

E confiar nele a verdade pode ser a única maneira de esclarecer as coisas.

Capítulo Cinco

Shaw

— Ann, eu deveria ter feito essa pergunta meses atrás. — Fiz uma pausa, odiando o que estava prestes a perguntar. Ann sem dúvida veria isso como eu duvidando de seu roteiro. Talvez eu estivesse. Mas principalmente, eu estava duvidando de minha própria convicção. — Você disse que isso foi baseado em uma história verdadeira. Eu sei que você fez muitas pesquisas e passou um tempo em Clifton Forge, mas quão verdade estamos falando?

—É verdade, Shaw.

Sim, ela estava irritada. — Lamento perguntar. Eu só... Eu precisava saber.

A linha ficou quieta por alguns momentos, então ela soltou um suspiro. — Entendi. Você esteve lá e as pessoas estão questionando sobre o que é o filme.

— Exatamente.

— É verídico. É tão verdadeiro quanto eu poderia fazer. Marcus respondeu minhas perguntas e sua esposa também. Ex-mulher, eu acho. A menos que tenham mentido, o que não acho que tenham feito, porque coincide com outras fontes. É a verdade.

Obrigado, porra. — Então estamos bem. É tudo o que eu precisava saber.

Quando recebi o roteiro, fui instantaneamente pego na história. Quando liguei para Ann para perguntar sobre a compra, ela me disse que era baseada em uma história verdadeira, as palavras estavam na primeira página, mas eu não parei tempo suficiente para perguntar exatamente a verdade.

Eu encontrei um roteiro único.

Tinha visto uma oportunidade de desempenhar um papel diferente. E eu fui de zero a sessenta em menos de uma semana, e meu pé estava acelerando desde então. Claro, passei um tempo lendo artigos on-line sobre o assassinato e Marcus. Eu passei horas no Google. Mas dei uma olhada nos artigos e analisei os fatos.

Então veio Presley.

Ela me desafiou e eu não gostava de não saber se estava de pé em uma rocha sólida ou areia movediça.

— Tomei algumas liberdades para preencher as lacunas, — disse Ann. — Eu precisei. Mas eu cruzei tudo com os jornais. Comprei a transcrição do julgamento de Draven. E eu só usei um boato se tivesse ouvido mais de uma vez. Talvez fossem rumores, talvez algumas das fofocas estivessem erradas, mas era tudo que eu tinha para continuar.

— OK. — Boatos não eram ótimos, mas era tudo o que tínhamos. E se os rumores fossem comuns o suficiente, eu estava confiante de que poderíamos vender esta história para a maioria das pessoas em Clifton Forge.

Mas eu poderia vendê-lo para Presley?

Ela provavelmente tinha uma opinião diferente da maioria das pessoas na cidade. Ela tinha uma perspectiva diferente.

A verdade real, aquela que nunca conseguiríamos replicar, provavelmente estava em algum lugar no meio.

— Obrigado, Ann.

— Sim, — ela murmurou. — Eu realmente tentei.

— Você conseguiu, — eu assegurei a ela. — Tire essa ligação da sua cabeça. Estamos bem.

Ela desligou o telefone e eu joguei o meu ao lado na cama, fechando os olhos e esfregando minha testa. Uma dor de cabeça estava se formando atrás de minhas têmporas, provavelmente de todo o tempo em que estive curvado sobre meu laptop.

Nos últimos quatro dias, uma vez que as perguntas de Presley geraram essa nuvem de dúvidas, eu repassei o roteiro com um pente fino. Eu vasculhei os arquivos de notícias do *Clifton Forge Tribune*, grato por eles terem sido mantidos online. Combinei cenas e diálogos o melhor que pude com as notícias.

Eu tinha acabado com dois marcadores de texto, marcando linhas como fato ou ficção. Amarelo ou azul. No final, as páginas se misturaram em verde.

Ann havia feito um trabalho fantástico escrevendo uma história baseada na verdade. Mas esse era um filme e a linha entre entretenimento e realidade era frequentemente o que mantinha os espectadores grudados na tela. Essa linha, se errarmos, era onde Presley pregaria minhas bolas no chão.

Por que diabos a opinião de Presley importa tanto? Como essa mulher, essa estranha, conseguiu me deixar de olho no meu próprio filme?

Porque ela realmente fez isso.

Ela transformou um filme em vida. Esse projeto ganhou um novo significado. Não se tratava de satisfazer os investidores ou obter lucro. Agora, eu tinha vontade de fazer essa história, a história real, a justiça.

Ganhos financeiros e elogios da academia não significavam mais sucesso. Para eu considerar isso uma vitória, eu queria a aprovação de Presley.

Eu teria que quebrar a confidencialidade para acalmar sua voz. Eu já tinha pensado em pedir para ela assinar um NDA, mas suspeitei que ela me dissesse para enfiar na minha bunda, então eu daria um salto de fé e confiaria nela com a verdade.

Havia uma vulnerabilidade em sua voz quando ela me pediu para contar sobre o filme. Sua curiosidade não parecia desonesta, e eu estava repetindo nossas conversas em um ciclo sem fim.

Quando a vida ficou tão complicada? Quando comecei a medir cada conversa?

Eu perdi os dias simples, os primeiros dias, quando era um novo policial. Naquela época, eu estava tão focado em seguir ordens e fazer cumprir as leis que a vida era fácil. O mundo era preto e branco para um jovem de apenas vinte e um anos. Eu consegui meu diploma de bacharelado. Eu fui para a Academia. Eu me juntei à Força. O errado estava errado e o certo estava certo.

Em seguida, ficou cinza.

Como esse filme. A visão era tão clara antes de eu colocar os pés em Montana, mas estava embaçada agora também.

Quem foi Draven Slater? Presley falou sobre ele com tanta reverência e amor, mas ele era um criminoso. No filme, nós o mostrávamos como criminoso. Ele foi preso por assassinato e, de acordo com a minha pesquisa e o enredo de Ann, não foi a primeira vez que Draven foi algemado.

O jornal não havia mencionado muito sobre o moto clube de Draven, o que tornava a coisa toda suspeita. Mas como a repórter e proprietária do jornal tinha o sobrenome Slater, isso não foi um choque. Bryce Slater era a esposa de Dash, nora de Draven.

Ela escreveu notícias limpas e informativas para o *Tribune*. Ela cobriu o julgamento de Draven de maneira justa. Marcus também. Havia apenas um grande buraco quando se tratava dos Tin Gypsies. Quaisquer referências eram vagas e desdenhosas.

A dinâmica principal do filme, além do conflito interno de Marcus, era a batalha entre Marcus e Draven. A trama se concentrava em sua antiga rivalidade. Os crimes passados de Draven foram embelezados um pouco em sua ficha de acusação, e a incapacidade de Marcus de mantê-lo em uma cela, seria o catalisador de seu ponto de ruptura.

Não havia como saber, mas tinha um palpite de que estávamos mais perto da verdade do que imaginávamos.

Eu estava com fome de detalhes, não porque isso mudaria o filme, mas por mim mesmo. O ex-policial em mim queria respostas. Eu queria saber mais sobre essas pessoas e queria saber mais sobre Presley.

Eu me levantei da cama do hotel e peguei meu telefone. Eu estava no Evergreen desde que voltei para Montana e meu tempo aqui estava acabando. O quarto estava limpo, mas o chuveiro era muito curto para um cara do meu tamanho e a cama queen-size não era grande o suficiente. Eu precisava de espaço para me espalhar.

Amanhã, eu teria um espaço próprio e uma cama decente.

O sol da manhã aqueceu meu rosto quando eu saí com óculos de sol e chaves na mão. Eu não iria filmar hoje. Cameron e a equipe estavam se preparando para uma cena noturna, então eu tinha um tempo antes do meu horário de chamada.

Meu plano era conversar com Presley e, com sorte, tirar as dúvidas da cabeça, mas antes de ir para a oficina, eu iria até a delegacia.

Eu pretendia passar na semana passada, mas as filmagens estavam me ocupando. Esta manhã, eu estava dando um tempo para ver o lugar onde Marcus havia trabalhado. Eu queria me apresentar ao chefe, o cara que prendeu Marcus, e ler sobre ele.

O estacionamento do hotel estava quase vazio quando eu saí, todo mundo saiu antes das seis da manhã. Estávamos trocando os membros do elenco para manter o tempo de locação no mínimo.

Na semana passada, filmamos algumas cenas ao ar livre para que Cameron pudesse ter uma aparência robusta. Uma delas era Marcus quando jovem, patrulhando a cidade e ajudando uma mulher idosa a trocar um pneu no final de seu turno. Outra era Marcus levando sua esposa para jantar. Eram cenas para estabelecer uma base, para mostrar que Marcus era um homem bom.

Apesar do ódio de Presley em relação a ele, eu precisava acreditar que ele foi um homem honrado uma vez. Aquele ato horrível não apagou o bem que ele havia feito.

O bem que eu presumi que ele tinha feito.

Esta noite, estávamos filmando uma cena na casa de Marcus. Ele, eu estaria em seu sofá na sala de estar, sentado sozinho e bebendo um copo de tequila. Sua esposa, interpretada por uma bela atriz que eu não conhecia antes, entraria e beijaria sua testa, dando boa noite.

Ela sairia com a cauda da camisola flutuando sobre o tapete. E quando ela se saísse, Marcus se encolheria. Ele esperaria, bebendo sua bebida, até ter certeza de que ela estava dormindo.

Então ele ligaria para Amina.

Ele sorriria e relaxaria, porque estava ao telefone com o amor de sua vida.

As filmagens de amanhã à noite seriam uma das dez que representavam a noite em que Marcus havia sido preso pelo assassinato de Amina. Em seguida, a atriz interpretando sua esposa iria sair e um novo conjunto de personagens entraria.

A única constante no filme era eu. Eu estava em todas as cenas.

Seria cansativo e o sono seria escasso. O que eu deveria fazer durante o meu tempo livre era descansar e correr, mas até ter algumas respostas, não conseguia me concentrar.

Eu não precisava mais do meu GPS para navegar pelas ruas de Clifton Forge e a delegacia era fácil de encontrar ao longo do rio. Estacionei ao lado de uma viatura, pulei e subi correndo os degraus da porta da frente. O cimento irradiava calor, mesmo sendo cedo, e fiquei feliz por não ter que ficar sob o sol escaldante com maquiagem completa.

O saguão da delegacia era como esperado, limpo e bege. Fui até o policial atrás de uma janela de vidro. — Bom dia. Estava pensando se o chefe estaria aqui.

— Vou verificar. — Ele apontou para a fileira de cadeiras ao longo da parede.

Sentei-me, equilibrando os cotovelos nos joelhos enquanto esperava. O policial não me pediu meu nome. Eu acho que ele não precisava disso.

Cinco minutos depois, uma porta se abriu com um clique alto e um homem alto, da minha estatura, saiu, vestindo uma camisa do uniforme azul marinho, jeans e botas de cowboy. — Shaw Valance?

— Chefe? — Eu levantei e o encontrei no meio da sala.

Ele apertou minha mão. Luke Rosen.

— Prazer em conhecê-lo. Desculpe, apenas dando uma conferida.

— Sem problemas. — Ele acenou para eu segui-lo. — Venha comigo.

O cheiro de café, couro e loção pós-barba encheu meu nariz quando passamos pelas celas da delegacia. Mesas desordenadas. Cadeiras vazias. Era familiar e reconfortante, e enquanto uma parte de mim ansiava pelo passado, outra parte de mim estava feliz por não ter que entrar nisso todos os dias.

Havia apenas dois oficiais na entrada das celas, um homem e uma mulher. Ambos vestiam camisas como a de Luke, mas usavam as calças com armas e distintivos pendurados nos cintos. Eles pararam de falar quando passei pelas mesas deles, então levantei a mão e acenei. Eles acenaram.

— Café? — Luke perguntou enquanto atravessava o limiar de seu escritório.

— Não, obrigado. — Entrei para que ele pudesse fechar a porta atrás de mim.

— Então, Shaw... — ele ocupou a cadeira atrás da mesa... — O que posso fazer por você?

— Eu só queria me apresentar, — eu disse enquanto me sentava. — E queria ver a delegacia.

— É o que você esperava?

— Você tem uma boa instalação, — respondi. — Esse era o escritório dele? Marcus?

— Aqui era.

As paredes bege estavam pontilhadas de certificados e fotos. Havia uma janela atrás da cadeira de Luke que dava para o rio, rolando e brilhando sob o sol. As folhas das árvores dançavam na brisa suave.

Marcus tinha se sentado naquela cadeira todas as manhãs após o assassinato, sabendo que não merecia o distintivo em sua cintura? Ou ele compartimentalizou Amina tão completamente que ele justificou suas ações?

Eu estava pensando em interpretá-lo com um pouco dos dois. Ele continuou trabalhando. Após o assassinato, ele fez seu trabalho como chefe e o fez bem. Mas ele devia saber que era um hipócrita. Deve ter havido alguns momentos de auto aversão. Ele deve ter tido algumas reservas, colocando sua camisa todas as manhãs.

— Você trabalhava para Marcus, certo?

Luke assentiu. — Desde o meu primeiro ano na Força. Eu cresci aqui. Fui para a academia e voltei para casa.

— Como ele era?

— Por que você quer saber? — Luke se inclinou para frente.

— Porque eu quero ter certeza de fazer este filme corretamente. — Isso fazia parte do motivo.

— Ele era um bom policial. Até que ele não foi mais. Ele era um bom homem. Até que ele não era mais.

— Houve sinais?

Luke estreitou o olhar. — Você está me perguntando se eu sabia que meu chefe era um assassino, mas não fiz nada sobre isso?

— Não. — Eu levantei minhas mãos. — Não há culpa aqui. Eu só estou curioso.

— Por quê?

— Porque eu era policial. Formei-me em uma faculdade comunitária e fui direto para a Academia. Servi na Força por cinco anos antes de sair. Conheço bons policiais e maus. Eu acho que estou apenas... Estou tentando entender. Não quero glorificar Marcus. — Eu estava roubando as palavras de Presley.

— Bom. Ele não merece glória. Ele matou uma mulher e usou sua posição para acusar um homem inocente. Eu acho que isso explica tudo.

— Eu acho que sim.

Olhei em volta da sala novamente, absorvendo os toques pessoais. Havia uma foto de Luke pescando no rio. Outra dele de uniforme, em pé entre um casal mais velho, presumi que eram seus pais. E então um dele em pé em uma cordilheira, com vista para um vale da montanha.

Esse cara tinha a vida que teria sido minha se não fosse o incidente do ônibus escolar.

— Você quer tomar uma cerveja? — Eu soltei. *De onde diabos isso veio, Valance?*

— Uma cerveja?

— Sim, — eu disse quando a ideia surgiu. — Sinto falta da Força. Sinto falta das histórias. E aposto que você tem boas.

— Para entrar no seu filme?

Eu balancei minha cabeça, negando. — Só para conversar. Prometo. A verdade é que sinto falta de ser policial. Sinto falta da camaradagem. E é difícil para eu manter contato com os caras com quem trabalhei na Califórnia.

Os caras da minha antiga equipe da SWAT não queriam arriscar serem flagrados pelas câmeras. Eu não os culpava. A maioria deles preferia uma vida tranquila quando não estava trabalhando. A maioria não tinha contas nas redes sociais, porque se expor significava colocar suas famílias em risco.

Mesmo que eu não estivesse mais no time, eles fizeram o possível para me incluir nos churrascos de verão, mas depois de um ano, eu parei de ir. Eu não tinha mais me encaixado nessa vida. Com as viagens, minha agenda era imprevisível e nos separamos.

Mas eu sentia falta disso. Sentia falta deles.

— O que você me diz? — Eu perguntei. — Vou comprar uma cerveja para você e pode me deixar viver indiretamente através de você por uma hora.

Luke me deu um olhar de soslaio.

— Estou falando sério. — Eu ri, levantando minha mão direita. — Sério. Estou com vontade de conversar sobre coisas policiais com um policial e saber que não seremos flagrados pelas câmeras.

Ele me estudou por um longo momento, depois assentiu. — Tudo bem.

— Obrigado. — Levantei-me e peguei minha carteira do bolso. Peguei um cartão de visita da Valance Pictures, virei e rabisquei meu número privado no verso com uma de suas canetas. — Que tal nos encontrarmos na sexta-feira no The Betsy? Ainda não estive lá.

— Às seis? — Luke pegou o cartão.

— Parece bom. — Apertei sua mão novamente, depois saí do escritório.

Luke me seguiu, me escoltando até o saguão. Ele acenou, eu acenei, e então eu estava do lado de fora, dirigindo para o único lugar que eu não conseguia ficar longe.

A oficina de Clifton Forge.

O estacionamento estava cheio de carros, mais do que eu esperava em uma manhã de segunda-feira. Havia carros em cada uma das baías e três estacionados em uma fila de espera. Meu lugar habitual foi tomado por um Yukon preto ao lado do que eu havia determinado que era o Jeep branco de Presley.

Ela estava no telefone quando entrei no escritório e me pegou pelo canto do olho. — Temos uma vaga... — ela vacilou, piscando duas vezes antes de se concentrar na conversa telefônica. — Temos uma vaga às três horas. Certo, ótimo. Vejo você então.

— Oi, — eu disse quando ela desligou.

— Oi. — Não foi uma recepção calorosa, mas não era seu olhar gelado. *Melhor*.

— Pres... — Uma mulher saiu de um escritório e parou no meio do caminho quando me viu. Seus cabelos escuros caíam pelos ombros, enquanto ela me olhava de cima a baixo com lindos olhos castanhos. Então sua boca se levantou, não em um sorriso, mas em um sorriso astuto. — Shaw Valance.

Bryce Slater. Eu tinha visto sua foto e lido sua biografia no site do *Tribune* enquanto pesquisava.

— Aqui para checar sua moto? — O seu olhar perspicaz me lembrou outros repórteres em Los Angeles, aqueles que me fizeram pensar nas minhas palavras com cuidado. Bryce sabia que eu não estava realmente aqui por causa da moto.

— Certo.

— Dash está...

Um pequeno corpo colidiu com suas pernas, cortando-a. Então outro menino apareceu do outro lado. As duas crianças estavam vestidas com sungas brilhantes e coordenadores de erupções cutâneas. Eles tinham chinelos nos pés.

— Mamãe, podemos pegar um leitão? — O garoto mais velho perguntou. Ele parecia ter cerca de três anos, a mesma idade de uma das minhas sobrinhas.

— Não antes das aulas de natação, — disse Bryce.

— Por favor, — ele implorou.

— Desculpe. — Ela bagunçou o seu cabelo e se inclinou para pegar o garoto menor, que havia se enrolado em torno de sua panturrilha como um macaco. — Estes são meus meninos. Xander. Ela olhou para o garoto mais velho e depois balançou o outro no quadril. — E este é Zeke.

— Ei, pessoal. — Agachei-me para cumprimentar Xander, depois estendi meu punho para dar um soco na junta. Ele hesitou, depois bateu o punho contra o meu. — Agradável. Quantos anos você tem, Xander?

Ele levantou três dedos.

— Três? Eu tenho uma sobrinha chamada Brittany e ela também tem três. Mas você é mais alto que ela. — Ele me deu um sorriso tímido enquanto eu me levantava e piscava para Zeke. — E quantos anos você tem?

Ele enterrou o rosto no pescoço de Bryce, mas ficou de olho em mim.

— Ele tem dois, — respondeu Bryce.

— Tenho outra sobrinha que tem dois. E então uma linha inteira deles. Quatro, cinco, seis, sete, oito e nove.

— Oito sobrinhas?

— Sim. Cada uma com um ano de intervalo, mais ou menos alguns meses. Sem sobrinhos. Todas as meninas pertencem às minhas três irmãs.

Bryce sorriu. — São muitas garotas.

— Reuniões familiares em cerca de dez anos serão interessantes. — Eu ri. — Eu tenho que admitir, sinto que a conheço. Passei a maior parte do fim de semana passado lendo muitos artigos do seu jornal.

Ela cantarolou. — E?

— Vamos apenas dizer, que bom que você dirige o *Clifton Forge Tribune* e não trabalha em uma revista na Califórnia. Já tenho problemas suficientes com os repórteres e paparazzi. Alguém como você me comeria vivo.

Ela riu. — Hollywood não é minha coisa, mas obrigada.

— De nada.

— Foi um prazer conhecê-lo, Shaw. Temos que ir.

— Nós vamos perder a natação, — Declarou Xander enquanto Zeke se contorcia para descer.

— Vamos dizer adeus ao papai. — Bryce pegou a mão de Zeke quando Xander passou pela porta.

Havia um cliente na sala de espera, mas nenhum na frente, deixando Presley e eu sozinhos. Quando me virei, seu olhar avaliador estava esperando.

Eu assumi minha cadeira de sempre. — Eu ouvi o que você disse semana passada.

— Ótimo. — Ela encontrou meu olhar, dando-me toda a atenção. Havia algo diferente nela hoje. Sua guarda ainda estava em pé, mas o muro da fortaleza não tinha três metros de espessura ou seis metros de altura.

— Estou tentando fazer a coisa certa e acho que estamos. Mas você está certa, eu não estava aqui durante esse tempo, então estou convidando-a para jantar.

Ela piscou. — Jantar?

— Eu quero sair com você.

— Sair? Como... Em um *encontro*? — Sua última palavra foi torturada.

O que havia de tão ruim no jantar comigo? Eu comia com um garfo. Eu mastigava com a boca fechada. E me disseram que minha companhia era bastante encantadora.

Talvez eu não estivesse fazendo progresso, afinal. Nenhuma mulher na história me repreendeu como Presley, nem mesmo as garotas do ensino médio, quando passei da minha fase estranha aos catorze anos.

— Não disse encontro, — eu a corrigi. — Eu falei jantar.

— E eu digo não.

—Por que não? Isso nos dará a chance de nos conhecer, poderá me contar sobre o que aconteceu e posso lhe contar sobre o filme.

— Não precisamos sair para jantar para discutir nenhum desses tópicos.

— Vamos. Por que não?

O seu olhar se estreitou. — Você nem sabe meu sobrenome.

— Qual é o seu sobrenome?

— Marks. — Esse muro estava caindo, centímetro por centímetro.

— Ok. — Eu sorri — Presley Marks, você iria jantar comigo?

— Isso parece cada vez mais um encontro. E minha resposta ainda é não.

— Mas você ainda não me deu uma boa razão.

Ela encolheu os ombros. — Eu acho você feio.

Minha risada encheu a sala. *Cristo*. *Quando uma mulher me chamou de feio?*

Mesmo isso não aconteceu quando tinha catorze anos. — Mentirosa.

O canto da sua boca se contraiu. — Eu não posso ser vista pela cidade com você.

— O que? Eu sou um cara legal, vou tomar uma cerveja com seu chefe de polícia na sexta-feira no The Betsy.

— Vocês? No Betsy? Você pode arranhar aquelas botas chiques. Ou é você que está tentando ser autêntico?

Inclinei-me para frente, segurando seu olhar. — Não tenho medo de me sujar.

A palavra enviou um zumbido entre nós. Minha mente pulou para a camiseta preta e a rapidez com que eu poderia tirá-la para descobrir se aquele sutiã vermelho estava por baixo.

As bochechas de Presley ficaram rosa e seus olhos dispararam para a minha boca antes que ela se virasse e limpasse a garganta.

— Então o que você diz? Jantar? Vou contar tudo sobre o filme. Você pode me dizer onde estou estragando tudo.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Sem jantar. Mas podemos discutir aqui.

— Quando? — Eu resmunguei, tentando não tomar isso como uma perda completa.

— Sexta-feira. O escritório está tranquilo nas tardes de sexta-feira.

Eu assenti. — Então será sexta à tarde.

Capítulo Seis

Presley

Duas pessoas estavam sussurrando no corredor de sorvete. Talvez não tivesse nada a ver comigo, mas abandonei minha busca por massa de biscoito de chocolate e virei para o outro lado.

Este não era o meu dia.

Hoje foi longo, e eu não tinha coragem de sofrer com fofocas com meu queixo erguido.

A oficina estava lotada. Eu entrei esperando um bom fluxo constante de trocas de óleo nas terças-feiras, e tudo se tornou um caos. Tyler ligou dizendo que estava doente. Leo decidiu que esta terça-feira em particular não era uma que ele gostaria de trabalhar. Ele e Dash começaram uma briga por telefone. E tivemos mais visitas em uma manhã do que combinamos nas últimas duas semanas.

Mas, como Draven havia me ensinado, não recusávamos clientes que não marcaram.

Então os caras se apressaram. Eu me apressei, agradecida por Shaw não ter parado em uma de suas visitas aleatórias, e quando saí às seis horas, eu só queria um sorvete.

Mas não havia como eu esperar que essas pessoas parassem de falar de mim. *Ok, talvez eles não estivessem falando de mim, mas talvez estivessem.* Eu não iria arriscar.

Minha paranoia de que a cidade comentava a meu respeito, com pena do acontecido, era tão forte quanto no dia seguinte ao casamento. Talvez em um ou dois anos, eu não seria aquela garota que foi largada no altar. Talvez eles me vissem como a mulher que se sustenta sobre os próprios pés.

Às vezes, pequenas cidades eram uma droga.

A fábrica de fofocas em Clifton Forge não era particularmente interessante, mas eu sempre mantive meu ouvido atento. Eu ficava à margem, sabia quem estava traindo e quem tinha ficado com quem no The Betsy. Minha fonte quase sempre era meu cabelereiro. Eu podia estar no limite externo do círculo, mas as mulheres que trabalhavam no salão estavam no meio dele.

Como meu cabelo exigia manutenção a cada duas semanas, por crescer rápido e o penteado não perder o corte, eu geralmente sabia o que estava acontecendo. Além disso, eu ouvia coisas na oficina enquanto os clientes esperavam e falavam sobre as pessoas da cidade.

Desde o casamento, eu não prometi mais nada.

Chame isso de ignorância, mas agora que sabia como era quando as pessoas falavam de mim pelas minhas costas, eu nunca mais espalhava fofoca.

Se pudesse evitar ouvir, eu faria.

Mesmo que isso significasse cortar meu cabelo com um cabelereiro novo e dirigir duas horas até Bozeman.

Empurrei meu carrinho para a fila do caixa e coloquei minhas coisas na esteira. Meus olhos ficaram fixos nos itens do carrinho, não querendo fazer contato visual com o caixa até o último segundo possível.

Quando o fiz, ela me deu um sorriso triste, todos os sorrisos apontados para o meu caminho eram tristes, e me virei para a gondola de doces para esconder um revirar de olhos. Quando os últimos itens apitaram, sorri e verifiquei.

Minhas compras estavam embaladas e eu estava saindo do estacionamento quando o meu telefone tocou. Eu quase atendi a ligação de Jeremiah, como havia feito mil vezes antes. *Ei, querida.*

Ele não era mais meu. E eu não era dele. *Então, por que ele estava me ligando?*

Tocou, duas, três vezes, quando meu coração disparou.

Devo responder? O que ele queria? Por que estava me ligando agora?

Tocou pela quarta vez, depois parou. Eu pisquei, colocando minhas mãos no volante enquanto me concentrava na estrada.

Eu não precisava falar com ele. Eu não precisava ouvir sua voz, e nada de bom viria disso. Talvez ele tivesse me chamado acidentalmente, um velho hábito.

— Eu não vou ligar de volta, — eu murmurei.

Eu não precisei. O telefone tocou novamente e seu nome apareceu no visor.

— Porra, o que você quer? — Eu cuspi.

Ele tinha que saber que tínhamos terminado. Eu não o aceitaria de volta depois disso. *Nunca.*

Mas e se algo estivesse errado? Ele estava doente? Ou machucado? Talvez ele tivesse tido algum problema com o moto clube.

Cerrei os dentes enquanto o telefone continuava tocando. O couro que envolvia o volante rangeu quando eu o estrangulei sob as palmas das mãos. Cada toque parecia mais alto que o anterior, me sacudindo no meu lugar.

Então, o silêncio desceu, um silêncio feliz e eu pude respirar novamente. Soprei o ar nos pulmões e relaxei a coluna.

Meu coração desceu da garganta no momento em que saí da Avenida Central, passando pelas ruas residenciais para minha casa. Eu estava a cinco quarteirões de distância quando meu telefone tocou novamente.

Jeremiah.

— Eita. — *Ele ia continuar ligando a noite toda? Devo acabar logo com isso? Dizer adeus a ele, fazer o fechamento para mim, depois desligar e seguir em frente com a minha vida?* Meu polegar tomou a decisão por mim, pressionando o botão para responder. — O que?

— Ei, Pres.

Eu cerrei os dentes.

Sua voz soou suave e gentil. *Apologético.* Eu odiava Jeremiah Pesaroso. Ele era patético em todas as maneiras que me fizeram

perdoá-lo. Mas não desta vez. A linha foi traçada e se eu cruzasse, só estaria muito mais perto de me tornar minha mãe novamente.

Eu morreria antes que isso acontecesse.

Com o pé no freio, diminuí a velocidade e dirigi o Jeep até o meio-fio, parando-o. — O que você quer?

— Eu só queria ouvir sua voz.

Para ouvir minha voz? Resposta errada. *Que tal pedir desculpas?* — Estou ocupada.

Minha voz era monótona. *Era essa a voz que ele queria ouvir?*

— Oh. — O silêncio era tangível, desconfortável. Mas ele me ligou. Se havia algo que queria, ele poderia falar. — Você está zangada.

Minha boca se abriu. *Sério? Esse foi o cara que eu escolhi para casar?* Eu era tão burra. — Zangada não chega nem perto.

O silêncio voltou.

Por que eu não ouvi os caras? Por quê? Draven, Dash, Emmett e Leo estavam todos falando mal de Jeremiah.

Durante anos, eles murmuraram palavras como *perdedor*, *idiota e pedaço de merda* baixinho, sempre que eu o mencionava. A cada vez, começava uma briga. Eu defendia Jeremiah enquanto eles arrasavam com ele.

Briga após briga.

Eu estava tão cansada de seus comentários que acabei fugindo do controle. Eu os repreendi por não serem solidários e disse-lhes que cuidassem de seus próprios negócios.

Naquela época, nenhum deles estava em um relacionamento e nenhum deles estava em posição de me dizer como conduzir minha vida amorosa.

Minha teimosia erguia sua faceta horrorosa.

Eles só estavam tentando ajudar.

Draven chegou ao ponto de tentar alertar Jeremiah.

Foi antes de ele receber seu veredicto no julgamento de Amina. Nós todos sabíamos que ele seria declarado culpado, e ele passou semanas organizando seus negócios, o que incluía realmente se aposentar da oficina e me considerar a gerente do escritório.

Foi quando houve muita animosidade entre os antigos Tin Gypsies e os Arrowhead Warriors. Eu tinha ficado no limite, cuidadosa para não me envolver, mas tinha ouvido os avisos e vigiado atentamente os Warriors na cidade. Draven e Dash suspeitaram que estavam à espreita e poderiam tentar machucar um de nós.

Sim, eles estavam à espreita.

Na minha casa.

Jeremiah trouxe alguns amigos que conheceu na mesa de pôquer. Ele jogava duas ou três vezes por semana. Alguns dias, ele vencia. Às vezes, perdia. Mas isso o fazia feliz, então eu mantive minha boca fechada.

Eu tinha tanto medo de perdê-lo que tinha andado sobre cascas de ovos sobre sua falta de emprego e de dinheiro e de... *Amor*.

Os amigos de Jeremiah eram na verdade Warriors. Eu não sabia, obviamente. A menos que estivessem usando seus coletes, fazendo uma declaração com o corte, eles eram apenas amigos de Jeremiah.

Quando soube quem eles eram e que estavam tentando recolher informações minhas sobre Draven e Dash, fiquei chocada. Eu disse a Jeremiah que eles não eram bem-vindos em nossa casa, esperando que ele cortasse os laços. *Não*.

Em vez disso, ele decidiu se juntar ao moto clube.

Ser parte de uma irmandade.

Você conhece minha família, Presley. Isso é uma coisa boa para mim.

Draven foi a Jeremiah e o encorajou a prospectar os Warriors. Ele tinha certeza de que, se Jeremiah se mudasse para Ashton, seria o fim do nosso noivado.

Mas então Draven se matou.

Ele me deixou.

E eu me apeguei ao homem que, para o bem ou para o mal, nunca me abandonou.

Até o dia que ele o fez.

— Pres, você está aí?

— Sim.

— Você vai conversar?

— Não.

Ele suspirou. — Eu sinto muito.

A ferida que ele desferiu em mim em junho se abriu. — Você me humilhou.

— Eu esqueci.

— Nosso casamento? — Minha voz falhou e meu temperamento disparou. — Depois de tudo, tudo pelo que passamos, você esqueceu? Porra. — *Agora isso foi bom. Bom demais.*

— Eu não queria me casar.

— Uh, eu percebi isso, — Fervi. — Mas por que não me disse mais cedo? Você sentou e me viu planejar o casamento. Eu comprei um vestido. E você nunca disse uma palavra.

— Eu estava confuso. Eu não...

— Oh, cale a boca. Eu não me importo com seus motivos. Estava errado e você sabe disso. Não importa qual seja sua desculpa, isso nunca apagará o que você fez.

— Pres. — Ele fez uma pausa. — Olha, eu preciso de algo.

Eu zombei. Então era disso que se tratava a ligação. Jeremiah sempre precisava de algo e eu estava cansada de ser a única a dar a ele. — Não.

— Ouça-me.

— Não.

Era como conversar com Shaw. Exceto dizer *não* a Shaw parecia um jogo erótico, uma batalha de vontades para ver se eu conseguia segurar meu coração de pedra contra seu sorriso persuasivo. Dizer não a Jeremiah parecia estar atrasado.

— Tem mais alguma coisa? Estou ocupada. — Meus olhos estavam voltados para a estrada enquanto eu esperava. Eu iria dar a ele cinco segundos e depois desligaria.

Cinco. Quatro. Três.

— Eu preciso do número de telefone de Scarlett. Eu perdi e eu apenas... Preciso disso.

Meu estômago caiu. A alegria que eu tinha, o orgulho na minha espinha dorsal, desapareceu. — Por quê?

— Porque eu quero. Você pode me dar?

— Não.

— Presley. — O tom lamentável em sua voz desapareceu, substituído por um fio de frustração. — Eu preciso do número da Scarlett.

— Por quê? — Eu repeti.

— Você realmente quer saber?

Fechei os olhos, meu coração se partindo mais uma vez como no altar quando pedi às pessoas que levassem seus presentes para casa. — Não. Eu acho que não.

— Então me dê.

— Você sabia que eu a convidei para o casamento? É por isso que não apareceu? Porque estava preocupado que ela estivesse lá? A propósito, ela não estava.

Jeremiah e eu vamos nos casar no dia 1º de junho em Clifton Forge, Montana.

Não houve resposta.

Eu convidei minha irmã porque ela era minha irmã.

Eu mandei uma mensagem para o número que era dela na escola, ironicamente, no telefone que Jeremiah havia comprado para ela. Ele deveria ter se lembrado disso.

Mas talvez não fosse mais o seu número, eu não tinha certeza. Ela nunca me mandou uma mensagem de volta, não depois do texto do casamento ou de qualquer outro que eu enviei a ela, ao longo dos anos.

Eu não falava com minha irmã há dez anos. Meus pais igualmente. No dia em que saí de Chicago, prometi a mim mesma que essa nova vida, *minha vida*, seria de minha própria autoria. Eu tinha dezoito anos e a única maneira de ser forte o suficiente para começar de novo era cortando-os.

Eu me recusava a viver com medo.

Não havia passado um dia em que eu sentisse falta dos meus pais. Nem uma vez eu me arrependi de ter saído sem nem um adeus.

Mas Scarlett, ela era diferente.

Eu pensava nela frequentemente, esperando com todo o meu coração, que se libertasse e encontrasse a felicidade. Eu esperava que ela tivesse encontrado alguém para amá-la, como eu acreditei que Jeremiah me amava.

Ou talvez Jeremiah estivesse apaixonado por Scarlett todos esses anos.

Talvez eu tenha sido a substituta. Talvez, quando chegasse a hora de assumir um compromisso real, ele não era capaz de dizer meu nome em vez do dela.

— Você a ama? — Eu sussurrei. — Ainda?

Ele não respondeu, que era o jeito de Jeremias dizer sim.

— Por que você propôs em primeiro lugar? — Eu queria gritar. *Por quê?* — Nós éramos bons amigos. Por quê?

— Não importa.

— Faz para mim. Por favor, — eu implorei. — Faça uma coisa por mim. Diga-me para que eu possa deixar isso para trás. Você me deve isso e sabe disso.

— Eu não sei. As coisas estavam loucas naquela época. Você saiu. Scarlett e eu terminamos. Eu continuei com minha vida. Então queria ver como você estava.

Jeremiah deixou Chicago cinco anos depois que eu fugi. Ele apareceu em Clifton Forge um dia e fiquei chocada. Ele me disse que precisava de algum espaço de seus pais, sua indiferença e desprezo. Mas como ele nunca tinha trabalhado, claramente eles não lhe deram dinheiro.

Nenhuma das razões importava porque era tão bom vê-lo e ter essa conexão com o passado. Jeremiah era uma fonte constante de luz na minha vida quando adolescente. Ele estava apaixonado por Scarlett, mas era meu amigo. *Meu único amigo de verdade.*

Então o garoto que era meu amigo e meu salvador se tornou o homem que eu amava.

— Por que você deixou Chicago? — Não importava quantas vezes eu perguntasse, Jeremiah nunca me deu uma resposta direta. *Ele estava entediado. Ele estava pronto para uma mudança*. — Foi por causa de Scarlett? Você disse que haviam terminado há muito tempo. Isso é verdade?

— Ela me cortou da vida dela, Presley. Assim como você fez. Exceto que eu sabia que se viesse vê-la, você não bateria a porta na minha cara.

— Então por que você quer falar com ela agora?

— Apenas me dê o número dela e podemos terminar com isso.

Nós terminamos.

Tínhamos terminado desde primeiro de junho.

E provavelmente estávamos condenados desde o início.

— Adeus, Jeremiah. — Encerrei a ligação, segurando o volante e depois peguei minha bolsa. Minhas mãos tremiam quando peguei meu telefone e deslizei através dos meus contatos, parando em seu nome. Meu dedo pairou sobre a tela por uma fração de segundo antes de tocar em *Bloquear*.

Isso nunca foi sobre mim. Sempre foi Scarlett.

Jeremiah e Scarlett.

Quantas vezes eu disse que seus nomes combinavam? Quantas vezes eu disse a mim mesma que, se ela realmente o amasse, também teria partido há dez anos?

Uma lágrima escorregou dos meus olhos. Uma lágrima patética e quebrada.

Ele a amava, depois de todo esse tempo.

Ele não podia se casar comigo quando amava minha irmã gêmea. Nem uma alma em Clifton Forge sabia que Jeremiah tinha sido de Scarlett. Nem é uma alma viva, quer dizer.

Quando apareci em Clifton Forge, tinha 18 anos, sem cartões de crédito e um número de celular. Eu tinha um carro que tinha comprado com o dinheiro que tinha escondido no meu quarto desde que eu tinha dezesseis anos. Tinha custado dois mil dólares e eu não sabia se sobreviveria à viagem de Chicago para Montana.

Eu sobrevivi. Eu tinha dirigido para esta pequena cidade onde um dono de oficina tinha se arriscado, contratando um adulto quase legal depois de uma entrevista por telefone onde eu prometi fazer café e aprender.

Draven Slater salvou minha vida.

Ele me deu os meios para me libertar dos meus pais.

Nunca falei sobre eles, meus pais ou minha irmã. Draven era a única pessoa a saber que Jeremiah tinha tornado possível para eu deixar Chicago.

Aquele carro? Jeremiah tinha encontrado. Ele comprou com meu dinheiro para que meus pais não soubessem. *Esse telefone?* Jeremiah tinha me dado. Ele tinha dado o mesmo tipo à Scarlett.

Ele tentou tanto tirá-la de lá, mas ela recusou.

Eu a deixei para trás.

Essas lágrimas, essa humilhação, eram meu castigo? Essa era a maneira do universo de me lembrar que nunca deveria tê-la deixado em

primeiro lugar? Ou esse era meu castigo por aceitar o que era dela? Exceto que Scarlett havia desistido dele. Talvez ela tivesse se dado conta do verdadeiro Jeremiah, muito antes de mim.

Sequei minhas bochechas e engoli o nó na garganta, depois liguei o Jeep e segui para a estrada. Não importava como as coisas se desenrolavam no final, eu sentia falta da minha irmã.

Havia dias em que eu estava tão sozinha, como agora, e desejava poder contar a ela sobre o meu dia. Eu gostaria de poder ter um dos seus abraços.

Os caras da oficina sempre estavam me provocando por ser uma abraçadora, mas eu não tinha nada como com Scarlett. Seus abraços eram mágicos. Eles me salvaram nos dias terríveis. Eles impediram meu mundo de ficar preto.

Virei à direita no meu tranquilo beco sem saída, esperando ver um garoto do bairro andando de bicicleta ou a garotinha do outro lado da rua brincando na piscina infantil, como fazia todas as noites, a mãe observando nos degraus da frente.

Em vez disso, um enorme caminhão em movimento amarelo estava estacionado em frente à casa ao lado, bloqueando a vista para a minha garagem.

Tinham vendido? Quando? Os proprietários finalmente desistiram e decidiram alugá-lo?

A casa do vizinho estava à venda há meses. Eu já havia pensado em comprar antes de Jeremiah se mudar para Ashton. Eu

não queria ser inquilina por toda a vida e adorava minha rua minúscula.

Droga. Eu tinha perdido a minha chance. A casa amarela, brilhante e alegre, agora pertencia a outra pessoa. Meu ânimo despencou quando entrei na garagem. Normalmente, iria me apresentar, mas não estava com disposição. Não precisava fingir um sorriso agora.

Iria entrar, descarregar minhas compras e pedir uma pizza.

Cozinha de contorcionista.

Fui para a traseira do Jeep e enrolei as alças dos sacos de papel nas palmas das mãos. Passos ecoaram ao lado enquanto pegava as minhas compras, um moço sentado no banco do motorista da van, dirigindo.

— Senhorita. — Ele acenou um chapéu invisível.

Eu sempre era tratada como senhorita.

Não importava que eu tivesse, provavelmente, cinco ou seis anos a mais do que aquele garoto, seria uma *senhorita.* As pessoas me viam como criança.

Eu o ignorei e terminei de descarregar minhas sacolas. Minhas mãos estavam cheias e tive de fechar o Jeep com meu cotovelo, enquanto o caminhão se afastava, seu motor à diesel roncando por todo o quarteirão.

Foram necessários três passos para eu notar meu novo vizinho.

Ele estava no topo da escada. Quatro degraus, para ser exata, idênticas aos quatro que levavam à pequena varanda da minha porta da frente. Nossas casas eram idênticas por fora, exceto pela cor. A minha era de um azul pálido, tão claro que era praticamente branco. A dele era da cor de um pintinho fofo.

Shaw levantou a mão. — Ei, vizinha.

Capítulo sete

Shaw

Minha corretora teria ganho uma comissão maior se ela tivesse mencionado que a mulher que morava ao lado era Presley Marks.

—Isso não é uma surpresa?

— Isso? — Presley perguntou, franzindo a testa enquanto eu descia meus degraus e atravessava o gramado, encontrando-a em sua garagem. Ela levantou uma sobrancelha loira escura. —Porque parece perseguição.

Eu ri. —Eu juro que não tinha ideia de que você morava ao lado.

Mas que bônus.

Eu não teria que inventar desculpas para passar na garagem para vê-la. Ela poderia rasgar a renúncia do seguro em pedaços. Presley tinha que saber que eu não dava a mínima para a moto que eles estavam construindo para mim.

—Você comprou essa casa?

—Sim. — Peguei as sacolas que ela tinha nas mãos. —Aqui, deixe-me ajudar.

Ela se afastou. — Pode deixar.

— Vamos. — Eu dei um passo à frente e ela deu um passo para trás. *Espere, ela realmente achava que eu a estava perseguindo?* — Só estou tentando ajudar. Quero dizer, provavelmente vou começar a

escrever sua agenda diária para garantir que nossos caminhos se cruzem pelo menos uma vez por dia. Mas isso é normal, certo? Para perseguidores?

— Você está sendo engraçado?

Meu sorriso se achatou. — Eu acho que não.

Presley deu um grande passo em minha volta, erguendo as sacolas mais altas enquanto caminhava em direção a sua varanda.

Eu a alcancei com um longo passo e deslizei minha mão pelas alças de suas sacolas de papel, roubando-as de suas garras.

— Ei. — Ela me lançou um olhar.

— Deixe-me ajudar antes que você desloque um ombro. — *Mulher teimosa*. — Se você quer retribuir o favor de boa vizinhança, tenho cerca de cinquenta caixas para desfazer.

Ela subiu dois degraus, passando as sacolas para a mão agora livre para equilibrar o peso, depois se virou e nivelou seu olhar com o meu. — Eu não vou sair com você, nem para jantar, ou como quiser.

— Eu perguntei de novo?

Ela revirou os olhos.

— Posso ajudá-la a levar esses mantimentos para dentro? Ou você gostaria de ficar aqui fora a noite toda? Porque eu realmente preciso desfazer as malas. — Eu precisava desenterrar os lençóis da minha cama e as toalhas do meu banheiro.

Ela resmungou algo baixinho e subiu o resto da escada, tirando as chaves de um bolso da calça jeans cáqui mais larga que eu

já tinha visto na vida. Provavelmente caberiam em mim, exceto que as bainhas foram cortadas para acomodar suas pernas mais curtas.

As calças estavam presas, enroladas até a metade das panturrilhas. Essas calças horríveis não permitiam nenhum indício da curva de seus quadris ou do formato de sua bunda. Exceto que não era estranhamente horrível e ligeiramente sexy, porque era apertada por um cinto vermelho, em seu cós baixo, destacando seu físico esbelto.

Um puxão naquele cinto e as calças acumulariam em seus pés. É por isso que era sexy. Estava pedindo, implorando para ser aberta.

A regata cinza de Presley era fina e justa e, infelizmente, cobria as alças do sutiã. *Era vermelho para combinar com o cinto?* Minha imaginação disparou como um velocista desde os blocos iniciais.

Que seja o vermelho mordendo a pele lisa de seus ombros.

—Como foi o seu dia? — Eu perguntei enquanto ela destrancava a porta da frente, precisando de uma distração antes de tocar a pele nua de seu braço.

Ela rosnou.

—Isso é bom?

— Estou pronta para que acabe. — Ela empurrou para dentro de sua casa e acendeu uma luz, iluminando a entrada enquanto caminhava pelo curto corredor e se voltava para a cozinha.

—Você já foi na casa ao lado? — Eu perguntei, seguindo-a até a cozinha e colocando as sacolas no balcão.

—Não. Por quê?

— Tudo é oposto. Minha cozinha fica do outro lado da casa, o que significa que as janelas do nosso quarto estão voltadas uma para a outra.

Ela me deu um olhar de soslaio. — Vou ouvi-lo gemer o nome de uma mulher no meio da noite? Porque se assim for, precisarei comprar novos protetores de ouvido.

Coloquei uma mão no meu coração, fingindo estar insultado. — Você acha que eu gemo? Como você pôde? Depois de tudo o que passamos, você me degrada. Estou magoado.

Isso me rendeu uma curvatura labial quando ela começou a descarregar as compras.

Eu não tinha vontade de trazer nenhuma mulher para minha casa, a menos que o seu nome rimasse com Wesley e o seu sobrenome parecesse muito com cotovia[4].

Cada minuto que passava com ela me intrigava mais. Presley raramente fazia o que eu esperava, e para um cara que era bastante bom em antecipar as reações de outras pessoas, era revigorante.

Eu mergulhei nas sacolas que trouxe para dentro, tirando um pão e um saco de cenouras. Em seguida, outro saco de cenouras. E outro saco de cenouras. —Você tem coelhos?

—Não. —Suas bochechas coraram quando ela roubou uma sacola da minha mão. — Eu só gosto de cenouras.

—Quanto tempo você vai levar para passar por tudo isso?

[4] Ave cinzenta e pequena, da família dos alaudídeos, principalmente a Alauda arvensis, que se caracteriza pelo canto melodioso, por possuir um bico longo e por construir seus ninhos no chão.

Ela deu de ombros e abriu a porta da geladeira. — Eu não sei. Uma semana?

— Uma semana? — Meus olhos se arregalaram. — Isso é mais cenoura do que como em um ano.

— Cenouras são boas para você. São boas para a sua visão.

— E eles deixam sua pele alaranjada. Você se daria bem com uma das minhas sobrinhas. Ela costumava adorar cenouras quando era bebê. Era tudo o que comia, cenouras daqueles potinhos de vidro. Até que um dia eu fui visitá-la e sua pele estava alaranjada. Minha irmã teve que limitar as cenouras a partir de então.

— Eu como muitas cenouras regularmente. Eu estou alaranjada? — Ela acenou com a mão para cima e para baixo em seu corpo.

— Não, você não. — Não era alaranjada, mas ela parecia deliciosa. Minha boca encheu d'água, imaginando seu gosto. Aposto que ela era doce, e aquela boca atrevida teria um sabor melhor que o mel.

Meu olhar se concentrou em seus lábios, tão suave e o tom perfeito de rosa pálido. Eu seria capaz de cobri-los com a boca, sugá-los até que estivessem em um tom de vermelho.

A respiração de Presley parou e ela se virou, correndo para descarregar outra bolsa como se tivesse ouvido meus pensamentos.

Virei as costas para ela, me escondendo enquanto fazia um rápido ajuste no meu pau. Entre a atitude que ela expressou e o corpo firme, estar perto dela exigia cada vez mais restrições.

Ela também sentiu essa tensão atormentada? Ela tinha alguma ideia do quanto eu queria empurrar as compras no chão, colocá-la em cima de um balcão e tomar aquela boca doce?

Eu respirei fundo pelo nariz, domando minha excitação antes que ela saísse de controle. Se eu não parasse de imaginar Presley nua, teria que trabalhar meu tesão em casa. Do jeito que estava, eu tomaria um banho frio.

Eu realmente precisava encontrar as toalhas.

Atrás de mim, Presley vasculhou as sacolas, abrindo e fechando os armários enquanto guardava suas compras. — Então, o que você está fazendo aqui?

— Ajudando a descarregar as compras.

— Aqui não. Me refiro a casa ao lado. Pensei que você estivesse no Evergreen.

— Eu estava. — Entreguei-lhe o pão. — Os hotéis são bons para filmagens curtas, mas ficarei aqui por muito tempo para ficar apertado em um quarto individual. Alguém mais pode comprar essa casa. De qualquer maneira, eu precisava de mais espaço e não queria pegar um trailer. Além disso, o setor imobiliário é um bom investimento e a casa era barata.

— Barata? — Ela ficou rígida. — Ter aquela casa levaria vinte anos para pagar. Não é barata.

Merda. Algum dia, eu teria uma conversa com essa mulher em que não conseguisse irritá-la.

— Eu sinto muito. — Eu levantei uma mão. — Admito que minha perspectiva de dinheiro está distorcida.

Eu também tinha que me vigiar em torno da minha família. Em mais de uma ocasião, eu enfiei os pés pelas mãos, quando se tratava de riqueza. Meus pais e minhas irmãs estavam orgulhosos do meu sucesso, mas não queriam esmolas.

Eu me ofereci para comprar um carro novo para minha mãe. Ela me informou que poderia comprar seu próprio veículo, muito obrigado. Eu exagerei com os presentes de Natal alguns anos atrás, comprando uma pulseira de diamantes para cada uma das minhas irmãs.

Elas foram gentis, mas Matine me puxou de lado mais tarde e disse que os presentes eram demais. Aparentemente, os diamantes tornavam as coisas estranhas. Então, no ano passado, comprei uma cafeteira nova para cada uma.

No ano anterior, chinelos e uma massagem.

O único presente extravagante que consegui arranjar nos últimos anos foi fazer com que minhas irmãs e cunhados me deixassem pagar pelos estudos universitários de minhas sobrinhas.

Agora que estava conhecendo Presley, vi esse mesmo tipo de orgulho. Minha riqueza não tinha apelo.

Inferno, provavelmente estava trabalhando contra mim.

Aquele golpe de cartão de crédito no primeiro dia que a conheci foi definitivamente uma má jogada.

Presley não olhou para mim enquanto dobrava os sacos de papel em uma pilha limpa.

— Na verdade, eu não quis ofender, — eu disse. — Estarei em Clifton Forge por um tempo e queria um lugar meu. É uma casa muito agradável, assim como a sua.

Seus ombros relaxaram e ela encontrou meu olhar. —Quanto tempo você vai ficar aqui?

—Estamos em um cronograma agressivo de filmagem, mas estamos tentando ser autênticos — sua palavra favorita — então, filmaremos a maioria das cenas no local. Agora, projetamos oito semanas no total. Já se passaram duas, faltarão seis se continuarmos no caminho certo.

—Então o quê? — Perguntou ela. —Espere, você não vai ficar aqui, vai?

— Não. — Eu ri do pânico em sua voz. — Eu estarei fora de seu controle assim que terminarmos aqui. Vamos voltar para a Califórnia e gravar algumas cenas no set. O filme entrará em pós-produção. Faremos edições, retomadas e som. No momento em que realmente começarmos a comercializar o filme, você terá se esquecido completamente de mim.

Ela acenou com a cabeça enquanto eu falava, embora pudesse dizer que ela não tinha ideia do que qualquer um dos termos do

filme significava. Muitos não sabiam, a menos que fizessem parte do mundo de Hollywood.

Eu fiz a mesma coisa quando Isaiah me mostrou o projeto da moto personalizada. Ele nomeou peças das quais eu nunca tinha ouvido falar e, além do assento, guidão, tanque de gasolina e rodas, não entendi como as peças se encaixam.

Meu olhar vazio provavelmente parecia muito com o de Presley no momento.

Quando comecei a atuar, eu estava uma bagunça, indo para o lado errado, ficando na marca errada, olhando para a câmera. Meu primeiro filme foi um curso intensivo e, felizmente, tive uma boa tutora em Laurelin, minha empresária.

Ela desistiu de atuar para se tornar uma gerente e me colocou sob sua proteção. O mesmo aconteceu com o produtor, o diretor, o elenco e os membros da equipe. Nem uma única pessoa naquele set tinha se importado quando eu estraguei tudo no início. Depois desse projeto, entrei no próximo mais confiante e evidenciado na tela.

— Você mora aqui há muito tempo? — Eu perguntei, mudando de assunto.

Se continuássemos nesse caminho, eu temia que começássemos a conversar sobre o filme, mas estava guardando para sexta-feira.

Eu não iria me desviar do plano.

Assim que terminássemos de discutir *Dark Paradise*, eu teria que inventar outra desculpa para passar um tempo com Presley. Isso me comprou alguns dias.

— Quase dez anos, — ela respondeu.

— Dez? — Presley não tinha idade suficiente para viver aqui por tanto tempo. — Você cresceu nesta casa ou algo assim?

— Eu me mudei quando tinha dezoito anos. Aluguei o quarto de hóspedes da dona do lugar. Ela procurava uma colega de quarto para cuidar do lugar enquanto estava fora, porque trabalhava na ferrovia e viajava muito. Então, eu cuidava do gato dela e verificava se a casa estava limpa. Quando se mudou, alguns anos depois, ela estava vendendo, mas perguntei se eu poderia alugá-la.

— Então você tem 28 anos? — Ela não parecia ter 28 anos.

— Vinte e sete. Meu aniversário é em agosto. Você?

— Trinta e quatro.

Presley atravessou a cozinha, passando por mim. Eu a segui, parando ao seu lado enquanto ela olhava pela entrada da porta da frente. — Obrigada pela ajuda.

— Sem problemas. Tem certeza de que não posso convencê-la a ajudar a desfazer as caixas?

— Eu já tive o suficiente de desfazer as malas por um tempo, — ela murmurou.

— Hã? — *Ela não morava aqui há dez anos?*

— Nada. — Ela me dispensou e olhou mais uma vez para a porta.

Mas ela não iria se livrar de mim tão facilmente. Passei por ela e entrei na sala de estar, ignorando o resmungo que saiu de sua boca.

— Sem fotos? — Peguei uma moldura vazia de uma mesa ao lado do sofá.

— Não. — Ela puxou-o da minha mão, colocando-o de costas.

Fui até a TV, agachando-me para examinar a fileira de filmes empilhados ordenadamente nas prateleiras do estande. — Eu não teria apontado você como uma fã de terror.

— Eu não sou, — ela murmurou. — Aqueles não são meus.

— Oh, você tem um companheiro de quarto?

— Não mais.

Aquele tom distante que eu recebi no primeiro dia na oficina estava de volta. Eu me levantei, o calafrio na sua voz deixou os pelos em meus braços em pé. *O que eu estava perdendo? Que foto havia naquele quadro? Quem deixou os filmes Jogos Mortais para trás?*

Ela bateu o pé no chão, lembrando-me que era hora de sair.

Eu também ignorei isso e continuei procurando pistas.

Quando eu era policial, entrava em uma sala e catalogava tudo no primeiro minuto. Eu deixei esse hábito desde que mudei de carreira, e demorei mais do que na época para descobrir os detalhes na casa de Presley.

A moldura vazia. A revista People virada de cabeça para baixo na mesa de café. A almofada no lado esquerdo do sofá de couro que parecia um pouco mais gasta do que qualquer outro assento.

Havia uma fileira inteira de fotografias penduradas em uma parede e me movi para ver mais de perto. A maior do centro era de Presley e Draven. Ele tinha o braço em sua volta e a bochecha curvada, pressionando em seu cabelo. Ela estava abraçando sua cintura e sorrindo largamente.

— Vocês dois eram próximos.

— Muito. — Havia saudade em sua voz. *Melancolia.* Ela se juntou a mim na frente da foto, encarando-a com força, como se estivesse desejando poder entrar e voltar a esse momento.

Essa mesma nostalgia me atingia sempre que me via de uniforme, de pé, ao lado do meu pai vestindo o mesmo. Houve dias em que desejei que pudéssemos saltar para o passado, reviver os momentos em que ele era meu herói e a noção de desistir da Força Policial por alguns filmes de ação nos faria rir histericamente.

Quanto mais ela olhava para Draven, mais começava a afundar. A defesa de Presley de seu caráter. Seus lembretes constantes de que ele era um bom homem.

Draven era uma figura paterna para ela.

Ela queria ser filha dele.

Ela desviou o olhar da foto. — É melhor você ir.

— Ok. — Não haveria como derrubar esse seu muro hoje à noite. — Ainda estamos combinados para sexta-feira?

Ela assentiu e me levou até a porta, com a coluna rígida e os ombros presos quando a abriu.

Eu segui, mas não saí. Em vez disso, encostei-me na moldura e deixei o ar quente passar por nós dois. — Não sei em que caixa meus pratos estão.

— Provavelmente aquela marcada pratos.

Eu sorri. Tudo nas caixas era novo em folha. Eu duvidava que houvesse muitos itens rotulados. — Vou pedir pizza. Quer compartilhar?

— Vou comer aqui esta noite.

— Está certo. Você tem todas as suas cenouras.

— Eu tenho olhos ruins, — ela retrucou. Com certeza era divertido irritá-la. — Quando eu era criança, o oftalmologista me avisou que eu provavelmente precisaria de óculos. Eu não queria óculos porque a menor aluna da primeira série quer se destacar mais do que ela já faz? Então eu comi uma tonelada de cenouras. Eu ainda tinha que pegar óculos, mas...

— As cenouras ficaram grudadas.

Ela assentiu.

— Você usa óculos?

Ela assentiu novamente.

Aposto que óculos só aumentariam seus olhos azuis. Ficariam sexy na fina ponte do seu nariz. Acentuavam a delicadeza de seu queixo. Eu teria que vir uma noite, surpreendê-la com algo de vizinho, talvez bolo de cenoura, apenas para ver se eu podia pegá-la de óculos.

— O que mais você gosta de comer?

— Vá embora, Shaw.

Eu ri, mas não me movi. — Conte-me.

— Por quê?

— Porque eu quero saber mais sobre você.

— Você vai embora em seis semanas. Isso não parece esforço desperdiçado?

— De modo nenhum. — Essas perguntas pareciam algumas das melhores que eu fiz em muito, muito tempo.

— Eu gosto de massas. E pão. E batatas fritas. E cereal. E todas as coisas que vêm em uma caixa, porque mesmo que sejam ruins para você, eu as amo mesmo assim.

— Uma caixa? Como uma caixa de pizza? Porque eu vou pedir pizza para o jantar hoje à noite. Quer um pouco?

— Você é impossível. Vá para casa. — Ela plantou uma de suas mãos delicadas no meu braço e me deu um empurrão não muito delicado.

Eu não me mexi.

Ela rosnou.

— Bem. — Empurrei a porta e pisquei enquanto descia os degraus.

Não apressei meus passos, mas mantive meus olhos para a frente, esperando o som de sua porta se fechando. Quando cheguei à entrada, ainda não tinha ouvido, então olhei para trás.

E porra, *sim*, os olhos de Presley dispararam da minha bunda.

Ela podia fingir que não gostava de mim tudo o que queria, mas nós dois sabíamos que havia algo aqui. Algo que valia a pena explorar por seis semanas.

Que conveniente, já que Presley era minha nova vizinha.

Assobiei quando atravessei o quintal e acenei para a mulher do outro lado da rua, observando a filha brincar em uma piscina infantil.

Caramba, eu amei minha nova casa amarela.

Capítulo Oito

Presley

Sextas-feiras eram os meus dias menos favoritos da semana.

Dash não trabalhava às sextas-feiras, a menos que tivesse atrasado. Ele dedicava longos dias no início da semana para que pudesse passar as sextas-feiras com Bryce e seus filhos. Emmett e Leo adoravam sair cedo e começar sua festa de fim de semana. Quando ele morava aqui antes, Isaiah costumava ficar por perto para o caso de aparecer um cliente de última hora, mas agora que tínhamos os outros mecânicos, ele saiu mais cedo também.

E sem Draven, isso me deixava sozinha no escritório, observando o relógio marcar cinco horas. As horas mais lentas da semana aconteciam nas tardes de sexta-feira.

Mas não hoje. Eu mal podia esperar por esta sexta-feira.

Eu dirigi esta manhã para o trabalho, nervosa, e ainda não tinha passado. Não tinha ideia de que horas Shaw chegaria ao Escritório, mas quando aparecesse, eu estaria pronta. Adiantei meu trabalho nos últimos dias, preparando-me para que, quando estivesse aqui, meu expediente teria terminado e seria toda ouvidos.

Minha xícara de chá da tarde estava fumegante. Meu pé saltou no chão. Eu ficaria uma bagunça se Shaw me fizesse esperar até as cinco.

Ele não fez.

Às três e dez, seu SUV reluzente entrou no estacionamento.

— Ei. — Ele entrou no escritório e tirou os óculos escuros do rosto.

— Ei, — eu respirei, o ar dos meus pulmões roubados pelo corte quadrado de sua mandíbula e seus olhos brilhantes.

O homem era bonito para se distrair.

Eu não via muito Shaw desde a noite em que ele me ajudou a descarregar as compras em minha casa. Seu veículo desaparecia frequentemente quando eu chegava em casa do trabalho.

Eu fiz o meu melhor para não observar.

Segui minha rotina normal e vivi como se a casa estivesse vazia. Não checava as janelas quando ouvia um carro passar. Não desligava a televisão à noite para ouvir a batida da sua porta. Uma estrela de cinema pode morar ao lado, mas eu me recusava a tratá-lo de maneira diferente do que qualquer outro vizinho.

Eu respeitava muito sua privacidade.

Exceto...

Então as noites vieram. Eu me retirava para o meu quarto e vestia meu pijama. Eu me acomodava embaixo das cobertas e afofava o travesseiro. Mas, em vez de fechar as cortinas como eu fazia há anos, eu as deixava abertas. Eu abria a janela.

Somente quando a luz da janela do quarto brilhava através da extensão entre nossas casas, brilhando no meu quarto, eu conseguia relaxar e dormir. Eu tinha dificuldade em adormecer sempre que ele

saía à noite, porque havia muitas perguntas passando pela minha mente.

Estava trabalhando? O que fez no jantar? Ele estava com uma mulher?

As horas noturnas eram as únicas em que eu parecia incapaz de controlar minha obsessão por Shaw Valance.

— Você gostaria de um pouco de café ou água? — Eu perguntei.

Ele me olhou de lado, como se não confiasse na sinceridade da minha oferta. Para ser sincera, foi a primeira vez que o cumprimentei sem olhar. — Água, mas eu pego.

— Está lá dentro. — Apontei para a sala de espera e enchi os meus pulmões, enquanto ele desaparecia para encher um copo.

Meu pé, que estava segurando firmemente no chão, começou a balançar. Meus membros pareciam soltos e incontroláveis. A eletricidade entre nós, a antecipação dessa discussão, era enervante.

Shaw me perturbava com seu olhar brilhante e perdia o controle do meu juízo. Quanto mais tempo passávamos perto um do outro, mais difícil era manter a fachada gelada.

Era um milagre que eu consegui expulsá-lo da minha casa na terça-feira. Ele era engraçado. Ele é divertido e gentil. *Como eu deveria lidar com uma charmosa estrela de cinema parada na minha cozinha?* Quando me abaixei para colocar minhas cenouras na geladeira, fiquei parada dentro da porta, esperando que o frio me esfriasse.

O homem entrava em uma sala e a temperatura disparava. Não era de admirar que ele estivesse me derretendo em uma poça.

Shaw surgiu, com um copo de água na mão. O jeito que ele andava era assim... *Gracioso. Viril.* Seus quadris balançavam com confiança, como se cada passo fosse premeditado. Ele sabia exatamente onde colocar o pé para fazer a perna parecer o maior tempo possível. Ele sabia como destacar a curva perfeita de sua bunda e chamar a atenção para o zíper.

Quando ele se sentou, os músculos de seus ombros e braços se contraíram, mostrando a definição entre as mangas de sua camisa.

Eu estava tão acostumada a ver homens em camisetas, braços protuberantes cobertos de tatuagens em exibição. Os botões e as mangas enroladas de Shaw escondiam a maior parte de seus bíceps, sugerindo o que eu sabia ser um músculo sexy por baixo.

Colocou a água na mesa e o algodão macio esticou, revelando a definição de seu bíceps. Desapareceu quando ele se recostou, colocando as mãos nos braços, fazendo seus ombros parecerem impossivelmente largos.

— Então por onde começamos? — Ele perguntou.

Certo. Iríamos conversar sobre o filme. Afastei meus olhos da sua camisa e dei de ombros. — É o seu filme.

— Então, o começo.

Eu me mexi na minha cadeira, rolando-a um centímetro ou dois até que ele estivesse diretamente na minha frente e suas palavras me atingissem diretamente. — Ok.

— Começa com o assassinato. A cena é toda sobre Amina, e não é bonita.

Então, não importa o que ela dissesse, eu não deixaria Genevieve ver esse filme. Eu sabia que Isaiah estaria comigo também. —Isso mostra Marcus?

Shaw balançou a cabeça. — Você não sabe que ele a matou até perto do fim. É apenas Amina, com os olhos voltados para o teto e uma gota de sangue saindo da boca.

Talvez eu também não iria ver esse filme. Eu estava debatendo se iria ou não, mas estava inclinada a não. — Quem interpretará Amina?

— Dacia French.

— Oh. — *Eles não estavam economizando no elenco, estavam?* Se Shaw era um dos atores mais notáveis e requisitados de Hollywood, Dacia French era sua contraparte feminina. Ela era tão bonita e cativante na tela quanto Shaw.

Eu reconheci Dacia em uma das fotos com Shaw na internet. *Eles já foram um casal, não foram? Eles ainda eram? Ela estava na cidade?* Eu não tinha ouvido falar, mas fiel à minha promessa, eu estava evitando todas as fofocas.

Isso não importava. Ela iria embora, como Shaw, antes do inverno. —O que acontece depois?

— Na manhã seguinte, Marcus chega em cena no hotel, — disse Shaw sem hesitar. Ele estava confiando em mim com isso. Eu sabia que era confidencial e ele estava violando uma regra, mas ele continuou falando assim mesmo. — Ele examina o corpo e inicia a investigação. Ele descobre que Draven esteve lá na noite anterior. Ele anda pela propriedade e encontra a faca em um campo. Ele se agacha e tira uma bolsa de provas do bolso. Ele pega a faca e vê o nome de Draven gravado na lateral.

— Comprei essa faca para ele. No Natal. — Eu virei meu olhar para a janela. — Gostaria de ter comprado meias para ele.

— Escute, se isso é muito difícil...

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Continue.

— Marcus se junta aos policiais na sala. Dizem que o nome da vítima é Amina Daylee. Ele diz que a conheceu uma vez, há muito tempo. Em seguida, ele pisca, relembrando o tempo que eles se conheceram, quando crianças. É assim que o filme inteiro vai. Isso segue sua investigação na época, mas volta no tempo.

— Como eles se conheceram? No filme? — Eu sabia como eles se conheceram na vida real. Marcus foi vizinho de Amina. Quando ela se mudou para a cidade, ele morava ao lado, embora alguns anos mais jovem.

— Como vizinhos. — Ele levantou uma sobrancelha. — Como estou indo até agora?

— Até agora você é *autêntico*.

Ele riu. — Essa era uma palavra tão boa antes de conhecê-la.

— Continue.

— A próxima cena é ele prendendo Draven.

— Onde? — Eu estava aqui no dia em que Marcus e dois policiais vieram e prenderam Draven. Todos nós estávamos aqui.

— Em uma oficina.

— Qual oficina?

— Uma fictícia em LA. Nenhum de nós queria tentar filmar cenas aqui.

Portanto, eles não foram completamente insensíveis a nós ou ao filme. — Obrigada por isso.

Eu teria que ser a única a dizer não, porque atendi os telefones e teria atendido.

— A próxima cena é em uma sala de interrogatório. Também estamos fazendo isso em LA. Então é outra lembrança de Marcus e Amina voltando da escola um dia. Eles são amigos. E quando ele volta para o seu escritório, ele fica triste por ela ter sumido.

Marcus provavelmente estava triste. Talvez estivesse com raiva. Talvez estivesse com o coração partido. Mas, no que me dizia respeito, ele não sentiu nada por Amina além de vergonha. — Viu? Agora você está me deixando louca. O espectador vai simpatizar com ele.

— Provavelmente, — admitiu Shaw. — Se estiver fazendo meu trabalho direito. A próxima cena é ele no telefone com Genevieve. Ela liga para descobrir sobre a investigação, ele promete obter justiça para a sua mãe e ela chora. É difícil para ele ouvir.

Meus molares moeram juntos. — Ninguém deve se sentir mal por Marcus Wagner. Eu odeio isso.

Eu entendi o que eles estavam fazendo. A plateia ficaria chocada. Eles voltavam para casa do cinema com grãos de pipoca presos nos dentes e se perguntavam se haviam perdido uma dica ou placa no início do filme.

Maldita Hollywood.

— Eu sei, apenas... Acompanhe-me. — Os olhos suplicantes de Shaw me fizeram fechar a boca. — A próxima cena é uma do passado. Marcus chega à oficina para fazer perguntas a Draven sobre um cara que foi espancado em um bar. Marcus acha que foi Draven ou alguém de seu clube. Claro, Draven sabe quem fez isso, mas é presunçoso. Ele não diz nada de incriminador e Marcus não tem escolha a não ser deixar passar.

Eles mostravam Draven como o bandido e Marcus como o policial que parecia incapaz de matar um criminoso.

A parte mais irritante era que Shaw não estava errado.

Draven nem sempre foi um cidadão honesto. Mesmo após a dissolução do clube, houve algumas atividades questionáveis. Mas fiquei de boca fechada sobre muitas coisas que tinha visto acontecer ou comentários que ouvi nos meus anos trabalhando aqui.

— Está errado? — Shaw perguntou.

— Continue. — Era a única resposta que ele receberia.

— A próxima cena está no presente novamente. Marcus está conversando com o promotor sobre o caso. Ele está... *Animado.* Hesitante.

— Porque ele tinha provas contra Draven antes, mas não tinha conseguido fazê-las durar.

— Exatamente. — Shaw assentiu. — Então ele pisca novamente. Há mais três vezes em que ele enfrenta Draven e sai perdedor.

Draven seria o criminoso presunçoso e intocável. E de certa forma, era exatamente quem ele era. As pessoas gravitaram em direção a Draven por causa de sua confiança. *O seu poder.* Ele era um líder natural com uma mente afiada e uma atitude objetiva.

Você o amava ferozmente.

Ou o odiava com igual paixão.

Dash era assim até certo ponto, embora Bryce e os meninos o tivessem amadurecido ao longo dos anos. Todos nós ficamos tranquilos depois que os Gypsies fecharam as portas do moto clube.

— Há uma cena em que Marcus é o mentor de um jovem policial, — disse Shaw. — Outro onde ele discorda de Luke.

— Luke está nisso?

— Sim. Ele é o herói.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Genevieve é a heroína.

— Verdade. — Ele tomou um gole de água. — Luke e Marcus não concordam com um caso de roubo. Esse garoto invade uma loja

e Marcus quer deixa-lo com um aviso porque ele joga golfe com o seu pai. Luke argumenta que, como o garoto tinha 21 anos e estava bêbado na época, ele não merece uma oportunidade. É a primeira vez que você questiona Marcus como policial.

— Ótimo. — Talvez essa história fosse verdadeira. Talvez não fosse. Mas estava na hora de começar a criar algumas dúvidas sobre o próprio Marcus.

— As cenas depois disso saltam para a linha do tempo atual. Draven foi preso, mas está sob fiança. Genevieve mudou-se para a cidade. Ela veio porque quer investigar o assassinato de sua mãe, mas depois descobre que é filha de Draven. Embora sua história seja mostrada da perspectiva de Marcus. Ele sai para jantar com a esposa e ouve um boato. Ele está chateado. Ele gosta de Genevieve e sente que ela está no outro time.

— Porque ela estava. — A determinação de Genevieve em encontrar o assassino de sua mãe foi a razão pela qual Marcus estava na prisão.

Embora Shaw entendesse errado o motivo de ter se mudado para Clifton Forge, mas como essa verdade era conhecida apenas por um punhado de pessoas, isso não foi surpresa.

Genevieve não se mudou para cá para acompanhar à investigação. Ela veio aqui para ver o túmulo de sua mãe e foi sequestrada junto com Bryce. Levaram um ano para descobrir que Marcus era o sequestrador.

Ainda assim, nunca havia sido divulgado publicamente. Esse era um dos poucos segredos de Tin Gypsy que eu conhecia.

No dia do sequestro, eu vim para o trabalho e todo o lugar foi abandonado. Tentei ligar para Dash e Draven sem sorte e soube instantaneamente que algo ruim havia acontecido.

Então, fiz o que sempre fiz: Cuidei dos negócios.

Eu avisei de que havia uma emergência familiar e remarquei os compromissos. Então, eu esperei, esperançosa de que todos ficassem bem.

Deus, que ano tinha sido.

O ano da morte. Tudo começou com o assassinato de Amina, depois o sequestro e o suicídio de Draven.

Todos nós estávamos com medo e no limite. Houve um assassino em geral. Os Warriors estavam ameaçando retaliar a morte de um de seus membros, suspeitavam que seu homem foi morto por um ex Tin Gypsy.

Todo mundo estava estressado. Bryce estava grávida de Xander, e Dash não a deixou fora de vista. Bryce costumava entrar e trabalhar aqui todos os dias porque Dash não a deixava no jornal.

Foi um ano tão miserável, mas todos nós nos tornamos mais próximos por sobrevivermos juntos.

— Temos mais lembranças, — Shaw falou, sua voz suave me puxando para o presente. — Marcus encontra Amina em Bozeman. Ele a convida para sair e eles começam a namorar.

— Você mostra que ela sabe que ele é casado?

Shaw balançou a cabeça. — Ele nunca diz a ela. Em uma cena, ele está tirando o anel de casamento antes de encontrá-la.

Graças a Deus.

Nenhum de nós sabia se Amina sabia que Marcus era casado quando eles começaram a namorar. De acordo com Genevieve, sua mãe não tinha falado muito sobre o homem que ela chamava de Lee, um apelido de quando Marcus e Amina eram crianças. Talvez Amina soubesse que Marcus era casado. Talvez ele tenha prometido a ela que estava deixando sua esposa. Ou talvez ele a tenha escondido, junto com tantas outras coisas.

Pelo bem de Genevieve, para proteger a memória de sua mãe, fingi que Marcus mentiu.

— Marcus esconde Amina e o caso de sua esposa. Ele desaparece em meio a telefonemas e finais de semana para visitá-la. Começa a beber mais. Não está tão focado no trabalho, minha maquiagem no filme fica cada vez mais abatida.

— Ele está se tornando o vilão.

— Isso mesmo. — Shaw assentiu. — Eu disse que chegaríamos lá.

Eu dei a ele um pequeno sorriso. — Contanto que o público o odeie tanto quanto eu odeio, quando eles saírem, estamos bem.

— Eu farei o meu melhor.

— Como termina? — Precisávamos pular adiante. Em algum momento, eu tinha certeza de que haveria uma cena para a morte de Draven. Era mais uma razão que ver este filme provavelmente não

seria bom para o meu estado mental. Se eu não pudesse ouvir Shaw me dando a versão CliffsNotes, duvido que seria capaz de assistir a versão ficcional.

Shaw me animou. — Genevieve encontra uma imagem nas coisas de Amina sobre Marcus. Novamente, é da perspectiva dele, mas ela leva para a casa dele uma noite. Ela pergunta a ele sobre isso. E tudo se encaixa. Ele se desfaz ao seu redor quando ela o acusa de ter matado a sua mãe.

Quão difícil foi para Genevieve ir à casa dele? Não havia uma foto, mas ela foi a única a juntar as peças, Shaw tinha esse direito. Genevieve era a única pessoa capaz de fazer justiça a Draven e Amina.

Ela fez isso por eles. Por ela mesma. Por todos nós.

— Você vai usar seus nomes verdadeiros?

—De Marcus, — Shaw disse gentilmente. — A maioria dos outros foi alterada. Eu apenas pensei que seria mais fácil se referir a eles como os nomes que você conhece.

— Obrigada. Pelos nomes. Por falar sobre isso.

— De nada.

A explicação, embora útil, não facilitava a aceitação deste projeto. Shaw estava tentando me ajudar a encontrar paz com o filme, mas... *Não estava lá.*

Eu não queria que esse filme acontecesse. Independentemente do tempo gasto por Shaw, respondendo às minhas perguntas.

E isso era um fato, uma decepção, com a qual eu aprenderia a conviver.

Ainda assim, apreciei seu tempo. Shaw não precisou responder às minhas perguntas. Ele não teve que passar sua tarde de sexta-feira em uma cadeira desconfortável.

Por que eu? Foi porque me sentei na frente? Porque fui a primeira a perguntar? Shaw teria contado a Dash se ele tivesse pressionado por respostas? Ou era porque algo fervilhava no ar quando Shaw e eu estávamos nessas cadeiras?

Havia atração aqui, mais do que eu queria admitir. Mas havia algo mais também. Eu não segurei as palavras com Shaw, com medo de como eles poderiam se voltar contra mim ou usadas para me punir.

Minhas palavras voaram, rasgando, cruas e honestas.

Ao primeiro sinal de minha atitude, ele poderia ter saído da garagem e nunca mais voltar. *Isso é o que eu queria, certo?* Mas ele voltou.

Ele ouviu.

Por mim.

Eu estava ferrada. Se ele continuasse ouvindo, se continuasse sendo encantador, eu estaria ferrada.

Shaw se endireitou na cadeira. — Você me disse que estava preocupada com a verdade. Quão perto estamos?

— Perto o suficiente, — eu disse, observando como a tensão em seus ombros diminuía. — Você tem as partes principais certas. O

resto... — Eu olhei para a foto de Draven. — O resto morreu anos atrás.

— Lamento que você o tenha perdido.

Eu dei um sorriso triste para ele. — Eu também lamento.

A sala ficou em silêncio, exceto pelo barulho da loja. Sawyer e Tyler provavelmente estavam terminando o dia, ansiosos para dar um tempo.

— É melhor eu ir. — Shaw pegou seu copo vazio. — Lixeira?

— Eu cuidarei disso. — Levantei-me e contornei minha mesa quando ele colocou a xícara de lado. Então, pela primeira vez, segui Shaw até a porta. Ele a abriu e saiu, o sol brilhando em seus olhos, fazendo saltar as linhas douradas. — Isso me rendeu o jantar?

Eu ri. — Não.

— Vale a pena tentar. — Ele se afastou, mas parou e olhou para trás. — Você ainda não aprova este filme.

— Não. Duvido que um dia aprove.

Ele precisava da minha aprovação? Na verdade, não, mas parecia importante para ele. Eu estava focada na descrição e visualizando-a na minha cabeça enquanto ele falava. Mas havia algo em sua voz. *Reverência.* Como em todas as cenas, ele estivesse me implorando para gostar tanto quanto ele.

— Por que esse filme é tão importante para você? — Eu perguntei.

— Razões.

— São as mesmas razões pelas quais você não é mais um policial?

Ele estudou meu rosto, depois deslizou em seus óculos de sol. — Esse é um filme diferente. Adeus, Presley.

— Adeus, Shaw. — Eu estava na porta enquanto ele caminhava para o seu Escalade, acenando quando ele saiu.

Esse é um filme diferente.

Esse era um filme de Shaw Valance que eu queria ver.

Capítulo Nove

Shaw

—Você fez o quê? — O grito de Presley permeou as paredes.

Eu estava no meu sofá, ponderando, temendo a cena que iríamos filmar hoje à noite, quando sua voz ecoou em torno do beco sem saída. Eu me atirei e corri para a porta, nervoso com o que encontraria lá fora.

Fazia cinco dias que eu havia contado sobre o filme e não nos falávamos desde então. Eu a tinha visto de passagem, mas tive uma semana apertada de cenas e não estive muito em casa.

Aconteceu algo ruim nos últimos dias?

Presley não era de falar alto. Ela ficava insensível e suas palavras eram afiadas, mas não importa o quanto eu a frustrasse, ela continuava gelada.

O que vi da minha varanda era uma mulher em chamas.

—Como pôde fazer isso? Por que você faria isso? — Ela fervia, com os braços balançando antes de cutucar um homem com cabelo loiro desgrenhado no peito. —Ele foi embora. Eu estava seguindo em frente.

—Tinha que ser feito, Pres. Ele não vai se safar dessa.

Safar-se de que? O que estava acontecendo, e por que estava acontecendo às sete da manhã?

—Isso é... — Ela rosnou e estendeu a mão para o ar como se estivesse sufocando um pescoço invisível. Em seguida, suas mãos em punhos. —Você está provocando problemas que não precisamos.

Eu diminuí meu ritmo quando me aproximei deles na garagem de Presley. Assim que ela me viu, as mãos caíram e atirou em mim, seu notório olhar de distância.

—Ei. Você está bem?

Os ombros dela estavam rígidos. — Bem.

Eu olhei para o cara parado em sua frente. Eu o vi na oficina no dia em que segui Isaiah. O nome dele era Leo, se eu tivesse ouvido corretamente.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Você precisa de algo?

— Você brigou? — Apontei para seu lábio partido.

Sua língua saiu e lambeu o corte, mas, fora isso, ele não se mexeu. Seus dedos estavam vermelhos e irritados, pelo menos os que eu podia ver. Se ele entrou em uma briga, o outro cara tinha que estar pior.

A tensão se estendeu por um período longo e embaraçoso. Nenhum deles me diria o que estava acontecendo, mas de jeito nenhum, eu deixaria Presley sozinha, com um cara que a deixou tão brava.

Os segundos se passaram, o silêncio doloroso, até que, finalmente Presley quebrou, virando em um acesso de raiva para dentro de sua casa.

Ela subiu os degraus, batendo a porta com um estrondo que ecoou pelo quarteirão.

— Merda. — Leo baixou os braços, balançando a cabeça.

— Existe algo que eu deveria saber?

— Foda-se.

Eu levantei minhas mãos. — Estou apenas cuidando dela.

Leo zombou. — Não, eu estou cuidando dela.

— É disso que se trata? — Eu balancei a cabeça para o lábio partido dele. — Quem era ele?

— O ex dela. E ele mereceu o que conseguiu por machucá-la.

Minha mente pulou direto para a conclusão extrema. — Ele a machucou?

Porque qualquer dor que Leo tivesse infligido, eu dobraria no filho da puta. A raiva acendeu em minhas veias, de vez em quando, como o toque de um interruptor de luz.

— Ele a deixou no maldito altar, — disse Leo. — O que você acha?

— O que? — Eu repeti sua resposta uma vez. Então duas vezes. *Presley foi deixada no altar? Quando?* Eu presumi que machucar significava traição ou abuso. Mas deixá-la no altar nunca teria me ocorrido.

Que tipo de idiota deixava uma mulher como Presley Marks?

— Você cuidou disso? — Eu perguntei.

— Sim, eu cuidei disso. Ela é nossa.

Como no meu caso, ela não era.

Leo cuspiu no chão e a gota branca caiu perigosamente perto dos meus pés descalços. Sem outra palavra, ele caminhou até a moto estacionada atrás do Jeep de Presley, ligou e trovejou.

Fiquei no lugar até ele sair, depois me virei e caminhei até a porta de Presley. Eu bati.

— Vá embora.

— É Shaw.

A porta se abriu. — Eu sei. Eu ouvi Leo sair. Eu não sou surda.

— Você está bem?

— Maravilhosa. — A princesa de pedra havia retornado.

Talvez essa atitude devesse me assustar, mas estava tendo o efeito oposto. Eu lutei contra o desejo de puxá-la em meus braços e segurá-la por cinco minutos.

— Ele lhe disse, — ela sussurrou. — Maldição, Leo.

— Eu não acho que ele quis dizer...

— Não o defenda. Não preciso que ele compartilhe meus problemas e não preciso da sua pena.

— Pena?

— Por favor. — Ela revirou os olhos. — Esse olhar que você acabou de me dar? Isso foi uma pena. Eu sei porque estou olhando para coisas assim há dois meses e não quero isso de você, porra.

Presley deu um passo para trás e bateu à porta na minha cara, mas elevei minha mão, segurando forte para impedi-la de fechá-la. — Eu não tenho pena de você. Mas lamento que tenha se machucado.

— Não é a mesma coisa?

— Não. — Eu me aproximei.

Presley levantou o queixo, os pés plantados no chão. Sua mandíbula estava apertada com força.

Se eu acariciasse sua bochecha, parte dessa tensão desapareceria? Minha mão levantou apenas para cair ao lado da minha coxa. — Sinto muitas coisas por você, Presley, mas pena não é uma delas.

Ela piscou, seus olhos arregalando atrás dos óculos de armação preta. Como eu suspeitava, isso os tornava maiores. O azul estava mais brilhante. *Mais ousado.*

E eles pareciam verdadeiramente chocados.

Ela tinha que saber da minha queda por ela. O motivo de eu continuar indo à oficina era por sua causa. *Então, por que a surpresa?* Eu não estava escondendo meu interesse, mas talvez precisasse deixar bem claro o quanto ela me intrigou.

Quão desesperado eu estava em acariciar sua pele e provar seus lábios.

Minha mão levantou, desta vez sem hesitar. As maçãs de suas bochechas floresceram quando eu deslizei sobre a parte inferior de seu queixo com a ponta do meu polegar. Inclinei-me, nossos olhos presos, enquanto um estrondo alto enchia o ar.

Presley piscou, afastando-se da minha mão ainda levantada e olhou para a rua além de mim.

Leo voltou correndo, como se suas rodas estivessem pegando fogo. Ele estacionou atrás de seu Jeep e subiu os degraus dela em um instante, pisando no batente da porta de Presley como se eu não estivesse lá. Ele me empurrou para o lado e passou os braços em sua volta. —Desculpe.

Ela relaxou em seu abraço, enrolando as mãos em volta da cintura dele. —Você é um merda.

—Sim. — Ele deixou cair sua bochecha em seu cabelo.

Uma bolha os envolveu enquanto eles estavam lá, segurando um ao outro como se eu não estivesse nesta varanda.

Eu não queria estar nesta varanda.

Sem uma palavra, eu me virei e caminhei para casa, me fechando por dentro enquanto meu coração se fechava em minha garganta. *Que diabos? Eles eram um casal?*

Presley não disse nada sobre estar com Leo. Ela recusou meu convite para jantar, mas eu continuei perguntando. Se ela tivesse me dito que tinha um homem em sua vida, eu teria parado. *Por que ela não me contou?*

Porque não somos amigos, idiota.

Eu era uma brisa passageira em Clifton Forge, e depois que esse filme terminasse, eu iria embora. Ela sabia disso. Inferno, eu sabia disso, mas ainda estava com ciúmes e odiava que Leo tivesse roubado o abraço que eu queria dar nela.

Eu esperei, parado ao lado da porta, ouvindo o som da moto de Leo sair. Ficou em silêncio. *Ele ainda estava com os braços em volta dela?* Meu orgulho não me deixou ir até a janela e verificar.

O nó no meu íntimo se apertou, o ciúme se espalhando em uma onda até eu ficar verde, da cabeça aos pés. Não havia tempo para isso. Eu tinha trabalho a fazer, uma cena para filmar. Dacia estava no hotel e não tínhamos conversado desde que ela chegou ontem à noite em Montana. *Mas eu fui embora?* Não, eu fiquei lá como um maldito masoquista, esperando o som de uma Harley.

Isso nunca veio.

Leo estava lá dentro. Presley o recebeu em sua casa, provavelmente sem que ele tivesse que manter suas cenouras como reféns.

Esfreguei a mão no rosto e descolei meus pés. Caminhei em direção ao quarto, meu coração caindo a cada passo. *Eu ouviria as molas do seu colchão chiando?* Meus olhos estalaram direto para a janela quando atravessei a entrada.

O seu quarto estava escuro. As cortinas estavam fechadas.

Eles nunca estavam fechados.

Sempre que chegava em casa tarde da noite, as suas cortinas estavam abertas e a janela estava aberta. Eu fazia o mesmo com a minha para que tudo o que nos separasse fosse o ar, e eu adormecia com um sorriso no rosto.

Porra. Hora de ir.

Tirei um par de meias da cômoda e sentei na beira da cama para puxá-las. Então eu coloquei meus pés nos tênis que eu tinha usado para correr antes do amanhecer. Eles ainda estavam úmidos com suor, mas estavam por perto. Amarrei-os e saí.

Vislumbrei a moto de Leo quando dei ré no meu Escalade, saindo da garagem.

Esse ciúme estava me irritando. Eu não era um cara ciumento por natureza. Quando eu estava com uma mulher, esperava exclusividade, mas, se fôssemos casuais e ela aparecesse em uma festa no braço de outra pessoa, eu não tinha esse desejo torturante de bater no cara até virar uma polpa por colocar as mãos em minha mulher.

Presley não era minha mulher. *Por que essa ideia não estava afundando?* Ela não era minha. Ela era uma conhecida e minha vizinha temporária. Se eu não a tirasse da cabeça, iria estragar o filme e é por isso que estava aqui. *O filme.*

Eu não podia me dar ao luxo de ficar afetado por Presley, ainda mais hoje.

Minha parte na cena que gravamos hoje à noite era bastante simples.

Eu tinha que matar uma mulher.

O medo afastou parte do ciúme quando atravessei a cidade até o hotel. A viagem até o Evergreen levou minutos e estava agitado quando cheguei. Mesmo que tivéssemos horas e horas antes das

câmeras rolarem, todos estavam se movendo, ansiosos por esta filmagem.

Agora que Dacia tinha chegado, a equipe estaria estressada com ela também. Ela tinha uma habilidade incrível de colocar as pessoas perto dela em uma borda afiada.

Dacia French era um espinho do meu lado, mas tinha o nome e o rosto para atrair uma multidão para este filme. Precisávamos dos dois. Ela estava matando por desempenhar um pequeno papel, mas seu nome estaria no outdoor. O seu rosto estaria no pôster.

E eu só tinha que sobreviver a ela por duas semanas.

Uma vez que ela terminasse de filmar suas cenas, eu não tinha planos de vê-la novamente até a coletiva do filme.

O estacionamento do hotel estava cheio, então estacionei ao longo da rua. As chaves em uma mão sacudiram enquanto eu caminhava em direção à ação. Verifiquei meu relógio. Minhas mãos estavam tensas desde que saí de casa. *Leo ainda estava na casa do Presley? Ela não precisava se preparar para o trabalho?*

Ela saía cerca de sete e meia todas as manhãs, ou pelo menos nas manhãs que eu prestava a atenção, que era quase todas as manhãs.

Se tudo corresse perfeitamente com as filmagens hoje, já passaria da meia-noite quando eu chegasse em casa, e então me ajude, se a sua moto ainda estivesse lá, eu iria me mudar. *Novamente.*

Eu trocaria minha casa pelo quarto de hotel de Cameron. Ele poderia ficar com minha cama king-size, sofá de couro e chuveiro

espaçoso. Se Cam não quisesse, eu trocaria com Shelly. Porque de jeito nenhum eu ficaria na minha casa amarela por mais um mês, se houvesse a mais remota chance de ouvir Presley transando com outro homem.

—Oi, Shaw. —Um dos membros da equipe acenou quando me aproximei de um grupo reunido do lado de fora da sala onde iríamos filmar hoje.

— Bom dia, — eu disse para todos os cinco corpos amontoados e lendo no mesmo iPad. Sem nenhum sinal de Cameron, continuei passando por eles em direção ao seu quarto.

Seu rosto, coberto por sua nova barba grisalha, não foi quem respondeu.

— Aí está você. — Dacia levantou um quadril enquanto segurava a porta. — Eu tentei encontra-lo quando cheguei ontem à noite, mas a equipe disse que você não estava hospedado no hotel.

— Eu tenho minha própria casa. — Eu a afastei para entrar na sala. Ela não se mexeu, forçando-me a roçar contra ela quando entrei. O cheiro do seu perfume me fez engasgar. — Ei, Cam.

Ele estava sentado na cadeira ao lado da janela, assistindo algo tocar em seu laptop. — Bom dia. Você chegou cedo.

— Achei que você gostaria de repassar este aqui algumas vezes.

— Você está certo. — Ele fechou o laptop e se levantou. — Eu quero.

Então, como todos os dias trabalhando com Cameron, ele consumia nossa atenção. Não tive tempo de pensar em Presley e se ela estava usando seus óculos para trabalhar hoje. Eu não tive a chance de me preocupar que Leo os tivesse tirado do nariz para beijá-la depois que eu saí. Eu não tive um minuto livre para refletir sobre por que uma mulher que eu acabei de conhecer me deixava tão completamente nervoso.

Estávamos muito ocupados tentando fazer Dacia parecer genuinamente aterrorizada por ela ter sido esfaqueada por seu amante e estava prestes a morrer.

— Sinto muito, Cameron. — Ela fungou depois da milésima passagem.

Belisquei a ponta do meu nariz, a dor de cabeça que vinha se formando desde o almoço finalmente apareceu.

A mulher podia chorar sob comando, mas Cam não queria lágrimas falsas. Ele queria uma, uma verdadeira lágrima que escorresse pelo canto do seu olho e caísse no chão.

Por mais que Dacia me frustrasse, entendi por que ela estava chateada. Cameron estava pedindo perfeição e ela não estava cumprindo. Talvez ninguém possa entregar. Suas expectativas eram... *Extremas*.

Mas precisávamos do seu extremo.

Essa era a cena de abertura. Essa era a cena em que tínhamos que atrair o público. Onde tínhamos que fazê-los se apaixonar por

Amina, para que se importassem com a sua morte e tivessem interesse em assistir mais.

Começos.

Sempre eram as cenas mais difíceis para eu filmar.

— Talvez devêssemos fazer uma pausa, — eu sugeri.

— Boa ideia. — Cameron assentiu. Ele estava tão frustrado com isso quanto eu.

— Vamos lá, Dacia. — Acenei para ela sair da cama e me seguir.

— Onde vamos? — Ela caminhou ao meu lado enquanto eu atravessava o estacionamento.

— Vamos jantar.

— Mas o fornecedor é por ali. — Dacia apontou para a tenda montada ao lado do escritório do hotel.

O dono do motel e a esposa estavam passando pela fila do buffet. Shelly os convidara para comer conosco nas refeições que realizamos aqui. Dois cinegrafistas estavam sentados em uma mesa dobrável em cadeiras dobráveis.

— Acho que talvez nós dois precisamos de um pouco de espaço no hotel. — Tirei minhas chaves do bolso da calça jeans e cliquei no chaveiro para destrancar as portas do Cadillac. O interior era sufocante por ficar sentado o dia inteiro no sol de verão.

Dacia pulou no banco do passageiro, assobiando quando a pele nua de suas pernas tocou o banco de couro preto.

Eu bati na ignição e liguei o ar condicionado. — Que tal um hambúrguer?

— Isso é bom. — Ela acenou com a mão, sem se importar com o que comeríamos. Provavelmente porque ela não iria comer.

Dacia e eu tínhamos saído três vezes, cada uma com destino a um bom restaurante de LA. Ela pedia uma refeição. Segurava seu garfo e faca. Mastigava. Mas quando o garçom vinha para limpar a mesa, o meu prato estava vazio e o dela mal tinha sido tocado.

Como em um encontro, via-me a ser o único que comeria esta noite, e quando voltássemos ao hotel, ela comeria a refeição especialmente planejada pela nutricionista. Normalmente, a minha dieta era regulada e meus exercícios rígidos, assim como os dela.

A negligencia que eu tinha na comida em Clifton Forge era, principalmente, por não ser exigido que os meus abdominais vendessem bilhetes. Eu estava interpretando um policial mais velho, apto em seus últimos anos, mas não tão irrealista.

Qualquer peso extra, evidenciado no meu rosto, tornava mais fácil para a equipe de maquiagem transformar-me num homem de sessenta e poucos anos.

Dacia não tinha esse luxo. Estava quase toda nua na cena do crime. Ela tinha um corpo incrível. Ela era alta e magra, com curvas nos lugares certos para encher um vestido.

Dacia tinha uma certa imagem a defender e essa indústria era cruel, especialmente em relação às mulheres.

Essa foi a razão pela qual eu a levei para casa depois do terceiro encontro. A razão pela qual eu sabia exatamente como era a aparência de Dacia French sem um pedaço de roupa.

Eu era estúpido o suficiente para pensar que uma atriz que estava lidando com o mesmo ataque de mídia que eu, realmente poderia querer uma conexão significativa. *Um refúgio da atenção.* Uma pessoa que estaria lá para conversar sobre seu dia.

Mas Dacia estava muito envolvida em sua própria vida para se preocupar em perguntar sobre a vida de outra pessoa.

Dacia, para dizer o mínimo, era uma cascavel.

Ela tirou uma foto minha um dia depois de nós dois termos ficado. Eu estava na cama, dormindo de costas com um braço dobrado ao lado da cabeça. Um cobertor branco cobria minha virilha e uma perna, mas o resto era toda a pele nua e lençóis amassados.

Manhã preguiçosa.

Essa tinha sido a legenda de Dacia. O seu rosto estava em um lado da foto. O meu do outro. A foto se tornou viral e eu acordei com quinze mensagens de Laurelin me perguntando por que não me incomodei em dizer a ela que estava em um relacionamento com Dacia.

Os gerentes precisavam conhecer esse tipo de coisa.

Eu chamei um táxi para Dacia e a expulsei da minha casa. Ela não se importou. Ela conseguiu o que procurava, especulações nos tabloides e um influxo de seguidores nas redes sociais.

Dacia foi a última atriz no meu braço. A partir de então, levava uma de minhas irmãs para as estreias de filmes. Geralmente, era Matine, porque ela gostava de se vestir mais do que Astrid ou Becca.

Se eu quisesse levar uma mulher para jantar, convidava minha mãe. Não havia uma mulher na minha cama há meses. Se tivesse sido minha decisão, Dacia não teria sido escolhida para este filme, mas Cameron achou que ela tinha talento para o papel. *Ele estava se arrependendo dessa decisão depois dos ensaios de hoje?*

— Estou tentando, Shaw. — Seus olhos estavam apontados para fora da janela enquanto eu dirigia pela cidade. — Eu não sei o que ele quer.

Ela estava tentando, e por mais que eu odiasse admitir, ela tinha talento. Além disso, era tarde demais para encontrar alguém de qualquer maneira.

— Você vai conseguir, — eu disse. — Vamos fazer uma pausa. Saia daqui por um tempo e depois se reagrupe.

— Sim, — ela murmurou, terminando a conversa.

O caminho para a cidade foi silencioso porque nenhum de nós se importou em descobrir o que o outro estava fazendo desde que nos vimos há dois anos.

Eu a vi de relance no Oscar do ano passado, mas estávamos indo em direções opostas, cada uma cercada de pessoas, então não fui forçado a conversar sobre amenidades.

Eu parei no Stockyard's e estacionei, sorrindo quando os lábios de Dacia se curvaram. Claramente ela não tinha explorado muito Clifton Forge, porque Stockyard's era o bar por excelência de Montana e combinava com o resto da cidade.

Era rústico, sem qualquer alarde ou polimento. O estacionamento cheirava a graxa e fumaça. Para ela, tenho certeza de que o lugar parecia... *Sujo. Abaixo dela.*

Mas enquanto eu estava em um período de suspensão da dieta, queria um dos malditos bons hambúrgueres do Stockyard. Valeu a pena a hora adicional no quarto de hóspedes que eu havia transformado em minha academia temporária.

Valeria a pena assistir Dacia se contorcer enquanto pegava um banquinho precário e depois se banhava com um desinfetante para as mãos quando saímos.

Cameron nos apresentou o local quando voltamos para começar a filmar, e eu tinha estado cinco vezes desde então. Eu até comprei um hambúrguer para Luke Rosen aqui, depois de nos conhecermos no The Betsy na sexta-feira passada.

— Aqui? — Dacia perguntou, engolindo em seco enquanto caminhávamos em direção à porta.

— Não é tão ruim. Apenas relaxe e aproveite uma pausa.

Ela fez uma careta quando eu segurei a porta para ela, certificando-me de não a tocar quando entrou. — Estou relaxada.

— Claro, — eu brinquei.

O interior do restaurante estava escuro e meus olhos levaram um momento para se ajustar. Quando o fizeram, examinei as mesas, procurando uma cabine vazia.

Em vez disso, eles pousaram em cabelos loiros e brancos e meu coração pulou. Presley estava sentada no bar. Ela me viu no reflexo do espelho atrás das garrafas de bebidas e sua coluna endireitou.

Ela estava sozinha.

Um sorriso lento se espalhou pelo meu rosto. Estiquei-me, cada vez mais, quando ela não olhou para o lado e um sorriso puxou seus lábios.

Perdido naquele olhar azul, não notei Dacia olhando entre nós dois até que sua mão deslizou para a minha e ela ficou nas pontas dos pés para mordiscar minha orelha.

Dacia era mesmo uma vadia.

Capítulo Dez

Presley

Por que eu sempre escutava Leo?

Abaixei meu olhar do espelho e olhei para o guardanapo no balcão. *Já era tarde para cancelar meu pedido?* Meu estômago roncou, mas um cheeseburger não parecia mais apetitoso. Eu não queria estar aqui sozinha de qualquer maneira, mas especialmente se Shaw estivesse aqui com Dacia — *puta merda, ela é bonita* — French.

Por que doeu vê-los juntos? Claro que ele estaria com uma estrela de cinema. Ele era uma estrela de cinema. Eu sempre me esquecia.

Ultimamente, ele tinha acabado de se tornar... *Shaw.*

Meu vizinho perversamente sexy e sedutor.

Dacia estava deslumbrante. Seu longo cabelo loiro era brilhante e espesso. Na verdade, era semelhante ao cabelo que eu já tive. Ela era alta, porém, e tinha seios maiores do que xícaras. Ao lado de Shaw, com os seus lábios em sua orelha, eles eram o par perfeito.

Eu levantei minha mão para chamar a atenção da bartender de onde ela estava conversando com outro cliente. —Posso pedir meu pedido para viagem?

Ela sorriu. — Claro, querida.

Eu deveria ter voltado para casa depois do trabalho, mas as palavras de Leo desta manhã estavam brincando na minha cabeça o dia todo.

— Não se esconda do mundo, Pres. Não deixe Jeremiah vencer.

Eu não pensei que estava me escondendo, mas Leo tinha feito alguns pontos positivos. Eu costumava sair, visível na cidade com mais frequência. Eu adorava tomar um café na cafeteria nas manhãs de sábado e passear pela Central, especialmente no verão.

Mas desde o casamento, eu não tinha posto os pés no centro, a menos que tivesse sido parar no banco e fazer os depósitos da oficina. Eu fui humilhada e escondi meu coração machucado em casa, como minha mãe tinha feito com seu hematoma.

Recusava-me a ser minha mãe.

Então aqui estava eu, sem me esconder, ainda humilhada, mas a agonia havia desaparecido.

Leo me disse para parar de me preocupar com fofocas e opiniões de outras pessoas. Ele estava certo. *Quem se importava se as pessoas sussurravam nas minhas costas?* Cedo ou tarde, parariam se eu mostrasse ao mundo que estava feliz sozinha. Mas se eu me tornasse uma eremita, a pena continuaria.

Eu seria aquela mulher quebrada que evitava a vida.

Então, depois do trabalho hoje à noite, eu fui buscar um hambúrguer em vez de fugir para as tarefas domésticas.

Eu tinha que lavar minha roupa de cama hoje à noite. A baba de Leo provavelmente estava no meu travesseiro, junto com o cheiro de sangue e vento.

Depois que ele se desculpou e me abraçou, ele quase desmaiou de exaustão. Ficar acordado a noite toda, pilotando até Ashton e espancar meu ex-noivo antes de voltar para casa poderia realmente desgastar um cara. Eu o empurrei em direção à minha cama e disse-lhe para tirar uma soneca enquanto eu trabalhava.

Enquanto lavava, comia meu hambúrguer. *Sozinha.*

O Stockyard's não estava tão ocupado quanto o restaurante. Este era um bar com comida de bar, mas seus hambúrgueres eram deliciosos e os proprietários fizeram com que as famílias fossem bem-vindas. A sala estava mal iluminada e uma música calma tocava nos alto-falantes. A única coisa que eu não gostava era a mesa de pôquer na parte de trás.

Esta era a parada de pôquer preferida de Jeremiah. Ele costumava me trazer um hambúrguer e batatas fritas nas noites em que chegava em casa antes da meia-noite. Nós comíamos juntos no sofá enquanto ele me contava sobre seu jogo.

O apelo do jogo me iludiu, não importa quantas vezes ele explicasse as regras e a estratégia. Mas eu tinha apoiado inatamente, como minha mãe.

Apoiar um homem com hábitos horríveis era sua fraqueza final.

Sim, quando comecei a namorar, estava quebrando esse ciclo.

E eu não me esconderia.

A partir de amanhã.

Shaw tinha se afastado de Dacia, atirando nela um olhar furioso e apontando o dedo em direção a uma mesa. Quando ele estava de costas para ela, ela zombou de mim através do espelho.

Eu mantive minha cabeça baixa, bloqueando o som de suas vozes baixas. Dacia riu, muito alto, e ele a levou através da sala. Meus olhos os pegaram de novo.

Ela usava seu sorriso multimilionário enquanto colocava a mão no braço de Shaw.

Ele removeu-o.

Talvez não estivessem juntos, mas independentemente disso, era um bom lembrete.

Ele pode *sentir muitas coisas em relação a mim*, mas se envolver com Shaw Valance só levaria ao desastre.

A bartender saiu da cozinha com um saco de papel na mão. — Aqui está.

— Obrigada. — Eu sorri e deixei vinte no bar. — Fique com o troco.

Coloquei minha bolsa por cima do ombro, peguei minha comida e fui direto para a porta.

— Presley. — A voz de Shaw era como mel, suave, grossa e doce.

— Ei. — Eu olhei para cima e, *caramba*, um vislumbre daqueles olhos me fez tremer. — Tudo bem?

— Você está bem?

Eu assenti. — Com fome.

— Sobre esta manhã. Eu...

— Esqueça isso. — Acenei enquanto ele lutava pelo que dizer.

Sua mandíbula ficou tensa. — Você e Leo parecem próximos.

— Você e Dacia também.

— Não há nada aqui.

Eu levantei um ombro. — Não é da minha conta. Vejo você por aí, Shaw.

— Presley...

Eu estava do lado de fora quando meu nome flutuou em seus lábios. Meu Jeep estava estacionado na esquina. Entrei e não perdi tempo indo para casa.

Leo estava certo. Eu precisava me juntar à sociedade.

Mas não até Shaw Valance ir embora. Não até que não houvesse o risco de ver aqueles olhos dourados e me deixar sonhar acordada que uma estrela rica e bonita estava de olho em mim.

— Tem um segundo? — Dash perguntou da porta entre a loja e o escritório.

— Sim. — Fiquei de pé, seguindo-o até a loja, sorrindo para o cliente esperando e lendo em seu telefone.

Emmett, Isaiah e Leo estavam de pé ao lado de uma bancada de ferramentas. Examinei a sala, procurando nossos outros dois mecânicos. — Onde estão Sawyer e Tyler?

— Lá fora. — Dash jogou o polegar na parede. — Precisamos nos reagrupar nos Warriors.

Leo gemeu. — Conversamos sobre isso ontem.

Sim, nós tínhamos. Extensamente.

Quando Dash chegou à oficina e eu o contei sobre Leo, ele ficou louco. Eu não o via tão louco há anos. Quando Leo finalmente se arrastou para fora da minha cama e se juntou a nós na oficina, Dash o arrastou para o escritório e começou a dar uma palestra por uma hora sobre os Warriors.

— Sim, nós conversamos sobre isso ontem, — Dash retrucou, a raiva persistindo. — Mas nós conversamos sobre isso em junho também. Eu costumava não ter que me repetir, mas como você não ouviu pela primeira vez, quero ter certeza de que está claro. Fique longe dos Warriors.

— Eu sei. — Leo jogou as mãos no ar. — Eu estraguei tudo, ok? Eu sinto muito.

— Você ouviu alguma coisa? — Emmett perguntou.

Dash balançou a cabeça. — Ainda não, mas um de seus membros levou um chute no traseiro de um de nós. Você os conhece tão bem quanto eu. Eles vão retaliar.

— Maldição. — Isaiah baixou o olhar para o chão. — Nós não precisamos disso.

— Isso não vai explodir em você, — disse Leo. — Esse filho da puta sabe exatamente por que eu fiz isso. Se os Warriors vierem atrás de alguém, serei eu.

— Nós não estamos sozinhos. — Emmett bateu a mão no ombro dele. — Nunca estivemos.

— Eu não deveria ter feito isso, — Leo murmurou. — Eu estava bêbado e estúpido. Quero dizer, eu sinto muito. Vou falar com Tucker e explicar.

Tucker Talbot era o presidente dos Arrowhead Warriors. Ele era cruel e astuto. O homem me assustava muito. Ele não era como Draven. Não havia lado suave em Tucker.

— Não. Eu serei o único a ligar para Tucker. — O corpo inteiro de Dash ficou rígido. Seus punhos estavam tão apertados que ele poderia ter esmagado os parafusos para brilhar.

Não havia amor perdido entre os Tin Gypsies e os Warrios, mas eu não tinha visto Dash assim antes. Sua fúria vibrava perto de nós. *Estava perdendo alguma coisa?*

— Desculpe, Dash. — Leo parecia verdadeiramente infeliz. Suas juntas não estavam tão vermelhas como estavam ontem de manhã na minha casa, mas a fenda em seus lábios quase parecia pior.

Eu engoli. *Como Jeremiah estava?*

— Entendi. — Dash bufou. — Eu queria fazer o mesmo.

Meu corpo caiu. Não era isso que eu queria quando planejei meu casamento simples e elegante.

— Isso não é culpa sua. — Isaiah jogou o braço em volta dos meus ombros, me puxando para o seu lado.

— Só quero esquecer que tudo aconteceu.

— Está esquecido — declarou Dash. — A partir de hoje, está feito. Farei o que puder para acalmar as coisas com os Warriors, e deixaremos isso para trás.

Ele fazia parecer tão fácil.

Talvez fosse.

Não pensei muito em Jeremiah hoje em dia e tive que agradecer a Shaw por isso. Ele ocupou os pensamentos que antes estavam reservados para o meu noivo. Ele e seu filme haviam tomado o lugar do planejamento do casamento.

— Vamos voltar ao trabalho, — disse Dash enquanto Sawyer e Tyler contornavam a esquina da loja, voltando ao trabalho depois de um intervalo para o cigarro.

Fiquei feliz por aqueles dois terem se conhecido. Eles se uniram rapidamente quando começaram a trabalhar aqui, como Isaiah e eu tivemos depois do primeiro dia dele. Sawyer e Tyler provavelmente se perguntaram por que nós cinco estávamos sempre conversando sem eles.

O que eles diziam sobre nós enquanto fumavam lá atrás?

Fiz uma anotação mental para dizer a Dash que precisávamos incluí-los mais em nossas atividades regulares. Não queria que nenhum deles se sentisse um estranho, sabia muito bem como era isso.

— Ei pessoal. — Acenei para eles antes de ir para o escritório.

Eles assentiram e Sawyer retornou o gesto.

Leo me seguiu até o escritório com Dash na retaguarda. No minuto em que entramos, os ombros de Dash caíram com o peso de mil tijolos e ele se arrastou até o escritório, fechando a porta. Ele provavelmente estava ligando para Tucker.

Leo encontrou meu olhar e estava cheio de tanto arrependimento, tanta tristeza. Era raro ver além de seu exterior arrogante e playboy os medos que estavam por baixo.

— Vai ficar tudo bem. — Eu entrei direto em seu espaço, passando os braços em volta da sua cintura.

— Sinto muito, Pres, — disse ele, devolvendo meu abraço. — Estava me comendo e eu perdi minha cabeça.

— Você vai se matar, — eu sussurrei para que o cliente que estava esperando não pudesse ouvir. — Não me faça enterrar você também.

— Nunca. — Ele me segurou mais perto.

Dash me rotulou há muitos anos. Era verdade. Eu abracei. Mas o que as pessoas não pareciam entender era que eu não apenas abraçava por elas. Eu abraçava por mim. Quando minhas emoções tomavam conta de mim, quando a vida era demais, eu sempre procurava o abraço.

Minha irmã me ensinou isso.

Leo me superou. Minha cabeça só veio ao centro de seu peito, mas eu o segurei tão apertado quanto meus braços permitiam.

Talvez se eu segurasse forte o suficiente, isso iria embora. Como Dash tinha prometido, hoje seria o fim. Leo não correria o risco de sofrer uma retaliação violenta às mãos dos Arrowhead Warriors. Tudo porque ele estava bebendo no Betsy e inesperadamente resolver punir Jeremiah.

Leo havia nos dito que Jeremiah não foi difícil de encontrar. Estava em um bar, jogando pôquer – surpreendente. Jeremiah não iria mudar. Leo pediu uma bebida e ficou fora até Jeremiah gastar suas fichas, depois das duas da manhã. Então Leo bateu nele. Eu fui poupada dos detalhes sangrentos.

Então ele dirigiu para casa, parou em um posto de gasolina para se lavar e veio à minha casa.

— O que há com esse cara Shaw? — Leo perguntou, me soltando.

Dei de ombros. — Ele é meu vizinho temporário.

— Ele gosta de você.

— Talvez. — Suspeitei que Shaw gostasse de muitas mulheres e elas gostavam dele também. — Não importa.

O rosto de Leo franziu e ele olhou para a loja. — Ele está fazendo a mínima pintura no negócio de Isaiah.

— Ha! — Eu ri. — Não ele não está. Essa moto está nos dando muito dinheiro e vai estar em um filme. Você fará o melhor trabalho de pintura de sua vida nessa moto para que, quando o Draven fictício a pilotar pela rua, seja uma que o verdadeiro Draven teria orgulho de pilotar.

Ele resmungou e balançou a cabeça, mas faria seu melhor trabalho. Leo amava Draven tanto quanto eu, se não mais. Foi a razão pela qual a bebida de Leo aumentou desde o funeral de Draven. Suas noites no The Betsy costumavam ser limitadas a duas ou três por semana, mas ele ia quase todas as noites atualmente.

E Draven morreu há três anos.

Dash tentou conversar com Leo sobre isso. Emmett também. Mas palestras sobre bebida e mulheres caíram em ouvidos surdos. *Além disso, quem era Emmett para conversar?* Ele não exibia tanto, mas ele festejava também. A muleta do Leo era álcool. Emmett era mulher. Ouvi os rumores sobre com quem ele ficou em qualquer fim de semana.

— Você vai ficar bem? — Eu perguntei a Leo.

— Você está?

— Sim. — Eu disse isso automaticamente, mas no fundo, havia verdade por trás dessa palavra.

Leo piscou e voltou ao trabalho. Sorri para o nosso cliente e voltei para a minha mesa, parando um momento para encarar minha tela e fechar os olhos.

Que bagunça maldita.

Atrás da porta fechada de Dash, ouvi o estrondo baixo de sua voz, mas não consegui entender as palavras.

Olhei para a foto de Draven e seus filhos, desejando mais do que nunca que ele estivesse aqui. Ele consertaria as coisas. Draven endireitaria Leo e tiraria um pouco do peso de Dash. Ele dizia para

Emmett parar de brincar, para que quando uma mulher com o poder de permanência aparecesse, ele estivesse pronto.

Mas Draven havia partido.

Nós o enterramos ao lado de sua esposa no cemitério. O enterro foi pequeno, não mais que vinte pessoas convidadas a se amontoar em volta do caixão.

Bryce e Dash. Genevieve e Isaiah. Emmett e sua mãe. Leo ficou do meu lado. Nick e sua esposa, Emmeline, estavam lá com seus dois filhos chorando, que adoravam o avô. Alguns dos antigos Gypsies que ainda moravam na cidade, também compareceram.

Dash tentou algumas palavras, mas quando as tropeçou, Nick assumiu.

Depois que ele terminou, nós partimos. Eu fui para casa sozinha, Jeremiah estava em Ashton, disputando sua posição como um prospecto para os Warriors e chorei o dia inteiro.

Não importava quantas vezes eu tentei imaginar a morte de Draven, isso me deixava inquieta. *Suicídio?* Esse não era o seu estilo. Draven era o tipo de pessoa que sai em chamas de glória, não pendurado por um laço em sua própria casa.

Seria possível que ele não tivesse se matado?

Meus pensamentos foram interrompidos quando Tyler entrou com as chaves do carro do cliente. Apressei-me em aceitar o pagamento dela e sorri quando ela se despediu. Então o escritório ficou em silêncio novamente.

Eu odiava o silêncio.

Eu encarei a porta fechada de Dash, esperando que ela se abrisse. Eu não tive que esperar muito tempo. Ele saiu e olhou... *Derrotado.*

Dash Slater nunca recuava.

— Você está bem? Como foi?

— Eu não sei, — ele murmurou, chegando à cadeira em frente à minha mesa.

Eram dias assim que eu gostaria que Bryce ainda escrevesse suas histórias na oficina, e não no jornal. Ela saberia o que dizer para Dash. Ele a confidenciou sobre o clube, coisas que eu nunca saberia.

— Acho que ficaremos bem, — disse ele. — Só não quero receber uma ligação de Paul no The Betsy uma noite, me dizendo que Leo está se afogando em uma poça de seu próprio sangue.

Meu estômago revirou. — Nem eu.

— Desculpe, Pres.

— Se isso é culpa de alguém, é de Jeremiah.

Dash riu. — Eu sou bom em culpá-lo.

— Eu também. — Mordi meu lábio inferior, hesitando em fazer a pergunta que estava em minha mente antes de ele sair, mas eu tinha que saber. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro. — Ele relaxou na cadeira.

— Eu tenho pensado muito em seu pai ultimamente. Com o casamento e o filme, ele esteve em minha mente. Eu preciso saber uma coisa, realmente, foi suicídio?

Os olhos de Dash se encheram de tristeza e uma expressão de dor cruzou seu rosto. — Pres, eu...

— Por favor? Diga-me a verdade. Confie em mim.

Ele soltou um longo suspiro, depois balançou a cabeça. — Não. Não foi.

Uma pontada de dor me atingiu no peito, como se eu estivesse experimentando a morte de Draven novamente. Lágrimas inundaram meus olhos e meus pulmões lutaram para segurar o ar. *Eu não deveria me sentir melhor, sabendo a verdade?* Em vez disso, senti como se tivesse sofrido da maneira errada. *Isso era possível? Lamentar incorretamente?*

Havia culpa dentro da minha dor. Ressentimento por Draven ter nos deixado para trás. Quando realmente, deveria ter havido raiva, fúria e vingança.

— Quem? — Eu perguntei.

— Eu não posso dizer isso a você.

— Os Warriors?

Dash ficou quieto, sem revelar nada, o que revelava tudo.

— Você deveria ter me contado. Achou que eu te trairia?

— Não, mas você iria se casar com um deles, Presley. Você ia lá todo fim de semana. Isso teria piorado as coisas para você. Eu não queria isso.

— Exceto que está pior agora. Passei três anos perguntando o porquê errado. — Respirei fundo, organizando minhas emoções por

um minuto. Então eu levantei meu olhar e, desta vez, fiz a pergunta certa. — Por quê? Por que eles o mataram?

— Ele fez um acordo com Tucker para salvar Genevieve e eu.

— Oh. — Minha mão cobriu meu coração dolorido.

Draven protegeu seus filhos. Fazia todo o sentido porque ele era assim. Ele sacrificou sua vida para salvar seus filhos de Tucker e dos Warriors.

E por minha causa, por causa de Jeremiah, eu trouxe Tucker de volta à vida de Dash. Não é à toa que ele parecia tão zangado na loja. Essa ligação foi provavelmente a última que ele quis fazer.

—Vou mandar uma mensagem para Jeremiah e dizer que foi minha culpa por Leo, — disse eu. —Talvez isso ajude.

Dash balançou a cabeça. — Apenas deixe isso. Duvido que faça algum bem.

—Mas vai piorar?

— Pode ser. Deixe. Deixe-o. Com alguma sorte, nunca teremos que ver o cara novamente.

— Ok. — Eu queria ajudar a neutralizar a situação, mas se houvesse uma chance de piorar, eu aceitaria o conselho de Dash.

Ele se levantou da cadeira e caminhou em direção à loja. Dash se perderia em um carro por um tempo, depois voltaria para casa com sua família e ficaria bem. Ele parou na porta, a mão na maçaneta quando olhou por cima do ombro. — Feliz Aniversário.

— Shh. — Coloquei um dedo nos meus lábios.

Eu odiava meu aniversário, algo que Dash e os caras sabiam. Emmett piscou para mim esta manhã, mas não murmurou essas palavras. Leo assobiou — *Parabéns pra você* — baixinho. Isaiah havia me trazido um café com leite da cabana de café.

— Tem certeza de que não quer comemorar? — Ele perguntou. — Vou comprar uma cerveja para você.

— Tenho certeza. Mas obrigada.

Dash me deixou para voltar ao trabalho e eu tratei a tarde como qualquer dia normal. Eu paguei as contas. Comecei no relatório financeiro de fim de mês. Eu me despedi dos caras e tranquei às cinco.

Não foi até a volta para casa que a solidão rastejou sob minha pele. Acontecia todos os anos no meu aniversário, e fiquei surpresa por não ter me ocorrido antes. Eu perdi Scarlett. Hoje, especialmente, senti falta da minha irmã.

Nosso aniversário era algo que sempre fizemos especial uma para a outra. Era o único dia em que minha mãe nos colocava em primeiro lugar. Ela fazia um bolo para nós. Ela passava horas limpando, então a casa estava impecável. Ela deixava papai nos dar nossos presentes e levar o crédito por comprá-los, embora soubéssemos que ela havia feito todo o trabalho.

Ela se curvava para trás, certificando-se de que não havia nada que pudesse incomodá-lo.

Funcionou. Eu não conseguia me lembrar de um aniversário em que papai tivesse levantado a mão para qualquer uma de nós.

Nunca houve hematomas ou vergões para esconder na manhã seguinte.

Meu aniversário costumava ser um bom dia.

Comemorar sem Scarlett não tinha apelo.

Estacionei na entrada da garagem e peguei meu telefone, enviando para Scarlett o mesmo texto que eu a enviava todos os anos.

Feliz Aniversário.

Não haveria resposta, mas eu a enviava para o universo e esperava, onde quer que ela estivesse, que a encontrasse bem.

Peguei minha bolsa e abri a porta no momento em que o SUV brilhante e preto de Shaw entrou na garagem ao lado.

— Ei. — Ele acenou depois de sair.

Eu acenei de volta. — Ei.

Ele tinha uma mochila pendurada no ombro, os óculos escuros no cabelo. — Como foi o seu dia?

— Bem. — Dei de ombros, incapaz de me afastar do meu Jeep e desaparecer por dentro. — Você?

— Bom. — Ele esperou que eu dissesse mais e, quando não o fiz, subiu a primeira escada em direção à varanda.

— Shaw?

— Sim? — Seu pé recuou para a calçada, como se estivesse esperando uma desculpa para se aproximar.

Eu dei a ele um motivo. — É meu aniversário.

Ele atravessou o gramado, um pequeno sorriso brincando na boca. — Feliz Aniversário.

— Eu vou pedir pizza.

— Pizza é bom. — Shaw sorriu. — Mas eu tenho desejo por cenouras.

Eu ri e assenti para ele me seguir para dentro. — Eu tenho algumas cenouras.

Capítulo Onze

Shaw

— Obrigado. — Peguei a garrafa de cerveja de Presley.

— De nada. — Ela se sentou na espreguiçadeira ao meu lado, as dobradiças rangendo quando ela chutou os pés para cima.

— Este é um belo quintal. — Inclinei a tampa da minha garrafa em direção ao gramado e tomei um gole.

A grama era verde e exuberante, um tapete tão bonito quanto alguns campos que eu joguei em resorts de golfe. Estava quase fora do lugar aqui neste pequeno bairro. Ou teria sido se o quintal de seu outro vizinho não fosse exatamente o mesmo. Não havia cerca aqui, e a grama fluía em uma onda verde através dos limites das propriedades. Exceto que o verde do meu gramado não era tão vivo.

— Meu vizinho do outro lado é dono de uma pequena empresa de paisagismo, — disse ela. — Nós permutamos. Eu faço a contabilidade dele e ele cuida do meu quintal.

Ah. Amanhã eu ligaria para Juno e a mandaria contratar o cara.

Bebemos nossas cervejas, ouvindo os barulhos sutis do quarteirão. *Uma criança rindo. Um cortador de grama retumbou. Os pássaros cantaram.* Nossas duas cadeiras eram a única coisa que Presley tinha na varanda quadrada que se projetava da porta de vidro deslizante de sua sala de jantar.

A noite estava quente e, embora ela tivesse posicionado as cadeiras em um pedaço de sombra, fiquei grato pela minha camisa de linho branca e shorts jeans.

Presley estava usando um short que, pela primeira vez, não precisava de um cinto para mantê-lo no corpo. Eles eram pretos e se ajustavam às curvas de seus quadris, expondo aquelas pernas elegantes e de dar água na boca e pele dourada. Quando eu a avistei ao lado de seu Jeep mais cedo, meus olhos se fixaram em suas pernas, fazendo meu pau ganhar vida.

Sua camisa era folgada sobre o short, mais como uma camiseta masculina do que os tops normalmente justos que ela usava. Se não tivesse uma flor vintage rosa e laranja na frente, eu teria me preocupado que a camisa fosse do ex dela. Ela o amarrou com um nó na lateral do corpo, mostrando o menor triângulo de pele acima do cós do short.

Eu estava babando na minha cerveja, me sentindo um sortudo filho da puta por ter voltado para casa no momento certo para pegá-la. Eu ainda não tinha certeza de como consegui um convite para pizza, mas aceitei.

— É seu aniversário.

Presley assentiu. — Sim.

— Não há grandes planos ou uma festa com seus amigos?

— Eu não comemoro meu aniversário. — Seu tom era nítido e frio, esse assunto estava encerrado.

Ela me disse que era seu aniversário, mas não queria falar sobre isso. *Interessante.* Eu entraria no jogo.

Neste momento, eu não ia pressionar nada que pudesse fazê-la me chutar para fora de sua varanda. Depois que ela correu da Stockyard ontem à noite, eu imaginei que ela acabaria comigo para sempre.

A façanha da Dacia tinha sido típica, algo que eu deveria ter esperado. Ela viu meu desejo por Presley e, como ela estava tendo um dia difícil, decidiu atormentar outra pessoa.

Como eu tinha comido meu hambúrguer e ela rodou uma batata frita em rios de Ketchup, sem realmente comer a maldita coisa, disse-lhe que se colocasse a boca em mim novamente, eu a colocaria na lista negra dos meus círculos sociais e faria tudo ao meu alcance para que ela fosse demitida de *Dark Paradise.*

Isso a calou.

Dacia pode ser uma cobra, mas não era burra. Ela sabia que eu tinha uma ampla rede de conexões neste setor e não estava brincando.

— Desculpe pela noite passada, — eu disse.

Presley deu de ombros. — Pelo quê?

— Por Dacia.

— Está tudo bem. — Ela tomou um gole de sua bebida.

Eu me movi para que eu pudesse olhá-la diretamente. — Não há nada entre Dacia e eu. Ela viu o jeito que eu olhei para você e decidiu jogar um jogo.

— Ok. — Presley manteve os olhos à frente, mas o canto da boca se levantou.

Um dia desses, eu faria algo para fazê-la sorrir e rir. Ela seria linda, sorrindo sem paredes no lugar. — Então, qual foi o problema com Leo?

Ela suspirou, trazendo os joelhos até o peito. — É uma longa história.

— Não tenho nada para fazer hoje à noite.

Presley ficou quieta, algo que estava aprendendo sobre ela e não significava necessariamente que estava me deixando de fora. Ela era cuidadosa com suas palavras e cautelosa com quem confiar. Eu respeitava isso. Também não confiava em muitos com os detalhes do meu passado.

— Eu estava noiva, — disse ela, deixando as palavras pairarem no ar do verão. — Jeremiah decidiu terminar comigo no dia do casamento, esquecendo de aparecer na cerimônia.

Eu estremeci. Leo me contou isso ontem, mas doía ouvir a dor e a humilhação em sua própria voz. E ainda não fazia sentido. *Quem deixaria Presley? Que tipo de idiota terminaria com alguém no dia do casamento? Que tipo de idiota não apareceu para ela?* — E Leo acertou a conta com os punhos.

Ela assentiu. — É um pouco mais complicado que isso, mas sim.

— Existe, hum... Algo com você e Leo?

— Não. Definitivamente não. — Ela deu uma risada. — Ele é o irmão mais velho e irritante que eu nunca tive.

O ar correu dos meus pulmões. *Obrigado, porra*.

Aquele abraço estava me incomodando desde ontem de manhã. Parecia íntimo, mas agora que eu repeti de novo, talvez eu tivesse lido demais sobre isso. Talvez tenha sido um abraço apertado entre amigos. Talvez era assim quando abraçava minhas irmãs também.

A cor subiu em suas bochechas. — Posso admitir que eu estava com ciúmes também?

Meu olhar caiu para seus lábios rosados. Minha língua balançou atrás dos dentes, querendo desesperadamente ser libertada, mas engoli em seco e desviei os olhos.

Esta mulher estava testando os limites da minha contenção.

Esta mulher pode me levar ao limite.

— Como foi sua cerveja com o chefe Rosen? — Perguntou Presley.

— Divertido. — Eu sorri — Ele é um cara legal, e eu agradeço por ele estar me divertindo. Ele me contou algumas histórias interessantes sobre Clifton Forge e ser um policial aqui. Foi como nos velhos tempos. Acontece que alguns idiotas são tão estúpidos em Montana quanto na Califórnia.

—Você já sentiu falta de ser policial?

— Alguns dias, — eu admiti. — Era um trabalho estressante, mas gratificante. Sinto falta de sentir que faço um pouco de bem todos os dias.

Tentei compensar minha falta de serviço público por meio de doações. Todos os anos, eu doava dinheiro para diferentes instituições de caridade da cidade, especialmente aquelas que ajudavam crianças.

—Qual foi o melhor dia que você teve como policial? — Perguntou Presley.

—O melhor dia? Fácil. O dia do ônibus escolar.

— Mesmo? — Ela sentou-se ereta e se mexeu para que seus joelhos estivessem apontados na minha direção. — Eu teria pensado que era o mais difícil.

— Foi também o pior dia. Eu nunca vou esquecer todos aqueles rostos chorando. Vendo aquele cara com a arma. Aquelas crianças... —Naquele dia, eu descobri como era o verdadeiro medo. Quase me deixou de joelhos.

As sobrancelhas dela se juntaram. — Então, como foi o melhor?

— Elas estão vivas.

A compreensão surgiu em seu rosto e ela estendeu a mão, colocando a mão no meu antebraço para um breve toque. Aquelas crianças podem ter ficado traumatizadas, mas estavam vivas.

Dezessete luzes brilhando no mundo.

— Às vezes tenho notícias deles. Ou dos seus pais. Eu tenho uma conta secreta no Instagram com um nome falso e sigo a maioria delas.

Depois de ganhar meu primeiro milhão, também reservei dinheiro para financiar seus estudos. Se houvesse uma maneira de ajudá-los a ter sucesso na vida, eu faria o que pudesse.

— O que aconteceu naquele dia? Você pode falar sobre isso? Tudo bem se você não quiser. Não consigo imaginar que seja fácil reviver.

— Tudo bem. — Eu não falava daquele dia há anos, mas tinha um desejo irresistível de confiar em Presley, talvez porque confiasse nela meus segredos.

Eu confiava em tão poucas pessoas, e isso não acontecia naturalmente.

Presley era... *Diferente. Especial.*

Eu olhava para ela e via um porto seguro. Um cofre. Ela guardava as pessoas na oficina tão ferozmente que eu também queria um pouco dessa lealdade. E ela estava perguntando porque queria ouvir de mim, da minha perspectiva.

A maioria das pessoas presumia que conhecia toda a história pelas notícias. Faziam suposições sobre como havia acontecido. Raramente alguém perguntava meu ponto de vista.

A última vez que falei sobre isso foi com uma de minhas irmãs. Becca queria saber os detalhes cerca de seis meses depois que

eu pedi demissão da polícia. Assim como Matine e Astrid, ela pensou que era por isso que eu tinha desistido.

Apenas mamãe, papai e eu sabíamos a verdade.

O dia em que parei também foi o último dia em que falei com meu pai. Outra coisa que minhas irmãs tinham a ver com o ônibus.

— Era apenas um dia normal, — eu disse. — Comecei meu turno cedo, bem quando o sol estava nascendo. Eu estava em patrulha naquele dia e tinha uma nova parceira, Margaret. Era seu segundo ano e ela tinha acabado de ser transferida para minha delegacia. Eu era o oficial sênior, mas éramos ambos jovens. Quer ouvir algo estúpido?

—Claro.

— Promete não me julgar muito severamente?

— Oh meu Deus, — Presley gemeu. — Você dormiu com sua parceira?

— Não. — Eu ri. — Definitivamente, eu não dormi com Margaret. Ela era — é linda — mas definitivamente não estávamos atraídos um pelo outro.

— Ok, então pelo que eu vou julgá-lo?

— Fiquei feliz por ser emparelhado com uma policial porque pensei em mostrar a ela o que fazer. Que eu já era superior porque era um cara.

— Sim. — Presley franziu a testa. — Estou lhe julgando.

— Como você deveria. — Eu levantei uma mão. — Em minha defesa, eu era um idiota de mente fechada. Mas eu era um idiota

que aprendeu. Margaret me ensinou muito naquela manhã e, depois do ônibus escolar, comecei a ver as coisas de maneira diferente. Eu vi minhas irmãs de forma diferente. Minha mãe também. Abri meus ouvidos e ouvi as suas opiniões, sem presumir que as minhas já estavam certas.

Porque Margaret era forte e segura. Porque Margaret era corajosa e equilibrada. Porque Margaret salvou aquelas crianças.

E porque eu a admirava.

— Ainda está me julgando? — Eu perguntei.

— Um pouco. — Presley sorriu. Algumas dessas qualidades que vi em Margaret estavam me encarando com vívidos olhos azuis.

— Justo. — Eu ri. — Contratei principalmente mulheres depois de deixar a Força. Minha assistente, minha agente e minha gerente são mulheres. Antes que você pergunte, eu não as contratei porque eram mulheres. Eu as contratei porque elas eram as melhores, e acho que, quando jovem, eu não teria dado uma chance aos currículos delas. Não tenho orgulho disso, mas... Sou homem o suficiente para admitir minhas falhas.

— Ok, você está perdoado. — Ela tomou um gole de cerveja. — Então, o que aconteceu naquele dia no ônibus?

— Margaret e eu estávamos dirigindo por aí. Já estava ensolarado e quente, mesmo de manhã. Foi assim que eu soube que algo estava errado naquele ônibus. Todas as janelas estavam fechadas. Esses ônibus não têm ar condicionado, então as crianças estão sempre com as janelas abertas. As crianças veem um carro de

polícia, normalmente eles acenam pelas janelas, especialmente se forem mais jovens. Você dirige e vê todos esses dedinhos se projetando

— Faz sentido. Você encostou?

— Não, estava parado no estacionamento de uma mercearia. Outra coisa que parecia estranha. Os ônibus lotados não estacionam até que estejam na escola. Eu estava dirigindo e diminuí a velocidade para observar melhor. Aquele cara estava parado ao lado do motorista. O motorista estava com as mãos no volante e os olhos voltados para frente. E o cara, de pé, vestido totalmente de preto, com casaco e chapéu. Em um dia quente naquele ônibus sem as janelas abertas, ele estaria suando. Isso era desconexo, então, desacelerei, quando em qualquer outro dia, provavelmente, teria continuado dirigindo.

Meu instinto estava gritando.

— Demos outra volta no quarteirão e eu entrei no estacionamento do outro lado, vendo o ônibus de um ângulo diferente. Foi quando eu vi.

— A arma?

Eu assenti. — Um rifle de assalto. Soubemos depois que ele também tinha uma arma.

— O que ele queria, o cara?

— Até hoje eu não sei. O motorista disse que o cara apareceu do nada em sua última corrida. Uma das crianças subiu os degraus, sorriu e caminhou pelo corredor. O motorista observou o garoto

pelo espelho enquanto ele se sentava. Aí quando o motorista foi fechar a porta, o cara ficou parado... *Lá.* Ele estava esperando. Entrou no ônibus e gritou para as crianças calarem a boca e fecharem as janelas. Em seguida, ordenou ao motorista que dirigisse pela cidade. Ele parou no estacionamento. O tempo todo, ele resmungava essa merda maluca sobre salvar as crianças de si mesmas. Salvando-as da sociedade.

— Ele estava louco.

— Ele era alguma coisa. Não havia nenhuma conexão com aquele motorista de ônibus ou qualquer outra criança além de ele morar no bairro para onde ia aquele trajeto. Se houvesse mais, nunca saberemos.

— Ele está morto?

Eu assenti. — Ele atirou em Margaret. Eu atirei nele.

Presley ofegou. — Ela está...

— Ela está viva. Ele atingiu o seu ombro.

— Graças a Deus. — Seu corpo relaxou. — Como isso aconteceu?

— Rápido. Chamei reforços e estacionei no meio de um monte de carros, esperando que ele não visse a viatura. Saímos com as armas em punho. Margaret foi para a parte de trás do ônibus enquanto eu ia para a frente. Ele não viu nenhum de nós. Estávamos planejando esperar até a chegada da SWAT, mas então tudo deu errado. Uma das crianças abriu a saída de emergência. E depois... Tinha acabado. Talvez trinta segundos e estava terminado.

Eu tinha visto a coisa toda da minha posição. O garoto viu Margaret do banco traseiro e se abaixou. Eu já estava me movendo naquele momento, esquivando-me de carros para me aproximar. Quando a porta da saída de emergência se abriu, eu estava correndo em direção à janela da frente.

— A parte de trás se abriu e o cara ficou louco. Ele começou a gritar alto o suficiente para que eu pudesse ouvir lá fora. Ele levantou a arma e apontou para uma criança. Gritei algo, esperando chamar a sua atenção. Imaginei que se ele me visse, atiraria em mim em vez de uma criança.

Meus pés pareciam blocos de cimento. O motorista me notou primeiro, depois algumas crianças na frente. Eles se abaixaram, inclinando-se além do assento à sua frente, seus rostos contorcidos de medo.

Até hoje, eu os vejo às vezes. Rostos pequenos cobertos de sangue.

— Eu atirei no mesmo segundo que ele. Eu atirei nele direto pelo vidro. Três balas. Foi isso. *Boom. Boom. Boom*. Um o acertou na nuca, os outros dois na espinha. Sangue e massa cerebral em todos os lugares.

Presley se encolheu.

— Merda. Desculpe. Eu não quis ser tão explícito.

Ela acenou. — Eu não tenho medo de um pouco de sangue. Eu só... Isso é insano.

— O motorista abriu a porta para mim. Eu entrei e esperava ouvir crianças chorando e gritando, mas estava em silêncio. Eles se amontoaram em seus assentos, e não foi até que eu caminhei pelo corredor que eles começaram a olhar para cima. Dezessete rostos apavorados, todos olhando para mim. Eu não sabia o que fazer com eles.

— Mas Margaret sabia, — Presley adivinhou.

— Ela me viu congelado e imediatamente assumiu. Ela limpou o rosto das crianças com as mangas da camisa. Ela me ajudou a descarregar todas essas crianças pelas costas e ficou calma o tempo todo. Tocou cada criança, abraçou os que precisavam. Eu nem percebi que ela tinha sido baleada até o ônibus estar vazio. Ela não disse uma palavra. Não foi até outro carro da polícia chegar que as crianças começaram a chorar. Então houve lamentos ensurdecedores quando se agarraram a Margaret e eu.

— Uau.

Eu assenti. — Como eu disse, foi o melhor dia, porque todos eles viveram. E o pior dia também.

— Eu li um artigo sobre isso, depois que você chegou à cidade.

Eu levantei uma sobrancelha, provocando-a. — Você me pesquisou no Google?

— Sim — ela admitiu. — Desculpe. Eu esperava que isso me fizesse não gostar de você.

— Sim?

— Você está bebendo minha cerveja e eu lhe dei a cadeira boa.

Eu ri. — *Touché.*

— Não houve menção a Margaret. Se você não tivesse me falado sobre ela, eu pensaria que você também salvou essas crianças.

— O comunicado de imprensa oficial incluía nossos dois nomes, mas a grande mídia se apegou a mim. Principalmente porque algum idiota do supermercado tirou um monte de fotos comigo e com as crianças e as vendeu para os tabloides. Margaret já havia sido colocada na ambulância.

— Isso é injusto.

— Eu também pensei, mas ela estava realmente feliz por isso. Ela não queria nenhuma parte da publicidade. Nosso comandante perguntou se faríamos uma declaração e ela disse que não, então eu fiz tudo. Ela não recebeu muito crédito por esse dia.

— Parece que ela não queria.

— Verdade. Eu poderia ter matado o cara, mas ela era a heroína.

— Vocês dois são.

— Não sou herói. Eu apenas jogo um na TV. — Eu roubei as palavras de Presley, esperando aliviar o clima, mas sua expressão permaneceu séria. — Fiz o que todos os outros policiais na minha posição teriam feito. O que a maioria faz todos os dias.

Então eu desisti.

Eu não era um herói. Eu era um covarde egoísta e ganancioso.

— Você teve dificuldade em tirar uma vida? — Ela perguntou.

— Não. — Não houve hesitação nessa resposta. — Nunca.

— Então, por que você desistiu?

Por quê? Essa era uma história totalmente diferente, uma que eu não estava pronto para contar. Mas eu explicaria quando. — Eu fui para o treinamento da SWAT depois disso e entrei para uma equipe, mas a mídia ainda estava me seguindo. Os paparazzi podiam ganhar dinheiro com minhas fotos, então eles tiraram. Um agente me rastreou e perguntou se eu já pensei em fazer um filme. Uma coisa levou a outra e eu tinha esse contrato na minha frente por meio milhão de dólares.

— Você foi uma sensação.

— Ele queria explorar a situação e eu deixei. — Graças a alguns golpes de sorte e ao fato de eu ter talento, peguei essa onda até o topo. — Eu gostaria de poder dizer que tive um motivo nobre para desistir, mas não tenho.

—Você fez isso pelo dinheiro. — O tom de Presley não era crítico, era mais para prático.

— Ainda estou fazendo isso por dinheiro. Este dinheiro é... É um dinheiro que muda vidas. É dinheiro legado. Meus filhos não terão que viver de macarrão instantâneo ou sanduíches de manteiga de amendoim quando os orçamentos do departamento de polícia forem cortados. Meus pais não precisam se preocupar com a aposentadoria. Minhas irmãs e seus maridos não ficarão endividados para pagar a faculdade de minhas sobrinhas.

—Acho que trabalhar para sua família é uma causa bastante nobre, Shaw.

— Sempre me senti um traidor.

Meu antigo esquadrão me provocou depois do primeiro filme. Eles não sabiam o motivo todo da minha partida, nem Presley, mas o dinheiro foi um fator importante. Suas provocações pareciam mais acusações do que piadas.

Aposto que o carro novo anda mais suave que o meu Honda.

Levei apenas vinte minutos para chegar da estação. Como estava o tráfego de Malibu?

Surpreso, seu estômago pode até aguentar a cerveja barata.

— Você não é um traidor. — A mão de Presley estava no meu braço novamente, despertando desejo e preocupação reconfortante com um único toque. Então sua mão se retirou e eu queria de volta. — Eu vou pedir pizza. Quer outra cerveja?

— Claro. Obrigado.

Ela se levantou e saiu, sua bunda perfeita envolta naqueles shorts. Eu saboreei o balanço natural de seus quadris, bebendo, observando-a antes que desaparecesse no interior.

O ar quente encheu meus pulmões e uma leveza se instalou no meu peito, o peso do passado se afastando. Eu não tinha conversado muito sobre esse tempo, talvez porque não houvesse uma pessoa por perto que eu confiasse em ouvir.

Presley tinha minha confiança. Eu não tinha certeza do porquê, mas meu instinto dizia que ela merecia. Ela o guardaria ferozmente.

Eu me levantei da cadeira boa, e segui Presley para dentro.

Ela tinha acabado de desligar o telefone quando a encontrei na cozinha. — Esqueci de perguntar que tipo de pizza você gosta.

— Eu não sou exigente. — Eu fiquei de pé contra o balcão ao seu lado, nossos ombros quase se tocando. — E é seu aniversário.

Inclinando-me mais perto, deixei meu cotovelo roçar a pele de seu antebraço.

Presley correu para a geladeira antes que o toque perdurasse, puxando mais duas garrafas de cerveja. Ela entregou um para mim e assumiu uma postura rígida a um metro de distância. — Devemos ser capazes de ouvir a campainha do lado de fora.

Exceto que eu não queria ir lá fora. Coloquei minha cerveja no balcão e entrei no espaço dela. Se ela realmente quisesse ir, poderia desviar e sair da cozinha, mas não tentou fugir novamente.

Seu olhar ficou preso no meu enquanto eu a arrastava para trás até que seu cóccix estava pressionado contra o balcão. — O que você está fazendo?

— Algo que eu queria fazer há semanas. — Eu levantei uma mão e corri meus dedos pela curva de sua bochecha. Inclinei-me, minha boca pairando acima da dela. Se eu deixasse Clifton Forge sem um gosto de Presley Marks, me arrependeria por décadas. — O que você diria se eu pedisse para beijá-la?

Seus olhos dispararam para os meus lábios.

— O que você diria? — Eu repeti.

Os cílios de Presley se ergueram, aqueles olhos azuis brilhando. Então, ao expirar, ela sussurrou: — Sim.

Eu esmaguei meus lábios nos dela, não dando a ela a chance de rescindir. Então eu a segurei, envolvendo seu corpo pequeno nos meus braços e segurando-a perto.

Ela afundou em mim, seus lábios macios gentis sob os meus, hesitantes no começo. Cautelosos. Então foi como ela dissesse 'dane-se', porque ela deixou de lado qualquer pretexto e me beijou quase até a morte.

O controle que tinha sobre ela, não era nada comparado ao que jeito em que ela me agarrou com a mão livre, puxando-me para baixo pela minha camisa. Sua garrafa de cerveja gelada entre nós, pressionou meu abdômen.

Ela lambeu a costura dos meus lábios, exigindo entrada, e quando sua língua deslizou sobre a minha, eu engoli seu gemido. *Ou era o meu?* Sentindo seu gosto, nós entrelaçados e o calor – *puta merda, o calor* -, o mundo ao nosso redor desapareceu.

Havia apenas eu e ela e este *inferno* e seu aroma cítrico fresco matizado com a doçura da baunilha.

Meu sangue ferveu em meus ouvidos, minha cabeça rodava. Este beijo, provavelmente, faria meu cérebro queimar, mas eu aprofundei, arrastando minhas pernas para mais perto e pressionando e pressionando minha excitação em seu quadril.

Foi o seu suspiro que engoli dessa vez.

Então ela parou, justamente, quando começaria a mudar de um beijo para as preliminares. Ela rompeu nossos lábios, plantou a palma de sua mão no meu coração e me empurrou.

— Desculpe. — Passei uma mão pelos meus lábios molhados. — Eu me empolguei.

— Não, é... — Ela balançou a cabeça e secou a própria boca antes de enterrar o rosto nas mãos.

Filha da puta. Ela iria chorar? Talvez ela estivesse pensando em seu ex. Era muito cedo desde o casamento fracassado?

Um dia, talvez eu me lembrasse que Presley raramente fazia o que eu esperava. Suas mãos caíram e ela começou a rir. O sorriso que eu esperava no convés, aquela risada despreocupada e desprotegida, fez meus joelhos fraquejarem.

Lá estava ela. A parede havia sumido e era só ela. De tirar o fôlego. Real. Uma mulher linda e magnética, e eu não conseguia desviar o olhar.

Presley se recompôs, sua risada agradável terminou cedo demais, mas o sorriso permaneceu. — Isso foi... Uau.

Meu coração caiu da minha garganta. *Uau*. Uau era bom. — Uau, você mesma, mulher. Vou precisar de um banho frio mais tarde.

Ela deu uma risadinha. —Algum dia, daqui a alguns anos, vou me lembrar daquela vez em que uma linda estrela de cinema me beijou muito na minha cozinha no meu aniversário.

E sempre que eu pensasse em Montana, me lembraria da mulher com olhos mais azuis do que o grande céu. Ou talvez eu só pensasse nela, nenhum gatilho seria necessário.

Talvez quando fosse a hora de ir, não haveria como deixá-la para trás.

Capítulo Doze

Presley

Aproximei-me da esquina da minha rua, meu pé pairando sobre o freio enquanto prendia a respiração e examinava o carro de Shaw.

Ufa. Vazio.

Fazia uma semana desde o meu aniversário, uma semana desde que Shaw me beijou, na minha cozinha, e eu o evitava, assim como evitava lugares públicos durante a época de gripe.

Ontem à noite, seu SUV estava na garagem quando cheguei em casa do trabalho. Eu estacionei e corri para dentro como se um urso estivesse me perseguindo.

Quatro noites atrás, ele bateu na minha porta. Eu rastejei pela minha entrada como um ninja, mal respirando, e o observei pelo olho mágico.

Basta dizer que eu não estava lidando muito bem com o seu beijo. No momento, era tudo o que queria. Aquele beijo foi quente, intenso e incrivelmente apaixonado. Eu ri e sorri porque aquele beijo tinha explodido minha mente.

Foi o melhor beijo da minha vida.

Pequeno ataque de pânico.

Depois que Shaw me beijou, ele passou a noite como se nada tivesse acontecido. A pizza chegou. Shaw continuou a conversa, falando sobre a filmagem que eles fizeram naquele dia.

Ele me contou sobre suas três irmãs mais novas e sua ninhada coletiva de meninas, suas sobrinhas. Ele me mostrou fotos e eu reconheci Matine da minha pesquisa do Google, a mulher que pensei ser sua namorada.

Comemos na varanda com nossas cervejas e quando terminamos, ele foi para casa. Nem uma vez ele me tocou novamente. Ele não beijou minha bochecha quando o acompanhei até a porta. Shaw apenas acenou e desceu correndo as escadas.

Enquanto isso, a cada momento que passava, ficava cada vez mais assustada.

Eu amei aquele beijo, queria um assim, todos os dias, até que eu estivesse usando dentadura. Mas Shaw estava indo embora. Ele não era material para namorado. Ele era uma maldita estrela de cinema.

O que exatamente eu estava pensando? Eu deveria estar protegendo meu coração ferido, não jogando para um homem destinado a esmagá-lo em pedacinhos com suas mãos muito capazes. *O que diabos ele estava fazendo comigo?*

Shaw Valance.

Ele era *o* Shaw Valance.

E eu era... *Eu.*

Eu era uma mulher aleatória de Montana com bagagem suficiente para afundar um navio de carga. Exceto que Shaw não me fez sentir aleatória. Ele olhou para mim com aqueles olhos deslumbrantes e eu me senti no centro das atenções. Eu estava na sala e tinha sua atenção. Inteiramente.

Ele também me confidenciou sobre o filme e o ônibus escolar. Ele não sabia como eu valorizava essa confiança. Shaw me disse que havia sentimentos, e dane-se se eu não os queria.

Fazia tanto tempo desde que eu senti essa antecipação e emoção em torno de outra pessoa. A ansiedade que veio com ficar perto, imaginando se ele me tocaria.

Jeremiah e eu já tivemos essa eletricidade? Ou eu conjurei uma faísca que realmente não estava lá? Jeremiah era uma constante. Ele era fácil e familiar.

Shaw havia me empurrado tanto para fora da minha zona de conforto, que eu não sabia como agir. Consequentemente, minha fuga – algo que eu não poderia conceder.

Os dias estavam passando muito rápido. Shaw teria que ir embora em pouco tempo e eu estava perdendo tempo sendo uma covarde, escondida em minha própria casa.

Mas aqui estava eu, fazendo de novo esta noite.

Entrei, fechei a porta atrás de mim e acendi as luzes. Fui para a cozinha e meu olhar pousou no local onde ele me beijou sem sentido.

Meus dedos derivaram para meus lábios. Fazia uma semana e eu ainda podia senti-lo ali. Ele tinha um gosto incrivelmente masculino. Sua colônia picante, sândalo e almíscar, havia desaparecido dias atrás, mas eu procurava por ela no ar do mesmo jeito.

Meu Deus, aquele homem sabia beijar. Suas coadjuvantes eram mulheres sortudas.

Estremeci e abri a geladeira, procurando meu saco aberto de cenouras baby. Peguei um punhado e comecei a roer. Então eu vaguei até a sala de estar e sentei no sofá, tirando meu telefone do bolso.

Não havia nada interessante no Instagram. Eu rolei sem rumo pelas fotos e depois puxei a barra de pesquisa. Digitei o nome de Shaw, como todos os dias da semana, e vi seu último post.

Ele estava pescando.

Quando ele foi pescar? O post dizia ontem. Ele estava segurando um peixe com um sorriso largo estendido no rosto. Os óculos de sol protegiam seus olhos e seu boné de beisebol estava virado para trás. #Montana.

Mais como #sexy.

E esse homem, com mais de um milhão de curtidas naquela foto, me beijou. *Eu.*

Passei as suas fotos pela milésima vez, mascando minhas cenouras. Nenhuma das postagens de Shaw desde que ele esteve aqui indicava algo sobre o filme.

Na verdade, parecia que ele estava de férias. Havia apenas cinco fotos, três de seu rosto, uma das montanhas ao pôr do sol e uma que ele tirara na oficina da moto inacabada.

Era a partir do dia em que ele havia sombreado Isaiah.

A moto estava quase pronta agora. Dash me disse hoje à tarde que eu poderia ligar para Shaw e providenciar que ele atendesse na próxima semana. Eu evitei fazer essa ligação também. Shaw estava me dando tempo, sendo respeitoso, o que eu apreciava, mas meu tempo estava acabando.

Era como um cronômetro, terminando em zero. Com cada marca, você sabia que estava chegando, mas ainda assim pulava quando tocava.

Shaw estava chegando perto de zero, disso eu tinha certeza. *Fome. Excitação. Desejo.*

Havia a ameaça de *mais* naquele beijo.

Ele queria isso.

Eu também.

Era apenas uma questão de tempo.

Não havia como Shaw terminar este filme sem me ver novamente.

Depois que Shaw resumiu o *Dark Paradise* para mim, eu o passei para os caras na oficina. Concordamos que, embora o filme não pintasse ninguém sob uma grande luz, ele também não causaria muitos danos.

Isaiah garantiria que Genevieve ficasse longe, não que ela desejasse ver. Levou um tempo, mas quando soube que o retrato de sua mãe seria principalmente positivo, trágico, mas positivo, ela aceitou.

Sua força me surpreendeu.

Ela não tinha interesse em ver o filme, mas a curiosidade era uma coisa engraçada. Isso faz você fazer coisas idiotas.

Como beijar uma estrela de cinema em sua cozinha, apenas para ver se seus lábios eram tão deliciosos quanto pareciam.

Eles eram.

A campainha tocou e eu pulei do sofá, meu telefone caindo no banco.

Era Shaw. Eu tinha certeza disso.

O cronômetro estava tocando e evitar não era mais uma opção.

Fui até a porta e pairei por trás da fechadura.

— Presley. — Sua voz passou pela porta. — Eu sei que está aí. Eu posso ouvi-la respirando.

Eu congelei. *Droga.*

— Sem querer parecer um idiota arrogante, mas a maioria das mulheres abre a porta se eu estiver do outro lado.

— Bastardo presunçoso, — eu murmurei. Ele estava me provocando, e eu mordi a isca. Abri a porta e fiz uma careta. — Seu ego está além da compreensão. Você deveria consultar um médico sobre isso.

Ele sorriu. — Mas eu fiz você abrir a porta.

— Não importa. — Revirei os olhos e fiquei de lado, gesticulando para ele entrar.

Sua risada profunda preencheu o espaço entre nós enquanto ele caminhava em direção à cozinha.

— Ah não. — Eu o parei e apontei para o sofá. — Você não está mais autorizado a entrar na minha cozinha.

— E você acha que uma sala de estar com esse sofá confortável e macio é melhor? — Ele se sentou e jogou um braço sobre as costas como se ele fosse meu dono.

Este era o problema com as estrelas de cinema. Eles chamavam atenção e nós, meros espectadores, não conseguíamos resistir.

Eu fiquei em pé, me certificando de que não estava em um lugar onde ele pudesse me colocar de volta em um balcão, em uma parede ou em uma cama. Perto da mesa de café, eu tinha uma rota de fuga dos dois lados.

Shaw olhou para o meu telefone, que havia pousado com a face para cima onde eu o jogara. Encarando seu rosto na tela. *Oh inferno.*

Ele sorriu. — Alguma coisa boa no Instagram hoje?

Eu pisei no sofá e peguei meu telefone, depois me retirei para o meu lugar seguro. — Como foi a pesca?

— Incrível, — ele respondeu. — Você está me evitando.

— Sim. — Não adiantava negar.

— Gostaria de me dizer por quê?

— Porque você me beijou.

Ele suspirou, a coragem desaparecendo. — Foi um erro? Porque não pareceu um erro, mas se for, peço desculpas.

— Não. — Talvez não fosse inteligente, mas definitivamente não há engano. — Não peça desculpas.

— Eu gosto de falar com você. Eu não quero perder isso. Quero dizer, gosto de beijar você também, mas se tivesse que escolher, eu escolheria conversar.

— Mesmo? — Eu levantei minha cabeça e estudei sua expressão. Foi tão sincero.

— Todos os dias da semana.

Eu lutei com um sorriso. — Eu também gosto de conversar.

A discussão com Shaw era diferente do que com a maioria das pessoas, especialmente os caras na garagem. Eu era uma boa ouvinte, sempre disponível no escritório, então era eu que Emmett ou Leo procuravam se precisassem desabafar.

Dash também, até conhecer Bryce. Mas não importa o que aconteça, sempre senti que os caras se continham, apenas um pouco, porque estavam em modo de proteção.

Shaw não me protegeu de suas verdades.

Para não me esconder na minha.

— Estou confusa, — eu admiti.

— Por causa do seu ex?

Eu zombei. — Não. Ele é uma lembrança. Porque você é você, tem milhões de seguidores. Pessoas de todo o mundo perseguem

seu Instagram, desesperadas para sentir algum tipo de conexão com você. É difícil para eu envolver minha cabeça em torno da fama.

— Não é real.

—Não é? Porque parece que você é realmente famoso.

— A fama é real, mas esse cara, a imagem, não é. Isto é. — Ele acenou com a mão para cima e para baixo no tronco. — Passo mais tempo malhando do que quero. Eu odeio correr, mas vou pelo menos quatro vezes por semana. Minha assinatura em autógrafos não é nada como a que eu coloquei no seu contrato na oficina. Eu tenho dois sorrisos: câmera e fora da câmera.

— Qual é o seu sorriso da câmera?

Ele mostrou para mim. Foi o que eu encontrei no Google. O que tinha visto nas mídias sociais.

— Qual é o seu sorriso fora da câmera?

Ele se levantou do sofá e atravessou a sala, e meus pés grudaram no tapete enquanto ele ocupava meu espaço.

Eu tinha essas rotas de fuga incríveis, mas eu as usei? Não, eu fiquei lá e deixei Shaw soltar seus lábios confusos e magníficos nos meus.

O beijo foi curto e suave.

Não foi o melhor da minha vida, o beijo na cozinha foi, mas foi o mais doce. Então Shaw me soltou, recostou-se e ali estava. O sorriso mais ofuscante e bonito da história.

— Oh, porra, — eu gemi e encostei minha testa no seu peito. Eu só estava alta o suficiente para alcançar seu esterno. —Você está me matando aqui.

Ele riu. —Você me faz sorrir.

— Cale-se. — Eu belisquei seu lado, fazendo sua risada mais alta enquanto me levantei e mergulhei naquele sorriso. — Talvez eu esteja confusa porque isso parece bom demais para ser verdade.

— Não é muito bom. Se fosse bom demais, você moraria na Califórnia e eu não precisaria me despedir em um mês.

A realidade desabou ao nosso redor, sóbrio para nós dois.

Shaw não era um vizinho - *'vizinho'*. Ele era fugaz. Em breve, nos despediríamos, e a única conexão que eu teria com ele seria nas mídias sociais e no cinema. Eu o compartilharia com o mundo, limitado aos sorrisos da câmera.

Mas eu não precisava compartilhá-lo esta noite.

— Você gostaria de ficar para o jantar? — Eu perguntei.

— Nós poderíamos sair.

Eu franzi o nariz. — O que há com você em querer me levar para comer?

— Meus pais sempre tiveram essa coisa. — Ele encolheu os ombros. — Eles saíam para comer uma vez por mês e *apenas* uma vez por mês. Com uma renda e quatro filhos, não podiam pagar por restaurantes com frequência, então, era um grande negócio. Mamãe passava o dia em casa, limpando e lavando roupa para nós. Então, ela se arrumava, para que, quando papai chegasse em casa, estivesse

pronta para ir. Ele trocava o uniforme e vestia calças e uma camisa engomada. Eles iam a um encontro. Não namoro muito, mas gostaria muito de te namorar, pelo menos uma vez antes de partir.

Eu não disse a Genevieve semanas atrás que queria namorar? Eu não queria que Shaw fosse o homem sentado à minha frente?

Mas não consegui. Esse era um passo com Shaw que eu não estava pronta para dar. Ele me colocou no centro das atenções, o que era bom quando estávamos sozinhos. *Mas em público?* Ainda não. E definitivamente não antes de eu contar aos caras da oficina.

A cidade inteira saberia se eu saísse para jantar com Shaw e a notícia viajaria rapidamente em Clifton Forge. Todo mundo especularia que estávamos namorando ou que Shaw era minha repercussão ou que eu era seu caso fácil. Provavelmente seria uma combinação disso e muito mais.

Eu queria aproveitar meu tempo com Shaw nos meus próprios termos.

— Não.

Seu corpo caiu. — Eita. Eu pensei que essa história iria funcionar. Quero dizer, eu apenas inventei isso, mas...

— O que? — Eu bati no seu braço. — Sério?

Ele riu. — Estou apenas brincando. A história é verdadeira.

— Eu não sei se posso acreditar em você.

— Quer ligar para minha mãe e perguntar? — Ele enfiou a mão no bolso.

— Guarde o seu telefone. — Eu fiz uma careta. Eu definitivamente não iria ligar para a mãe dele. — Você gostaria de comer aqui?

— Certo. — Ele passou o polegar pela minha bochecha, enviando uma onda de formigamento nos meus dedos. Ele não me fez explicar minha recusa e não pediu um encontro novamente. Talvez ele achasse que teria mais chance de outro beijo se estivéssemos sozinhos.

Ele faria.

Nós dois terminamos na varanda depois que eu juntei alguns sanduíches simples de peru com batatas fritas. Uma refeição sem complicações feita especial porque eu não estava sozinha.

— Como estão indo as filmagens? — Eu perguntei enquanto comíamos.

— Bem. — Ele assentiu. — Estamos dentro do cronograma, o que é importante. Houve alguns dias longos, mas estamos terminando. Eu só espero...

— Espera o que?

Ele suspirou. — Espero estar fazendo um bom trabalho.

Era estranho ver insegurança em seu rosto. — Você está.

— Talvez.

— Você está. Você é um bom ator e eu sei disso porque assisti a todos os seus filmes pelo menos duas vezes. Você está fazendo um bom trabalho.

A luz em seus olhos dançou. — Duas vezes?

— Isso vai inflar seu ego?

— Definitivamente.

— Bem, isso saiu pela culatra — eu murmurei.

Shaw inclinou a cabeça para trás e riu do céu azul sem nuvens.

Escondi meu sorriso mastigando uma batata frita.

Sua risada era como música, e quanto mais eu ouvia, conseguia distinguir mais notas diferentes. Como o seu sorriso, era diferente quando era real. Era mais rouca e vinha das profundezas de sua garganta. Era cru e não refinado. Acendia um pulso entre minhas pernas que ficaria muito tempo depois da nossa refeição.

— Alguma notícia do seu ex? — ele perguntou.

— Não. — Eu bloqueei o número de Jeremiah, então, se ele tentasse ligar, eu não saberia, e ele não tentara me encontrar na oficina.

Os Warriors não tinham contatado Dash desde que ligara para Tucker, e todos esperávamos que ele tivesse conseguido acalmar as coisas. Mas eu não estava cega aos riscos. Leo tinha estragado tudo, e eu suspeitava que ele passaria as noites no The Betsy olhando por cima do ombro.

— Você disse algo naquele dia, aquele em que Leo esteve aqui depois que dele ter batido no seu ex-noivo. Você disse: 'Você está causando problemas que não precisamos'. O que quis dizer? Estou perdendo alguma coisa aqui, não estou?

Sim, ele estava. — Se eu lhe contar uma coisa, você pode me prometer que não entrará no seu filme?

Shaw franziu a testa e me lançou um olhar furioso. —Estou meio chateado que você ainda pergunte.

Eu me encolhi, repetindo minhas palavras. — Desculpe. Isso não é... Confio em você.

— Você?

— Sim. — Eu segurei seu olhar. — Eu confio em você.

Mas os Tin Gypsies e os Warriors eram nosso segredo há tanto tempo que parecia estranho deixar as palavras soltas.

— Jeremiah, meu ex, ingressou em um moto clube. Os Arrowhead Warriors. Quando Draven e Dash ainda dirigiam os Tin Gypsies, eles eram rivais.

— Já ouvi falar deles. No jornal, Bryce especulou que um de seus membros era o único a roubar a faca de caça de Draven e matar Amina.

Na verdade, tinha sido Marcus, disfarçado de Warrior, porque sabia da rivalidade. Mas ele foi esperto. Todos suspeitaram imediatamente dos Warriors, contando sua história.

— Jeremiah, em sua infinita estupidez, decidiu que queria se juntar ao moto clube deles. Ele se mudou para Ashton anos atrás, apesar de termos ficado juntos. Essa foi a minha infinita estupidez.

— Você não é estúpida, — repreendeu Shaw.

— Não, eu sou. Quando se trata de Jeremiah, há muita estupidez por ali. — Acenei para outra de suas carrancas. — De qualquer forma, Jeremiah é um Warrior. Leo era um Gypsy.

— Inimigos.

— Exatamente. — Eu assenti. — Jeremiah mereceu o que conseguiu, mas quando você mexe com um membro do moto clube, mexe com todos eles. Não precisamos de problemas com os Warriors. Não quero ver meus amigos se machucarem.

— Hmm. — Shaw assentiu. — Seu ex parece como um idiota.

Eu sorri — Você não está errado.

— Você pode me dizer para cuidar do meu próprio negócio, mas por que você ficou com ele?

Eu estava me fazendo essa pergunta há semanas. — Eu não sei. Honestamente, eu não sei. Temos uma longa história e acho que nublou meus sentimentos em relação a ele. Mas está terminado agora e é isso que importa.

— Você tem certeza? — Shaw sentou-se, balançando as pernas compridas entre nossas cadeiras. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos para ficar perto. — Eu pensei que talvez o motivo de você estar me evitando, fosse porque precisa de algum tempo para superar o ex.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Está terminado.

O desgosto, a humilhação, também estavam desaparecendo. Acontece que tudo que eu precisava era de algum tempo para ver a traição de Jeremiah no dia do nosso casamento como um presente. Ele me deu minha liberdade.

Eu não iria agradecer, mas não estava mais com raiva.

— Isso significa que eu posso continuar beijando você?

Sentei-me e espelhei sua pose, um joelho enfiado entre os dele. — Você ficará aqui por um mês?

— Se as filmagens acontecerem como planejado.

— Então que tal eu fazer um acordo? Vou trocar você pelo jantar que quer desesperadamente por um beijo todos os dias durante um mês.

— Moleza. — Ele estendeu a mão. — Aperta aqui.

Minha mão deslizou na dele.

Então ele sorriu, o verdadeiro, e tomou o beijo de hoje.

Capítulo Treze

Shaw

Presley estava escondendo nossa amizade — *relacionamento* — do mundo.

Ela não deu muitas explicações sobre o porquê, mas eu entendi. Por ter sido o assunto da cidade uma vez neste verão após o casamento, ela não precisava se amarrar a mim publicamente e passar por tudo de novo.

Eu deixaria Clifton Forge em algumas semanas e ela estaria aqui para lidar com a fofoca. Se Presley precisasse de mim para ser seu segredinho sujo, eu jogaria esse jogo.

A alternativa era não tê-la, o que não era uma opção.

Nas noites em que não estava filmando, ia até a sua casa. Eu a deixei me alimentar com o jantar, então a beijei até perder os sentidos. Antes que as coisas piorassem além de carícias pesadas, pedia licença e ia para casa tomar um banho frio.

Era fácil atrás de sua porta fechada. Não havia como fingir.

Mas entrar na oficina hoje e não puxá-la em meus braços exigiria um grande constrangimento. Talvez, se ninguém estivesse olhando, eu seria capaz de roubar o gosto de seus lábios.

Ao me aproximar da oficina, minhas esperanças foram frustradas. Minha vaga de estacionamento habitual estava ocupada.

Cada espaço estava ocupado. Tive de estacionar na rua e, quando entrei, deparei com o caos. Nenhum assento estava vazio.

Todos em Clifton Forge resolveram trocar o óleo hoje?

Os dedos de Presley voavam sobre o teclado enquanto ela colocava o telefone entre o ombro e a orelha. — Ótimo. Vejo você às três.

Ela me viu em pé na porta e por um breve momento, sorriu. Então, lembrou-se de que eu era o seu segredinho sujo ou que tinha um milhão de outras coisas para fazer — eu preferi o último — e ela pulou da cadeira, procurando um pedaço de papel na impressora e um conjunto de chaves penduradas em um painel.

Ela passou por mim, voando pela porta da loja, enquanto os clientes que tomavam café, conversavam e enterravam os narizes nos telefones.

Como todas as cadeiras estavam ocupadas e eu havia assinado a isenção de seguro, entrei na loja.

Encontrei Isaiah parado ao lado de uma bancada de ferramentas, bebendo água em um cantil. — Ei.

— Ei, — ele disse, enxugando a boca. — Está aqui para pegar a moto?

— Sim. — Eu sorri, batendo palmas. — Mal posso esperar para vê-la.

— Vamos. — Ele sorriu e empurrou o queixo para segui-lo pela loja.

Dois mecânicos que eu não conhecia estavam ocupados com um carro.

Emmett bateu o capô em um terceiro e acenou um olá. Presley não estava em lugar algum.

Como ela desapareceu?

Olhei em volta, procurando e finalmente a vi correndo para dentro do estacionamento. Ela jogou um par de chaves para Emmett e voltou direto para o escritório, sem me dar um olhar.

Isso doeu.

Quando ela estava na sala, tinha minha atenção, mas não parecia ser o caso dela. Ela teve um momento surpreendentemente fácil de me ignorar. Provavelmente foi bom para o meu ego, mas... *Droga, mulher.*

— Não o vejo muito por aí, — disse Isaiah, me levando para o canto mais distante.

— Sim, eu estive ocupado. — Eu apenas o segui por um dia. — Eu... Obrigado por me deixa-lo assisti-lo trabalhar na moto naquele dia. Eu notei depois, porque Presley havia me feito perceber, de que pode ser difícil ter-me à espreita por cima do seu ombro. Não queria atrapalhar ou causar ressentimentos.

Isaiah diminuiu a velocidade, me olhando com cuidado. — Agradecido.

— Então é isso? — Acenei com a mão na máquina coberta com uma lona.

— Sim. — Ele arrancou a capa, revelando uma moto preta brilhante por baixo.

Meus dedos roçaram o tanque de gasolina. A máquina era realmente uma obra de arte. Inclinei-me para olhar mais de perto. O tanque estava pintado de preto reluzente, mas escondido na superfície brilhante havia chamas de preto fosco. — Uau.

— Vamos levar para fora. — Isaiah levantou o suporte com o pé e colocou as duas mãos no guidão, guiando-a pela porta da baía aberta e para a luz do sol.

Se era glorioso por dentro, por fora era magnífico.

A moto foi feita para a estrada. Era para aparecer em um filme. — Eu estou... Sem palavras. Obrigado.

— É melhor dar uma volta. — Isaiah acenou com a cabeça em direção ao assento.

— Diabos, sim. — Peguei a moto dele, montando. Eu não andava de moto há anos, mas a algum tempo atrás, eu andava regularmente, indo e vindo para a delegacia. Liguei o motor, o estrondo enviando uma onda de excitação em minhas veias.

Deslizei meus óculos escuros sobre os olhos, sorri para Isaiah e fui para a rua. Olhei para o escritório quando passei e encontrei Presley parada na calçada do lado de fora, a sua mão protegendo os olhos, mas havia um sorriso no rosto.

Então, talvez ela não estivesse me ignorando completamente.

Eu sorri de volta.

Então eu corri para longe, acelerando o motor, enquanto corria pelas ruas. Foi o melhor investimento de noventa mil que eu gastei em anos.

Nós a usaríamos para duas cenas do filme, mas depois, ela voltaria para casa comigo. *Esta era a minha moto.*

A estrada sob as rodas era lisa e a moto andava como um sonho. Eu não queria nada além de pilotar por horas, mas tinha que estar no local para filmar hoje. Então, depois de trinta minutos, fui para a oficina, meu cabelo bagunçado pelo vento e meu sorriso firmemente fixado no lugar.

E hoje à noite, não importa o que ela pensasse em ser vista comigo, eu iria levar Presley para passear. Eu queria sentir suas coxas tonificadas pressionadas contra meus quadris. Queria sentir seu peito contra minhas costas e o sussurro de sua respiração no meu pescoço.

— Então? — Isaiah perguntou enquanto eu parava no estacionamento. Emmett veio se juntar a nós.

— Essa é uma moto infernal. — Eu estendi minha mão para apertar a dele. — Obrigado. Você fez um trabalho incrível.

— Diga a seus amigos em Hollywood. — Emmett riu. — Realizamos projetos como esse todos os dias no decorrer do ano.

— Feito. — De bom grado, iria enviá-los ao seu negócio. — Você se importa se eu deixar aqui? Eu piloto, mas posso trazer alguém comigo hoje mais tarde para buscá-la.

— Podemos levar para sua casa, — ofereceu Isaiah. — Sem problemas.

— Você tem certeza? — Porque isso significaria que eu não precisaria trazer Shelly ou outro membro da equipe para a oficina. Havia uma fronteira clara entre a equipe de filmagem e a oficina, e eu gostaria de continuar assim.

— Vamos deixá-la no almoço. — Emmett assentiu. — Vamos deixar as chaves com Presley.

— Parece bom. — Ambos se viraram para sair, mas eu os parei. — Posso lhe fazer uma pergunta?

Isaiah se virou e assentiu.

Emmett fez o mesmo, cruzando os braços tatuados sobre o peito. — O que há?

— O ex de Presley. Ele vai ser um problema?

Os dois trocaram um olhar.

— O que lhe interessa? — Os olhos de Emmett se estreitaram.

— Eu era policial. Quero saber se ela está em perigo.

— Não, — Emmett respondeu ao mesmo tempo em que Isaiah disse: — Talvez.

Minha coluna ficou rígida. — Talvez?

— O ex dela é um idiota épico. — Isaiah ignorou o olhar de Emmett. — Ele a machucará? Provavelmente não. Mas ela precisa ficar longe dele. Ele está amarrado com uma multidão desagradável. Se você o vir por aí, precisa nos contar.

— Eu não tenho medo do seu ex. — Ou do seu moto clube.

— Há coisas que você não sabe, — disse Emmett. — Não importa o que Presley tenha lhe dito, há coisas que vocês dois não sabem, portanto, se o vir por perto, não seja o herói. Faça a ligação.

Algo em seu tom, a sinceridade e a proteção em sua voz me fizeram concordar. — Tudo bem.

Até meu tempo em Clifton Forge terminar, faria o possível para vigiar Presley. Enquanto eu estava aqui, ela era minha.

Com uma última onda, atravessei o estacionamento em direção à rua. Pela janela do escritório, vi Presley no telefone. Fiquei tentado a entrar lá enquanto ela estava distraída e beijar sua bochecha, mas ela me escolheu para isso.

Então eu esperaria, empurraria o desejo profundamente, até que pudesse reivindicar esse beijo hoje à noite sob a minha moto nova.

— Esta é uma bela vista, — ela respirou por cima do meu ombro, os olhos voltados para o longe.

— Montana tem um pôr do sol estelar.

Ela cantarolou em concordância, pressionando a bochecha no meu ombro. A viagem ao longo da rodovia com Presley nas minhas costas foi melhor do que eu poderia ter imaginado. Tê-la pressionada contra mim, seu pequeno corpo segurando firme ao meu, era tanto felicidade quanto agonia.

Mesmo depois de encontrarmos um lugar isolado para parar e assistir ao pôr do sol, ela não desceu. Ela ainda estava lá, seus braços em volta da minha cintura e sua bochecha no meu ombro.

Minha mão estava em sua perna e meu polegar circulava seu joelho. A cada volta, ficava cada vez mais difícil respirar. Cada toque do meu dedo contra seu jeans solto, me fazia desejar poder arrancá-lo de suas pernas e descobrir como ela ficava sem nada.

Eu precisaria de dois banhos frios quando chegássemos em casa.

Meu dia foi gasto no set, ensaiando as filmagens de amanhã e fazendo uma retomada de uma pequena cena com a qual Cam não estava feliz. Alguns dias foram reservados para retomada, mas ninguém queria usá-los.

Eles causaram estresse e os níveis já estavam aumentando agora que estávamos na metade final do nosso cronograma de filmagens. Felizmente, Cam estava feliz com a retomada e eu consegui escapar antes de ser puxado para a tenda para o jantar do elenco e da equipe.

Shelly já estava no meu caso por pular todas as noites. Ela queria que eu estivesse lá para ajudá-la no apoio moral.

Desculpe, Shelly. Presley ficou acima desse apoio moral.

Minha moto estava na calçada quando cheguei em minha casa. O Jeep de Presley estava estacionado em seu espaço normal. Eu deixei a minha mochila em casa, depois corri para a

porta dela, pegando sua mão e arrastando-a para fora no momento em que respondeu à minha batida.

Eu a coloquei na moto e saí da garagem, seu grito de prazer ecoando nos meus ouvidos. Meu plano era ficar nas estradas da cidade, andar por trinta minutos, mas ela apontou para a placa da estrada e para longe de onde partimos.

A oitenta quilômetros da cidade, chegamos ao topo de uma colina com uma ampla extensão de cascalho. Eu estacionei, baixando o estribo, e vimos o sol se mover em direção ao horizonte.

Seu cabelo estava afastado de seu rosto, assim como o meu.

Na próxima vez, usaríamos capacetes, mas por hoje, nenhum de nós parecia se importar com segurança. Esta noite era sobre aventura, o vento e a estrada sem barreiras.

Em noites como essa, eu não sabia por que alguém iria querer morar na cidade. As planícies se espalhavam abaixo de nós e as montanhas subiam ao longe. Acima de nós, algumas estrelas brilhavam no vasto céu de safira. Ainda tínhamos pelo menos uma hora de luz, mas quando a noite se transformou em crepúsculo, a magia de Montana chegou ao meu coração.

Ou talvez fosse Presley.

— Eu estava morrendo de vontade de beijar você hoje, — eu sussurrei em seu ouvido. — Eu quase beijei.

Os seus olhos abaixaram. — Shaw, nós...

— Eu sei. Sou temporário. Você não precisa das fofocas. Entendi, mas isso não me faz querer te beijar menos.

— Se as pessoas e os caras soubessem, isso só tornaria as coisas mais complicadas.

Eu suspeitava que os caras na oficina já sabiam, mas eu não ia explodir sua bolha. — Eu vou manter isso quieto, mas quando estivermos sozinhos, você é toda minha.

Ela sorriu e me deixou tirar sua perna da moto. Eu esperava que ela andasse até a beira do penhasco e visse o pôr do sol de seus pés. Em vez disso, ela virou as costas para a vista e montou no meu colo, passando os braços em volta do meu pescoço. — Estamos sozinhos agora.

Minha boca se fundiu com a dela, e eu a beijei como se quisesse beijá-la o dia todo. Nossas línguas colidiram em um duelo desarrumado e molhado que nós dois vencemos. Enquanto o sol continuava a desaparecer, minha necessidade de Presley subiu ao fogo que nem uma dúzia de chuveiros esfriaria.

— Temos que desacelerar. — Eu me afastei de sua boca, ofegando. — Caso contrário, não poderei parar.

Suas mãos vieram ao meu rosto. — E se eu não quiser que pare?

Meu queixo caiu. Meu pau, já duro, gotejava. *Por favor, deixe-me ouvi-la direito.* — O que você está dizendo?

— Temos apenas um mês. — Ela olhou para mim com aqueles olhos azuis, combinados com o céu acima de nossas cabeças. — Você vai embora e vamos terminar. Mas por enquanto, quando estamos sozinhos...

— Vamos aproveitar ao máximo.

— Sim. — Ela sorriu e mergulhou os lábios na parte de baixo da minha mandíbula, salpicando-a com beijos.

Eu rosnei, meu pau implorando para sair do meu zíper. Eu a puxei para mim, segurando firme, e levantei nós dois da máquina.

Eu gostaria de nada mais do que transar com ela na moto, mas era nova em folha e isso seria forte e rápido. Eu não confiava tanto no meu equilíbrio. Havia uma mesa de piquenique ao longe, parcialmente protegida da estrada por dois pinheiros.

Suas pernas me envolveram, enquanto eu a carregava para a mesa, sua boca chupando e lambendo a pele do meu pescoço.

Coloquei-a na beira da mesa e suas mãos foram direto para o meu jeans. Puxei o seu cinto, afrouxando o aperto para que seus jeans caíssem sobre seus quadris, expondo a pele macia e a renda preta de sua calcinha.

— Preservativo está no meu bolso.

Ela levantou uma sobrancelha, cavando no meu bolso. — Esperando isso?

— Esperando por isso. — Eu ri, deixando meus lábios nos dela. — Muito esperançoso.

Ela sorriu contra meus lábios enquanto pegava a camisinha.

Coloquei a mão no centro do esterno, checando por cima do meu ombro por qualquer tráfego que se aproximava. A estrada estava vazia, não tínhamos visto um carro desde que estacionamos, e as árvores nos protegiam junto com a luz fraca.

Abri o botão do seu jeans, arrastando o zíper, embora eu pudesse tê-lo deslizado. Presley arqueou os quadris, ajudando a empurrá-los em direção aos joelhos. Ela tirou os sapatos e os jeans reunidos no cascalho perto das minhas botas. Meus dedos acariciaram sua pele, arrastando trilhas ao longo da carne de suas pernas.

Comecei do lado de fora, depois, no interior de seu joelho e subi um centímetro. Um centímetro para baixo, dois para cima. Até que meus dedos estivessem a alguns centímetros da costura de sua calcinha.

Eu arrastei meu polegar pela sua fenda coberta.

— Shaw, — ela gemeu, se contorcendo sob o meu toque. — Pare de brincar.

— Eu gosto de brincar.

Presley levantou um cotovelo, o peito arfando. — Brinque depois. Quando estamos atrás de uma porta fechada. Agora, preciso de você aqui dentro.

Eu amei o desespero na sua voz. Isso destruiu meu controle e eu me inclinei sobre ela, arrastando meu nariz ao longo da calcinha de renda, inalando seu perfume. Coloquei beijos na sua barriga, por cima da camiseta branca da Clifton Forge Garage que se moldava ao estômago liso e aos seios firmes.

Fundi seus lábios nos meus e a beijei enquanto desabotoava o zíper da minha calça jeans e me libertava.

Pegando o preservativo da sua mão, eu o rolei sobre o meu pau e deslizei minha língua para fora de sua boca. Recostei-me e, com um puxão, rasguei a calcinha de renda.

Presley riu para o céu. — Eu sempre quis saber como era isso. Um homem arrancando minha calcinha.

— Sim? — Inclinei-me para sussurrar contra seus lábios. — Que outras fantasias você tem?

— Continue e talvez você descubra.

Eu ri, saboreando cada arrepio e suspiro em sua respiração quando deixei a barba no meu queixo raspar contra seu queixo e a brisa fresca banhar o molhado que deixei em seus lábios.

Cheguei entre nós, segurando meu pau para arrastá-lo através de sua entrada. Ela gemeu, o som alto e longo, porque não havia uma alma maldita aqui para se opor. Presley podia gritar no topo de seus pulmões e apenas os pássaros a ouviriam.

Eu adoraria ouvi-la gritar meu nome.

Eu avancei para frente, esticando-a. Foi preciso usar cada grama de meu controle para não a penetrar profundamente e sentir a pulso de seu calor úmido e escorregadio, mas, para aproveitarmos mais, fui paciente por nós dois.

Ela se movia cada vez que eu ia mais fundo, sua respiração ofegante enquanto ela se ajustava ao meu tamanho. — Você é grande.

E ela era pequena. Eu sabia que isso seria um ajuste confortável e cerrei os dentes para não explodir. Eu queria fazer isso bom para ela, para nós dois.

Meus dedos se espalharam entre nós, segurando suas dobras molhadas enquanto eu nos embalava juntos, até que finalmente, eu estava tão fundo quanto ela me levaria.

Os olhos de Presley estavam bem fechados.

— Bom?

Ela mordeu o lábio. — Mova-se.

Porra, sim. Peguei seus joelhos, segurando suas pernas enquanto me afastava. Ela sibilou quando me dirigi para frente, moendo a raiz do meu pau contra seu clitóris.

As suas mãos agarraram a mesa.

— Você é fodidamente incrível, querida.

— Você também. — Uma mão alcançou a minha.

Eu peguei, entrelaçando nossos dedos, e empurrei novamente. Meu jeans caiu mais para baixo.

Deus, eu a queria nua.

Eu queria que a camiseta desaparecesse e Presley se espalhasse embaixo de mim para que pudesse ver seus mamilos rosados. Mas estávamos coçando um comichão, nos soltando e fodendo sob o céu.

Hoje à noite, ou talvez amanhã, teríamos tempo para explorar.

Meu ritmo acelerou e eu bati nela várias vezes, até que ela se contorceu sobre a mesa. Manchas brancas quebraram na minha

visão quando eu a peguei com força, amando o seu aperto ao meu redor.

— Shaw. — Ela me deu um suspiro de aviso.

Eu cravei fundo, duro, e deixei cair sua perna. Eu encontrei o seu feixe de nervos entre nós e acariciei, três vezes antes que ela se quebrasse, suas costas arqueando-se sobre a mesa e seus gemidos desaparecendo a seguir na noite.

Quando seus gritos cessaram, comecei a acariciar novamente, desta vez em breves e fortes estocadas. Não demorou muito para a construção, a pressão me consumir, e eu soltei a mão de Presley, ainda entrelaçada na minha e seu cheiro flutuando no ar da noite.

Eu caí em cima dela quando nós dois estávamos cansados. — Droga.

Os dedos de sua mão livre mergulharam no meu cabelo. — Droga.

Eu não queria soltá-la, mas o fiz. Levantei-me, deslizando para fora e pegando seu jeans, limpando a sujeira. Quando ela o vestiu, coloquei meu jeans e cuidei da camisinha, jogando-a em uma lixeira a alguns metros da mesa, enquanto Presley apertava o cinto.

Não falamos enquanto caminhávamos para a moto. Subi primeiro, firmando-a enquanto ela me montava por trás. Então ela suspirou, envolvendo-se no meu corpo e segurando firme.

— Viu? — Eu beijei sua têmpora. — Eu não resmungo.

O som de sua risada elevou-se acima do rugido do motor enquanto voltávamos para casa.

Capítulo Quatorze

Shaw

Eu apertei a mão de Luke Rosen. —Bom ver você.

— Obrigado pela cerveja. Se você mudar de ideia sobre abandonar o trabalho e ir pescar de novo, me ligue.

—Gostaria de poder.

Luke estava tirando férias, as primeiras desde que se tornou chefe de polícia, e iria passar duas semanas no rio. Ele acampava à noite e dormia sob as estrelas.

Sem telefones celulares. Sem chuveiros. Sem horários.

A viagem parecia uma felicidade, mas não havia como eu ir embora. Estávamos no meio da filmagem e cada segundo disponível eu queria passar com Presley.

Talvez eu voltasse um dia. Luke e eu tínhamos conversado sobre a polícia e cervejas no The Betsy, um bar decadente que me lembrava de um local onde eu e alguns dos caras da SWAT em LA costumávamos sair.

Ele também me levou para pescar uma tarde, dando-me uma amostra de algo pelo qual ansiar.

—Deixa para a próxima? — Eu perguntei.

Ele assentiu. —Eu vou cobrar de você.

— Se você estiver em LA, me avise.

—Eu farei isso. — Ele colocou os óculos escuros e se virou para a caminhonete, acenando enquanto contornava o capô. —Tome cuidado, Shaw.

— Você também. — Acenei de volta, depois caminhei até o Escalade do outro lado do estacionamento de cascalho.

Meu telefone tinha cinco mensagens de texto quando o tirei do bolso. Todas eram de Shelly. Ela estava no modo de triagem completa, tentando descobrir como refazer a programação das filmagens para explicar nossos atrasos recentes.

Estávamos indo tão bem, continuando na pista. Dacia havia saído há muito tempo, o que havia sido uma bênção para a vibração no set. O elenco e a equipe estavam se dando bem. Cameron estava feliz. Shelly tinha sorrisos constantes.

Então tudo tinha acabado nessa semana.

Tudo começou com um resfriado passando pela equipe. Cameron o pegou primeiro, constantemente tossindo e espirrando. Ele passou para os cinegrafistas a seguir. A partir daí, o vírus se alastrou.

As pessoas estavam infelizes. Cada cena demorava o dobro do tempo para filmar, porque Cameron se sentia muito infeliz. Nada era bom o suficiente. O roteiro foi modificado, e eu segurei minha língua, tentando não piorar.

Esses tipos de coisas aconteciam em todos os filmes, evoluíam à medida que você filmava, mas isso estava se tornando extremo. Eu ensaiava as falas pela manhã e à tarde, seria novas falas.

A única coisa que eu tinha a meu favor era que não estava doente, porque mantinha-me bem longe do motel infectado. Fazia minhas refeições separadamente e ia para casa à noite. Bem, não em casa.

Ia à casa de Presley, meu destino quando me afastava do The Betsy.

Shelly finalmente convenceu Cameron de que deveríamos adiar as cenas de hoje e deixar que todos tirassem um dia para se recuperar. Ele concordou com relutância.

Hoje, havia passado algum tempo atualizando e-mails e telefonemas. Passei meia hora no telefone com minha mãe, depois verifiquei cada uma das minhas irmãs. Elas me atualizaram sobre todos os aspectos de suas vidas e fizeram questão de me contar sobre papai.

Eu não falava com papai. Eu não ia falar com ele.

Mas minha mãe e irmãs se recusaram a deixar essa brecha crescer. Elas me deram informações sobre ele, e eu tinha certeza de que fizeram o mesmo, ao contrário.

Depois de ligações familiares, conversei longamente com meu agente e empresário, lembrando-os não importava o quanto elas pressionassem por esta ou aquela audição, assim que *Dark Paradise* acabasse, eu faria uma pausa.

Elas ainda pressionaram.

No início da tarde, eu tinha terminado os telefonemas e mandei uma mensagem para Luke para ver se ele queria me encontrar para tomar uma cerveja.

Ele já estava fora do trabalho, arrumando as malas para a viagem e preparando o barco, então passamos algumas horas conversando no The Betsy enquanto eu observava o relógio, esperando dar cinco horas, quando Presley estivesse a caminho de casa.

A semana passada com ela foi uma das melhores. O tempo estava passando rápido demais e não havia horas suficientes no dia para passar com ela. Os que tínhamos, aproveitávamos ao máximo.

No segundo em que estava na sua casa e a porta estava trancada, suas roupas eram tiradas.

Havíamos passado uma semana atacando um ao outro. As inibições saíram pela porta enquanto íamos um atrás do outro com abandono, arranhando e mordendo até que ficamos ambos sem fôlego e desmaiamos em sua cama.

No início desta semana, eu consegui entrar e sair de um posto de gasolina sem ser reconhecido para reabastecer meu estoque de preservativos.

Graças a Deus pelos bonés de beisebol e óculos escuros.

Eu tinha um no bolso, esperando pelo momento em que Presley abrisse a porta, pegasse um punhado de minha camisa e me arrastasse para dentro.

Eu sorri enquanto dirigia pela cidade.

Presley Marks era uma explosão.

Ela destruiu os planos que eu tinha para Montana.

Meu foco não estava no filme como deveria. Além de uma tarde pescando com Luke, eu não havia explorado a área. Minha atenção estava voltada para a minha pequena vizinha, como seria pelas próximas duas semanas e meia, antes de eu ir embora de Clifton Forge.

Nenhum de nós queria que o filme seguisse o cronograma. Isso custava dinheiro e membros frustrados da equipe que estavam ansiosos para estar em casa com suas famílias. Mas se isso acontecesse, eu não iria terminar com isso.

Eu levaria um tempo extra com Presley.

Posso adiar meus compromissos para outubro? Eu deveria ter perguntado a Laurelin quando nos falamos antes. *Houve algumas cenas que tivemos que filmar no local, mas depois que terminassem, eu poderia voltar para Montana?* Eu deveria participar de um evento de caridade infantil no Halloween e tive alguns contatos com a imprensa para promover um próximo filme, que eu havia filmado dezoito meses atrás.

Se eu perguntasse a Laurelin, ela resmungaria e me mandaria voltar para a Califórnia.

Meu telefone tocou e eu ri com o nome na tela. — Falando no diabo. Eu só estava pensando em você.

— Merda, — ela murmurou. — Você já ouviu falar.

Meu sorriso caiu. — Ouviu o quê?

— Ah, uh... Você não ouviu. Então, há uma foto circulando por aí.

— Que tipo de foto? — Meu estômago embrulhou. Havia muitas fotos minhas por aí. Pegadas pelos paparazzi. Pegadas por fãs. Eu fazia o meu melhor para sempre sorrir quando estava em público, porque com a tecnologia de hoje, nenhum lugar era seguro.

—É você e uma mulher. Shaw, você deveria me dizer quando começar a sair com alguém, lembra? Você não se lembra do que aconteceu com Dacia?

— Não estou saindo com ninguém, — eu menti. Não havia como ela saber sobre Presley. — Qual é a foto?

— TMZ acabou de comprar e postar em seu site.

— Detalhes, Laurelin. Qual é a foto? — Minha mente instantaneamente saltou para o pior. Para outro incidente com Dacia. *Qual foi a última mulher com quem eu estive?* Uma agente de viagens em Nova York. Nós nos conhecemos no bar de um hotel e ficamos juntos naquela noite. *Mas isso foi, o que, nove meses atrás?*

Não que os tabloides se importassem com o carimbo do tempo.

— Não é nada ruim. É você e uma mulher em uma moto, mas o *TMZ* está especulando que você está namorando alguém.

O ar saiu dos meus pulmões. *Porra. Porra. Porra*. Presley ia perder a cabeça. — Mais. O que mais?

— Não sei mais o que. Ela tem cabelo loiro curto. Você está em um semáforo ou algo assim. Está olhando para ela e sorrindo. Ela está com os braços ao seu redor.

— Droga. — *Quantos semáforos havíamos parado na saída da cidade quando eu levei Presley para passear? Um, dois talvez?* Que sorte que um turista ou local com um telefone celular havia tirado a foto no momento certo.

Se os paparazzi começassem a procurar Presley, ela seria um alvo. Essa era a última coisa que ela precisava apenas algumas semanas antes de sairmos de sua vida. — Enterre Laurelin. Compre deles. Não me importo quanto custa, mas minimize.

— Eu já fiz, e você teve sorte, foi barato. Eu disse a eles que ela era sua assistente no set e que você estava apenas testando uma moto que estava usando para um filme.

— Ótimo. — Havia bastante verdade nessa afirmação de que, se eles começassem a perguntar sobre o filme, descobririam que tínhamos uma equipe inteira em Montana, se ainda não sabiam. — O que mais?

— Nada mais. Você sabe como essas coisas acontecem. Algumas fotos se tornam virais. Outras desaparecem. Não seja visto com ela novamente e você deve ficar bem.

Repetições da mesma mulher foram quando os paparazzi começaram a babar.

— Envie-me a foto, — eu pedi.

— Está na sua caixa de entrada. Quem é ela, Shaw?

— Uma mulher que conheci aqui.

— Não brinca. — Eu praticamente podia ouvir seus olhos revirarem. — Isso é algo que eu preciso explicar mais tarde? Ou precisarei enviar um NDA?

— Não e não. — Eu com certeza, não faria Presley assinar um NDA[5]. Meus segredos estavam seguros com ela e não precisava de um pedaço de papel para provar isso. Além disso, depois que eu saísse de Montana, não haveria mais nada para explicar.

— Você tem certeza? Porque...

— Tenho certeza.

— Tudo bem, — ela murmurou. — Eu vou deixar você saber se algo mais acontecer.

— Ok. E Laurelin? Obrigado.

— Só estou fazendo o meu trabalho, — Disse ela e encerrou a ligação.

Felizmente para mim, ela fazia bem.

Laurelin assumiu o papel de minha gerente e não reprimia suas opiniões. Na maioria das vezes, ouvi e segui seu conselho. Ela ficou irritada com a minha decisão de me afastar por um tempo. Laurelin temia que eu perdesse minha posição no topo.

Mas estava na hora de uma maldita pausa, e o topo era um lugar solitário para se estar.

---

[5] Acordo de confidencialidade.

Era difícil confiar que as pessoas não eram amigas por causa da sua fama. A maioria tinha segundas intenções, querendo me usar na esperança de impulsionar seu próprio sucesso, e era por isso que estar perto de Presley era tão revigorante.

Inferno, ela nem queria ser vista comigo.

Eu estacionei na minha garagem, o Jeep de Presley já estava no dela. Abrindo meu e-mail, dei uma olhada na foto e resmunguei. Mas não foi horrível. Nós poderíamos lidar com isso.

O zoom estava muito longe e a foto parcialmente fora de foco. Presley estava de perfil, e seu rosto não era o alvo principal. O meu era.

Tivemos sorte.

Merda. Aquele truque da mesa de piquenique foi um movimento estúpido. Se uma foto disso tivesse sido tirada e vazada, Presley teria cortado minhas bolas. Eu a teria dado a faca por ser tão descuidado.

Saí e corri até a sua casa, verificando por cima do ombro para ter certeza de que não havia ninguém por perto. Além de mim, a rua estava tranquila. No quarteirão seguinte, algumas crianças estavam brincando lá fora.

Ao bater, Presley abriu a porta, me cumprimentando com um sorriso malicioso. — Ei.

— Ei. — Entrei, fechando a porta atrás de mim. Então eu fui direto para isso. — Eu tenho algo a lhe dizer, e você não vai gostar.

O seu sorriso diminuiu. — O que?

— Alguém tirou uma foto nossa de moto na semana passada. Provavelmente alguém tentando ganhar alguns dólares e vendê-los para os tabloides.

— O que? — Os seus olhos se arregalaram. — O que isso significa? Eles sabem quem eu sou? Que nós estamos juntos, — ela balançou a mão entre nós, — *Juntos*?

— Minha gerente disse a eles que você era minha assistente no local e que estávamos testando uma moto para um filme. Isso é tudo.

— Isso é tudo? — Ela torceu as mãos na frente do peito e caminhou até a sala de estar. — Eu não, eu não tenho certeza do que fazer.

— Não tem nada para fazer. — Eu a segui para o quarto. Coloquei minhas mãos em seus ombros, virando-a para mim. — Desculpe. Sei que é péssimo, mas a melhor coisa a fazer é ignorá-la.

— Ignorar isto? — Ela olhou para mim como se eu tivesse crescido outra cabeça.

— Sim. Ignore isto. A foto vai desaparecer. Enquanto não formos fotografados juntos novamente, ela desaparecerá. Eles não sabem o seu nome, então não é como se eles pudessem rastrear você. *Ainda.*

Os olhos de Presley dispararam para as janelas que davam para o jardim da frente. Ela correu na direção delas, arrastando as cortinas para baixo.

Eu ri, mas quando ela me olhou por cima do ombro, eu apertei meus lábios juntos.

— Eu não quero estar em fotos. — Ela foi até a cozinha e abriu a geladeira, emergindo com um punhado de cenouras. Ela estalou um entre os dentes, mastigando com fúria.

— Não é grande coisa, — prometi. — Desaparecerá assim que eu for embora. Mas se estiver preocupada, podemos acabar com isso agora.

Prendi a respiração, esperando e vendo-a pensar. A última coisa que eu queria era que isso terminasse. Eu não estava pronto para desistir dela, esse tempo chegaria em breve. Mas não a colocaria em uma posição ruim. Não a forçaria a arriscar a exposição às víboras de Hollywood. Presley diminuiu a mastigação, depois parou e ela engoliu. — Não.

Um doce alívio tomou conta do meu corpo. Eu sorri e me aproximei, emoldurando seu rosto em minhas mãos. — Adoro quando você me diz que não.

Ela levou outra cenoura à boca, mas eu peguei seu pulso antes que pudesse passar por seus lábios.

E eu coloquei minha própria boca lá em seu lugar.

— O que você fez hoje? — Perguntou Presley. Ela estava deitada ao meu lado.

— Trabalhei esta manhã, tomei uma cerveja com Luke e te esperei.

— Outra cerveja com Luke, preciso ter ciúmes dessa amizade? Nós somos exclusivos, você sabe. Não mencionei isso, mas espero que seja completamente meu enquanto estiver aqui.

Eu sorri, traçando um círculo em seu ombro nu. — Quero dizer, eu gosto de você. Mas Luke? Ele é especial.

— Ele é atraente. — Ela lambeu os lábios. — Ele é amigo de Emmett. Às vezes eu o vejo pela cidade. Ele preenche tão bem aquela camisa de uniforme e os jeans que ele usa são...

Eu belisquei suas costelas.

— Ahh! — ela gritou, rindo e dando um tapa na minha mão. —Brincando. Eu nem conheço o cara.

— Isso mesmo, você está brincando. — Eu entrelacei meus dedos com os dela. —Não vamos falar de policiais encantadores, a menos que seja sobre o ex-policial encantador atualmente nu em sua cama.

Ela apoiou o queixo no meu peito. — Vai me dizer por que deixou de ser policial? Você disse que era um filme diferente.

—É uma confusão. — Eu soltei um longo suspiro, afastando uma mecha de seu cabelo que tinha caído sobre seu olho. Eu amava seu cabelo, que era único, estiloso e diferente, mas não gostava disso, às vezes, pois cobria os olhos dela.

Eu queria mergulhar no azul por tanto tempo quanto eu tivesse.

—Você não precisa me dizer. — Ela salpicou um beijo nos pelos do meu peitoral. Então outro.

Se ela continuasse, não iríamos falar de nada.

Nós tropeçamos da cozinha para o seu quarto mais cedo, deixando um rastro de cenouras. Então passamos algumas horas em sua cama, a salvo atrás de suas paredes e janelas cobertas, onde eu poderia fazer o que ela me deixasse fazer com seu corpo flexível, sem o risco de alguém perceber.

Porra, ela era flexível.

Presley podia fazer isso com as pernas, onde uma estava enrolada no meu ombro e a outra presa ao meu joelho. Estávamos experimentando posições e, embora eu tivesse o dobro do seu tamanho, ela tinha esse jeito de se envolver em minha volta.

Presley era a melhor amante que já tive na minha vida, sem exceção.

— Vou lhe dizer, — eu disse, mudando-nos para o nosso lado, ficando de frente. Minha resistência estava no auge, mas ela me esgotara e eu precisava de um minuto para reabastecer minhas reservas.

Então ela poderia me beijar onde quisesse.

Ela apoiou-se em um cotovelo, seus lindos olhos presos nos meus. Presley ouviu atentamente. Ela me deu todo o seu foco, algo que parecia raro nos dias de hoje, quando havia sempre uma tela para roubar a atenção de alguém.

— Eu cresci na Califórnia, — disse a ela. Para esta história, era importante começar do começo. — Meu pai era policial e eu sempre quis ser policial. Era simples. Todo Halloween, eu me vestia como policial. Toda vez que um professor me pedia para desenhar um herói, era um policial.

Na verdade, era meu pai. Eu queria ser meu pai.

Doeu, pensando naqueles dias e na adoração cega que eu tinha pelo meu pai. Eu tinha tantas boas lembranças para recordar, mas quando as vi agora, elas estavam cobertas por um filme cinza. Eles estavam nublados por suas ações.

— Vou lhe dizer uma coisa que você não vai gostar, — eu disse.

— Você continua dizendo isso para mim hoje. — Seu corpo ficou tenso ao lado do meu. — O que?

Eu dei a ela um sorriso triste, pedindo silenciosamente que ela entendesse. — Eu sei que você o odeia, e eu entendo o porquê. Mas uma parte de mim precisa acreditar que Marcus Wagner era um homem bom. Que ele nem sempre foi um policial ruim.

Presley estava imóvel, sem se mexer nem para piscar. Ela manteve o olhar em mim quando minha confissão invadiu o quarto. Eu não a culparia se ela ficasse brava. Do travesseiro dela, eu teria ficado com raiva também. Mas lentamente a tensão diminuiu de seu corpo e a compreensão penetrou em sua expressão. — Seu pai. Algo aconteceu.

— Sim. — Eu balancei a cabeça, muito agradecido por ela ter ouvido e percebido a vulnerabilidade em minhas palavras. — Eu não falava sobre isso, realmente. Apenas com minha mãe. Ela era a única pessoa da minha família que sabe, nem mesmo minhas irmãs.

— Você não precisa me dizer.

— Eu quero. — Toquei sua mandíbula, precisando da suavidade de sua pele antes de continuar. *O seu rosto, essa pele, me ancorava.* — Papai foi policial a vida toda. Um bom policial. Ele trabalhou muito e era honesto. Então eu não sei o que aconteceu. O dinheiro ficou apertado. Todas as minhas três irmãs estavam na faculdade ou recém-formadas. Papai... Eu não sei o que ele estava pensando.

Até hoje, eu não entendia. *Como um homem com tal caráter, tal integridade, cometeu um erro moral tão catastrófico por causa do dinheiro?* Se ele tivesse falado conosco, teríamos contribuído. Minhas irmãs teriam feito empréstimos. Eu teria jogado meu salário na mistura. Mas papai carregava o fardo sozinho.

A única vez que tentei falar com ele sobre isso acabou em desastre. Eu estava com muita raiva para ouvir e não tinha falado com ele desde então. A decepção foi muito esmagadora, porque ele era meu herói.

— Papai estava coletando evidências em uma apreensão de drogas. Já estive em algumas delas antes e é uma loucura. Geralmente, existem drogas em todo lugar. Às vezes, há dinheiro também. A maioria é deixada de fora, mas encontrei

dinheiro escondido em vasos sanitários, caixas de areia e secadores de gatos. Papai encontrou um rolo no sapato de uma criança. Em vez de catalogá-lo como evidência, ele o colocou no bolso.

Presley ofegou. — E ele foi pego?

— Seu capitão estava analisando o relatório de papai uma semana depois e havia algumas inconsistências. Erros que papai nunca cometeu, então chamou papai para perguntar sobre isso. Papai disse que não demorou mais do que um olhar questionador antes de confessar tudo. Ele devolveu o dinheiro, cada nota.

—Uau, — Presley ofegou.

— Sim, uau. Ele fez a coisa certa, sendo o dono e não gastando esse dinheiro. Mas ele não deveria ter aceitado em primeiro lugar. Ele cruzou a linha.

—Ele foi demitido?

— Praticamente. Tecnicamente, ele se aposentou cedo. O capitão o fez entregar seu distintivo, mas ele ficou com a pensão.

— Ele lhe contou sobre isso? Como você descobriu?

— Ele me disse. — Eu assenti. — Ele me convidou no dia em que admitiu ao capitão e contou tudo para mim e mamãe. Passaram seis meses depois do ônibus escolar.

— E é por isso que você desistiu.

— Sim. — Virei de costas para encarar o teto. — Eu era o novato em uma equipe da SWAT e ainda estava em treinamento. Saí da casa de mamãe e papai e dirigi para casa. Eu deveria trabalhar no

turno da noite, mas liguei dizendo que estava doente. Não sei por que, mas não pude ir trabalhar.

Talvez eu tivesse medo de me tornar meu pai. Até aquele momento da minha vida, eu seguia seus passos.

— Havia um agente que estava me ligando desde o incidente do ônibus. Não era o mesmo agente que eu tenho agora. Eu o despedi porque ele era um bastardo cruel e contratei Ginny. Mas eu tinha o número desse cara. Ele ficava me ligando uma vez por mês para ver se eu estava interessado. Ele disse que poderia me encontrar com um diretor de elenco bem conhecido. Ele tinha uma conexão. Eu estava me esquivando dele, mas nunca disse a ele que não. Naquela noite, fui para casa e liguei para ele. Eu só... Eu não podia mais ser policial, estava com o coração partido demais. Não queria que isso acontecesse comigo.

— Não teria.

— Como você sabe? — Virei minha bochecha para olhá-la. — Policiais não ganham muito dinheiro. Você tem filhos. Você tem problemas. Eu vejo meus amigos lutando com isso o tempo todo. Eles não têm mais nada a dar, se suas esposas não trabalharem. E eu tive essa chance única na vida, então aproveitei.

Afinal, eu me transformei em papai.

Eu desisti da minha carreira íntegra por dinheiro.

— Eu tenho vergonha disso.

— Por quê? As pessoas trocam de emprego o tempo todo, Shaw. Eles fazem o que precisam fazer. Você não está esgotado. Você acabou de mudar.

Ela fez parecer tão simples. Tão inocente. *Eu teria enfrentado essa batalha interna se me tornasse banqueiro, carteiro ou treinador de futebol?*

— Talvez você esteja certa.

— Claro, eu estou certa. — Ela sorriu. — Por que seus pais não disseram a suas irmãs?

— Porque eu pedi para eles não fazerem. Papai não era apenas meu herói, ele também era delas.

— E você não queria tirar isso delas.

Eu assenti. — Por algum milagre, ninguém descobriu. Muitas pessoas se interessaram pelo meu passado, mas ficou quieto.

Esperançosamente, agora não havia nada para encontrar. Se surgisse, destruiria meu pai.

Isso destruiria minha família.

— Eu sinto muito. — Presley colocou a mão no meu coração.

Eu cobri com o meu. — Eu também.

Ela levantou e pressionou o peito nu contra o meu lado. Suas mãos mergulharam nos fios de cabelo acima da minha têmpora e seus lábios pairaram um centímetro dos meus. — Obrigada por me dizer.

— Obrigado por ouvir. — Havia uma leveza no meu peito, uma que não estava lá há muito tempo.

Eu virei nós dois, pressionando minha crescente excitação na perna de Presley. — Agora já chega de conversa.

Ela sorriu. — De acordo.

Capítulo Quinze

Presley

— Vou sentir falta disso, — disse Shaw, com os olhos colados no quintal. — Esqueci como é bom não fazer nada e relaxar.

Seu perfil estava voltado para mim, destacando a linha reta de seu nariz e seu queixo quadrado. Eu tinha esquecido como é gostar de alguém. Como é desejar alguém.

Eu também sentiria falta disso.

Começamos isso como um caso, mas se transformou em uma experiência reveladora. Shaw me lembrou como é ser tocada. Como é ser beijada. Ele me lembrou como era correr para casa tão animada para ver outra pessoa, que você ficava ao lado da porta, quicando sobre os dois pés, praticamente saindo da pele até que finalmente eles chegavam e era a melhor parte do seu dia.

Dizer adeus esta semana seria brutal, mas estava grata por ele ter entrado em minha vida. Shaw me mostrou o que perdi com Jeremiah, o que faltou em nosso relacionamento: paixão, confiança, amizade. Ele me mostrou o que esperar no futuro, quando eu estivesse pronta para namorar novamente.

Isso levaria tempo.

Shaw roubou uma parte do meu coração e eu planejava segurar a parte que roubei dele, só por um tempo.

Desde que ele me contou sobre seu pai, nossas conversas não foram pesadas. Passamos a maior parte do tempo escondidos em minha casa, principalmente no meu quarto. Ele estava tão ocupado que nossas horas juntos eram limitadas. Esta noite foi a primeira vez que ele apareceu antes da meia-noite.

Então estávamos na varanda, bebendo uma cerveja e não fazendo nada. Simplesmente estávamos juntos.

Relaxante.

Esse não era um conceito fácil de entender ou praticar.

Passei minha infância pisando em ovos. Mesmo depois de me mudar para Clifton Forge, demorei muito para acalmar meus nervos constantes. Eles não haviam se estabelecido de verdade até que eu morasse sozinha. Com minha colega de quarto, agora senhoria, eu estava me comportando da melhor maneira, certificando-me de que estava arrumando tudo a cada passo.

Depois que ela se mudou, eu continuei porque era assim que eu vivia minha vida. Então, um dia, deixei uma panela na pia para lavar. Normalmente, eu a teria esfregado, não importa quanto tempo demorasse. Em vez disso, deixei-a e fui trabalhar.

Eu quase tive um ataque de pânico naquela manhã e fui para casa no almoço para lavá-la, mas foi a primeira vez que me soltei um pouco.

Isso era mais difícil de fazer com outra pessoa.

E se vissem minhas falhas? E se eu errasse e fosse punida ou odiada?

Talvez a razão pela qual Jeremiah e eu não termos funcionado foi porque eu estava muito focada na perfeição.

Ou talvez ele fosse apenas um idiota.

Idiota. Definitivamente.

Shaw rompeu minhas defesas e me deixou sem restrições. Para o passado. Para minhas inseguranças. Para as expectativas.

Ele iria embora em cinco dias, então por que se conter?

Eu não tinha, e estava melhor por isso.

— Obrigada, — eu disse.

Ele olhou. — Pelo quê?

— Por ser perfeito. — Eu fui tão rude e fria no início, mas ele não desistiu de mim. Ele ainda estava aqui. E tinha confiado em mim com seus esqueletos e eu estava aprendendo a confiar em mim mesma.

Se eu não fosse perfeita em todos os sentidos, ele não iria embora.

— Eu não sou perfeito, Presley. Sou apenas um homem, com falhas como qualquer outro. A perfeição é uma ilusão.

Não, isso não estava certo. Ele era perfeito porque enxergava seus defeitos. Porque eles o tornaram humano. Ele os acolhia. Pertenciam a ele. Ele me mostrou que não havia problema em não temer minhas próprias deficiências e suas consequências.

—Então, obrigada por ser gentil.

A testa de Shaw franziu. —De que outra forma eu seria?

—Indelicado.

Até que me mudei para Clifton Forge, eu conhecia principalmente homens cruéis. Até hoje, os idiotas eram fáceis de encontrar.

— Nós não falamos sobre você, — disse ele.

— Não. — Virei meus olhos para o quintal.

— Por quê?

Eu levantei um ombro. — Eu não gosto da minha história.

Não era um filme que eu gostaria de ver.

Shaw estendeu a mão livre e a apoiou no meu cotovelo.

Não havia dúvida por trás do gesto. Ele não iria me pressionar para falar sobre meu passado. Ele me disse sem palavras que se eu quisesse falar, ele ouviria.

Com os poucos dias que eu tinha deixado com Shaw, não iria desperdiçá-los com história antiga. Eu tinha uma família, que ele já conheceu na oficina. Eu os encontrei no dia em que comecei a trabalhar lá, e Draven foi o pai de que eu precisava.

Enquanto Shaw me ensinou que valia a pena confiar em um homem em um relacionamento, Draven me ensinou como confiar em uma pessoa, ponto final. Ele me mostrou que o amor incondicional não era um mito.

Draven amava seus filhos e eu gostava de pensar que ele sempre me considerou uma filha não oficial. Draven amava sua esposa.

Eu nunca conheci Chrissy Slater, mas o amor de Draven por ela era eterno. Era tão forte, eu a amava, uma estranha, porque ele a amava.

Eu sentia sua falta.

Eu perdi minha irmã.

Eu sentiria falta de Shaw.

Eu estava cansada de perder pessoas.

Uma picada atingiu meu nariz e eu esfreguei a ameaça de lágrimas. Eu estava indo muito bem, vendo Shaw por todas as coisas boas que trouxe para minha vida. Mas ele estava indo embora. Ele desapareceria e o único lugar que eu o veria era na tela.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— Qual foi a pior atriz que você já teve que beijar? — Eu soltei, querendo mudar de assunto.

Shaw apertou meu braço, depois o trouxe de volta ao apoio de braço de sua cadeira. — Dacia.

— Mesmo? — Meu queixo caiu. — Eu teria pensado que era a hora que você tinha que beijar Aquaman no *Saturday Night Live.*

— Esse clipe vai me assombrar para sempre. — Ele riu. As duas grandes e bonitas estrelas de cinema se encolheram depois e riram histericamente, tentando recuperar a compostura para dizer suas falas. — Mas não, foi Dacia.

— Quando? — Eu não conseguia me lembrar deles estarem juntos em um filme. — Que filme?

— Este. Não queria beijá-la porque queria beijar você.

— Oh. — Eu corei.

Este homem poderia fazer um elogio. Quero dizer, Dacia era Dacia French. Eu só era... *Eu.* Mas Shaw Valance me queria.

— Isso a incomoda? — Ele perguntou. — Eu beijando outras mulheres?

— Sim, — eu admiti.

Ele sorriu. — Bom.

A campainha tocou e eu pulei da minha cadeira.

— Esperando alguém? — Shaw perguntou, de pé também.

— Não. — Quando chegamos, coloquei minha cerveja na mesinha ao lado do meu sofá e caminhei em direção à porta.

Shaw ficou para trás, pairando perto da parede para que não fosse visto, mas estava perto.

Fiquei na ponta dos pés para verificar o olho mágico e meu estômago caiu. Um rosto que eu não via desde que arranquei a foto dele da minha moldura esperava do outro lado. *Não.*

O que ele estava fazendo aqui?

Abri a porta e a abri, olhando para o rosto do meu ex-noivo.

— Ei. — Ele levantou a mão.

Cruzei os braços sobre o peito. — O que você quer, Jeremiah?

— Posso entrar?

Ele estava chapado? Ele não morava mais aqui. — Não.

O calor de Shaw atingiu minhas costas e os olhos de Jeremiah se arregalaram, baixando alguns centímetros. Shaw era mais alto

que ele por centímetros, e Jeremiah não era baixo, com um metro e oitenta de altura.

Jeremiah observou Shaw, reconhecendo-o instantaneamente.

Havia um brilho em seus olhos, algo que eu via pela cidade sempre que alguém falava das estrelas visitando Clifton Forge. Era aquela luxúria gananciosa quando você queria estar associado a alguém poderoso, popular e rico.

Concentrei-me em frente, sem me virar para Shaw. Ele me deixou assumir a liderança, embora eu sentisse sua raiva irradiar de seu peito para meus ombros.

O lábio de Jeremiah tinha um corte seco no canto. Tinha correspondentes iguais na ponte do nariz e em uma de suas sobrancelhas. *Eram de Leo? O quanto Leo o espancou se ainda não tinha cicatrizado?* Isso foi há mais de um mês. *Ou Jeremiah se meteu em outra briga desde então?*

A pena que normalmente teria por ele há muito desapareceu.

Seu rosto machucado e espancado não era mais problema meu. Até agora, não tínhamos ouvido nada dos Warriors sobre retaliação contra Leo, e eu tinha esperança de que isso iria desaparecer, mas não gostei de ver Jeremiah de volta à cidade.

— Podemos conversar por um segundo? — O olhar de Jeremiah disparou entre mim e Shaw. — Em particular?

— Não, — Shaw e eu respondemos em uníssono.

— Vamos, Pres. — Ele passou a mão pelos cabelos. As madeixas marrons estavam mais longas agora do que quando estávamos juntos.

Jeremiah usava um colete de couro preto Warrior, cortado sobre uma camiseta branca amarrotada. Seu jeans estava sujo nos joelhos, e parecia que ele não tinha dormido.

Sua moto estava estacionada na rua.

Eu não o via desde dois fins de semana antes do casamento. Eu tinha ido a Ashton para assinar o contrato de aluguel do apartamento e fomos jantar juntos naquela noite. Eu decidi não dormir mais porque tinha que fazer as malas.

Ele estava tão bonito no restaurante. Não era um lugar chique, mas a luz da janela em que estávamos sentados fez seus olhos castanhos dançarem e seu sorriso brilhar. Lembrei-me de pensar, *meu Deus, vou me casar com ele.*

O homem na minha varanda não era nada parecido com aquele homem bonito que, pela primeira vez, pagou meu jantar.

Talvez ele nunca tenha sido tão bonito em primeiro lugar. *Os lábios de Jeremiah sempre foram tão finos?* Seus ombros não eram tão largos quanto eu lembrava. Ele era magro e não estava em um bom caminho. Não havia graça ou fluidez em seus movimentos.

Ele havia mudado tão rapidamente? Ou meus óculos cor de rosa finalmente foram tirados? Talvez eu estivesse finalmente vendo o que todo mundo tinha me dito o tempo todo.

Jeremiah não era digno.

É verdade que eu estava dormindo com Shaw Valance, então meus padrões mudaram drasticamente ultimamente.

Tome isso, Jeremiah.

— Pres, vamos lá. Cinco minutos.

— Você teve a chance de falar comigo. Teve anos para falar comigo. Mas não o fez. Você evitou tudo.

— Você também, — ele respondeu.

— Você está certo, eu fiz. Mas não fiz isso para te machucar. Eu nunca teria o machucado como você me machucou.

—Eu me desculpei.

— E eu não me importo. Você precisa sair.

—Eu não vou embora até que você fale comigo. — Ele bateu com o punho no batente da porta, então se conteve. —Por favor.

Shaw enrijeceu, chegando mais perto. A raiva rugindo nas minhas costas estava pronta para arrancar a cabeça de Jeremiah, e eu tinha a sensação de que ele faria muito mais danos do que Leo poderia ter sonhado.

Eu coloquei minha palma em sua coxa protuberante, esperando acalmá-lo com um toque enquanto falava com meu ex. — Adeus, Jeremiah.

— Eu só preciso pedir dinheiro emprestado e...

— Não termine essa frase, — eu fervi. — Você não recebe nada de mim. *Nada.* Não venha aqui de novo.

— Presley...

Recuei, forçando Shaw comigo, e bati a porta na cara de Jeremiah. Meu peito arfava, enquanto eu respirava um pouco de ar, olhando e piscando em direção da porta.

O som de sua batida ecoou em meus ouvidos.

Shaw colocou a mão no meu ombro. — Ok?

— Sim, — eu respirei, me acalmando.

Quando foi a última vez que eu enfrentei Jeremiah?

Eu deveria ter terminado nosso noivado quando ele se recusou a me comprar um anel de noivado. Deveria ter dito a ele não na primeira vez que me pediu dinheiro. Eu deveria ter terminado quando ele se juntou aos Warriors.

Não tinha dificuldade em dizer não a outras pessoas na minha vida. Eu latia para Leo ou Emmett ou Dash sempre que eles me irritavam. Dizer a Shaw não era uma das minhas coisas favoritas porque ele a transformou em preliminares. Mas Jeremiah estava tão ligado ao meu passado que eu nunca tive coragem.

Até hoje.

Eu me virei e olhei para Shaw. — Eu me senti... Incrível.

Uma risada escapou e eu pressionei meus lábios para silenciá-la. Jeremiah ainda estava do lado de fora. Eu não tinha ouvido suas botas nos degraus da varanda.

— Eu deveria ter feito isso anos atrás, — eu disse, depois me virei para a porta e a abri. Como esperado, Jeremiah ainda estava lá. — Você nunca foi bom o suficiente para mim. Eu não vi isso. Mas você nunca foi bom o suficiente para mim ou para Scarlett.

Seu queixo caiu, mas eu bati a porta novamente.

Esperei, prendendo a respiração, até que seus passos ecoaram na varanda e ele foi embora. Então eu ri, desta vez sem segurar.

— Então esse é o ex.

Eu balancei a cabeça, minhas bochechas evidenciando um sorriso. — É ele.

— Emmett e Isaiah me avisaram de que ele poderia aparecer. Pediu que eu dissesse a eles se o visse.

— Ele é inofensivo. — Eu acenei. — E Emmett e Isaiah são superprotetores.

— Presley, — ele avisou.

— Vou contar a eles se isso vai fazer você se sentir melhor. — *Ou não.* Não queria que os caras se irritassem com a visita de Jeremiah implorando por dinheiro. Agora que estava claro que ele não receberia um centavo de mim, ele desapareceria.

— Você quer que eu...

Eu me lancei em Shaw antes que ele pudesse terminar.

Ele me pegou, me içando enquanto envolvia minhas pernas em volta de sua cintura. Suas mãos apertaram firme na minha bunda quando eu passei meus braços em volta do seu pescoço.

— Chega de falar, — eu sussurrei, depois devorei sua boca.

Nossas línguas deslizaram uma contra a outra em varreduras frenéticas. Minhas mãos mergulharam em seus cabelos, no cabelo curto em seu pescoço e a outra nos fios mais longos no topo.

Minhas pernas apertaram seus quadris quando ele nos levou para trás e para longe da porta.

Eu usei meu aperto em seus cabelos para guiá-lo, andando pelo corredor e depois direto para o meu quarto. Esbarramos e colidimos contra a parede e o batente da porta, finalmente invadindo o quarto.

Shaw me levantou mais alto, usando uma mão para me segurar, enquanto a outra, mergulhava na gola da minha blusa, puxando-a para baixo sobre o meu seio.

O ar frio atingiu minha pele nua quando ele fez a mesma coisa com o bojo do meu sutiã. Seus dedos beliscaram meu mamilo e eu me afastei de sua boca, gemendo para o teto quando ele o rolou entre os dedos.

Houve uma mordida deliciosa quando ele me provocou, meu núcleo palpitava e o desejo aumentava.

— Para baixo, — eu ofeguei, mas ele balançou a cabeça.

Então me levantou ainda mais alto, os músculos em seus braços se apertando e flexionando quando ele levou meu mamilo à boca e o envolveu em seus lábios quentes.

— Shaw, — eu sussurrei, meu pescoço ficando mole quando minha cabeça se inclinou para o lado.

A boca do homem era mágica. Ele poderia me levar ao limite com um beijo sozinho. Meu centro estava contra os gominhos firmes de seu abdômen e eu arqueei meus quadris, apertando minhas pernas para conseguir um pouco de fricção.

Ele gemeu, a vibração de sua voz profunda correndo pela minha espinha antes de se separar, me deixando cair para que ficássemos no mesmo nível. Então ele me deu um sorriso diabólico. — Não posso trabalhar careca amanhã.

Eu afrouxei o aperto em seu cabelo. —Então me coloque no chão e vamos falar sério.

Ele riu e então eu estava voando, voando para trás enquanto ele me jogava no colchão.

Eu saltei, rindo quando ele veio para cima de mim. Eu tinha trocado de jeans por um short minúsculo de algodão quando cheguei em casa do trabalho. Estava calor lá fora e eu planejava ficar na varanda antes mesmo de Shaw vir se juntar a mim.

Quando eu abri a porta para ele, ele deu uma olhada neste short e engoliu em seco. O mesmo olhar aquecido estava em seus olhos agora, e seus dedos mergulharam na cintura.

Eu arqueei meus quadris e *whoosh*, meu short e calcinha de renda aterrissaram no chão.

Shaw caiu de joelhos.

Meu coração deu um salto.

Eu me apoiei nos cotovelos, meu seio ainda exposto.

Ele estendeu a mão e segurou-o com uma das mãos enquanto sua língua girava na pele do meu joelho. Ele passou de uma perna para a outra, deixando rastros molhados a cada lambida.

Para cima e lambida.

Mais e lambida.

Para os lados e lambida.

Para baixo e lambida.

No momento em que ele finalmente encontrou o ápice das minhas coxas, eu estava quase desmoronando.

Minha mão foi para o seu cabelo para arrastá-lo para cima, mas ele o afastou e continuou suas ministrações, me torturando com aquela língua talentosa.

— Shaw, por favor, — implorei quando ele lambeu a borda das minhas dobras. Eu não precisava dele para me beijar lá. Eu precisava que ele me beijasse no local onde ele sabia que eu iria desmoronar.

Mas ele ouviu? Não.

Ele continuou lambendo até que eu estava uma bagunça trêmula e o pulso no meu núcleo batia mais forte do que o meu batimento cardíaco.

— Shaw. — Eu cerrei os dentes, pronta para deslizar a minha mão e cuidar disso sozinha, mas então, oh *doce Jesus*, ele encontrou meu centro.

Uma rápida lambida pela minha fenda e meu corpo saiu da cama. Esse orgasmo prometia me arruinar, e jurei que ele teria um tão poderoso quanto.

Eu apertei meus olhos com força, arqueando acima do colchão. Meus braços alcançaram acima da minha cabeça, segurando meus travesseiros enquanto meus quadris torciam,

incapaz de ficar parada enquanto Shaw trabalhava sua língua para cima e para baixo nas minhas dobras escorregadias.

— Mais, — eu implorava. — Mais.

Ele sacudiu meu clitóris, em seguida, chupou em sua boca enquanto eu gritava. Ele alternou, brincando comigo antes de me dar beijos punitivos até que eu não pudesse mais segurar.

A queimadura foi tão quente e rápida que quebrei em uma onda. Manchas brancas surgiram em minha visão e eu pulsava repetidamente enquanto sua língua entrava e saía, me lambendo a cada torção e aperto.

Quando eu estava torcida e sem ossos, Shaw beijou a parte interna da minha coxa e se levantou. Eu abri um olho e sorri, levantando a mão para movê-lo com um dedo.

Shaw me ensinou sobre orgasmos múltiplos. Ele me transformou em uma mulher gananciosa e faminta.

Suas roupas desapareceram. Ele colocou uma camisinha e acariciou seu pau longo e grosso enquanto se ajoelhava na cama. Recuei para ter mais espaço e abri as pernas o máximo que pude.

Sua respiração ofegou. — Porra, você é flexível.

Eu estava desprotegida.

Eu estava aberta e devassa.

Para ele.

As mãos de Shaw pegaram meus joelhos, me puxando para perto enquanto ele se alinhava no meu centro. — E bonita. Você é tão linda.

— Conversa mole, — eu sussurrei em seu ouvido, mordiscando o lóbulo e arrastando seu aroma picante.

Então, com um golpe suave e devastador, ele me encheu.

— Oh, merda, — eu assobiei, me alongando e me ajustando ao seu tamanho. Sempre me pegava de surpresa, o sentimento de nós conectados.

Ele me deu um segundo, depois se moveu, avançando lentamente para fora e para dentro. Seu ritmo era sem pressa e deliberado. Ele estava demorando, trabalhando comigo de volta. Ele sabia que demorava um pouco mais depois do primeiro orgasmo, então ele trabalhava para isso. Ele nunca me deixou querendo mais.

— Você se sente tão bem, — ele gemeu, seus quadris trabalhando cada vez mais rápido.

Eu balancei a cabeça, incapaz de encontrar as palavras quando senti novamente. Minha pele estava muito quente. Meus músculos muito tensos. No segundo, em que me quebrei após o meu orgasmo, soltei uma série de ruídos incoerentes.

Eu estava em uma névoa de luxúria e sensação, perdida para qualquer pessoa no mundo, exceto Shaw.

Presley. Meu nome saiu de seus lábios em um murmúrio baixo, então ele cravou profundamente, estremecendo com sua própria libertação.

Nós caímos um ao lado do outro quando descemos, o único som no quarto era a nossa respiração pesada. Eu endireitei o bojo do meu sutiã e camiseta e suspirei. — Uau.

Shaw riu. — Que desenvolvimento interessante.

— O que? — Eu olhei para ele.

— Você se ouviu?

— Não. — Minha mente disparou.

Oh inferno. O que eu disse?

Não tinha deixado escapar algo estúpido, como *eu amo você.* Porque isso seria loucura. Eu não estava apaixonada por ele. Quero dizer, *gostava* dele. *Mais* do que gostava dele. *Mas amor?* Nós só ficamos juntos por algumas semanas.

Ele era meu caso. Minha recuperação. Meu vizinho.

Eu não teria dito que o amo, certo?

A risada de Shaw encheu o quarto. — Presley Marks, você é uma resmungona.

— O que? — Sentei-me, minha boca aberta, parcialmente aliviada por não ter dito algo estúpido e parcialmente mortificada. — Eu não, sem chance.

— Querida, você resmungou. — Ele sentou e esfregou os lábios no meu pescoço, fazendo cócegas na minha pele com sua barba por fazer.

Então, ele imitou o som que eu tinha feito.

— Oh meu Deus. — Eu cobri meu rosto com as mãos. Ser deixada no altar foi humilhante. *Isso?* Definitivamente, um segundo próximo. — Nunca mais vamos fazer sexo.

Ele riu quando eu saí da cama, procurando minha calcinha. Lancei um olhar por cima do ombro, vendo-o de lado, nu e

perfeito. Em algum lugar ao longo do caminho, ele se tornou mais do que Shaw Valance. A fama havia desaparecido.

Agora ele era apenas o homem bonito na minha cama que me fazia sentir especial.

— Nunca? — Ele levantou uma sobrancelha.

Eu me envergonhei e era como se ele me quisesse mais do que nunca. Eu lutei com um sorriso. — Pelo menos deixe-me cuidar do meu orgulho até depois do jantar.

Ele riu e lambeu os lábios. — Eu já comi.

Inclinei-me e peguei um travesseiro que caíra da cama e joguei-o no seu rosto. O som da nossa risada combinada ecoou pela casa.

Eu realmente sentiria falta dele.

Capítulo Dezesseis

Shaw

Baixei minha cabeça enquanto a água batia em meus ombros. O chuveiro esfriou, mas quanto mais eu ficava aqui, mais eu podia evitar o dia.

Essa filmagem, que deveria ter sido longa e cansativa, terminou muito rápido. A casa estava cheia de minhas coisas pessoais, principalmente roupas, e em uma hora eu pegaria Shelly e Cameron no Evergreen para podermos ir até o aeroporto de Bozeman e pegar meu jato para a Califórnia.

Hoje, eu diria adeus a Presley.

Eu estava doente por causa disso.

Hoje acordamos cedo por hábito. Nós não compartilhávamos nossas manhãs juntos, nunca compartilhamos. Eu saía e corria enquanto ela fazia ioga na sala de estar, era por isso que era tão flexível.

As noites eram nossas. As manhãs sempre foram mais frias.

Mas esta manhã *estava* fria.

Presley nem sequer olhou para mim quando eu saí pela porta. Ela não disse uma palavra.

Nós dois estávamos infelizes.

Passei a mão pelo rosto, empurrando a água do nariz, depois desliguei o chuveiro e saí. O poço de pavor no meu íntimo estava pesado e escuro.

Eu a encontraria em lágrimas quando eu fosse me despedir? Não tinha certeza se seria capaz de lidar com isso.

Sequei, enrolei uma toalha na cintura e me barbeei. Coloquei todos os meus artigos de higiene em um estojo de couro, depois o levei para o quarto e joguei na minha mala. Eu tinha duas outras cheias e esperando na porta da frente.

Esta casa estava à venda mobiliada. Os móveis eram novos, tendo sido comprados especificamente para mim e para esta sessão. Juno já estava coordenando com o agente imobiliário que me vendeu esta casa amarela.

Vesti-me rapidamente em um par de jeans, tênis e camisa. Enrolei as mangas até os antebraços, deixando as pontas para fora da calça, depois saí pela porta. Cada passo era mais pesado que o anterior enquanto eu caminhava para a casa de Presley e entrei.

Eu a encontrei na cozinha.

— Ei. — Me inclinei contra o balcão, o mesmo que eu a apoiei no nosso primeiro beijo.

— Oi. — Pelo menos, por agora, ela estava falando comigo. Ela levantou sua caneca de café para viagem. — Quer um pouco?

— Não. Shelly nos fará parar no caminho para fora da cidade.

— Café da manhã? — Ela deu uma mordida na torrada com manteiga.

— Não, obrigado. — Eu balancei minha cabeça e suspirei. — Eu odeio isso. Se não tivesse que voltar para filmar o resto do filme no set, ficaria mais algumas semanas.

Embora, talvez, tornasse isso mais difícil. Todas as noites passadas na cama de Presley me faziam voltar ao meu medo.

— Pense em como será agradável estar em sua própria casa, — disse Presley, mordendo outra torrada.

Ela sorriu enquanto mastigava, fácil e leve.

Que porra é essa? Ela estava pronta para eu ir? Eu era o único odiando este dia?

Estudei o seu rosto, procurando sinais de tristeza ou dor, mas vi vazio. Seus olhos não estavam vermelhos de chorar no chuveiro. Sua pele estava lisa, não manchada. E seus olhos azuis brilhavam como todos os dias.

Ela parecia... *Feliz.*

Que. Porra. É. Essa?

— O que você vai fazer hoje? — Perguntei, esperando que ela respondesse com algo para me fazer sentir melhor.

Ver suas fotos no Google. Ligar para você um milhão de vezes. Chorar no banheiro no trabalho.

— Hoje deve estar ocupado na oficina. O irmão de Dash, Nick, está vindo para a cidade. Ele está trazendo um carro para os caras trabalharem, e geralmente suas visitas são divertidas. Provavelmente todos sairemos para jantar ou algo assim.

Então ela ia jantar com essas pessoas, mas não comigo?

Meu queixo ficou tenso. — Parece divertido.

— Isto é. — Ela assentiu, colocando a última torrada na boca enquanto colocava o prato na máquina de lavar louça.

— Então, uh... — Nós não tínhamos conversado sobre manter contato depois que eu fosse embora. Tinha planejado pergunta-la, se estaria bem enviar uma mensagem ou ligar para ela de vez quando.

Era por isso que ela estava agindo tão normal? Porque ela sabia que teríamos mais conversas?

— Eu preciso pegar meus sapatos. — Ela me deu um tapinha no abdômen enquanto passava e saía da cozinha com aquele sorriso no rosto. Aquele sorriso malditamente agradável.

Espere, por que ela já estava pegando sapatos?

Eu olhei para o relógio. Tínhamos trinta minutos antes dela sair normalmente para o trabalho. Eu tinha planos para esses trinta minutos.

Eu ia beijá-la pra caramba, para que o seu gosto permanecesse nos meus lábios, durante a viagem de volta para casa hoje. Queria que ela me sentisse pelo restante do dia também. Para tocar seus lábios e pensar em mim.

Meus pés bateram no chão enquanto eu marchava atrás dela. Ela estava na beira da cama no quarto, amarrando as botas pretas. Eu fiz uma careta para ela da porta, minhas mãos nos quadris.

— O que? — Seus cílios levantaram enquanto ela continuava amarrando.

— Você se lembra do que é hoje, certo?

— Quarta-feira. — Ela terminou com a bota e se levantou.

— Eu vou embora hoje.

— Eu sei. — Seus olhos foram para o tapete por um momento, seus ombros caíram.

Ali. Lá estava ela.

Dei um passo à frente, mas quando ela olhou para cima, qualquer vislumbre de tristeza que pensei ter visto, desapareceu.

— Você está bem? — Ela perguntou.

Eu? Eu pisquei. — Você está?

— Sim. — Ela encolheu os ombros. — Estou bem.

Bem, eu não estava. *De modo nenhum.*

Ela me deu aquele sorriso novamente quando passou por mim pela porta.

Fiquei parado como um idiota.

Talvez ela não tenha gostado, mas Presley não ficou chateada por eu ter que ir embora. Eu fui um tolo com uma mulher que talvez não se importasse comigo tanto quanto eu me importava com ela.

Cada um de nossos momentos juntos passaram pela minha cabeça. As noites na cama quando ríamos e falávamos sobre nada. O dia da semana passada quando eu apareci em sua porta, ainda maquiado da sessão fotográfica.

Eu estava com tanta pressa de vê-la que não lavei depois que Cam disse 'corta'.

Presley passou um dedo pelo creme cor de carne, se encolheu e deu uma risadinha. Ela agarrou minha mão e me puxou para o banheiro, onde limpou meu rosto com uma toalha quente.

Houve incontáveis momentos como aquele. Mais do que jamais pensei que caberia em um mês. Nós nos divertimos todas as noites.

Inferno, foi até divertido quando o babaca de seu ex apareceu em sua porta.

Eu estava tão orgulhoso dela, batendo nele. E ela também estava tão orgulhosa. Orgulhosa de uma forma que me perguntei se essa foi a primeira vez que ela se defendeu. *Talvez tenha sido.*

Mas como eu deveria saber? Eu falei. Ela escutou.

Eu tinha lido todo esse relacionamento errado? Aqui estava eu, derramando meu coração para essa mulher, e ela me manteve afastado. Pensei que isso era alguma coisa. Eu não tinha uma palavra para isso. *Especial? Diferente? Mas ela estava realmente nisso pela conexão?*

Eu era apenas a estrela de cinema que ela estava usando para superar o ex?

Porra.

— Eu sou um maldito idiota, — murmurei, precisando dar o fora desta casa e longe do cheiro de baunilha que pairava no quarto, de seu perfume.

Presley estava na cozinha, bebendo seu café e tirando os óculos de sol da bolsa. Ela pode ficar bem acenando um adeus com um sorriso, mas não era assim que eu queria que isso acabasse.

Eu marchei até o seu espaço e peguei o copo de café de sua mão.

—Shaw...

Meus lábios esmagaram os dela e ela derreteu em mim. Um suspiro percorreu nós dois. *Esta era minha Presley.*

Suas mãos se interpuseram entre nós, agarrando minha camisa com tanta força que haveria vincos quando ela me soltasse. Sua língua deslizou na minha, acariciando e saboreando. Minhas mãos deslizaram para cima e para baixo em seu corpo, memorizando cada curva e linha.

Eu não tinha certeza de quanto tempo nos beijamos, mas foi ela quem interrompeu. Ela estremeceu, depois soltou as mãos.

Eu deixei minha testa cair na dela. — Obrigado.

— Por um beijo?

— Por todos os beijos.

Ela se afastou, recusando o contato visual. Ela respirou fundo e pegou sua caneca de café, e quando encontrou meu olhar, minha Presley tinha sumido. Ela amoleceu por um minuto, mas agora estava de volta à estranha que habitava meu corpo favorito na Terra.

Presley apertou meu braço, um gesto que queimou a *zona de amizade*. — Boa sorte com o filme.

Dane-se essa merda. — Uh-huh.

Fiquei tentada a beijá-la novamente, a esmagar a parede que erguera desde a noite anterior, mas ela já estava a caminho da porta.

Eu a segui até a entrada, dando uma última olhada pela casa. Eu não estaria aqui novamente, não depois do adeus de hoje.

— A que horas sai o seu avião? —Ela perguntou da porta, deslizando em seus óculos escuros e escondendo aqueles lindos olhos.

— Esperamos decolar ao meio-dia.

— Você já fez as malas? — Ela me deixou sair, depois fechou a porta atrás de nós.

— Sim — eu murmurei quando a frustração correu por minhas veias.

— E a moto? — Ela perguntou enquanto descíamos os degraus.

Olhei através do meu quintal para onde minha moto estava estacionada em frente ao SUV. — Há uma equipe chegando hoje mais tarde para empacotá-la e depois enviá-la para mim.

— Então eu acho que é isso. — Ela caminhou até a porta do carro e, por um segundo, pensei que ela poderia entrar e sair, mas ela abriu a porta, colocou a bolsa e o café dentro, depois caminhou até mim e ficou na ponta dos pés para escovar um beijo na minha bochecha. — Isso foi ótimo.

Ótimo?

Não é exatamente a palavra que eu teria usado para descrever meu tempo com ela. Talvez fosse uma delas, mas resumir com uma

palavra genérica de cinco letras parecia... *Barato.* Antes desta manhã, eu teria pensado em uma palavra de quatro letras estava mais perto do que Presley e eu tínhamos compartilhado.

Ela sorriu para mim, seu olhar escondido atrás de seus óculos de sol, e vi meu próprio reflexo nas lentes.

Ela viu a decepção total na minha cara? Ela poderia ver o quanto eu queria que isso fosse diferente? Uma lágrima era demais para pedir?

A sua mão veio ao meu maxilar, com os dedos macios contra a minha bochecha. —Cuide-se.

—O mesmo para você. —Eu rocei meus dedos na linha do seu queixo.

Presley afastou a mão e recuou. — Adeus, Shaw.

Meu coração apertou. — Adeus, Presley.

Meu adeus a ela sempre foi atado à promessa de vê-la novamente. Desde a primeira vez que fui na oficina e todas as despedidas desde então. Adeus nunca significou adeus, não para ela.

Mas isso... Não havia tom suave ou indicação de que pudesse retornar.

Isso era um adeus.

Com um aceno, ela entrou em seu Jeep e saiu em disparada, deixando-me em sua garagem, sozinho. Eu segui suas lanternas traseiras quando virou a esquina e desapareceu.

Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei lá, olhando para a rua vazia.

Ela realmente acabou de me beijar na bochecha e acenar um adeus?

Sim, ela tinha.

Descolei meus pés do chão, quando meu telefone vibrou no meu bolso. Puxei para fora, o nome de Juno na tela. — Ei.

— Bom dia. Falei com seu piloto esta manhã e está tudo pronto para decolar ao meio-dia. — Juno continuou falando, percorrendo minha lista de coisas para saber e onde devolver o SUV quando chegasse a Bozeman, mas sua voz se tornou um zumbido monótono. Eu a bloqueei enquanto caminhava para minha casa.

Parei na escada, olhando a casa de Presley.

Era isso. Nós terminamos.

Essa noção não estava se estabelecendo no meu íntimo.

Juno desligou o telefone depois que percebeu que eu não estava ouvindo, ela ligaria novamente mais tarde, entrei e terminei de fazer as malas.

Quando coloquei minhas malas no SUV, me recusei a olhar para a casa de Presley novamente. Afastei-me daquele beco sem saída e não olhei para o espelho retrovisor.

Shelly e Cameron estavam esperando no Evergreen enquanto eu estacionava.

— Todos nós fechamos a conta e pagamos, — disse Shelly enquanto eu colocava sua mala no porta-malas. — Vamos dar o fora daqui. Se eu nunca vir outro edredom de estampas florais como aquele em que durmo há semanas, morrerei feliz.

Cam não falou enquanto carregava suas coisas e subia no banco de trás, silenciosamente ansioso para deixar Clifton Forge como Shelly. Nem pediu para parar e tomar café, nem mesmo Shelly, então eu dirigi.

Foi só depois de pegarmos a estrada que olhei de volta para a cidade que desaparecia ao longe.

Esse foi o adeus mais insatisfatório da minha vida.

Eu pisquei, observando a estrada.

Provavelmente foi melhor assim. Quanto mais tempo eu ficasse, mais difícil seria sair. Para mim, não para Presley, aparentemente.

Ela pensaria em mim? Ela manteria meu número no telefone? Ou eu já tinha sido apagado?

Desde que aquela foto caiu no TMZ, eu estava tão preocupado em mantê-la longe da atenção indesejada da mídia. Eu tinha escondido, como ela queria. Agora terminamos e ela voltaria para sua vida, ninguém mais saberia.

— Você está bem? — Shelly perguntou. —Parece pálido, não está ficando doente, está? Porque eu não quero passar por outra doença.

—Eu não estou doente.

Ela me deu um olhar de lado, então içou sua bolsa do chão e começou a procurar algo. Ela tirou um frasco de comprimidos de vitamina C e estourou um na boca antes de me entregar um.

Eu peguei, encolhendo quando o sabor laranja amargo estourou na minha língua. Isso não era o que eu deveria estar provando hoje.

—Teremos algumas mudanças no roteiro das cenas que estamos fazendo no estúdio, — disse Cameron no banco de trás.

—Tudo bem.

Eu gostava de Cam, mas ele tinha ficado tão focado no filme que havia pouco ou nenhum toque pessoal em suas frases. Embora tenha sido esse motivo que o contratamos para fazer.

Manter-se focado.

Mantenha o resto de nós nos trilhos.

Eu provavelmente teria sido o mesmo se não tivesse conhecido uma certa loira que consumiu todos os meus pensamentos ao acordar.

— Precisamos voltar para retomar aqui? — Há uma hora, eu adoraria essa ideia. Eu teria insistido, até mesmo implorado, em retornar a Clifton Forge.

Mas agora? Eu não tinha certeza.

O que diabos aconteceu com Presley?

Nos últimos dias, estávamos tão sincronizados. Cada toque, cada beijo, cada olhar. Eu tinha visto arrependimento em seu rosto que o tempo estava se esgotando.

Ou talvez eu tivesse imaginado isso lá.

Não, droga. Ela sentiu algo. Meu instinto não poderia estar tão errado.

Eu daria a ela o dia, mas eu não iria terminar as coisas assim.

Eu ligaria para ela hoje à noite e tentaríamos novamente.

Quando meu avião pousou em Los Angeles, eu estava ansioso para me afastar de Shelly e Cameron. Fiquei grato pela distração deles na viagem, falando sem parar sobre o filme e o que estava por vir.

O design do cenário foi feito e amanhã, começaríamos. Não haveria demora agora que estávamos na reta final. Mas antes que pudesse mudar meu foco para o filme, eu precisava esclarecer isso com Presley.

Nós nos separamos no aeroporto e eu corri para casa, puxando minhas malas para dentro, mas não as desembalando. Eu andei pela minha casa, acendendo as luzes com meu telefone na mão. Abri as portas de vidro da varanda do meu quarto e eu saí, respirando fundo.

Eu senti falta dessa vista, do som das ondas quebrando contra a areia e o perfume da água salgada agarrando-se ao ar. Exceto que eu também sentia falta de Montana e fazia algumas horas que tinha saído de lá. Estar alguns meses ali, deixou uma impressão duradoura. O mesmo aconteceu com minha vizinha deslumbrante com um sorriso que fez meu coração parar.

Meu telefone tocou na minha mão. Era Laurelin e eu quase recusei, querendo conversar com Presley, mas respondi caso fosse algo importante. — Ei.

— Você voltou? — Laurelin perguntou.

— Sim.

— Ótimo. Você está sentado?

Minha coluna ficou rígida. — Não.

— Sente-se, Shaw.

Eu conhecia esse tom. Ele vinha com más notícias. — O que está acontecendo?

— *Ok! Magazine* acaba de publicar uma história de que seu pai era um policial corrupto.

O mundo se inclinou sob meus pés, e dei todo o meu peso ao parapeito do terraço, tentando absorver as palavras. — O que?

— Tom já está trabalhando em uma declaração para desmenti-la, — disse ela, referindo-se ao meu publicitário. — Mas preciso saber com o que estou lidando. Você nunca disse nada, então eu só... É verdade?

Fechei os olhos. A razão pela qual essa história não foi divulgada era porque eu não tinha contado a ninguém.

Não, até Presley.

Porra. Porra. Porra.

Ela tinha brincado comigo.

Como eu pude ser tão estupido? Quando eu aprenderia a não confiar nas mulheres com quem estava transando?

Presley não queria que *Dark Paradise* fosse lançado e ela tinha brincado comigo. Não é de se admirar que tenha ficado tão feliz em me ver partir esta manhã. Hoje provavelmente foi dia de pagamento.

Toda a confiança que eu tinha dado a ela. Todas as vezes que eu confiei nela.

Ela sabia de tudo.

— Shaw? — Laurelin disse ao telefone. — Shaw.

— É verdade, — eu sussurrei. Pelo menos, era perto o suficiente da verdade que negar só pareceria tolice. Minha família estaria arruinada, minhas irmãs de coração partido. Se eu tivesse continuado policial, ninguém teria dado a mínima para o pai de Shaw Valance.

Isso foi tanto minha culpa quanto dele.

— Não vamos comentar, — disse Laurelin. — Não diga uma palavra. Diga à sua família para ficar quieta também.

Eu assenti.

— Você me ouviu?

— Sim, — eu engasguei.

Eu tinha que ligar para mamãe. Haveria paparazzi do lado de fora de sua casa pela manhã, se já não houvesse. Talvez eu devesse levá-las para algum lugar. Elas poderiam sair hoje à noite e fugir. Minhas irmãs e suas famílias também.

Nenhum deles precisava que a imprensa contagiasse suas vidas, quando a verdade sobre papai seria um choque suficiente.

— Preciso fazer algumas ligações, mas mantenha o telefone próximo, — disse Laurelin. — Eu ligo de volta quando souber mais.

— Podemos comprar deles? — Eu perguntei.

— Vou tentar. — Então a linha ficou muda.

Poderíamos comprá-lo, mas o estrago já havia sido feito.

Afastei-me da grade e passei a mão pelos cabelos. O mundo entrou em foco quando o choque se tornou raiva.

— Porra. — Bati meu punho na grade de ferro. — Porra!

As poucas pessoas andando na praia me lançaram olhares estranhos. Eu não me importava. Eu não pensei. Liguei para o número de Presley, com o coração disparado.

— Oi, — ela respondeu. — Achei que não ouviria falar de você novamente.

— Porque você me vendeu? — Eu cortei.

— Hã?

— Você me vendeu. Espero que tenha recebido um salário decente.

Havia um farfalhar no fundo, como se ela estivesse na cama e estivesse sentada. — Shaw, eu...

— Foda-se.

Eu encerrei a ligação.

Então eu a bloqueei e apaguei o seu número.

Foda-se ela.

Adeus, Presley.

Capítulo Dezessete

Presley

— Ei, Pres. —Emmett bateu na porta do banheiro. —Você está bem?

—Sim. — Eu funguei, enxugando minhas bochechas. —Eu sairei em um segundo.

Peguei um pedaço de lenço de papel e assoei o nariz, exagerando o som porque sabia que Emmett estava pairando do lado de fora. *Quando essas lágrimas vão parar?* Eu estava dando desculpas por dois dias, fazendo o meu melhor para convencer os caras de que estava doente. Que minhas bochechas manchadas e meu nariz vermelho eram de um resfriado, não o fato de que eu estava chorando.

Quando eu iria aprender? Quando eu seria sábia? Esta foi a segunda vez em meses que um homem me provou ser uma idiota. Eu fui tão estúpida, pensando que poderia ver Shaw Valance ir embora e que ele não iria quebrar meu maldito coração.

O suficiente.

Sequei meus olhos mais uma vez. Isso foi o suficiente. Eu não tinha chorado tantas lágrimas quando Jeremiah me deixou no altar, e Shaw Valance não merecia nenhuma mais. Shaw Valance se foi e, felizmente, nunca mais precisarei ver o homem em minha vida.

Surgiram notícias sobre seu pai e ele imediatamente presumiu que fosse eu.

Eu sobreviveria a ele, como sobrevivi aos outros.

Foda-se Shaw Valance.

E foda-se o filme em que ele participou.

Capítulo Dezoito

Presley

Cinco meses depois...

Meus pés, cobertos por meias de lã, estavam enrolados debaixo de mim enquanto olhava pela janela da frente da casa de Genevieve e Isaiah.

A neve cobria o quintal deles, e Isaiah havia passado uma hora limpando o caminho de acesso e as calçadas esta manhã. Eu assisti deste sofá enquanto ele trabalhava, aparentemente curtindo o frio de fevereiro.

Então, ele entrou, suas bochechas vermelhas e beijou Genevieve e o bebê antes de pegar a lista de compras e ir ao supermercado. Eu estava neste lugar quando ele saiu e voltou.

Sua bebê Amelia estava quente e segura em meus braços.

Um casal desceu a calçada do outro lado da rua, ambos usando casacos pesados, bonés e luvas fofas. Eles pareciam estar na casa dos cinquenta. Entre eles, suas mãos estavam unidas. Cada um carregava uma xícara de café de papel coberta com uma tampa branca. Estava congelando lá fora, mas eles estavam conversando, sorrindo, enquanto suas respirações ondulavam em uma trilha atrás deles.

Talvez eles fossem recém-casados.

Ou talvez eles estivessem juntos por vinte e cinco anos e estivessem tão apaixonados agora quanto no início.

Eles eram a imagem perfeita para o que eu queria.

Eu queria alguém que desse um passeio comigo até a cabana do café a dez quarteirões de distância, não importava o tempo, porque era dez quarteirões que poderíamos conversar e dar as mãos.

Eu adicionei à lista mental que estava fazendo.

Nos últimos cinco meses, passei muito tempo refletindo sobre relacionamentos. Eu vi quantos dos meus, românticos e platônicos, não eram saudáveis. Tudo começou com minha família, minha família biológica.

Eu nunca confiei em ninguém na minha juventude além de minha irmã, mas até mesmo nosso relacionamento foi tenso, manchado por um medo constante e latente.

Não conseguia me lembrar de uma época em que ríamos e brincávamos como crianças, com total liberdade. Também não conseguia me lembrar de ter brigado com ela com a mesma imprudência. E as irmãs devem brigar, só um pouco.

Meu relacionamento com minha mãe carecia de todo respeito e adoração. Eu tinha pena dela até hoje. Eu tive desde o começo. *E meu pai?* Eu o odiava com todas as fibras do meu ser.

Esses poucos relacionamentos românticos meus foram epicamente confusos. *Jeremiah era Jeremiah.* Eu não iria mais me deter nos meus erros lá. E depois... *Shaw.*

O homem em que eu não me permitia pensar com frequência, porque enquanto Jeremiah havia me machucado, Shaw havia me esmagado.

Eu o deixei entrar. Eu o deixei ver o meu verdadeiro eu. Pela primeira vez na minha vida, eu deixei um homem me ver completamente, e ele me deixou de lado.

Ele não teve fé em mim, em nosso vínculo.

Fomos testados.

Ele falhou.

Felizmente, depois daqueles primeiros dias, bloqueá-lo foi fácil. Ajudou saber que eu não o encontraria pela cidade. A televisão poderia ser desligada quando seu rosto aparecesse. As revistas no salão podem ser viradas para outra página.

Após alguns meses, depois de deixar de lado minha raiva e decepção, pude examinar essa relação também. De certa forma, devo agradecer a Shaw por essa nova perspectiva.

Porque ele me feriu tão profundamente, que eu jurei mudar. Jurei elevar meus padrões.

Se um homem não segurasse a barra, ele iria embora. Tinha minhas expectativas e não as rebaixaria um centímetro. Eu estava aprendendo com os relacionamentos ao meu redor, roubando pedaços de fotos felizes para minha própria colagem.

Bryce e Dash tinham paixão sem fim. Eles se responsabilizavam. Eles desafiavam um ao outro. Eles faziam do outro uma pessoa melhor, nunca duvidando do amor entre si.

Confiança.

Parceria.

Draven amou Chrissy com todo o seu ser, mesmo na morte. Ele cometeu alguns erros, mas seu coração sempre foi dela.

Dedicação.

Genevieve e Isaiah tinham muita fé um no outro. Nenhum julgamento iria separá-los.

Lealdade.

Amizade. *Amor*. *Paz*.

Talvez eu tivesse sorte e colocaria marcas de seleção ao lado de todos eles. Talvez eu tivesse a chance de construir minha própria família e ter um bebê, como o que está nos meus braços.

A traição de Shaw inspirou essa lista.

Eu estava fazendo o meu melhor para recordar nosso tempo juntos e vê-lo com carinho. Alguns dias tive mais sucesso que outros, mas estava me curando. Ele era uma lembrança que eu esperava que um dia não tivesse um gosto tão amargo.

A filha de uma semana de Genevieve e Isaiah soltou um pequeno suspiro em meus braços e eu nos movi, balançando Amelia suavemente.

— Você é tão preciosa. — Eu acariciei meu dedo sobre o seu nariz arrebitado.

— Ela não é? — Genevieve disse, descendo o corredor do quarto deles.

Seu cabelo molhado estava penteado, e ela usava um moletom folgado. Seus movimentos eram rígidos e levemente doloridos quando se sentou na poltrona oposta ao sofá.

— Sente-se melhor?

Ela assentiu. — Obrigada. Tomar banho de repente se tornou difícil.

— Isso é esperado.

Genevieve e Isaiah haviam sobrevivido à primeira semana como pais, mas ambos estavam exaustos. Trouxe sopa e pão para eles hoje, depois me ofereci para olhar Amelia enquanto Genevieve tomava um longo banho.

Enquanto sua mãe estava fora, eu estudei o rosto do bebê, tentando decidir como ela era. Eu ainda não tinha chegado a uma conclusão, mas o seu cabelo era de Genevieve.

— Ela tem o cabelo de Draven. Seu cabelo.

— Ela tem. — Genevieve sorriu para a filha. — Posso pedir um favor?

— Claro.

A alegria em seus olhos diminuiu. — Eu tenho pensado nele. Papai. Você o conhecia muito melhor do que eu. — Eu tinha anos com Draven, enquanto Genevieve o conhecia há meses. — Você vai me ajudar?

— Com o que?

— Quero que Amelia saiba quem ele era. As boas partes. Talvez você possa me ajudar a ensiná-la sobre ele.

Oh, meu coração. — Eu ficaria honrada.

Eu olhei para o bebê, abaixando minha voz. — Seu avô foi o melhor homem que eu já conheci. Ele salvou minha vida.

— Ele salvou? — Genevieve perguntou. —Eu não sabia disso. Como?

— Ele me deu uma família. Me deu algo para lutar. Eu era uma garota quebrada quando morava em Clifton Forge, e ele não me pegou. Ele esperava que eu fizesse isso sozinha. Então eu fiz.

Draven não acreditava em vítimas. Depois que eu o conheci, ele me perguntou sobre minha infância e eu resumi a sensação geral da minha casa de infância. Ele ouviu atentamente. Ele tinha empatia. Então ele me disse algo que definiu o curso para o meu futuro.

'Você é mais forte e melhor do que seu passado. Escolha a vida que você quer e trabalhe duro para fazer isso acontecer.'

Houve solavancos ao longo dessa estrada, mas eu ainda estava trabalhando muito.

— Draven me levou para o meu vigésimo primeiro aniversário, — disse a Amelia e Genevieve. — Ele não deixou os caras aparecerem. Fomos ao The Betsy e ele me pediu um *Lemon Drop*[6]. Eu tomei dois goles e então, ele me levou embora. Depois, fomos andando até a Stockyard e me comprou um hambúrguer e uma Coca-Cola. Ele sempre foi o protetor, seu avô.

Genevieve riu. — Isso parece como ele.

---

[6] Coquetel à base de vodka com sabor a limão e agridoce.

— Eu nunca disse a ele que depois que voltei para casa, Dash, Emmett e Leo apareceram em minha casa e voltamos ao The Betsy, onde eles começaram a me deixar bêbada. Eu nunca vomitei tanto na minha vida.

Nem mesmo a embriaguez do casamento se compara ao aniversário.

Isaiah dobrou a esquina da cozinha. — Hã?

Genevieve e eu rimos, acenando para ele. — Nada.

Ele entrou na sala e foi primeiro à poltrona de Genevieve, curvando-se para beijá-la. Então ele se aproximou e se ajoelhou ao lado do sofá, olhando para a filha como o milagre que ela era. — Como vamos, tia Presley?

— Ótimo, — eu sussurrei. — Muito bom.

Se tia Presley fosse o mais próximo possível de uma família, eu me consideraria abençoada por toda a eternidade. Como Draven tinha cuidado de mim, eu cuidaria dessa menina junto com os meninos de Bryce e Dash também.

Um par de botas pisou fora da porta da frente e Isaiah se apressou antes que a campainha tocasse e acordasse Amelia. — Ei.

— Oi. — Luke entrou, fechando rapidamente a porta atrás dele para manter o ar frio do lado de fora. Ele tinha um buquê de rosas amarelas na mão, idêntico ao pacote que levara para o hospital na semana passada, quando fomos ver Amelia depois que ela nasceu. — Espero que não tenham congelado durante a caminhada.

Genevieve se levantou e atravessou a sala, pegando as flores e pressionando-as no nariz. — Você é tão doce. Obrigada.

— O prazer é meu. — Ele se inclinou para beijar sua bochecha e depois tirou o casaco antes de esfregar as mãos, aquecendo-as.

Eu sorri quando ele se aproximou e sentou ao meu lado no sofá. — Você lavou as mãos primeiro?

Luke sorriu. — Sim, senhora.

— Só a estou compartilhando por dez minutos. Então ela é minha de novo. — Transferi o bebê para seus braços, meus ovários explodindo ao vê-lo arrulhar Amelia.

Luke Rosen, chefe de polícia de Clifton Forge, pode atingir todos os itens da minha lista.

— Como você está? — Ele se inclinou para dar um beijo na minha bochecha.

— Bem. — Cheguei mais perto, deixando o calor de seu braço penetrar no meu. — Como foi a sua noite?

— Tranquila, felizmente. Está muito frio para as pessoas causarem problemas. — Luke substituiu na noite anterior um oficial de patrulha que estava doente. Ele estava patrulhando as ruas em vez de jantar comigo.

Acontece que eu tinha uma queda por policiais.

E as noites de sexta eram reservadas para Luke.

Luke e eu nos encontramos no supermercado uma noite de sexta-feira, cerca de um mês atrás. O lugar estava quase deserto,

exceto nós dois na seção de alimentos congelados. Nós dois estávamos pairando ao redor das lasanhas congeladas.

Então ele se apresentou formalmente.

Eu sou Luke Rosen.

Apertei a sua mão e lamentamos o quão triste era cozinhar uma lasanha grande para uma pessoa. Uma coisa levou à outra, e nenhum de nós saiu da loja com mantimentos. Eu saí para jantar com ele.

Jantávamos juntos toda sexta-feira desde então. E algumas quartas-feiras. E uma segunda-feira aleatória. E quase todo sábado. Estávamos levando as coisas devagar, nos conhecendo.

Luke me ajudou a superar a dor de Shaw. Ele era um homem genuinamente bom e sua apresentação havia chegado em um momento em que eu precisava acreditar em bons homens novamente.

E dia após dia, jantar a jantar, ele se tornara importante.

— Qual é o seu plano para o dia? — Ele perguntou.

À nossa frente, Genevieve e Isaiah estavam na poltrona. Enquanto estávamos sussurrando sobre a filha deles, Isaiah sentou-se e Genevieve subiu no seu colo. Os dois estavam quase dormindo.

— Eu ia ficar aqui por um tempo, — eu disse calmamente. — Dar a esses dois um tempo.

— Quer uma companhia?

Eu sorri. — Eu adoraria.

Uma hora depois, depois que Luke e eu desaparecemos na sala de TV de Isaiah e Genevieve para conversar enquanto Amelia cochilava em seus braços, relutantemente a devolvemos para sua mãe.

— Obrigada, — disse Genevieve, balançando Amelia, que estava começando a se agitar e acariciar o peito de Genevieve. — Eu não percebi o quão cansada estava.

— Nós vamos sair da sua frente. — Abracei ela e Isaiah, depois Luke e eu saímos.

— São duas horas, — disse ele, olhando o relógio enquanto eu tremia de frio. — Quer ir ao cinema?

— Certo. — Contanto que não fosse um filme de Shaw Valance, um filme parecia ótimo.

— É melhor eu dirigir caso seja chamado.

— Ok. Podemos deixar meu carro aqui.

— Tem certeza disso? — Ele perguntou.

— Sim. — Entrelacei meu braço com o dele enquanto me escoltava pelo quarteirão cinco casas até sua casa.

Luke era o vizinho de Genevieve e Isaiah.

Fomos ao cinema, uma comédia que nos fez rir histericamente, depois Luke me levou ao Stockyard's para um hambúrguer. Eu nem olhei para a antiga mesa de pôquer de Jeremiah. Ou na cabine, onde Shaw havia tido uma refeição com Dacia.

Eu me concentrei em Luke e na refeição, conversando até que tudo o que restava em nossos pratos fosse um punhado de batatas fritas.

— Isso foi divertido, — eu disse a ele quando me acompanhou até sua caminhonete.

— Sim. — Ele piscou, depois segurou a porta para mim.

Eu o segui enquanto ele caminhava em volta do capô, suas longas pernas correndo para que ele pudesse sair do frio. Seu cabelo castanho escuro era limpo e curto. Ele tinha aqueles olhos azuis escuros e profundos com uma pitada de carvão ao redor da íris. O sorriso de Luke não era chamativo, mas era quente e gentil.

Ele segurou minha mão enquanto dirigíamos. — Na próxima semana, quero levá-la a uma churrascaria a cerca de uma hora daqui.

Eu conhecia o restaurante a que ele estava se referindo. Era um local popular para os moradores de Clifton Forge quando eles queriam sair da cidade e fazer algo especial. — Isso parece ótimo.

— Sexta-feira. — Ele olhou e sorriu.

Quando ele se virou para a estrada, observei seu perfil.

Luke estava confortável. Estar com ele era fácil. Não havia borboletas tremulando a cada momento que ele estava por perto, mas quando me dava um sorriso ou uma piscadela, eu tremia.

Talvez não fosse uma paixão cega como no meu tempo com Shaw, mas havia diferentes níveis de paixão, certo? Além disso, a paixão não era a número um na minha lista.

Luke nos guiou em direção a sua vizinhança, me devolvendo ao meu Jeep. Ele iria começar por mim para que pudesse aquecer. Então ele esperaria até as janelas ficarem limpas de geada e me beijaria antes de dizer boa noite.

Então ele iria para sua casa enquanto eu iria para a minha.

Ainda tínhamos que passar a noite juntos.

O máximo que progredimos fisicamente foram beijos molhados em seu caminhão ou no meu Jeep. Luke nem tentou me apalpar.

Talvez estivesse na hora.

— E se você não me levasse para o meu carro? E se você me levasse para casa e entrasse?

Seu rosto virou para o meu e seus olhos brilharam, sexy e escuros. —Sim?

E depois... *Borboletas*. —Sim.

O canto de sua boca se curvou enquanto ele diminuía a velocidade, então deu meia-volta.

—Isso foi legal? — Eu perguntei.

Ele riu e o som fez meu pulso disparar. A antecipação, a queima lenta do mês passado, me atingiu como uma onda e, de repente, ele não conseguia dirigir rápido o suficiente.

Eu agarrei sua mão, meu pé quicando no chão enquanto ele corria, com segurança pela cidade. — Seria um abuso de poder ligar as luzes para que pudéssemos chegar lá mais rápido?

Luke me deu um sorriso branco quando meu estômago embrulhou. —Provavelmente.

Ele obedecia às leis de trânsito, não que eu estivesse surpresa. Luke era um seguidor de regras. A rebelde dentro de mim, aquela que eu não soltava muito, desejou que ele se arriscasse, mas não estava mais a ouvindo.

Eu corri um risco com Shaw apenas para cair e queimar.

Então a rebelde ficou muda e eu me apeguei a Luke e suas regras. Ele não era um homem que me acusaria de vender seus segredos e me faria chorar por dias.

Meu bairro apareceu e meu coração galopou no peito.

Eu estava fazendo sexo hoje à noite. Com Luke.

Luke e eu. Eu e Luke.

Eu estava pronta para isso? Dei outra olhada em seu belo perfil. *Sim.*

Ele parou na minha garagem e meu cinto de segurança disparou, mas antes que pudéssemos sair, seu telefone tocou. — Oh inferno. É a Central. Eu tenho que atender.

Meu estômago caiu e forcei a alegria em minha voz. — Sem problemas.

Droga. Toda vez que a Central ligava para Luke, isso significava que o jantar seria interrompido. Ele pressionou o telefone no ouvido e, dada a maneira como seus ombros caíam a cada segundo, eu estava supondo que não haveria sexo, afinal.

Por que não fiquei mais decepcionada? Talvez eu precisasse de mais um pouco de tempo para envolver Luke e eu. *Eu e Luke.*

— Esteja lá em cinco. — Ele desligou e rosnou. —Desculpe, Pres. Uma velha senhora dirigiu seu carro para a academia na Central.

Meus olhos se arregalaram. — O que?

— Sim. — Ele estalou o *s*.

— Isso é hum... Ela dirigiu para a academia? Uau. — Coloquei uma mão na minha boca para não rir. Com Luke, nunca haveria escassez de histórias interessantes.

— Eu não sei quão tarde será. — Ele suspirou. — Amanhã?

— Amanhã. — Inclinei-me sobre o console para dar-lhe um beijo de boa noite.

No momento em que meus lábios roçaram os dele, ele colocou um dedo no meu queixo, me puxando para mais perto. Sua língua traçou a costura dos meus lábios, pedindo permissão para entrar.

Quando eu abri para ele e deslizou para dentro, meu corpo inteiro relaxou. *Confortável.*

O beijo não era abrasador. Não era rápido ou frenético. Não havia dedos curvados nem roupas rasgadas. Mas era delicioso, como o próprio homem.

Nós nos separamos e ele deixou cair a testa na minha. — Há momentos em que ser o chefe é uma merda.

— Desculpe.

— Não sinto tanto quanto eu, — ele murmurou, fazendo um rápido ajuste nos jeans.

— Amanhã, — prometi. Ele acenou com a cabeça, alcançando a maçaneta de sua porta, mas eu levantei a mão. — Fique quente. Ligue-me mais tarde.

— Ok.

Eu saí de sua caminhonete, então, esperei no frio, enquanto ele saía da garagem e se afastava, desta vez, acendendo as luzes.

Amanhã. *Luke e eu. Eu e Luke.*

— Luke, hein? — Uma voz profunda ecoou na noite e eu ofeguei. — Não esperava por isso.

Eu me virei, procurando no escuro a voz que eu tinha passado cinco meses esquecendo. Então ele estava lá, parado na varanda da casa ao lado. A casa que estava vazia há meses com uma placa à venda no quintal congelado.

Shaw.

Ele subiu as escadas deliberadamente, sua arrogância natural acumulando um ataque de memórias — lembretes de como ele se movia com graça e determinação em minha casa, em meu quarto. Quando estava a meio metro de distância, ele me jogou um saco de mini cenouras.

A bolsa bateu no meu braço e pousou nas minhas botas, abafada pela neve.

— Olá, Presley.

Capítulo Dezenove

Shaw

Eu tinha esquecido como ela era bonita.

Eu tinha esquecido o jeito que o seu nariz virava ligeiramente na ponta. Eu tinha esquecido como as orelhas dela eram pequenas e delicadas e como parecia pequena quando eu estava tão perto.

Mas não tinha esquecido esses olhos. Mesmo no escuro, aquelas írises cativantes saltaram e me enredaram.

— Olá, Presley.

Ela piscou.

Inclinei-me para pegar o saco de cenouras e tirei a neve do plástico. — Podemos entrar? Conversar onde é mais quente?

Eu vim de quinze graus na Califórnia esta manhã para zero em Montana. Eu estava vestindo um par de jeans, tênis e um suéter.

Quando cheguei e vi que o Jeep de Presley não estava na entrada da garagem, desfiz as malas e esperei. Quando eu vi os faróis piscarem na entrada de carros, eu saí para encontrá-la.

Eu não esperava ver a viatura de Luke. Eu definitivamente não esperava ver Presley inclinar-se sobre o console e beijá-lo. O frio penetrou nos meus ossos no minuto em que seus lábios tocaram os dele.

Maldito Luke? Sério?

Eu gostava dele, mas aquele filho da mãe tinha passado dos limites. Presley era minha. Essa era a minha boca rosa e aqueles eram meus olhos azuis.

Eu estava em Montana para consertar minha cagada colossal e reconquistar minha garota.

Sem mais segredos. Chega de se esconder.

Presley era minha, e Luke tinha que ir embora.

— Podemos ir à minha casa? — Apontei o polegar por cima do ombro.

Seus olhos passaram por mim, absorvendo a luz que eu acendi na sala de estar e a caminhonete que estacionei na garagem. Este veículo não era alugado, não desta vez. Não havia nada temporário nessa viagem. Presley ficou surpresa, percebendo que ela também não tinha notado quando ela chegou.

Ela estava consumida demais com Luke.

Idiota.

De jeito nenhum eu iria pescar com ele novamente.

Presley permaneceu em silêncio, mas cruzou os braços sobre o peito enquanto seus dentes batiam.

— Você está congelando.

Ela apertou os dentes.

— Vamos entrar. Por favor?

Ela encontrou sua voz, tão fria quanto a lua do inverno. — Não.

— Você adora me dizer não, — eu provoquei.

Nem uma rachadura naquele exterior. — O que você quer, Shaw?

— Eu sinto muito. Devo-lhe um pedido de desculpas e uma explicação. Podemos, por favor, entrar? — Eu me movi para tocar seu braço, mas ela se esquivou. Isso não seria fácil. Eu não tinha me iludido pensando que ela viria correndo em meus braços, mas eu esperava compreensão. Se pudéssemos conversar, se eu pudesse explicar, ela entenderia.

Ela poderia me repreender severamente pelo tempo que quisesse, ela poderia segurar meu erro sobre minha cabeça por uma década, enquanto estivéssemos juntos.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou. — Foram... Meses.

— Eu vim rastejar.

Presley arqueou uma daquelas sobrancelhas perfeitas. — Você veio para Montana em fevereiro para rastejar?

— Isso é certo. — Eu assenti.

— Um telefonema seria suficiente.

— Sim. — Mudei as cenouras para a outra mão e depois novamente. — Eu não queria falar por telefone.

Eu também não queria falar no frio, mas ela não me deixaria entrar, não hoje à noite.

— Sinto muito, Presley. — Se isso é tudo o que ela ouvisse esta noite, eu contaria como uma vitória. Eu tinha meses para contar a

ela o resto. — Eu sei que não foi você, e sinto muito por supor que fosse. Eu tirei a conclusão errada.

— Você pensou que eu tinha vendido sua história pessoal por dinheiro.

— A maioria das pessoas faria.

Essa foi a coisa errada a dizer. Os seus olhos se estreitaram. — Eu não sou a maioria das pessoas.

Não, ela não era. — Não estou dando desculpas, mas gostaria de explicar. — Apontei um dedo congelado em direção a minha casa. — Por favor?

— Tudo bem, — ela resmungou e passou por mim, subindo as escadas e invadindo a porta da frente.

Apressei-me a segui-la, até que ela parou na sala de estar.

Ela olhou em volta, observando o espaço e os móveis.

O mercado imobiliário não estava exatamente crescendo em Clifton Forge e não havia um único interessado nessa casa. Cinco meses atrás, eu estava chateado, querendo esta casa fora do meu livro. Muita coisa mudou desde então. Agora, estava feliz por ter um lugar perto de Presley enquanto implorava por seu perdão.

— Você gostaria de algo para beber? — Acenei com a mão para a cozinha.

— Não. — Os seus braços estavam apertados ao seu redor, fechando-se.

— Você gostaria de se sentar?

— Não. — Ela não olhou para mim.

— Ok. — Passei por ela, respirando fundo aquele perfume cítrico e baunilha que eu tinha sentido tanta falta. Sentei-me no sofá e me inclinei para a frente, apoiando nos cotovelos, jogando as cenouras que eu ainda estava carregando na mesa de café.

A madeira brilhava, tendo sido polida pela equipe de limpeza que havia chegado ontem para arrumá-la.

— O que você quer, Shaw? — Meu nome soou doloroso nos lábios de Presley. *Cristo.*

— Eu sinto muito. — Eu encontrei seu olhar, implorando para que ela ouvisse a sinceridade em minhas palavras. — Eu nunca quis machucá-la.

Ela revirou os olhos. — Se isso fosse verdade, você não estaria aqui.

— Ok. — *Ai*. — Eu mereço isso.

— Você presumiu o pior de mim. Você merece muito pior.

— Você está certa. — Eu levantei minha mão. — Por favor, deixe-me explicar, então pode me rasgar em pedaços.

Ela olhou para mim, mas ficou em silêncio.

Caramba, eu perdi esse brilho. Eu senti falta dessa carranca e esses gestos imperiosos e raivosos. Eu estava com saudades dela. Tudo sobre ela. E se lidar com sua ira era a única maneira de tê-la no momento, então eu aceitaria de bom grado.

— Eu não tinha contado a ninguém sobre meu pai, então quando te contei, foi a primeira vez. Isso estava enterrado há anos e então, foi exposto depois que eu disse a você... Achei, que talvez,

tivesse me usado. Com a maneira como você estava tão feliz naquele dia em que fui embora...

— Você pensou que eu estava feliz?

Houve um incêndio na minha garota. —Você parecia feliz.

— Eu estava infeliz, — ela retrucou. — Fiquei com o coração partido. Eu odiava que você estivesse indo embora, mas o que eu deveria fazer? Implorar para você ficar?

— Sim.

Ela zombou. — Você tem uma vida inteira da qual eu não faço parte. Eu não ia fingir que você desistiria por mim, porque nós dois sabemos que não iria.

— Você está certa, — Eu admiti. Mesmo que ela tivesse me pedido para ficar, eu teria voltado para a Califórnia, mas não teria terminado conosco. Eu teria encontrado uma maneira de nos manter. — Fiquei chateado com a forma como as coisas terminaram.

Levei meses para perceber que ela erguia o muro porque estava sofrendo. Eu estava muito ocupado lidando com meus próprios pensamentos sobre ir embora, que não tinha visto a verdade.

— A história do meu pai saiu quando voltei para a Califórnia. Eu pensei... — Eu respirei fundo. — Você sabe o que eu pensei.

— Sim, você deixou bem claro.

— Eu estraguei tudo. Deveria ter feito mais perguntas e deixado você explicar.

O seu queixo se ergueu. — Eu nunca teria feito isso com você.

— Eu sei. Eu exagerei. Descobri cerca de um mês depois que foi alguém do departamento de polícia onde papai trabalhava. O boato estava se espalhando. Não sei como tudo começou, mas alguém ficou sabendo e vazou para a imprensa.

A revista que publicou a história primeiro se recusou a vendê-la para mim e eles se recusaram a desistir de sua fonte. Foram necessários todos os meus recursos, além de vários favores para rastrear a origem da história.

Eu tinha tanta certeza de que era o nome de Presley que encontraria. Tão certo e tão arrogante.

Na verdade, a história havia sido divulgada por um dos antigos colegas de papai, um sargento que nunca gostara do tenente Shane Valance e usara informações do ex-capitão de papai.

— Eu sinto muito. — Eu repetiria um milhão de vezes. — Eu sinto muito.

Ela engoliu em seco. — Então agora você sabe, e agora se desculpou. Você pode ir.

— Eu não vou embora.

— Então eu vou. — Ela disparou em direção à porta, praticamente correndo ao longo do caminho.

— Presley, espere. — Eu pulei do sofá e fui atrás dela. O ar frio ardeu nas minhas narinas quando eu a segui para sua própria varanda. — Presley.

Ela continuou andando. — Volte para a Califórnia, Shaw.

— Vou ficar.

Ela derrapou até parar, depois se virou. Aqueles braços saíram de seu torso e voaram no ar. — Por quê? Por que você está aqui?

— Porque eu não consigo parar de pensar em você. — Eu me aproximei. — Eu tentei. Durante meses, tentei te tirar da minha cabeça, mas não consigo.

— E daí? O que você esperava que fosse acontecer? Que eu cairia aos seus pés porque o famoso astro de cinema Shaw Valance quer voltar à minha vida, desde que seja adequado à sua agenda?

— Não, isso é...

— Você esperava que eu estivesse te esperando?

Sim. — Temos algo, e você também sente.

Aquele queixo obstinado levantou. — Eu estou com Luke.

— Isso não é uma resposta.

— É a única resposta que receberá. Vá para casa, Shaw. — Ela girou em seu pé e marchou para sua casa. A porta bateu, ecoando na rua tranquila.

Eu olhei para ela, minha respiração ondulando ao meu redor até o frio vencer e me retirei para minha casa. As cenouras na minha mesa de café zombaram de mim quando me sentei.

— Porra. — Rasguei a bolsa e coloquei uma na minha boca, mastigando com fúria.

Isso não foi como eu esperava. Embora fosse justo, nada com Presley jamais foi previsível, ela não havia mudado.

Na viagem de avião para Montana, uma parte de mim se perguntava se ela me veria e sorriria. Eu fui um grande idiota por esperar que meses separados tivessem esfriado seu temperamento.

Ela tinha todo o direito de ficar brava. Ela tinha todos os motivos para me odiar.

E se ela nunca me perdoasse? E se eu cheguei aqui tarde demais?

Eu gemi e caí de volta no sofá. *Cristo. E se ela tivesse se apaixonado por Luke Rosen?*

Quando deixei Clifton Forge, ela estava meio apaixonada pelo cara. Ele era um cara legal, melhor do que eu. No meu lugar, Luke não teria estragado tudo. *Mas se ele tivesse, se estivesse sentado neste sofá em meu lugar, ele iria embora? Ele a deixaria ir?*

Isso não importava. Eu era eu e não importava o que Luke faria, *eu* não iria deixar Presley. *De novo não.*

Meu telefone tocou e eu o tirei do bolso, atendendo a ligação da minha irmã. — Ei.

— Então? Você a viu? — Perguntou Matine.

— Sim, — eu murmurei. Quando fiquei mal-humorado por meses, minha irmã mais nova me deu um tapa na cabeça e me disse para desabafar. Ela estava quase tão envolvida neste pedido de desculpas quanto eu.

— Oh-oh. Isso não parece bom. Como foi?

— Não é bom. Ela está namorando alguém.

— Eita — Ela assobiou. — Você acha que chegou tarde demais?

— Sim. Não, eu não sei. Eu cheguei muito tarde? Eu machuquei Presley além do ponto de reparo?

— Mas você vai lutar por ela? — Perguntou Matine.

— Claro. — A resposta foi automática. Presley era a mulher dos meus sonhos, e eu não a deixaria ir com facilidade.

— Ótimo. — Havia um sorriso na voz de Matine. — O quão frio isso é?

— Frio. — Eu ri. — Você odiaria isso.

Ela riu. — Planejarei visitá-lo no verão.

— Boa ideia.

— Mantenha-me informada?

— Sim. — Eu assenti.

— Você falou com o papai?

— Você sabe a resposta para essa pergunta, Matine.

— Mas vou continuar perguntando, Shaw.

Matine e minhas outras irmãs estavam me pressionando há anos para falar com papai. Antes que a história saísse sobre sua aposentadoria, elas não haviam entendido nossa divisão e meus ressentimentos.

A história havia respondido muitas perguntas.

Foi difícil para elas ouvirem a razão pela qual o papai havia deixado a Força. Matine havia aceitado isso melhor do que qualquer outra pessoa, talvez porque ela confessou ter sempre sentido como se estivesse perdendo algo em nosso estranhamento.

Todos as três foram feridas, mas minhas irmãs eram fortes. A história desapareceu nos arquivos depois de algumas semanas, graças a um escândalo de trapaça e surpresa na gravidez com outras celebridades.

Eu era uma notícia antiga, e minhas irmãs já haviam passado por isso, amando papai de maneira diferente do que antes. Elas foram implacáveis em me pressionar para fazer o mesmo.

Mas eu não estava lá ainda. Quando pensava em ligar para o papai, a amargura subia pela minha garganta e tornava impossível falar.

Uma das filhas de Matine gritou ao fundo.

— É melhor eu deixar você ir, — eu disse. — Obrigado por ligar.

— Boa sorte com Presley. Parece que você vai precisar.

Desliguei e joguei o telefone de lado, depois examinei a sala.

Estava muito longe da enorme casa que eu tinha na praia, mas estava em casa. Eu sentiria falta do som das ondas me embalando para dormir, mas eu as trocaria por Presley ao meu lado a cada noite.

Eu fiz uma lista mental de tudo o que meu assistente teria embalado e enviado para cá. A maioria das minhas roupas já estava a caminho, não que meus shorts e chinelos fossem úteis por mais alguns meses.

Eu pediria para Juno escolher alguns suéteres e jaquetas, além disso, precisaria de outro casaco de inverno e algumas luvas. Mas então eu estaria pronto.

Todo o resto poderia ficar na Califórnia porque não era como se eu precisasse de ternos ou smokings aqui. A partir de ontem, eu estava de folga.

Dark Paradise foi oficialmente transferido para a pós-produção. Levaria meses de edição para chegar ao corte final, mas ninguém esperava que eu precisasse filmar outra cena. Meu tempo diante das câmeras estava acabado por enquanto.

Os membros da minha equipe estavam pirando.

Ginny e Laurelin tinham certeza de que essa licença prolongada, eu me recusara a dar-lhes uma data de retorno exata, destruiria minha carreira.

O que elas não entenderam era que eu não me importava.

A fama era solitária. A fortuna era vazia. Não era assim que eu queria viver minha vida, evitando lugares públicos e temendo que todas as ações fossem mal interpretadas.

Havia coisas mais importantes do que dinheiro e um legado.

Presley era mais importante. A sua felicidade. Os seus sonhos. O seu amor.

Eu me apaixonei por ela.

Eu me apaixonei por ela toda vez que me dizia não, sentado em frente a ela na Clifton Forge Garage.

Sim, eu lutaria por ela. Eu morreria tentando ganhar a sua confiança.

Eu moraria nesta casa e a tornaria minha. Eu mostraria a ela, todos os dias, como era especial para mim.

Desta vez, eu cuidaria.

Peguei meu telefone e fui para o meu quarto, apagando as luzes da casa enquanto caminhava. Ainda não eram oito horas, mas eu tive um longo dia fazendo as malas e viajando. Tirei minhas roupas, deixando apenas minha cueca boxer enquanto deslizava na cama. Os lençóis estavam frios e cheiravam a sabão, mas a cama estava muito vazia.

Apaguei a lâmpada na mesa de cabeceira e olhei para o teto escuro.

Acima da minha cabeça, a janela brilhava.

Uma luz brilhou da porta ao lado.

Sentei-me, acendendo a luz e pegando meu telefone para ligar para um número que não ligava há meses. Um número que eu bloqueei e excluí, então implorei a Laurelin para procurar para mim, quando eu percebi o quanto eu fui um idiota.

Ele tocou e tocou.

Ajoelhei-me no colchão, meu ombro nu pressionando contra a moldura da janela. A ligação foi para o correio de voz.

Olá, aqui é o Presley...

Eu desliguei.

Liguei para ela novamente.

Desta vez, ela atendeu no segundo toque. —O que você quer?

— Você não excluiu meu número.

— Um descuido.

—Venha para a sua janela.

— Não. — Ela bufou. — Boa noite.

— Pres, venha para a sua janela.

— Uh. — Passos soaram pelo telefone, e suas cortinas se abriram. Ela ficou lá, tão perto, com o telefone pressionado no ouvido. — O que?

— Eu sinto muito. Deveria ter feito essa ligação meses atrás.

— Sim, você deveria, mas isso não importa agora. — Sua coragem escorregou. — Nada disso importa agora.

— Importa. Você importa.

Ela sustentou meu olhar através do vidro e os três ou quatro metros que separavam nossas casas. *Ela sentiu isso? Mesmo depois do tempo separados, mesmo através desta distância, ela sentiu isso?*

— Adeus, Shaw, — ela sussurrou.

Eu levantei uma mão e a pressionei no vidro frio. — Vejo você amanhã.

Nunca mais eu diria adeus a Presley.

Capítulo Vinte

Presley

Estava muito frio.

Eu estremeci debaixo da minha jaqueta parka vermelha, afundando no meu capuz e acelerando meus passos. A neve rangia sob minhas botas, os flocos secos e com crostas de gelo.

Andar pela cidade não era como eu planejava passar minha manhã de domingo, mas eu queria meu Jeep e ficar longe do meu vizinho.

Shaw não poderia apenas ter ligado e pedido desculpas? O que ele estava fazendo aqui? Brincando com minha vida, é isso.

Eu estava em um bom lugar. Eu deixei Shaw para trás, Jeremiah era uma memória distante e eu estava namorando Luke. A última coisa de que precisava era Shaw morando na casa ao lado.

O idiota trouxe cenouras para mim. Então Deus me ajude, se ele tivesse danificado as minhas cenouras, eu queimaria sua casa. Eu o incendiaria, recuaria e sorriria para as chamas. Parei de andar. *Eu devo?*

Não. Isso era uma loucura. Esse homem me deixava louca. Afastei essa ideia ridícula porque por mais tentadora que fosse, eu não era uma incendiária.

Evitar sua casa, pelo menos o interior, seria simples. Sob nenhuma circunstância voltaria a pôr os pés naquela casa amarela, não até que estivesse vazia e dedetizada.

Entrar em sua casa na noite passada, ser envolvida em seu perfume, era muito perigoso para meu coração, *meu coração desleal*, que saltou com uma longa inalação de Shaw.

Maldito seja.

Eu marchei mais rápido, praticamente correndo. Minha respiração ficou nublada acima da minha cabeça como as baforadas de uma locomotiva a vapor em alta velocidade. Os blocos desapareceram rapidamente enquanto eu corria pelas ruas desertas, muito zangada, confusa e aborrecida para prestar muita atenção aos poucos carros que passavam.

Eu seria um pingente de gelo quando chegasse à casa de Genevieve e Isaiah, mas tinha minha fúria para me aquecer. Isaiah teria vindo me buscar, mas essa caminhada foi boa. Eu precisava disso para acertar minha cabeça e pensar em um plano.

Primeiro, se Shaw não tivesse descoberto a noite passada, eu explicaria para ele. *Nós terminamos*. Nenhum pedido de desculpas me faria mudar de ideia. Tínhamos acabado no momento em que ele me ligou da Califórnia. Se repetisse a mensagem várias vezes, eventualmente ele voltaria para seu mundo e me deixaria com o meu.

Segundo, eu estava namorando Luke. Eu gostava de Luke. Ele era um bom beijador e um homem doce. Ele era honesto e verdadeiro. Luke viria e levaríamos nosso relacionamento para o próximo nível. *Luke e eu. Eu e Luke.*

Isso iria acontecer.

Esta noite.

Não importava quem morava ao lado. Não importava de quem era o quarto fora do meu.

Talvez Luke e eu devêssemos jantar em sua casa.

O ruído dos pneus na neve nas minhas costas me assustou e eu pulei para a extremidade da calçada. Um grande caminhão cinza parou ao meu lado, com os pneus esmagando a camada de neve que cercava as ruas nesta época do ano, feita com os limpa-neves que limpavam as ruas.

Emmett. Ele deve ter reconhecido meu casaco. Muitos não usavam parkas vermelho-cereja. Ele abaixou o vidro da porta do passageiro. — Você está tentando se matar?

— Você me assustou.

— Entre antes de congelar, droga.

— Eu não estou com frio, — eu menti.

— Depressa. — Ele revirou os olhos e subiu o vidro. Em seguida, os bloqueios se abriram.

Abri a porta e entrei, afivelando o cinto de segurança e tirando as luvas. Meus dedos balançaram sobre o ar quente vindo das aberturas do painel.

— Onde estamos indo? — Ele perguntou.

— Eu estava caminhando para a casa de Genevieve para pegar o meu Jeep.

Ele fez uma careta quando se afastou do meio-fio. — Isso é quilômetros.

— Eu precisava de um pouco de ar.

Não havia como eu contar a Emmett sobre Shaw. Ninguém sabia sobre o meu namoro com a estrela de cinema, nem mesmo Genevieve ou Bryce.

Quando Shaw e eu começamos nosso encontro, fiquei com medo de como todos reagiriam, dado o filme e sua perspectiva de curto prazo sobre Montana. À medida que meus sentimentos por Shaw haviam mudado, crescido, eu estava com medo de nos impor um rótulo, principalmente porque a ligação com a localização parecia assim... Barata.

Quase contei a eles quando aquela foto de Shaw e eu em sua moto saiu, mas depois se transformou em nada. *Por quê?* Porque Presley Marks não era notícia. Eu não era ninguém. Se aquela foto tivesse Dacia French em meu lugar, teria se tornado viral.

Quando Shaw foi embora, fiquei grata por minha prudência de não contar a ninguém. Isso significava que eu poderia mergulhar de desgosto sozinha, sem olhares preocupados ou abraços lamentáveis. Desde que terminamos, não havia sentido arrastar Emmett para a confusão.

Shaw iria embora em breve, perdido para a Califórnia para sempre.

— Quer um café? — Emmett perguntou, já desacelerando para o interior do estacionamento e para a loja de suprimentos. Havia uma cabana de café em um canto do estacionamento. Emmett

abaixou a janela, inclinando-se para fora, quando a barista abriu sua janela deslizante.

As bochechas da loira coraram quando ela viu Emmett. Sua língua disparou e lambeu o lábio inferior. — Oh, ei, novamente. Você hum? ...Esqueceu alguma coisa na minha casa ontem à noite?

Revirei os olhos e me inclinei para frente. — Posso pedir um baunilha com leite desnatado, por favor?

Seus olhos brilharam para mim e seu sorriso se achatou. — Certo. Emmett?

— Mocha triplo.

— Dê-me um minuto. — Ela assentiu e fechou a janela.

— A barista? — Lancei um olhar para Emmett. — Ela provavelmente vai cuspir no meu café.

— Não. Ela é legal.

— Você já esteve em casa desde a noite passada?

Ele riu. — Ainda não.

— Você se lembra do nome dela?

— Sim. Claro. É... Carrie.

— Carleigh, de acordo com o seu crachá.

— Droga. Carleigh.

Eu balancei minha cabeça. — Você é horrível.

— As mulheres me amam. O que posso dizer?

— As mulheres? — Eu provoquei. — Você se ouviu?

Ele riu, tirando vinte dólares da carteira.

Emmett não estava errado. As mulheres o amavam. Elas amavam seu olhar de menino mau, com seus braços musculosos e tatuados e os cabelos castanhos na altura dos ombros que ele constantemente amarrava ou escovava do rosto. Ele não era tão rápido em rir ou flertar como Leo, mas Emmett tinha uma chama que deixava *as mulheres* loucas.

Ele iria se acalmar? Ele encontraria uma mulher que chamasse sua atenção por mais de uma noite? Eu esperava que sim. O que eu mais queria para as pessoas na minha vida era que elas encontrassem amor, mesmo que parecesse me iludir.

Emmett pagou pelos nossos cafés e se despediu de Carleigh, depois se afastou e apontou o caminhão em direção ao bairro de Isaiah. — Então, por que você deixou seu Jeep na casa de Genevieve?

— Fui ontem para ver o bebê e passar algum tempo com eles. Luke veio também e fomos ao cinema. Ele me levou para casa.

— Como está indo, você e Luke?

Suspirei. — Ótimo.

— Não parece ótimo.

— Está ótimo. Ele é um homem muito bom, e eu gosto muito dele.

— Mas...

— Não há mas.

— Pres. — Emmett me lançou um olhar. — Com quem você está falando?

— Você, — eu murmurei. — Por que não foi Leo quem me encontrou? Ele não faz tantas perguntas.

— Hoje não. O que há de errado? Por que você está atravessando Clifton Forge como se estivesse em uma missão para mostrar a Jack Frost que ele não vai conseguir o melhor de você?

— É uma longa história.

— Tem algo a ver com uma certa estrela de cinema? Aquele com quem você foi vista andando na traseira de uma moto?

Minha boca caiu. — Você sabia?

— Por favor. — Ele zombou. — Você pode ser boa em esconder suas emoções de algumas pessoas, mas nunca foi boa em me enganar.

Isso era verdade. Sempre que eu estava triste e forçando a felicidade, havia dois homens que viam além do rosto corajoso: Draven e Emmett. Draven me atormentaria até que eu falasse, arrancando a verdade de meus lábios. Mas não Emmett. Ele me puxava para um de seus abraços de urso e não me soltava até que um pouco da dor tivesse passado.

— Fomos... Bem, eu não sei o que éramos. Alguma coisa. — Algo especial.

— Ele entrou em contato desde que saiu?

— Não. Ele voltou ontem à noite.

Ele olhou por cima, tomando um gole de seu café. — O que aconteceu ontem à noite?

— Tenho certeza que ele se mudou para cá.

Emmett engasgou. — Não brinca?

— Quando Shaw esteve aqui para o filme, ele comprou a casa ao lado da minha. Não porque era a casa ao lado, foi apenas uma coincidência. Durante o filme, foi onde ele ficou. Começamos a conversar e as coisas aconteceram.

Então ele acabou comigo, algo que eu não diria a Emmett porque significaria uma reviravolta e um confronto estranho, provavelmente violento, na minha rua.

— Shaw foi embora, — eu disse. — Agora ele voltou.

— Você ainda tem sentimentos por ele?

— Eu não sei, — eu sussurrei. Não sei como me sinto. E a verdade é que não confio no meu julgamento.

— Pres. — Emmett estendeu a mão e colocou a mão no meu ombro. — O que aconteceu com Jeremiah...

— Foi minha culpa.

— Eu estava no casamento, querida. Não pareceu culpa sua.

— Não, a culpa foi minha. Eu não deveria ter ficado com ele em primeiro lugar.

— Você o amava.

— Talvez, — eu murmurei. *Talvez não*. Eu não tinha energia para me aprofundar mais nesta manhã. Por causa de Shaw, eu mal dormi. E estávamos quase na casa de Isaías. — Novo assunto, por favor. Como está a sua mãe?

Emmett me lançou um olhar, um que disse que não estava deixando isso em paz, mas respondeu: — Ela está bem. Eu vou lá mais tarde.

— Por favor, pelo bem dela, tome banho primeiro. Você ainda cheira a The Betsy.

— Eu vou tomar banho. — Ele sorriu quando virou no quarteirão de Genevieve e Isaiah.

Quando ele estacionou atrás do meu Jeep, soltei o cinto e sorri para ele. — Obrigado por me dar uma carona.

— Sempre. Vejo você amanhã.

— Tchau. — Eu levantei minha caneca de café em um agradecimento silencioso e saí do caminhão, fazendo malabarismo com minha bebida e minhas luvas enquanto eu pegava as chaves no bolso do meu casaco.

Entrei no meu Jeep, tremendo quando liguei a ignição e o aquecimento. Meu olhar se concentrou na casa de Luke enquanto dirigia pela rua silenciosa. Sua caminhonete não estava na garagem onde ele normalmente estacionava, sua garagem estava reservada para seu barco e as luzes estavam apagadas.

Devo contar a ele sobre Shaw? Devo fingir que não era grande coisa que ele está na cidade?

A culpa tinha arranhado o seu caminho em meu coração na noite passada enquanto eu estava deitada inquieta na cama. Eu passei a meia-noite pensando em Shaw, não no homem com quem eu estava namorando.

Não é como se eu tivesse feito algo errado.

Eu fui para a casa de Shaw e o ouvi falar. Eu atendi uma ligação. *Então, por que eu sinto que traí Luke?*

O último lugar que eu queria ir era para casa, onde Shaw estaria esperando. O idiota teimoso não ia me deixar em paz. Então eu dirigi meu Jeep para um lugar em Clifton Forge que nunca tinha estado.

A Delegacia de Polícia.

— Oi, — eu disse, cumprimentando o policial parado na porta da frente. Ele estava atrás de uma divisória de vidro, então me inclinei e falei no alto-falante de metal entre nós. — Eu estava pensando se eu poderia ver Luke, uh, chefe Rosen.

— Vou verificar se ele está disponível. — Ele pegou minha carteira de motorista e digitalizou uma cópia. Então, apontou para uma fileira de cadeiras ao longo da parede.

Menos de um minuto depois, Luke entrou por uma porta interior. — Presley?

— Ei. — Eu sorri, correndo em sua direção. — Desculpa por interromper. Eu só queria dizer oi.

— Oi. — Ele sorriu e deu um beijo na minha bochecha. — Entre.

Luke pegou minha mão e me levou através da delegacia, passando por filas de mesas e cadeiras vazias até uma porta gravada com C*hefe de Polícia* em letras douradas. Ele segurou para mim, fechando-a atrás de nós.

Sua cadeira imponente estava do outro lado da mesa, mas, em vez de ficar sentado, Luke estendeu uma das cadeiras de visitas para mim e sentou-se ao meu lado.

Porque era quem ele era. Ele era o cara que estava sentado ao lado da mulher com quem estava namorando, mesmo em seu próprio escritório. O cara que trazia flores amarelas para a vizinho duas vezes depois que ela teve um bebê. O cara que estava esperando pacientemente que eu estivesse pronta para fazer mais do que beijar por um mês.

— Como foi ontem à noite? — Eu perguntei.

— Um caos. — Ele gemeu, passando a mão pelo queixo anguloso. Ele tinha mais barba por fazer esta manhã do que o normal e era ainda mais bonito assim, um pouco áspero nas bordas.

Coloquei minha mão sobre a dele, esfregando o polegar entre os nós dos dedos. — Você parece cansado.

— Foi uma noite longa.

— Qualquer coisa que eu possa fazer?

— Não. — Ele me deu um sorriso. — Estou terminando a papelada e depois vou para casa tirar uma soneca.

— Se você quiser reagendar esta noite, nós podemos.

— Nunca.

Eu sorri, apesar do nó ansioso se formar no meu estômago. Eu queria isso. Eu queria estar com Luke. *Então, por que eu estava com medo esta noite? Por que eu esperava, por algum motivo, atrasar um dia ou dois?*

Shaw.

Maldito seja.

Ele não apareceu aqui e estragou tudo o que eu tinha por mim. Luke e eu éramos recentes, mas poderia haver um futuro aqui.

Um futuro real, não alguma fantasia de Hollywood.

— Seis horas? — Eu perguntei, fazendo o meu melhor para esconder os nervos na minha voz. — Eu vou fazer o jantar.

— Certo.

— Como você se sente com a lasanha congelada?

Ele riu. — Parece apropriado.

— Então eu vou sair daqui para que você possa terminar. — Nós dois levantamos e eu levantei na ponta dos pés para dar um beijo em seus lábios.

Ele aprofundou, inclinando sua boca sobre a minha.

Um formigamento percorreu minha espinha e meu coração bateu forte. Não explodiu em uma corrida selvagem, mas o baque foi bom. O baque significava que tínhamos a promessa de paixão.

Luke se afastou e sorriu. — Eu vou acompanhá-la para fora.

— Obrigada. — Eu o segui até a porta, deixando-o beijar minha bochecha mais uma vez antes de enfrentar o frio e correr para o meu Jeep. Depois passei o resto da manhã e o começo da tarde evitando minha casa.

Fui ao supermercado, vagando para cima e para baixo em cada corredor. Parei na minha lanchonete favorita para almoçar.

Coloquei gasolina no meu Jeep e fui buscar algum dinheiro no banco porque para uma mulher que não usava dinheiro, ter algum na carteira de repente parecia importante. Eu dirigi até a oficina para ver se Leo ou Dash tinham decidido aleatoriamente trabalhar em um domingo, mas estava deserta.

Finalmente, quando não podia mais evitar, dirigi para casa.

A caminhonete branca de Shaw estava em sua garagem, e me amaldiçoei por não vê-la ontem à noite. Eu estava muito ansiosa para convidar Luke para passar a noite e me treinei por meses para não olhar para aquela casa amarela.

Quando estacionei, fiquei de olho em Shaw. Houve um movimento na janela da sala.

Porra.

Eu realmente queria ter uma garagem para estacionar lá dentro, mas apenas duas das casas desta rua as possuíam. As casas do beco sem saída haviam sido construídas antes que as garagens fossem obrigatórias.

Talvez estivesse na hora de mudar.

O apartamento acima da oficina estava vazio há anos. As últimas pessoas que moraram lá, foram Genevieve e Isaiah.

Se Shaw não aceitasse que tivéssemos terminado e ficado em Montana por mais de duas semanas, eu iria me mudar.

Decisão tomada.

Estacionei e enviei uma oração silenciosa para que eu pudesse transportar minhas compras para dentro em uma só viagem.

Meus braços estavam sobrecarregados com sacolas quando senti sua presença atrás de mim. O aroma apimentado de Shaw flutuou no ar frio.

Como ele conseguiu me esgueirar?

O farfalhar das minhas sacolas e os batimentos cardíacos trovejantes e em pânico devem ter abafado a trituração de seus passos na neve.

— Deixe-me ajudar. — Ele se moveu para o meu lado e começou a tirar as sacolas dos meus pulsos.

O calor do seu ombro bateu no meu e eu me afastei. — Eu posso fazer isso.

— Já estivemos aqui antes. Vamos pular para o final, onde nós dois sabemos que ajudarei a carregá-los para dentro. — Ele sorriu para mim, me desafiando a discutir.

Idiota teimoso e arrogante.

Ele não ia me deixar em paz e eu não queria um impasse em temperaturas congelantes.

— Tudo bem, — eu murmurei, empurrando cinco sacolas em seu abdômen.

— Isso foi tão difícil?

Eu atirei-lhe um olhar e marchei para dentro. No minuto em que minhas sacolas estavam no balcão, dei um sorriso tenso e apontei para a saída. — Obrigada pela ajuda.

Ele riu e saiu da cozinha para a sala de estar, seu andar cheio de graça e pecado.

Forcei meus olhos para longe de suas pernas longas e coxas grossas, não me deixando lembrar como era ter aqueles quadris nivelados com os meus. — Continue indo até você bater na porta.

Ele me ignorou. — Você dormiu bem?

— Ótima, — eu menti.

— Eu não dormi. — Ele se sentou no meu sofá e olhou para o meu quarto. — Eu continuava desejando uma cama diferente.

Minhas bochechas coraram, não porque uma imagem mental dele nu na minha cama passou pela minha mente. Eu ainda estava com o meu casaco e era um casaco quente.

— Adeus, Shaw.

— O que você vai fazer hoje? Você teve uma manhã movimentada.

— Perseguir é ilegal, — eu estalei.

— Então eu ouvi. — Ele se recostou, levantando os braços e entrelaçando os dedos atrás da cabeça. — O que você vai fazer para jantar hoje à noite? Quer compartilhar uma pizza?

— Luke está vindo. Estou saindo com ele, lembra?

— Eu lembro. — Seu sorriso arrogante escorregou.

— Então o que você está fazendo aqui? Vá para casa. — E em casa, eu queria dizer Los Angeles.

— Quão séria é essa coisa com Luke?

Ainda não era séria, mas havia a promessa de seriedade. Luke e eu tínhamos potencial. — Estamos namorando.

— Você já disse isso, mas isso realmente não responde à minha pergunta.

— Eu não lhe devo respostas. — Passei pela sala e segui pela porta de entrada. — Você vai me fazer expulsá-lo daqui? — Eu perguntei.

Sua risada encheu a sala quando emergiu, um sorriso sexy em seu rosto. Shaw entrou no meu espaço, me empurrando ao lado da porta. — Responda-me. Quão sério?

— Isso importa? Estou namorando Luke. Isso não vai mudar só porque você está de férias ao lado.

— Isso não é férias, Presley.

Engoli em seco, recusando-me a acreditar que ele veio a Montana por mim. — Acho melhor você ir embora.

Ele colocou a palma da mão na porta, mantendo-a fechada. — Como você está?

— Você está do lado errado da porta.

O sorriso de Shaw se espalhou lentamente e de dar água na boca. Ele se inclinou mais perto, sua respiração sussurrando na minha bochecha. — Como estão as coisas na oficina?

— Super bem. Agora vá. — Meus joelhos estavam fracos e esse sorriso estava derretendo minha determinação. Eu fixei meu olhar em seu peito largo e no suéter verde que cheirava a sabão e sândalo. — Por favor.

— Por quê? Estamos apenas conversando. A menos que haja algo sobre eu estar aqui, que a deixe desconfortável.

Inferno, sim, eu estava desconfortável.

O homem me deixava tensa e fazia me contorcer sob aquele olhar dourado. — Tenho mantimentos para descarregar e preciso fazer o jantar. Não tenho tempo para conversar.

— Presley, olhe para mim.

— Shaw. — Eu apertei meus olhos e cerrei minhas mãos. — Por favor. Saia.

Ele ainda estava lá quando eu abri meus olhos, puro arrependimento gravado em seu rosto. — Eu sinto muito. Eu nunca deveria ter duvidado de você.

Eu assenti.

Se ele continuasse se desculpando, eu poderia perdoá-lo, e até ter meus sentimentos em ordem, o perdão não era uma opção. Puxei a maçaneta, forçando-o a se afastar. O ar frio passou correndo por nós. — Adeus, Shaw.

Ele suspirou. — Vejo você amanhã.

Não, ele não veria. Felizmente, amanhã era segunda-feira e eu estava gastando no trabalho. *A menos que...* Meu estômago caiu... *Shaw fosse até a oficina.*

Talvez depois de hoje à noite, depois que a caminhonete de Luke passasse a noite na minha garagem, Shaw entendesse.

Ele achava que Luke e eu já tínhamos intimidade? Isso o incomodava?

Porque a ideia dele com outra mulher me deixava doente. *Quantas mulheres ele teve nesses últimos cinco meses? Quantas*

mulheres dormiram enroladas em seu calor e acordaram com seus lábios macios na têmpora?

Essa ideia enrijeceu minha coluna, congelando qualquer desejo que surgisse em minhas veias.

Shaw caminhou pela porta, os ombros caindo ao atravessar a varanda, mas parou na escada quando, além dele, na rua, um táxi amarelo estacionou ao lado do meu meio-fio.

— Esperando companhia? — Shaw perguntou.

— Não. — Saí e fiquei ao seu lado quando a porta do táxi se abriu.

Ofeguei quando a mulher no banco de trás pisou na neve.

Um rosto que eu não via há dez anos olhou para cima.

Um rosto que eu via todos os dias no espelho.

Scarlett.

Capítulo Vinte e Um

Shaw

— Ela ainda está dormindo? —Eu perguntei, lançando meu olhar pelo corredor em direção ao quarto de hóspedes de Presley.

— Sim. — Presley caiu na beirada do sofá e afundou. — Você acha que eu deveria chamar um médico? Já se passaram dois dias.

Sentei ao seu lado, mantendo minha voz baixa. Eu queria colocar meu braço em volta dos seus ombros, abraçá-la até que parte da preocupação em seu rosto diminuísse, mas fiquei na minha almofada, a meio metro dela. — Ela se levantou?

— Eu a ouvi levantar no meio da noite e dar a descarga.

— Então tenho certeza que ela está bem.

Presley recostou-se no sofá, olhando para o teto. — Isto é...

Essa foi a quarta vez desde que cheguei que ela começou a falar apenas para parar. Sua mente estava visivelmente girando, tentando dar sentido ao aparecimento repentino e estranho de sua irmã dois dias atrás.

Scarlett saiu daquele táxi, cruzou o quintal e entrou direto na casa de Presley.

Ela não havia abraçado a irmã ou dito *olá*.

Ela entrou vestindo roupas tão folgadas quanto as que Presley normalmente usava, exceto que as dela não pareciam fofas ou sexy

ou propositalmente soltas. Eles estavam amassados e sujas, como se ela os tivesse tirado do chão do quarto de um homem.

Presley ficou boquiaberta com a irmã, sem palavras.

Scarlett falou em seu lugar.

— Antes de conversarmos, posso ficar no seu quarto de hóspedes por um minuto?

Presley assentiu e apontou para o corredor, depois Scarlett desapareceu e deixou uma Presley atordoada e eu, para trás.

Presley havia ligado para o seu trabalho, avisando que estava doente e não iria hoje e amanhã. Eu tinha chegado às dez da manhã de ontem quando vi o seu Jeep ainda na entrada da garagem. Ela me deixou entrar sem qualquer hesitação — o que me disse exatamente o quão bem ela estava reagindo à visita de sua irmã.

Hoje, eu presumi que Scarlett estaria acordada e que as duas teriam conversado. Mais uma vez, eu tinha visto o Jeep quando normalmente ele estaria na oficina. Eu fiquei longe até a tarde, mas a curiosidade havia me superado.

Eu esperava encontrar as irmãs juntas.

Em vez disso, Presley abriu a porta e me levou para a sala de estar, onde o estresse em seu rosto me fez estremecer.

— Porque ela está aqui? — Presley sussurrou, as mãos torcendo no colo.

— Acorde-a e descubra.

— Não, ainda não. — Ela balançou a cabeça. — Ela parecia tão abatida. Eu não a vejo há... Muito tempo. Ela parecia mal, certo?

— Ela não parecia boa, — eu murmurei.

Os círculos profundos sob os olhos de Scarlett eram de um azul arroxeado. Seus longos cabelos loiros estavam pegajosos e precisavam de alguns shampoos. Apesar das roupas folgadas, ela era magra. Magra demais, mesmo para uma mulher com o corpo pequeno de Presley.

— Você falou com ela ultimamente? — Eu perguntei.

— Não vejo ou falo com ela há mais de dez anos.

Eu pisquei. — Dez anos?

— Sim. — O olhar de Presley abaixou. — Desde que eu saí de casa aos dezoito anos.

— Você teve uma briga?

Presley soltou um longo suspiro. — É uma longa história.

— Eu não vou a lugar nenhum. — Eu me movi no sofá, virando de lado para dar a ela minha atenção. — Você não tem motivos para confiar em mim depois do que eu fiz, mas estava lá por mim. Você ouviu quando eu estava pronto para conversar. Se estiver pronta, estarei aqui para ouvi-la.

Ela trouxe os joelhos até o peito, envolvendo-os nos braços. Minutos se passaram enquanto ela se enrolava em si mesma, os olhos desfocados e tristes.

E eu esperei. Dei-lhe tempo enquanto decidia se deveria ou não confiar em mim.

— Nós crescemos em uma casa tóxica, — ela sussurrou.

Fechei os olhos, saboreando sua honestidade por um segundo, depois olhei para ela com toda a atenção.

— Tóxica como? — Minha mente saltou para o pior. *Drogas? Violência? Abuso...* Eu não conseguia terminar mentalmente essa palavra.

— Meu pai era um homem cruel. Ele nos batia.

Violência. Minhas mãos agarraram minhas coxas. — Eu sinto muito.

Ela puxou os joelhos para mais perto. — Não me lembro de uma época em que ele não levantou a mão para nós. Não recebíamos palmadas. Nós levávamos um tapa na bochecha se cometíamos um erro. Éramos enviadas para a cama com fome se chorássemos. Mas ele nunca gritou. Não me lembro de um momento em que tenha levantado a voz. Ele era apenas um homem cruel que nos atacava com raiva silenciosa.

Meus braços doíam para puxá-la para o meu colo, mas ela estava encolhida, segura em seu próprio mundo.

— Ele batia na minha mãe também, — disse ela, sua voz calma e robótica. — Ela não funcionou, então ele poderia bater nela onde quisesse. Quando Scarlett e eu começamos a estudar, ele se certificou de que os hematomas estivessem em lugares fáceis de esconder. Ele adorava nos pegar pelos cabelos ou nos pegar aqui. — Ela apontou para o bíceps. — Nós sempre usamos mangas compridas.

— Presley, eu não sei o que dizer.

— Não há nada a dizer. — Ela levantou os olhos para os meus. — Ele controlava todos os aspectos de nossas vidas. Nós seguimos suas regras completamente porque os castigos por quebrá-las eram muito severos. Mesmo assim, mesmo com perfeição, ele encontrava algo para se irritar.

— E sua mãe?

— Ela ficava lá e observava. Na verdade, eu a culpo mais porque ela não nos protegeu. Uma mãe deve proteger seus filhos, não acha?

— Sim, eu acho.

— Mas essa era a minha vida. Do lado de fora, éramos a pequena família perfeita. Fazíamos piqueniques em família aos sábados. Íamos à igreja aos domingos. Tínhamos roupas bonitas e tirávamos boas notas na escola. Nossos professores nos adoravam e, como éramos crianças tão boas, nossos pais devem estar fazendo um trabalho tão bom para ter duas meninas perfeitas. Ninguém nunca pensou que a razão de sermos tão boas era porque estávamos com medo todos os dias. Vivíamos com medo.

O olhar de Presley mudou e se fixou em um ponto invisível na parede. Ela ficou quieta, congelada, enquanto olhava.

Coloquei minha mão no seu pé. Essa mulher era forte. Resiliente. Ela afugentou o terror. — Mas não mais.

— Não, — ela disse. — Não mais.

— Onde você cresceu?

— Em um subúrbio de Chicago.

— Você saiu aos dezoito anos.

— Sim. — Ela assentiu. — Não foi fácil. Scarlett e eu morávamos em casa, e não sei se meu pai esperava que tentássemos sair ou não, mas ele foi muito rígido depois da formatura. Mais do que antes. Ele não nos deixou conseguir empregos naquele verão. Nós apenas ficamos em casa, esperando o outono porque ele concordou que poderíamos ir para uma faculdade comunitária local.

Seu pai era uma desculpa patética para um ser humano.

Eu não conhecia o homem, nem mesmo coloquei os olhos nele, mas eu o odiava. *Odiava.* Meus molares se uniram, mas me esforcei para manter minha expressão neutra. Presley não precisava que eu perdesse o controle enquanto ela revivia aquele tempo.

Eu guardaria minha raiva para mais tarde.

Se houvesse uma maneira de arruinar seu pai sem causar reação a Presley, eu o faria. Meu primeiro telefonema quando saísse daqui hoje seria para Laurelin. Ela era uma mulher gentil, mas se você fodesse comigo, ela tornaria sua vida um inferno. Presley estava na minha vida, estivesse ela pronta para aceitar isso ou não, e Laurelin estriparia seu pai. Se ela não conseguisse, eu entraria e sujaria as mãos.

— Scarlett estava namorando Jeremiah.

— Espere, o que? — Eu estava tão perdido em pensamentos de vingança que mal consegui entender a declaração de Presley.

— Scarlett estava namorando Jeremiah, — ela repetiu.

— Jeremias, como no seu ex-noivo?

— Esse e o único, — ela murmurou. — Ele me ajudou a sair e fugir.

— Como?

— Ele nos arranjou um carro. Era para ser para nós, Scarlett e eu. Nós três, na verdade. Jeremiah e Scarlett estavam indo para a Califórnia. Eu já tinha decidido por Montana.

— Por que Montana?

Ela encolheu os ombros. — Parecia assim... Simples e antiquado, vivendo em uma cidade tranquila com pessoas legais. Eu não precisava do brilho de Los Angeles ou da cidade de Nova York. Eu só queria uma cidade pequena e segura para chamar de minha.

— E o que parece mais simples que Clifton Forge, Montana?

— Exatamente. — Ela assentiu. — Nós escapamos uma noite. Eu estava escondendo roupas e outras coisas do nosso quarto há semanas. Scarlett também. Jeremiah tinha mantido tudo em sua casa porque ele morava a apenas 800 metros de nós.

Parecia uma fuga de reféns, e talvez de um jeito que fosse. — Seus pais suspeitaram de alguma coisa?

— Não tanto quanto eu sabia. Eu já tinha encontrado um emprego. Eu estava procurando no computador da biblioteca para que ninguém pudesse rastreá-lo. Esse foi um dos poucos lugares que papai nos deixava ir sem supervisão naquele verão. Eu não tinha certeza do que estava procurando, mas quando vi um anúncio em um classificado para uma recepcionista em uma oficina, parecia

perfeito. Eu queria trabalhar em um lugar que não fosse formal ou adequado.

— Você queria o barulho e a graxa.

— Isso e Draven me contratou apenas com uma entrevista por telefone. Ele se arriscou comigo, e nunca perguntei por quê. — O rosto de Presley brilhou de tristeza, como normalmente acontecia quando ela pensava em Draven. Não pela primeira vez, desejei ter conhecido o homem que ela tanto amava.

— Eu tinha certeza de que, quando saíssemos, meus pais se esqueceriam de nós, — disse Presley. — Mas Scarlett estava nervosa. Ela pensou que papai suspeitava que íamos fugir. Foi uma emoção para mim. Não importa o quê, eu estava indo. Mas Scarlett não era assim. Ela não testava os limites como eu fiz.

— Testava como?

Ela sorriu um pouco. — Coisas estúpidas. Eu roubava doces da máquina de venda automática da nossa escola e comia depois de dormir. Pintei minhas unhas dos pés de vermelho no vestiário feminino. Uma vez, minha mãe, nos levou para comprar roupas de escola e quando ela não estava olhando, eu furtei um fio dental.

Minha bela ladra. — Você já foi pega?

— Às vezes. Quando meu pai viu minhas unhas vermelhas, ele me jogou no chão da sala e me chutou por ser uma 'vadia'. Ele insistia em muito rosa para suas filhas. Tenho certeza de que ele quebrou uma das minhas costelas, rachou pelo menos, mas não fomos ao médico. Scarlett as embrulhou para mim.

— Filho da puta. — Fechei os olhos, procurando por calma. Meu coração batia forte ao pensar nessas garotas e no que elas haviam sofrido. Ou como sua irmã sabia enrolar costelas para curar. — Eu não... Sinto muito.

Ela me deu um sorriso triste. — Não se desculpe.

— Eu não posso evitar.

— Não tenha pena de mim. — Ela olhou para o corredor. — Eu fui embora.

Presley fugiu.

Mas Scarlett...

— Scarlett não foi com você, foi?

Ela balançou a cabeça. — Eu testava os limites. Scarlett ficava a dez metros de distância das linhas que meu pai desenhava e nem sonhava em se aproximar demais.

Minha testa franziu. Se você colocasse Presley e Scarlett lado a lado e me dissesse para escolher a rebelde, eu teria escolhido Scarlett toda vez. O jeito que ela levantou o queixo quando saiu do táxi, o modo como recusou uma saudação cortês... — Isso não combina com a mulher que chegou aqui dois dias atrás.

— Eu sei. — A bochecha de Presley caiu para os joelhos. — Não sei quem era porque não era Scarlett.

— Você disse que não a via há dez anos. O que aconteceu? Como você se afastou e ela não?

Presley olhou para a parede enquanto se sentava naquela bola. — Nós fugimos de casa. Eu tinha feito isso algumas

vezes. Havia um cara que eu gostava do meu último ano e ele me encontrava em um playground no meu bairro. Nós ficávamos juntos por algumas horas, depois eu voltava para casa. — Ela estremeceu. — Fico feliz por não ter sido pega por isso. Deus, eu era tão estúpida.

— Você era uma criança tentando encontrar alguma liberdade.

— Sim, — ela murmurou. — Scarlett e Jeremiah estavam namorando, mas eles só se viam na escola. Eles se beijavam e outras coisas e esgueiravam-se por aí, mas estava atrás das costas dos professores e longe de papai.

— Mas ela estava indo embora.

Presley assentiu. — Califórnia foi ideia de Scarlett. Olhando para trás, acho que Jeremiah a teria seguido em qualquer lugar porque ele a queria fora daquela casa. Eu nunca contei a ninguém sobre o que realmente aconteceu em casa, mas Scarlett confessou isso a Jeremiah e o fez prometer guardar o segredo.

Covarde. Jeremiah deveria ter ido à polícia. — Como ele conseguiu um carro para você?

— Economizei cada centavo que ganhei de babá de crianças do bairro por dois anos. Dinheiro de Natal. Dinheiro de aniversário. Scarlett também economizou, embora não tanto, e guardamos até que houvesse dois mil dólares. Foi o suficiente para comprar um Civic antigo com cento e noventa mil quilômetros, mas o motor e os quatro pneus funcionavam.

Minha mulher corajosa.

Ela forjou uma nova vida a partir de dois mil dólares. A onda de orgulho entrou em conflito com a raiva fervendo no meu peito.

Presley ficou quieta por um longo momento, como se seu cérebro a estivesse levando de volta àquela época.

— Você está bem?

Seus olhos brilharam e um brilho de lágrimas estava em seu olhar. — Eu não deveria tê-la deixado, deveria ter feito ela vir comigo.

— Você tentou?

— Claro, mas...

— Então isso é tudo que você poderia ter feito.

Passei um tempo na academia aprendendo sobre vítimas de abuso doméstico. Eu já tinha visto muitas coisas na vida real. Lembrei-me da primeira vez que vi uma esposa correndo atrás do marido algemado, prometendo que ela não apresentaria queixa. Um dos seus olhos estava inchado de onde ele a atingiu. Ele quebrou o seu nariz. E lá estava ela, chorando quando arrastamos o filho da puta para longe.

Quebrar o ciclo não era fácil, e Presley e Scarlett estiveram nele a vida inteira.

— Nós escapamos uma noite depois que meus pais estavam na cama. Eles não estavam dormindo. Eu ouvi alguns barulhos quando eles estavam... Quando meu pai estava...

Estuprando sua mãe.

Minhas juntas ficaram brancas quando meus punhos se apertaram.

— Nós escapamos e corremos para a casa de Jeremiah. Scarlett continuou dizendo: *'Isso está errado. Nós vamos ser pegas. Deveríamos voltar.'* Mas eu continuei correndo. A certa altura, ela parou e eu agarrei sua mão e a arrastei atrás de mim. Imaginei que, quando chegássemos à casa de Jeremiah, ele a convenceria a sair.

— Você só queria pegar a estrada.

— Eu tinha tanta certeza. Ficar não era uma opção. No segundo em que saí daquela casa, sabia que nunca mais voltaria.

— Mas Scarlett não estava pronta, — eu imaginei.

— Eu acho que ela estava, mas Scarlett estava com tanto medo. Jeremiah não conseguiu acalmá-la. Ela estava convencida de que seríamos pegas. Chegamos à casa de Jeremiah e ele estava lá, esperando do lado de fora com o carro. Ele carregou todas as nossas coisas. Scarlett olhou para o porta-malas aberto e as malas dentro e começou a puxá-las para fora. Ela as jogou no chão, todas elas, nesse frenesi em pânico. Ela estava chorando e tremendo. Ela estava apenas...

— Assustada.

— Aterrorizada, — ela sussurrou, limpando o canto do olho. — Foi o que ele nos ensinou. Medo. Ele a quebrou, nós, muito antes daquela noite.

Exceto que Presley não estava quebrada. Ela era inteira, forte e um milagre. — Quantas vezes você contou essa história?

Ela encontrou meu olhar. — Uma vez.

— Para Draven?

— Sim. — Ela olhou para a foto na parede. — Para Draven.

Ele poderia ter sido um homem falho, mas Draven a amava como uma filha. *Que tipo de mulher seria Presley hoje, se Draven não a defendesse? Que tipo de lugar ela teria desembarcado se Clifton Forge não tivesse sido uma opção?* Eu já tinha visto o que aconteceu com muitas crianças em fuga na Califórnia. Suas vidas se voltaram para drogas, álcool e sexo. Por causa de Draven, Presley havia parado o ciclo.

— O que aconteceu depois? Naquela noite?

Ela fungou, procurando um pouco de compostura. — Jeremiah e eu tentamos acalmar Scarlett, mas ela estava histérica. Ela me implorou para ir para casa, mas eu disse a ela que iria com ou sem ela. Ela começou a gritar. Um dos vizinhos acendeu uma luz e isso me assustou. Então peguei as malas que pude, enfiei-as no carro e saí. Eu a deixei lá.

— Você não teve escolha.

— Eu poderia ter ficado, — disse ela. — Eu poderia ter ficado por ela.

— Onde você acha que estaria se tivesse ficado?

— Morta, — ela respondeu imediatamente. — Talvez não no sentido físico, mas ele teria matado minha alma.

— Então você não teve escolha. E eu, por exemplo, estou feliz que você tenha saído de lá.

Presley encolheu os ombros. — Talvez.

O peso de seu passado se instalou na sala, o ar ficando denso e pesado. Nós dois sentamos em silêncio enquanto eu repetia sua história várias vezes. A raiva de seu pai queimava sob minha pele e minha mente mudou. Eu não envolveria Laurelin em sua morte.

Eu queria essa satisfação para mim, para Presley. Eu sempre acreditei que havia um lugar especial no inferno para aqueles que machucavam crianças, especialmente as próprias, e o seu pai pertencia àquele círculo.

Meu Deus, ela era forte.

Como foi dirigir para Montana sozinha? Quão assustada ela estava em sair?

Ela teve sorte de conseguir esse emprego na oficina. Eu era um homem que acreditava no destino, e conseguir esse emprego com Draven não foi nada menos que o destino.

E ela o perdeu.

Ele era o pai que ela nunca teve. O pai que ela sempre precisou. E aquele filho da puta, Marcus Wagner, o levou ao suicídio.

Eu fiz um maldito filme sobre isso.

Foda-se. Foda-me e foda-se esse filme.

Eu nunca deveria ter vindo aqui. Eu nunca deveria ter comprado esse roteiro. Teria morrido e ninguém teria conhecido essa história. Mas já era tarde demais agora.

Eu encontrei Presley e deixá-la não era uma opção.

Eu tentei esquecê-la por meses, mas todas as noites quando ia dormir sozinho, eu queria que ela estivesse ao meu lado. Eu pensava nela todas as manhãs e sonhava com seu rosto, sua risada à noite.

Presley não tinha mais Draven para protegê-la, ouvir seus problemas, mas ela me tinha. Ela sempre me teria, um homem que estava ao seu lado quando ela bateu à porta na cara de um idiota. Um homem que a carregava para a cama quando ela dormia assistindo a um filme.

Luke Rosen não era esse homem.

Presley ficaria sozinha, ela não precisava que eu a sustentasse, mas eu faria o mesmo.

— Você é a mulher mais forte que eu já conheci.

Ela zombou. — Sua antiga parceira parecia muito mais forte do que eu.

— Você abriu caminho para uma vida boa. Essa é a definição de força.

— Mas foi o suficiente? — Ela perguntou. — Eu me libertei, mas deixei minha irmã gêmea para trás.

— Você nem sempre pode salvar alguém. Às vezes, eles precisam querer se salvar.

Ela olhou para o corredor novamente. — Eu costumava mandar uma mensagem para ela. Tudo o que eu tinha era o número que ela tinha no ensino médio. Pelo que sei, meus pais levaram o telefone e esse número pertence a alguém em Skokie, Illinois,

agora. Mas eu mandei uma mensagem para ela e a mantive em meu coração. Eu sempre esperei que ela saísse.

— Ela está aqui, não está? Ela saiu.

— Quando? Ele a machucou todos esses anos? Dez anos, Shaw. Dez. Sei exatamente quantas contusões uma pessoa pode sofrer em dez anos.

Essa distância entre nós não estava mais funcionando. Eu não conseguia sentar aqui e vê-la tentar se segurar. Eu deslizei mais perto, pegando seus braços e os desembrulhando de suas pernas. Então eu ajeitei seus joelhos no meu colo para que eu pudesse me inclinar mais perto. — Não se culpe por isso. Você não fez nada de errado. Você tinha dezoito anos e também estava assustada. Nada disso é culpa sua.

Ela olhou nos meus olhos, aquelas belas piscinas azuis cristalinas inundando em lágrimas. — Eu a abandonei.

— Você salvou sua própria vida.

— A culpa...— ela engoliu em seco — Está me esmagando.

— Deixe para lá, querida, — eu sussurrei. — Pare de segurá-lo tão perto.

Ela caiu no meu peito e a barragem quebrou.

Eu passei meu braço em volta dos seus ombros, puxando-a para o meu colo quando ela se desfez em meus braços. Seus ombros convulsionaram e lágrimas encharcaram minha camisa.

— Deixe para lá, — eu sussurrei em seus cabelos. — Eu entendi você.

Ela enterrou o rosto no meu pescoço, depois chorou e chorou até não sobrar mais lágrimas. Eu esperava que ela se sentasse ereta e se afastasse. Eu estava pronto para a parede que ela colocaria entre nós.

Mas ela ficou.

Ela se segurou em mim enquanto eu a segurava. As barreiras, os obstáculos, desapareceram.

Confiança. Honestidade. Fé.

Eles nos encobriram e enviaram uma onda de esperança em minhas veias.

Nós íamos conseguir. Eu ia reconquistá-la. A pressão paralisante no meu peito diminuiu junto com o medo que se instalou profundamente quando eu pensei que a tinha perdido.

A luta não foi vencida. *Ainda.* Mas eu sairia vencedor. Eu ganharia Presley Marks.

Ela era minha âncora.

Ela era meu coração.

— Desculpe, — disse ela, respirando fundo e inclinando-se para trás. Ela enxugou as bochechas, fungando. — Eu não quis descarregar em você.

— Estou feliz que você fez. Você está bem? — Eu segurei sua bochecha, usando meu polegar para secar uma última lágrima.

Ela encontrou meu olhar, me dando o peso de seu rosto na minha palma. — Sim. Por enquanto.

— Quando o sim se tornar um não, você vem me encontrar. Ok? — Eu arrastei meus dedos ao longo de sua mandíbula.

A respiração de Presley parou e seus olhos brilharam quando eu me inclinei para mais perto. Nossos narizes quase se tocaram.

Isso estava mais perto do que estávamos há meses. O calor de sua pele, o calor de seu toque, seu perfume... — Eu senti sua falta, Pres.

Ela se inclinou, seus lábios quase caindo nos meus, então saiu. Ela disparou do meu colo, balançando a cabeça e passando a mão pela boca.

Droga.

Ela deixou cair a mão. — Eu estou com Luke.

— Então, você continua dizendo isso. — Exceto que eu não o tinha visto desde a noite em que ele a deixou. — Onde ele estava?

Ela manobrou em torno da mesa de café, colocando a mobília entre nós. — Ele sabe que Scarlett está aqui e está me dando um tempo sozinha com ela.

Movimento errado, Rosen.

Luke não estava aqui para conter suas lágrimas. Ele não estava aqui quando ela estava pronta para descarregar o passado. E eu tive a sensação de que, se fosse Luke na minha cadeira, Presley não teria contado a ele de qualquer maneira.

Ela confiou em mim com esse presente. *Eu.*

Eu estava vencendo essa maldita luta.

Eu me levantei do sofá e caminhei até a cadeira onde eu colocara minha jaqueta quando entrei. — Luke é um cara legal, mas ele não é o cara certo.

— Você não sabe disso.

— Sim. — O cara certo está de pé em sua sala de estar. — Termine com isso.

— Não.

— Acabe tudo.

— Não. — Ela bufou. — Não. Não. Não.

Minha voz caiu suave e gentil. — Termine, Pres. Por favor.

— N-não, — ela gaguejou, talvez porque cada vez que ela disse não, o canto da minha boca apareceu. — Você deveria ir.

Dei de ombros na minha jaqueta. — Se você precisar de alguma coisa, estarei ao lado. Sem compromisso. Estarei aqui.

Ela assentiu, com os braços cruzados sobre o peito enquanto me seguia até a porta, mantendo uma distância segura. — Tchau.

Esqueça a porta. Eu a virei, entrando em seu espaço com um longo passo. — Não diga adeus. Eu nunca mais quero ouvir isso de você.

— Shaw —

— Você está apaixonada por ele?

— Faz apenas um mês.

— Dê-me um mês.

Ela bufou. — Você já teve o seu.

— E eu estraguei tudo. Dê-me outra chance. Por favor. — Se chegássemos ao estágio de mendicância, eu cairia de joelhos neste segundo.

— Por quê?

Hora de colocar tudo para fora. — Porque eu me apaixonei por você neste verão. — Enquadrei o seu rosto em minhas mãos enquanto ela ofegava. — Porque você se apaixonou por mim também. E porque ele nunca vai beijá-la assim.

Então esmaguei a minha boca na dela, na esperança de apagar cada toque de Luke Rosen com cada passada da minha língua.

Capítulo Vinte e Dois

Presley

Fechei a porta, tranquei-a e deixei a vergonha tomar conta do meu corpo.

Shaw me beijou.

E eu o beijei de volta.

Eu beijei um homem enquanto namorava outro.

Merda.

Eu me senti péssima.

Eu não era essa mulher. Eu não amarrava os homens. Inferno, antes de Jeremiah, não havia nenhum homem para acompanhar.

Antes de Jeremiah, havia garotos no ensino médio que dariam um beijo em um corredor vazio. Eles foram atraentes apenas porque foram proibidos. Aqueles meninos tinham sido uma maneira de dar ao meu pai um rebelde *foda-se*.

Quando me mudei para Clifton Forge, estava muito ocupada crescendo para pensar em namorar. Além disso, ninguém tinha perguntado. Os homens elegíveis na cidade me viram cercada pelos Tin Gypsies e ficavam longe.

Então veio Jeremiah. Depois Shaw.

Minha mão chegou aos meus lábios inchados e eu limpei-os novamente. O gosto de Shaw ainda estava na minha boca, e seu cheiro se agarrou ao ar.

Eu o deixei varrer a sua língua contra a minha e devorar meus lábios até perceber exatamente o que estava fazendo, como estava traindo Luke. Eu me afastei e o empurrei para fora da porta.

O que eu estava fazendo? Não era eu.

Meu estômago revirou. Luke Rosen era um bom homem. Ele merecia melhor. Ele merecia uma mulher que não ficasse beijando outros homens.

Uma mulher cujo coração não estava rasgado.

Beijar Shaw não parecia errado, não no momento. Sentir seus lábios nos meus era como voltar para casa depois de um longo dia. Era como encontrar o santuário, o consolo que eu sentia falta há meses. O barco da minha vida parou de balançar.

As águas da minha alma se acalmaram.

Meu coração tolo e imprudente era dele.

Não havia Luke e eu. Eu e Luke.

Quando olhei para o futuro, vi um homem com cabelos loiros escuros e um sorriso que milhões de mulheres cobiçavam, mas era apenas para mim.

O pobre Luke nunca teve chance. Mesmo que Shaw não tivesse retornado a Clifton Forge, cedo ou tarde eu teria largado Luke. Eu simplesmente não estava... Acessível.

Mas Shaw havia retornado. Desta vez, as coisas seriam completamente diferentes. Eu não conseguia escondê-lo das pessoas da minha vida. O mundo saberia que Shaw Valance estava dormindo na minha cama.

— Merda. — Eu deixei minha testa cair na porta.

Eu iria fazer isso? Shaw tinha o poder de me destruir. Se ele me deixasse para trás novamente, eu ficaria destruída além do reparo.

Ou...

Ele seguraria meu coração e o trataria com carinho.

Ele me amaria.

Mas antes que pudesse pensar em Shaw, em correr esse risco, tinha que terminar com Luke.

Afastei-me da porta e entrei na sala, pegando meu telefone.

— Ei, — Luke respondeu. — Eu só estava pensando em você.

Oh, sua voz. Não tão suave quanto a de Shaw, mas ainda era sexy. Afundei-me na beira da cadeira, meus ombros caídos. — Você ainda vem mais tarde?

— Eu gostaria de vê-la. Mas se você precisar de mais tempo com sua irmã, eu entendo.

Olhei pelo corredor para a porta que ainda estava fechada. — Não, eu gostaria de ver você também.

— Sim? — Luke parecia tão esperançoso. Aposto que ele estava sorrindo.

Isso ia ser péssimo. — Sim.

— Dê-me uma hora.

— Ok. — Uma hora teria que ser tempo suficiente para descobrir o que dizer.

Desliguei e joguei o telefone de lado, beliscando a ponta do meu nariz.

Minhas emoções estavam por todo o lugar. Eu não tinha planejado descarregar minha infância em Shaw, mas com Scarlett aqui, as comportas se abriram e o horror que eu não queria reviver por anos se aproximou.

Eu nem sequer hesitei. Confiar em Shaw era tão natural. Tão fácil. *Porque era assim?* Eu mantive meu passado trancado. A única pessoa que conseguiu tirar isso de mim foi Draven e, mesmo assim, havia coisas que eu não tinha dito a ele.

Eu não tinha contado a ele sobre o incidente com o esmalte vermelho, porque Draven teria pulado na moto, andado até Chicago e cortado a garganta do meu pai. Já era difícil admitir que meu pai havia me batido. Eu chorei. Draven tinha amaldiçoado. E quando a tampa de seu temperamento explodiu, eu agarrei seu braço e o fiz prometer não retaliar.

Eu presumi que Scarlett ainda estava lá e não queria piorar as coisas. E eu não queria que meu passado se misturasse com meu presente. A Presley com cabelos compridos e um sorriso obediente estava morta. A Presley que viveu por seu próprio projeto estava prosperando.

Eu não queria que meus pais manchassem a beleza que eu tinha feito para mim.

Shaw estava tão bravo quanto Draven. A fúria de Shaw pulsava nele em ondas, mas, assim como Draven, ele a trancara. Ele ouviu e quando terminei, ele me segurou como se eu fosse preciosa.

Se eu ainda não tivesse me apaixonado por Shaw, hoje teria sido o momento decisivo.

Ele me disse que me amava. Ele tinha tanta certeza de que eu também o amava.

Eu estava apaixonada? Estar perto de Shaw era reconfortante. Era emocionante. Mas havia algo mais, um sentimento que eu não conseguia nomear.

Essas eram preocupações para outra hora, porque eu tinha um convidado vindo. Eu me levantei e arrumei a sala de estar. Acendi uma vela na mesa de centro porque não queria que Luke entrasse e cheirasse a colônia de Shaw.

Então eu esperei.

Meu estômago deu um nó e eu não conseguia respirar fundo. Minhas mãos estavam suando quando Luke chegou, fiel à sua palavra, exatamente uma hora depois de nossa conversa ao telefone.

— Ei. — Ele sorriu e me beijou na bochecha quando eu o cumprimentei na porta.

— Oi. — Peguei sua jaqueta e pendurei no pequeno armário. — Entre.

Luke me seguiu até a sala e olhou em volta. — Lugar legal.

— Obrigada. — E graças a Deus aquela senhora idosa havia entrado na academia.

Não teria sido certo dormir com Luke. Não importa quantas vezes eu nos imaginasse transando, havia uma lacuna.

O nome dessa lacuna era Shaw Valance.

— Você gostaria de algo para beber? — Eu perguntei.

— Não, eu estou bem. — Ele entrou na sala e sentou-se no sofá de dois lugares. Ele se sentou bem no meio, não deixando espaço para mim sentar ao seu lado, depois apoiou os cotovelos nos joelhos. — Como está sua irmã?

— Bem. — Peguei a cadeira em frente ao sofá. — Ela está dormindo no momento.

— Qualquer coisa que eu possa fazer?

— Não. — Eu dei um pequeno sorriso para ele, depois reuni minha coragem para interromper isso. — Então, hum...

Ele levantou a mão. — Presley, está tudo bem. Eu sei por que estou aqui.

— Você sabe?

— Shaw Valance está de volta.

— Como você sabia? Ele ligou para você? — Porque isso ia me irritar. Shaw não tinha o direito de interferir.

Luke balançou a cabeça. — Não acontece muita coisa aqui que o chefe de polícia não saiba. Especialmente quando um ator famoso se muda para a casa ao lado da minha namorada.

Namorada. Ele pensava em mim como sua namorada.

Oh inferno. Isso não estava ficando mais fácil, mas respirei fundo e dei a Luke a única coisa que me restava: Honestidade. — Estávamos juntos quando ele morou aqui antes. Acabou quando ele foi embora.

— Mas agora ele voltou, — disse Luke. — Entendi. Se eu tivesse que me escolher em vez de Shaw, também não poderia me escolher. Ele é surpreendentemente difícil de não gostar.

Caralho.

Ele estava sendo tão legal com isso. *Ele não podia ficar bravo, me chamar de nomes horríveis e sair correndo pela porta?* — Sinto muito, Luke.

Ele abaixou a cabeça por um momento, depois a levantou para me dar um sorriso triste. — Eu também sinto.

O silêncio caiu sobre a sala, além do crepitar do pavio da vela na mesa entre nós.

Luke ficou de pé. — Tome cuidado, Presley.

— Você também. — Eu o segui até a porta da frente e peguei seu casaco.

Ele encolheu os ombros e se inclinou para dar outro beijo na minha bochecha.

Não houve formigamentos. Não houve faíscas ou borboletas.

Eu estava procurando algo com Luke que nunca esteve lá.

— Dê-me algumas semanas e diga a Shaw que ele me deve uma cerveja por roubar minha garota.

Eu assenti. — Ok.

Luke abriu a porta e saiu, levantando a mão para acenar antes de correr escada abaixo. Fiquei no frio, observando enquanto ele entrava em sua caminhonete e voltava para a rua.

Então eu fechei a porta, virei e ofeguei.

Scarlett estava parada no corredor.

— Ele é fofo.

Minha mão voou para o meu coração acelerado. — Você me assustou.

— Desculpe. — Ela deu de ombros e entrou na sala, encolhendo-se no sofá. Seus olhos caíram e ela bocejou, empurrando uma mecha de seu cabelo pegajoso do rosto. — Que dia é hoje?

— Terça-feira, — eu disse, sentando ao seu lado.

— Caramba, acho que estava cansada.

Nós olhamos uma para a outra sem palavras.

Olhar para ela costumava ser como me olhar no espelho. Tínhamos o mesmo cabelo, as mesmas roupas. *Eu parecia tão estranha para ela quanto ela para mim?* Talvez depois do banho ela não se parecesse tanto com um fantasma.

— Você quer tomar banho? — Eu perguntei.

Scarlett baixou o olhar para as mãos. — Claro. Pode me emprestar algumas roupas?

— Vou colocar um pouco na sua cama. Há toalhas e uma escova de dentes extra no seu banheiro.

— Obrigada. — Seus dedos brincaram no colo, pegando algo preto, provavelmente rímel, endurecido sob uma unha. Então suas mãos pararam e ela olhou para cima. — Você o amava?

— Luke? Não. Nós namoramos apenas um mês.

— Não, não Luke. — Ela me olhou de soslaio. — Jeremiah. Você o amava?

— Oh. — Minhas bochechas ardiam.

Por que não poderíamos ter conversado sobre outra coisa primeiro? Como por que ela estava aqui. Ou como ela deixou Chicago. Ou o que ela estava fazendo com sua vida. Por que tivemos que pular direto para o assunto de Jeremiah?

— Sim, — eu admiti. — Pelo menos, eu pensei que o amava na época.

— E agora?

— Talvez eu não saiba o que é amor.

— Eu sei. — Scarlett mudou o olhar para a vela acesa. — Porque Jeremiah me ensinou.

E ali, em sua voz suave, estava seu coração partido.

Eu traí minha irmã gêmea. — Eu sinto muito.

Por Jeremiah.

Por deixá-la.

Pelos anos que se passaram.

— Tanto faz. — Scarlett olhou para a vela sem piscar. Sem falar. Ela ficou quieta por tanto tempo que eu desisti e virei para a vela também.

Tínhamos estado tão perto uma vez. Se havia amor no meu passado, estava entrelaçado com lembranças de Scarlett.

Eu tinha nos arruinado na noite em que saí? Havia alguma esperança de recuperar minha irmã? Ou ela seguraria Jeremiah contra mim para sempre?

— Senti sua falta, — sussurrei, sem coragem de desviar o olhar da vela.

Scarlett levantou-se do sofá e saiu da sala. Mas antes de desaparecer no banheiro, ela parou na entrada do corredor. — Também senti sua falta.

Eu segurei meu sorriso até ouvir o chuveiro ligar, então a esperança floresceu.

Essa reunião não era o que eu havia planejado. Uma reunião não era algo que eu *já* havia planejado.

Aos dezoito anos, eu tinha ilusões de nós duas rindo e cantando no rádio enquanto nos afastávamos de Chicago. Imaginei-nos vivendo nossas vidas separadamente, mas conectadas, a minha em Montana, o dela na Califórnia. Nós nos ligaríamos com frequência. Passaríamos as férias na praia e o Natal juntas.

Nada disso se tornou realidade.

Mas talvez fosse, uma década depois.

Fui para o meu quarto e peguei um moletom para Scarlett. Também peguei uma calcinha nova e um sutiã esportivo. Coloquei-os em sua cama, olhando ao redor do quarto de hóspedes para a bolsa que ela trouxe com ela.

Era uma mochila preta, caída em um canto como se estivesse quase vazia. *Onde esteve? Onde morava? Ela chegou em um táxi. Ela tinha voado aqui de algum lugar? Ou pegou um ônibus? Ou pegou carona?*

Agora que ela estava acordada, poderíamos conversar. Fui à cozinha e fiz o jantar. Não era nada chique, mas eu estava com fome e, pelo que parecia, Scarlett não tinha comido muito ultimamente. Fui para simples sanduíches de queijo grelhado e sopa de tomate.

Quando ela saiu do quarto, a nossa refeição estava esperando na minha mesa redonda ao lado da cozinha.

— O que você gostaria de beber? — Eu perguntei.

— Água está ótima. — Ela deslizou em um assento, com os cabelos molhados e caindo pelas costas. Minhas roupas não estavam ajustadas, mas eram mais largas para ela do que jamais estiveram em mim.

— Você pode começar sem mim. — Enchi dois copos de água na cozinha e, quando voltei para a mesa, metade do sanduíche dela sumira. Sentei-me, tentando não olhar enquanto ela inalava o resto de sua comida.

— Obrigada pelo jantar. — Ela engoliu em seco. — Eu estava faminta.

— Você dormiu por dois dias.

— Eu estava cansada. — Scarlett bocejou e se levantou. — Eu vou voltar para a cama.

— Oh. — Tanta coisa para conversar. — Eu tenho que voltar ao trabalho amanhã. Você vai ficar ou...

— Se estiver tudo bem.

— Sim, claro. Fique o tempo que quiser.

Ela pegou os pratos e os levou para a cozinha.

Eu abandonei minha refeição para seguir. — Você precisa de mais roupas? Ou não? Eu posso passar pelo supermercado a caminho de casa, do trabalho. Talvez possamos conversar amanhã à noite.

— Amanhã.

Eu sorri. — Descanse um pouco.

— Boa noite.

Esperei até a sua porta fechar antes de retornar ao meu prato, mas meu apetite desapareceu.

Ela estava se escondendo de mim? Ou estava realmente tão cansada? Ela estava doente?

Passei a mão pelos cabelos, frustrada por não ter respostas, mas Scarlett sempre fazia as coisas em sua própria linha do tempo. Ela esperava até as velas do nosso bolo de aniversário pingarem antes de apagá-las. Ela levava o dobro do tempo para pular na piscina. Foi por isso que ela não deixou Chicago comigo. Ela não estava pronta ainda.

Quando ela quisesse responder minhas perguntas, ela o faria. Até então, eu seria paciente.

Lavei a louça e limpei a cozinha. Lavei muita roupa e coloquei uma pilha de roupas do lado de fora da porta de Scarlett. Eram apenas sete horas quando minhas tarefas terminaram, e eu não tinha vontade de assistir TV ou ler.

A casa amarela ao lado estava chamando meu nome.

Andei pelo corredor em direção ao meu quarto. A janela de Shaw estava escura, mas havia um brilho mais profundo na casa. Vestindo um suéter quente e um par de meias de lã, puxei minhas botas e deslizei na noite escura.

O ar estava frio, e meus lóbulos das orelhas congelaram quando atravessei o caminho coberto de neve que Shaw criara entre nossas casas. Meu pé bateu na escada de baixo e sua porta se abriu.

Shaw olhou para minha garagem. — Onde está Luke?

— Foi embora.

— Quando vi a caminhonete dele, pensei que você e ele estavam... — Seu rosto estava lavado em alívio. — Eu quase levei um susto.

— Oh, bem, nunca estivemos juntos. Não intimamente.

Ele piscou e pisou na varanda, com os pés descalços alheios à temperatura congelante. — Diga isso de novo.

— Eu terminei.

Ele deu outro passo. — Você terminou.

— Sim. — Subi os degraus, fazendo o meu caminho em direção ao calor de seus braços. — É melhor você não partir meu coração.

Ele se aproximou, colocando a palma da mão entre os meus seios. Achatou no meu esterno e o calor do seu toque penetrou no meu suéter. — É seguro. Eu juro.

Seguro.

Essa era a palavra que eu estava procurando antes.

Não era tão monumental quanto o amor, mas para uma mulher que viveu tanto de sua vida com medo, o *cofre* parecia quase tão importante.

— Beije-me, Shaw.

Ele emoldurou meu rosto. — Onde?

— Aqui. — Eu apontei para os meus lábios. *Em todos os lugares*.

— Eu não quero mais que isso seja um segredo, — disse ele. — Mas se você me aceitar, isso significa que terá tudo. As câmeras. Os tabloides. Eu quero você, mais do que qualquer coisa que eu quis na minha vida, mas não volto facilmente.

Eu arqueei uma sobrancelha e dei a ele um sorriso malicioso. — Veremos isso.

Segurando a mão que ele ainda tinha sobre meu coração, passei por ele e o arrastei para dentro de casa.

Sua risada sexy se afastou quando ele fechou a porta com um chute. Então suas mãos estavam sobre mim e sua boca estava na minha.

Eu não me importava se Shaw viesse com fãs, nem me importava que ele me arrastasse para os holofotes. Porque, eu prefiro estar ao seu lado, do que ficar sozinha nas sombras.

Puxando-me ao seu encontro, me pegou em seus braços, segurando-me contra seu peito, enquanto nos guiava pelo interior de sua casa. Ele se virou, nunca deixando de me beijar.

Meus braços envolveram seus ombros, puxando-o para perto enquanto eu inclinava para aprofundar nosso beijo. Para saborear a

sensação de seus lábios e o calor úmido. Nós ofegamos, lambemos e chupamos, sabendo que não haveria como parar.

Não subiríamos para respirar até que estivéssemos ambos desossados.

Eu não me importaria se isso levasse dias.

O delicioso aroma de Shaw encheu meu nariz quando entramos em seu quarto. A cama centralizada sob a janela, era grande e coberta por uma colcha grande, escura, da cor de um carvão.

Ele nos girou, me colocando na beirada, quando caiu de joelhos.

Suas mãos percorreram minhas pernas enquanto eu arrancava a blusa do meu tronco. Meus mamilos estavam duros no meu sutiã e meu núcleo palpitava quando ele ficou de joelhos, tirando minhas botas e meias.

Quando meus pés estavam descalços, Shaw pegou um e deu um beijo suave e gentil no meu tornozelo.

Um arrepio percorreu minha espinha. — O que foi isso?

— Eu nunca a beijei aqui antes.

— Oh. — Corei furiosamente, sorrindo timidamente.

Shaw riu, as vibrações de sua voz rica rolando sobre minha pele e arrepiando os pelos com eletricidade.

Ele se levantou e abriu o zíper da calça jeans. Ele não os empurrou para fora de seus quadris, mas os deixou pendurados abertos, agarrando-se ao V dos ossos do quadril e me provocando

com o que estava por baixo. Com um movimento gracioso, ele colocou a mão atrás do pescoço e puxou o suéter de cashmere preto sobre a cabeça.

Minha boca encheu de água ao ver o peito nu e os braços musculosos com os quais eu sonhei por meses. Meus dedos coçaram para tocar os pelos que cobria seu peito, para sentir a dureza de seu corpo sob minhas palmas.

— Onde mais eu não a beijei? — Ele perguntou.

Apontei para o interior do meu braço, o ponto oco em frente ao meu cotovelo. — Aqui.

Ele se inclinou, apoiando-se acima de mim com um braço na cama, depois usou a mão livre para segurar meu pulso. O toque de Shaw era leve. Ele passou os lábios por dentro do meu antebraço, a pressão suficiente para deixar uma onda de formigamentos. Quando ele alcançou o ponto oco, sua língua disparou para dar um beijo molhado.

A sensação erótica de seus lábios, o calor de seu corpo pairando acima do meu, mas sem tocar, enviou uma poça de desejo ao meu centro.

— Onde mais?

Apontei para o local atrás da minha orelha. Talvez ele tivesse me beijado lá antes, mas eu não conseguia me lembrar do passado, através da névoa induzida pela luxúria.

Shaw colocou o beijo no local exato que eu apontei. Meus olhos se fecharam quando ele arrastou a barba por sua bochecha através da linha do meu queixo.

— Aqui. — Toquei a parte de baixo do meu queixo.

Ele deu um beijo ali, depois outro nos meus lábios.

Cheguei entre nós, levantando a barra da minha camiseta. Ele pegou das minhas mãos, levantando-a. Os jeans que eu usava eram baixos o suficiente para mostrar o cós da minha calcinha. Apontei para a renda vermelha no meu quadril. — Aqui.

Shaw deixou cair uma trilha de beijos do meu queixo, do algodão do meu sutiã até o quadril. Depois que ele beijou aquele local, acariciou minha barriga com beijos.

Enfiei meus dedos em seu cabelo, então o puxei pelo meu corpo, selando minha boca sobre a dele enquanto minhas mãos mergulhavam em seu jeans.

A exploração lenta e torturada acabou. Nós entramos em um frenesi, tirando um do outro nossas roupas restantes. Ele nos moveu mais para o meio da cama, cobrindo-me com seu peso enquanto se esticava para a gaveta da mesa de cabeceira.

Ele estava procurando uma camisinha.

Eu congelei.

— O que? — Ele parou. — O que há de errado?

—Você estava... — *Oh Deus*, se ele estivesse com outra mulher, eu estava começando a entender o quão difícil deve ter sido para ele me ver com Luke.

— Não. — Ele beijou meus lábios. — Não houve ninguém.

Alívio bateu em mim e quase me fez chorar. Eu segurei sua mandíbula. — Ótimo. Eu poderia ter tido que te matar.

Ele riu e me beijou novamente, depois voltou para a mesa de cabeceira, mas eu o parei mais uma vez.

—Estou tomando pílula. Fiz o teste depois do casamento.

— Eu também estou limpo.

— Então pare de me fazer esperar. — Eu levantei e bati minha boca na dele, mergulhando com minha língua quando minha mão alcançou seu pau entre nós.

Sua mão envolveu o topo da minha enquanto ele arrastava a ponta pelas minhas dobras molhadas. Então ele tirou meu pulso ao mesmo tempo em que empurrou para frente.

Eu assobiei, gritando enquanto ele me enchia e esticava.

—Porra. — Shaw enterrou o rosto no meu pescoço e se acalmou, dando-me um momento para me ajustar.

— Mova-se, — eu sussurrei em seu ouvido.

Ele obedeceu, balançando para dentro e para fora com golpes longos e fortes que me sacudiram da cabeça aos pés. A sensação dele nu dentro de mim era incrível. O alongamento, a conexão, era crua, profunda e de tirar o fôlego.

Éramos lindos juntos.

Nós nos movíamos em sincronia com cada toque e beijo. Devoramos um ao outro até que nenhum de nós pudesse se conter.

Gritei o nome de Shaw quando gozei, faíscas ofuscantes ultrapassando minha visão. Shaw gemeu contra o meu peito quando ele chupou um mamilo em sua boca, derramando em mim quando eu o apertei.

— Droga, mulher. — Ele respirou contra a minha pele quando caiu de costas, me puxando para o seu lado. — Senti sua falta. Tanto.

— Também senti sua falta. — Eu passei meu braço sobre o seu abdômen e beijei seu peitoral.

— Eu preciso lhe perguntar uma coisa.

— Ok. — Eu me movi para olhar seu rosto, nervosa com a seriedade do seu tom.

Ele sorriu e esfregou o vinco entre as minhas sobrancelhas. — Você vai jantar comigo?

— Como... Em um *encontro*? — Apertei o nariz, segurando um sorriso. — O que tem pra mim?

— Além de uma refeição? — Os olhos de Shaw brilharam. — Eu.

— Hmm. — Meu sorriso se alargou. — Sim. Vou sair com você.

Seus braços vieram ao meu redor em um instante, sacudindo nós dois até que ele me prendeu na cama. — Finalmente eu não recebi um maldito não.

Capítulo Vinte e Três

Presley

— Sente-se melhor? — Dash perguntou enquanto relaxava na cadeira em frente à minha mesa.

— Eu, uh... Não estava doente. Desculpe.

Ele ergueu uma sobrancelha enquanto tomava um gole de café. —Você está bem?

— Eu tenho algo para lhe dizer. Duas coisas, na verdade.

Dash endireitou o corpo. —Você está em apuros? É sobre os Warriors? Você não viu Jeremiah por aí, viu?

— Não, não é nada disso. Não tenho notícias de Jeremiah há meses.

— Obrigado porra — ele respirou.

Nada aconteceu após a briga de Leo com Jeremiah. E não me incomodei em mencionar a ninguém na oficina que ele veio me visitar. Se os Warriors se importassem com a surra que Leo o deu, eles o deixariam ir, mas Dash nunca baixava a guarda.

Ele tinha muito a perder. Sem Draven, ele interveio para se certificar de que sua família, eu incluída, estava segura.

—Então o que está acontecendo?

—Eu liguei dizendo que estava doente porque sabia que se contasse a verdade, teria gente na minha porta. Eu precisava de alguns dias longe porque minha irmã está na cidade.

— Sua gêmea?

Meus olhos se estreitaram. — Como você sabia que eu tinha uma irmã gêmea?

Eu nunca disse a Dash sobre Scarlett.

Draven sabia sobre minha irmã, então talvez, ele tivesse passado adiante, mas meu palpite era de que Emmett havia bisbilhotado. Eu não me importava, mas não perderia essa chance de provocar Dash.

— Nós, uh... Caramba, — ele resmungou. — Emmett meio que...

— Emmett gosta de invadir a vida das pessoas, e você gosta de saber tudo o que ele encontra. — Eu ri. — Tudo bem. Da próxima vez, é só me perguntar.

— Em nossa defesa, foi há muito tempo, quando você começou a trabalhar na oficina. E não havia muito o que encontrar. Apenas suas transcrições do ensino médio e parentes próximos. Você era chata.

Se ele soubesse o quão errado era essa afirmação. — De qualquer forma, minha irmã está aqui. Não vejo Scarlett há muito tempo, por isso foi uma surpresa quando ela apareceu na minha casa no domingo.

— Vocês duas estão se atualizando?

Eu balancei minha cabeça. — Na verdade não. Ela está praticamente dormindo desde que chegou aqui.

— Desde domingo? É quarta-feira, Pres.

— Tem alguma coisa errada. — Peguei minha caneca de café, deixando seu calor penetrar em minhas mãos. — Ela está muito magra, dormindo muito e tenho minhas teorias sobre o que está acontecendo. Mas até que ela me diga, não terei certeza.

Eu suspeitava de que me pai, a tivesse abusado durante anos e finalmente, ela encontrou forças para fugir. Ou, talvez, meus pais estivessem mortos e estivesse livre para ir embora. Mas a aparência de Scarlett, lembrava-me de minha mãe, nos dias em que ela não tentava esconder a sua dor.

— Quer falar sobre suas teorias? — Dash perguntou.

— Está tudo bem. Mas obrigada. É complicado e confuso.

— Estou sempre aqui para ouvir.

— Eu sei. — Eu sorri. — E agradeço por isso.

Um dia, eu contaria a Dash sobre minha infância. Sem dúvida, ele ficaria com raiva, eu o acalmaria e o convenceria a deixar meu pai em paz, como fiz com Draven. Por enquanto, meu foco estava em Scarlett. E quando precisasse de alguém em quem me apoiar, tinha Shaw.

— Qual é a segunda coisa? — Dash perguntou, pegando sua caneca novamente.

— Estou saindo com alguém.

— Luke Rosen. —Ele assentiu. — Bom rapaz.

— Sim ele é. Mas não, não estou mais saindo com Luke.

— Ok, — ele disse devagar. — Então quem?

A porta de um veículo fechou do lado de fora, botas pisaram firme na calçada e, como se fosse uma deixa, Shaw entrou no escritório. Eu dei-lhe um olhar de soslaio. Tínhamos combinado esta manhã, quando saí de casa, que nos encontraríamos para almoçar. Ainda não eram dez horas.

— Bom dia. — Shaw estendeu a mão para Dash, que a sacudiu da cadeira.

— Não me diga que você já está fazendo uma sequência.

Shaw riu. — Não, desta vez estou em Montana por razões pessoais.

— O cara com quem você está saindo? — Dash perguntou.

Eu assenti enquanto Shaw contornava minha mesa. — Você simplesmente não podia ficar longe.

— De você? — Ele se abaixou, rindo no meu ouvido enquanto beijava a minha bochecha. — Nunca.

Eu encontrei o olhar de Dash e dei-lhe um encolher de ombros, me desculpando. — Ele não é tão horrível quanto eu pensava.

— Querida, você diz as coisas mais doces para mim. — Shaw sorriu e sentou na beira da minha mesa, apostando sua reivindicação ao meu lado.

O olhar de Dash saltou entre nós dois por um momento, depois, fixou em mim. — Ele é bom para você?

— Sim. — Eu olhei para Shaw, seu olhar dourado esperando. — Ele é.

Alívio brilhou no rosto de Shaw, como se esperasse que eu ainda estivesse com raiva sobre o nosso primeiro término. Mas eu aceitei seu pedido de desculpas.

Ele foi perdoado.

Dash levantou-se da cadeira, ficando em pé, e lançou um olhar de advertência a Shaw. — Não a machuque, porra.

— Você tem a minha palavra, — prometeu Shaw.

— Isso significa que vai se mudar para a Califórnia? — Dash me perguntou. — Porque eu não estou bem com isso.

— Não, — eu disse ao mesmo tempo que Shaw disse, — Talvez um dia.

— Uh... Ainda não chegamos tão longe. — Antes de conversarmos sobre planos de longo prazo, precisávamos sobreviver a um jantar.

Dash virou-se e foi para a loja, mas antes de sair, ele apontou o queixo para Shaw. — Bem vindo de volta.

— Obrigado.

Eu puxei meus lábios para esconder um sorriso quando Dash desapareceu.

— Por que eu sinto que isso era importante? — Shaw perguntou quando a porta se fechou.

— Porque isso foi.

Dash nunca gostou de Jeremiah desde o momento em que se conheceram. Ele não havia apertado a mão de Jeremiah ou dirigiu a palavra a ele nas poucas vezes em que esteve fora do escritório.

Em vez disso, Dash me importunou por anos para cancelar o noivado. Essa declaração simples, dando as boas-vindas a Shaw em Montana, dizia bastante.

Talvez, a razão para Shaw vir aqui em primeiro lugar, foi o projeto da moto que eles desprezavam, mas as filmagens foram feitas e o burburinho do filme não duraria para sempre.

Depois que o filme fosse lançado, esqueceríamos. De certa forma, nós já tínhamos esquecido. Morávamos em nosso canto do mundo, longe do glamour de Hollywood, e não importa o que acontecesse com o filme, a memória de Marcus Wagner já havia desaparecido.

— Isso foi melhor do que o esperado, — disse Shaw. — Eu não queria que você tivesse que contar a eles por conta própria.

Este homem. — Você veio me apoiar?

— Sim. — Ele se inclinou e deu um beijo nos meus lábios. — E porque eu senti sua falta.

— Faz três horas.

— Exatamente. Faz muito tempo.

Passamos a noite familiarizando nossos corpos. Eu dormi nos braços de Shaw e acordei em êxtase antes de ir para casa para me preparar para o trabalho.

Shaw se levantou e tirou o casaco. — Scarlett estava acordada quando você saiu?

— Não. Eu a espiei, mas ela ainda estava dormindo. É estranho, né? É como se ela não dormisse há semanas.

— Definitivamente, algo está acontecendo.

— Eu acho que é sobre meus pais. Você acha que talvez...

— Talvez o que? — Ele sentou na mesa novamente, desta vez de frente para mim depois de jogar o casaco de lado.

— Talvez eles estejam... Mortos? — Era difícil dizer isso em voz alta. Eu não amava meus pais, mas havia algo, no meu interior, que eu choraria por minha mãe.

Nunca por meu pai.

— Quer que eu descubra? — Shaw perguntou.

— Descobrir como? Google?

Ele levantou um ombro. — Isso ou podemos contratar um investigador particular para aprofundar.

— Não. Se queremos fazer isso, posso apenas perguntar a Emmett.

— Emmett? — As suas sobrancelhas se juntaram. — Eu pensei que ele era mecânico.

Eu ri. — Emmett é útil com mais do que uma simples chave inglesa. Tenho certeza de que ele tem uma verificação de antecedentes sobre você em seu laptop, juntamente com qualquer outra coisa que possa vasculhar nas redes.

— Oh, Jesus, — ele murmurou.

— Mas não, para responder sua pergunta. Eu não quero saber sobre meus pais. Não antes de falar com Scarlett.

— Você gostaria que eu estivesse lá?

Coloquei minha mão em sua coxa. — Obrigada, mas acho que precisamos conversar sozinhas.

— Eu estou ao lado se você mudar de ideia.

— Isto é tão... Isso é péssimo. — Baixei o olhar, expressando um dos meus medos. — Costumávamos saber tudo uma da outra, mas Scarlett parece uma pessoa diferente agora. Sinto que não conheço mais minha irmã. E se não gostarmos uma da outra?

— Acontece. Famílias são complicadas. Meu pai costumava ser meu herói, e eu ligava para ele quase todos os dias. Agora, não falo com ele há anos.

— Você irá um dia.

— O que a faz pensar assim?

— Você ama sua família, Shaw.

Sempre que ele falava sobre sua mãe ou irmãs, ele sorria e seus olhos brilhavam. E no dia em que me contou sobre seu pai, havia um desejo tão doloroso em sua voz. Ele não estava amargo ou bravo, mas profundamente decepcionado. Um dia, isso iria desaparecer e ele estaria pronto para conversar com seu pai novamente.

— Você ainda não está pronto, mas um dia, estará. Eu nunca conheci seu pai, mas não acho que ele seja um homem mau. Ele não é como Marcus Wagner. Marcus não achou que tivesse feito algo

errado. Ele se sentiu no direito de fazer isso e que justificasse as suas ações. Seu pai confessou.

Shaw olhou para a parede atrás de mim, seu olhar focado em nada.

— Eu sei o que é ter um pai mau. — Apertei sua perna. — Meu pai também não acha que ele fez algo errado. Ele acha que é seu direito estuprar sua esposa e espancar suas filhas. Seu pai alguma vez tratou você ou suas irmãs dessa maneira?

— Nunca, — ele disse calmamente.

— Ele não é mais seu herói, mas tudo bem. Mas ele ainda é seu pai, e posso dizer que você ainda o ama.

Shaw me deu um sorriso triste. — Eu não estou pronto para ligar para ele.

— Então espere. Não há pressa. — Dei um tapinha em sua perna mais uma vez, depois peguei meu café, tomando um gole antes que esfriasse.

— Montana é um problema para você? — Ele perguntou.

— Esta é a minha casa.

Uma casa que eu tinha feito para mim com uma família que me amava incondicionalmente. Uma família que apareceu no dia do meu casamento quando odiava o meu noivo, mas apareceu mesmo assim porque eu pedi.

Eu queria viver ao lado deles, compartilhando nossas vidas, misturando-as. Queria ir à casa de Genevieve quando ela e Isaiah

tivessem outro bebê, cuidando de seus filhos, enquanto tiravam um cochilo.

Queria jantar com Dash e Bryce, encontrar com Emmett e Leo em uma noite aleatória de sexta-feira, para tomar cerveja no The Betsy, conversando sobre nada e provocando-os implacavelmente, por serem eternos solteiros.

— Eu quero tudo, — admiti. — Quero você, e quero Montana.

— Ok. — Shaw assentiu.

— Ok? É isso aí?

— Ok, — ele repetiu. — Então vamos morar em Montana.

— E quanto a Los Angeles? E a sua carreira?

— LA não vai a lugar nenhum, e não preciso morar lá para fazer meu trabalho. Às vezes vou precisar viajar e ver minha família, mas contanto que eu possa convencê-la a vir comigo, isso pode ser a nossa base.

Uau. Minha cabeça estava girando, tentando absorver suas palavras. Estávamos falando sobre o nosso futuro. Um futuro a longo prazo. Shaw tinha explicado tudo de maneira tão simples, e agora que ele plantou a ideia no meu cérebro, eu não seria capaz de imaginar, não queria imaginar, mais nada.

Construiríamos nossa vida aqui com minha família. *Nossa base.* E voaríamos ao redor do mundo quando necessário.

— Eu nunca estive em um avião, — eu soltei. Por que esse era o fato mais importante a ser anunciado, era um mistério.

Shaw deu uma risadinha. —Então você está com sorte, porque eu tenho um avião.

— Esta não era a conversa que eu planejava ter hoje.

Shaw pegou a caneca de café das minhas mãos e me puxou da minha cadeira, me envolvendo em seus braços. — Se você dissesse Montana ou Califórnia ou Japão ou Antártida, isso não teria importância.

Eu pressionei meu ouvido em seu coração, mergulhando no tamborilar constante. — E se você tivesse dito que teria que ser na Califórnia, eu iria.

— É melhor parar de falar, caso contrário, vou nos trancar na sala de espera e usar um desses sofás.

Eu sorri. — Tenho certeza de que Dash e Bryce reivindicaram a sala de espera como deles.

— E eu nunca mais vou ficar sentado lá de novo. — Eu ri quando ele beijou meu cabelo e me soltou. — Vou sair daqui e deixa-la começar a trabalhar.

— O que você vai fazer hoje?

— Eu tenho algumas ligações para fazer.

— Para?

Ele piscou. — Você vai ver.

Eu o acompanhei até a porta, ficando na ponta dos pés enquanto ele me dava um beijo indecente. — Vou tentar sair daqui cedo para poder falar com Scarlett. Então eu irei.

— Ok. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

— Eu vou. — Eu o beijei novamente, esmagando meu adeus habitual.

Shaw não disse adeus. Duvido que eu tivesse notado com qualquer outra pessoa, mas Shaw sempre foi significativo. Recusar-se a dizer essa palavra parecia importante para ele, então eu pararia de dizer isso também.

Ele acenou enquanto saía, e eu fechei a porta atrás dele, impedindo a descarga momentânea de frio. Liguei o meu ventilador aquecedor embaixo da minha mesa no máximo, quando retornei para a minha cadeira, e o dia passou como um borrão, enquanto compensava minha ausência no começo da semana.

Meu plano de sair cedo falhou, e era quase cinco horas, quando fui ao banco depositar o dinheiro e enviar as correspondências pelo correio.

Agilizei as minhas tarefas e, quando cheguei em casa, a caminhonete de Shaw estava na garagem. Acenei, caso ele estivesse perto de uma janela para ver, depois entrei para ver Scarlett.

Ela estava na sala, assistindo a um filme. O seu cabelo estava preso em um coque bagunçado e usava o moletom que eu trouxe ontem à noite, com os pés descalços e enrolados sob o assento.

O rosto de Shaw brilhou na tela.

Uma onda de orgulho soprou no meu peito quando me sentei ao seu lado no sofá. A voz de Shaw encheu a sala enquanto ele falava com seu comandante na tela. — Este é o meu filme favorito dele.

Scarlett pausou a cena. — Eu nunca vi esse, mas não é desinteressante.

Ela não tinha ideia. Shaw na tela era sexy. Shaw em seu quarto, me segurando, rindo, era fenomenal.

— Onde você desapareceu ontem à noite? — Ela perguntou.

— Ah, uh...— Apontei para o lado do meu quarto da casa, — estou namorando o cara do lado.

Embora namorar parecesse uma palavra muito casual. Quero dizer, ele me disse hoje que mudaria sua vida para Montana.

— O cara que esteve aqui ontem à noite? — Scarlett perguntou.

— Não. Alguém.

Ela cantarolou. — Você sempre andou por aí.

— Desculpe? — Eu pisquei, certa de que eu a tinha entendido mal. — O que você acabou de dizer?

Scarlett estalou um ombro. — Você sempre teve dois caras na espera.

— No ensino médio, quando eu era uma adolescente confusa, estava assustada e desesperada por alguma atenção. Sim, eu flertava com qualquer garoto que olhasse na minha direção duas vezes. Mas eu nunca dormi por aí. Não se atreva a insinuar que eu sou uma espécie de prostituta. Estive com dois homens na minha vida. — Eu levantei dois dedos. — Dois.

— Esse cara do lado e meu namorado? Acho que isso significa que perdemos a virgindade com o mesmo cara.

Eu estremeci. *Quando Scarlett desenvolveu uma língua tão afiada? Quando ela aprendeu a me odiar?*

— Por que você está sendo cruel? — Eu sussurrei. — Por causa de Jeremiah? Ele veio aqui. *Ele me* encontrou. Não o procurei para roubá-lo de você. Passaram anos depois de eu ter ido embora. Anos depois que você terminou. Se está aqui para me punir por Jeremiah, odeio te dizer isso, mas ele me humilhou mais do que jamais poderia imaginar.

E esse constrangimento foi a melhor coisa que já aconteceu comigo.

— Tanto faz, — ela murmurou.

— Por que você está aqui, Scarlett?

Ela deu de ombros novamente. — Eu recebi suas mensagens.

— Todas elas?

— Sim. — Ela encontrou meu olhar. — Cada uma.

— Mas você nunca respondeu. Por quê?

— Eu não tinha nada a dizer, depois que você foi embora. — As últimas três palavras foram tão calmas que eu mal as ouvi.

— Eu tentei levá-la comigo.

O seu olhar foi para o chão. — Eu estava com muito medo de ir embora.

— Eu sinto muito. Sinto muito, Scarlett.

Ela ficou calada.

— Eu gostaria de ter te empurrado no carro e tê-la feito ir embora. Pensei muito sobre esse dia. Sobre o que eu deveria ter feito. E sinto muito por ter deixado você para trás.

Scarlett envolveu os seus braços ao seu redor, apertando-os. — Ele ficou furioso. Estava com tanta raiva por você ter ido embora, não lhe disse aonde tinha ido e ele bateu na mamãe quase até a morte.

Ofeguei, minha mão chegando à minha boca. — O que ele te fez?

— Ele me fez assistir. — Ela levantou o olhar e encontrou o meu. — Ele me amarrou a uma cadeira na sala de estar e, além disso, não encostou a mão em mim. Nem uma vez. Em vez disso, me fez assistir enquanto batia repetidamente nela. Até haver tanto sangue que ela não poderia limpá-lo no dia seguinte.

Lágrimas inundaram meus olhos e eu os apertei, tentando bloquear a imagem mental, mas eu a vi com nitidez vívida. Vi exatamente o que ela foi forçada a suportar. Exceto que, ao contrário das vezes em que estive amarrada a uma cadeira para assistir ao mesmo horror, Scarlett e eu não estávamos lado a lado. Eu não estava lá para segurar sua mão ou ajudá-la a levar mamãe para o quarto quando acabou.

— Eu sinto muito.

— Eu deveria ter ido embora, — ela murmurou. — Eu deveria ter ido para a Califórnia com Jeremiah.

Limpei meus olhos secos, reunindo forças para sobreviver a essa conversa. Para libertar os fantasmas. — Quando Jeremiah apareceu aqui, ele disse que você ainda estava em casa. Você ficou?

Ela assentiu. — Eu fiquei. Fui para a faculdade comunitária de papai. Aceitei o trabalho que ele conseguiu para mim como recepcionista em sua empresa. Fiz exatamente o que me pediu para fazer, como sempre. Jeremiah continuou tentando me fazer ir embora, não parava de me pressionar, até que, finalmente, disse que não poderia esperar e me ver tornar como mamãe. ´

Segunda Jeremiah, eles tinham terminado a mais de um ano, antes dele vir para Montana. Após aquele ano, ele ainda sentia raiva por ela não querer se salvar. Sentado na primeira fila, assistindo ao desastre que era a nossa e ele nunca entendeu.

Jeremiah me viu fugir e a nunca olhar para trás. Me reencontrou anos mais tarde, após eu construir a minha confiança e autoestima. O medo não dominava as minhas decisões.

Mas ele perdeu os anos em que eu estava confusa. Ele perdeu os meus momentos de dúvida. A dor de nossa juventude foi misturada com amor. A crueldade estava ligada ao carinho.

Mamãe era o brinquedo de papai, mas ela adorava as filhas. Ela nos abraçava ferozmente todas as manhãs, nos dizendo como estava orgulhosa e como éramos especiais. Ela beijava nossas bochechas e trançava nossos cabelos.

Ela não nos protegeu, mas nos amou o melhor que pôde.

O amor de papai veio sob a forma de atenção, e nem de todo ruim. Se ele me desse um tapa por um erro, no dia seguinte, me levava para tomar sorvete. Ele costumava jogar jogos de tabuleiro comigo e com Scarlett. Se a Hasbro o fabricasse, nós compraríamos. Meu favorito era Clue[7], Scrabble[8] para Scarlett. Papai preferia Monopólio[9].

Papai não ficava zangado todos os dias. A maior parte, mas não todos. E nesses dias, a alegria de simplesmente jogar enchia a nossa casa. Nós ríamos. Nos provocávamos. Nos amávamos.

Eu amava meus pais.

E eu odiava meus pais.

Essas duas coisas eram difíceis, mesmo agora, de conciliar.

Scarlett tinha medo de ir embora por causa da raiva de nosso pai. Mas suspeitei que ela também tivesse medo de sair de casa e se despedir de mamãe.

Ela sempre foi a filha mais próxima de mamãe. Scarlett era a enfermeira, a primeira a correr para pegar uma bolsa de gelo ou uma toalha de rosto para enxugar seu nariz ensanguentado. Scarlett atendia a mamãe enquanto eu limpava a bagunça física.

Aquela mancha no tapete que mamãe não conseguiu remover? Eu a teria esfregado e esfregado até que o local estivesse limpo, meu ressentimento queimando a cada golpe.

---

[77] Jogo clássico investigativo com cenas fantasiosas de crimes cometidos;

[8] Palavras cruzadas;

[9] Monopoly é um dos jogos de tabuleiro mais populares do mundo, em que propriedades são compradas e vendidas pelos jogadores, podendo ou não ficar 'ricos', caso perca, irá a falência. No Brasil, inspirou o jogo Banco Imobiliário.

Enquanto isso, Scarlett teria escovado o cabelo da mãe e acariciado sua bochecha.

— Porque você foi embora? — Eu perguntei.

— Porque mamãe me disse para ir. — Scarlett mexendo nervosamente os dedos em seu colo. — Eu a informei de que você iria se casar e ela chorou por saber que não a convidaria. Mamãe me disse para vir encontra-la, sorrir por ela em seu casamento. Entretanto, não comentei que você se casaria com meu ex-namorado.

— Ela sabia sobre Jeremiah?

— Não. — Scarlett escondeu Jeremiah de nossos pais quando éramos crianças e aparentemente, fez o mesmo quando adulta.

— Como você foi embora?

— Mamãe me deu um rolo de dinheiro que mantinha escondido de papai, e em um domingo de manhã, saí do nosso banco na igreja, dizendo que tinha que ir ao banheiro. E eu nunca voltei.

Meu coração apertou. Mamãe devia saber qual seria o destino de Scarlett se ela ficasse. Ou papai teria proibido que ela fosse embora, ou teria achado um homem como ele, para ela se casar.

— Você já teve notícias dela?

Ela balançou a cabeça. — Não, ela não tem o meu número. Me ofereci para dar a ela, mas disse que seria melhor se não o fizesse. Além disso, papai não se importa que eu tenha saído, assim como

foi com você. Ele tem seu saco de pancadas favorito. Ela pode ter me empurrado para fora da porta, mas não o deixará.

O amor de mamãe por papai seria sua sentença de morte.

— Espere, você saiu para vir ao meu casamento. — Isso foi há meses e meses atrás. — Onde você estava desde então?

— Aqui e ali, — Scarlett murmurou.

Aqui e ali? Isso não era uma resposta. — Como você chegou a Montana?

— Um ônibus.

— Você esteve em Clifton Forge esse tempo todo?

Scarlett não respondeu.

Foi por isso que Leo afirmou ter visto minha sósia no The Betsy? Deve ter sido ela. Eu pensei que ele estava bêbado, mas talvez ele realmente tivesse visto minha irmã gêmea. *Se ela estava na cidade, por que não me encontrou? Onde estava morando? Como era possível que ninguém, além de Leo, a tivesse reconhecido?*

— O que está acontecendo? O que você não está me dizendo?

Ela se mexeu desconfortavelmente, recusando-se a encontrar meus olhos.

— Scar...

A campainha tocou.

Scarlett pulou, sacudindo o sofá inteiro. — Alguém está vindo?

— Está tudo bem, — eu assegurei a ela. *De quem ou do que ela tinha tanto medo? Ela estava preocupada que papai a localizasse?* — Não se preocupe. Provavelmente é Shaw.

— Shaw? — Os seus olhos dispararam entre mim e a tela, onde o seu rosto ainda estava congelado. — Shaw quem?

— Shaw Valance. — Apontei para a TV. — O homem que mora ao lado.

Ela piscou e seu queixo caiu.

Deixei-a ali, boquiaberta, quando corri para a porta e a abri, sem me preocupar em verificar o olho mágico. Shaw provavelmente estava aqui para mais apoio.

— Ei, Jeremiah? O que você está fazendo aqui?

Eu fiz a pergunta, mas quando seu olhar passou por mim na casa, procurando, eu sabia a resposta.

Ele estava aqui por Scarlett.

— Você precisa sair. — Até eu ter respostas, ele não iria entrar nesta casa. Eu fechei a porta, mas ele empurrou um pé para dentro.

Então ele levantou a arma que eu não havia notado.

E pressionou o cano na minha testa.

Capítulo Vinte e Quatro

Shaw

— Olá, papai.

—O-oi, Shaw.

A linha telefônica ficou em silêncio.

Antes de fazer esta ligação, decidi o que dizer a meu pai, mas o som de sua voz profunda e atordoada - uma voz que soava exatamente como a minha, deixou minha mente em branco.

—Você está aí? — Ele perguntou.

—Sim. — Limpei minha garganta e suguei um pouco de oxigênio em meus pulmões. — Como você está?

— Bem. Você?

— Bem também.

—Sua irmã me disse que você está em Montana.

— Eu estou. Parece que vou me mudar para cá.

Ele cantarolou. — Nunca estive em Montana.

—Talvez um dia desses, você e mamãe possam vir me visitar.

—Gostaria disso. — Havia um sorriso em sua voz. —Eu gostaria muito disso.

—Isso seria bom. — Meus ombros caíram.

Este telefonema se tornou um enorme obstáculo em minha mente. Com muita pressão da minha mãe e das minhas irmãs, para conversar com papai, eu havia transformado em algo enorme. Mas

era apenas, um telefonema para o meu, como as centenas que eu havia feito anteriormente.

Não precisávamos conversar sobre o passado.

Não precisávamos discutir o porquê de eu ainda estar decepcionado com ele e ficaria por um tempo.

Poderia ser apenas um telefonema para dizer um olá.

Dizer olá muitas vezes era monumental por si só.

— O que me diz de irmos na primavera? — Perguntou papai.

— Vou examinar minha agenda e analisar alguns fins de semana que funcionariam para nós.

Papai não perguntou quem *nós* éramos. Matine provavelmente também havia informado meus pais sobre Presley. — Parece bom.

— Ok. Foi bom falar com você, pai.

— Você também. — Sua voz falhou. — Obrigado por ligar.

Desliguei o telefone e o coloquei de lado no sofá, deixando cair o meu rosto nas minhas mãos.

Então, eu respirei.

Meu coração estava disparado e eu estava suando. Um telefonema de dois minutos esgotou minha energia mais rápido do que o treino de uma hora que fiz naquela manhã.

Desde que saí da oficina após minha visita a Presley, pensei muito no que ela tinha dito. Eu pensei muito sobre o que havíamos decidido.

Presley queria morar em Montana, então moraríamos em Montana.

Construiríamos nossa vida juntos em Clifton Forge.

Esta era a minha casa.

Eu queria compartilhar isso com minha família e, para fazer isso, tinha que deixar de lado o ressentimento que mantinha por meu pai.

Presley estava certa sobre ele. Ele não era um homem mau. O crime de papai não parecia tão importante no grande esquema da vida.

Ele cometeu um erro.

Ele assumiu.

Ele sofreu as consequências.

Ele resistiu à tempestade na mídia sem uma palavra ou reclamação, algo que não teria que fazer se eu não fosse famoso. Ele nunca tinha dado uma desculpa a respeito do motivo de ter pegado aquele dinheiro.

Papai não merecia uma sentença de prisão perpétua. Ele não era Marcus Wagner.

Houve um tempo em que eu quis sentar na frente de Marcus na prisão, mas isso não importava agora.

Eu não dava a mínima para os motivos de Marcus Wagner. Ele estava tão morto para mim quanto para Presley. Eu fiz o filme, cumpri minhas obrigações de promovê-lo e, uma vez concluído, ficaria grato por ter me levado a Presley.

Eu iria me mudar para Montana. Inferno, eu me mudaria para Montana. Minha assistente cuidaria das alterações de endereço.

A família de Presley estava aqui, mas eu queria que ela fizesse parte da minha também. Ela amaria minhas irmãs, as quatro se lamentariam e me provocariam implacavelmente. Minha mãe a adoraria e meu pai acalentaria uma nora espirituosa e gentil.

Eu não privaria Presley desses relacionamentos, então era hora de curar a fenda. Depois que tomei a decisão de ligar para papai, foi surpreendente a rapidez com que a raiva acabou... *Derreteu.*

Eu me levantei do sofá, mais leve do que quando me sentei, e fui até a janela da sala, olhando para fora. O Jeep de Presley estava na garagem. Eu a vi entrar, acenando para mim com o dedo antes de estacionar.

Ela estava em casa há uma hora e a noite havia caído. Meu estômago roncou, mas não queria comer até ter notícias dela. Eu esperava que talvez, se aparecesse com uma pizza mais tarde, elas não me expulsariam.

Uma hora não era tempo suficiente para as irmãs conversarem? Meu estômago roncou novamente. Eu não queria apressar Presley, mas também sabia que essa não seria uma discussão fácil. Abandonando a janela, enviei uma mensagem rápida para ela, liguei a TV e encontrei um jogo de basquete.

Quinze minutos se passaram no relógio do jogo e eu cedi ao meu estômago, comendo uma barra de granola e enviando outra mensagem enquanto mastigava. Dez minutos depois, quando não houve resposta, liguei e recebi seu correio de voz.

O medo se instalou em meu íntimo.

Algo estava errado.

Eu não me importava se Presley e Scarlett queriam ficar sozinhas, eu iria checá-las. Coloquei meus sapatos e uma jaqueta, depois abri a porta da frente no momento em que o ruído dos pneus na calçada encheu o ar e uma faixa branca chicoteava a esquina.

A caminhonete de Luke derrapou até parar em frente à casa de Presley.

Outra viatura voou pela rua, estacionando ao seu lado. Nenhuma luz piscando. Não havia sirenes gritando. Dois outros pararam na entrada do beco sem saída, formando um bloqueio.

Meus pés voaram.

Eu pulei escada abaixo e corri para a casa de Presley. O sangue correu em meus ouvidos, abafando o som de um grito nas minhas costas, mas minhas pernas continuavam bombeando.

— Shaw, pare!

Não parei, até que um par de braços me envolveu e me derrubou na neve.

— Saia de cima de mim, — eu gritei e lutei, dando cotoveladas e me contorcendo para me libertar.

— Acalme-se, — Luke latiu. O bastardo me prendeu com o joelho na espinha.

— Saia de cima de mim! — Eu rugi.

— Apenas ouça, — ele gritou no meu ouvido, me fazendo estremecer. — Você não pode ir naquela casa. Controle-se.

— Ela está com problemas. — Meu instinto estava gritando para que eu entrasse na casa dela.

— Você entra lá, o risco de que isso dê errado. Nós dois sabemos disso.

A verdade me deixou sóbrio, afugentando o instinto de lutar. — Solte-me.

— Não até que você esteja calmo.

— Eu estou calmo. Deixe-me. Levantar.

Luke hesitou, mas finalmente se levantou e estendeu a mão.

Eu ignorei, pulando e me virando para a casa de Presley, mas meus pés não se mexeram. Fiquei enraizado, há muito esquecido, vencendo o pânico. — O que está acontecendo?

— Recebemos uma ligação do 190 há dez minutos. Um homem armado está segurando Presley e sua irmã.

Meu estômago caiu. — Quem?

— Nós não sabemos.

— Porra. — Eu cuspi no chão. Meu queixo sofreu o peso do impacto quando Luke me agarrou e uma mancha de sangue se espalhou pela neve.

Havia olhos em nós quando olhei para o quintal. Cinco dos oficiais de Luke estavam parados nas proximidades, com a boca aberta. Nenhum deles parecia ter mais de trinta anos.

Luke mencionou enquanto bebia que, depois que Marcus foi removido do cargo de chefe, houve alguns oficiais mais velhos que não gostaram de Luke ser nomeado seu substituto. Ele os encorajou

lentamente a se aposentar mais cedo e substituindo-os por oficiais mais jovens. Não precisávamos de jovens esta noite.

Precisávamos de experiência.

— Vá para casa, — Luke ordenou.

—Não.

Ele soltou um suspiro de frustração. — Eu não tenho tempo para isso. Vá para casa. Fique fora do caminho.

Eu cruzei meus braços sobre o peito, plantando meus pés. — Não.

— Shaw...

— Chefe. — Um dos policiais chamou sua atenção e apontou para a rua.

Três homens vieram correndo pela estrada, os faróis das viaturas iluminando-os por trás.

— Pelo amor de Deus, — Luke murmurou. — Eu não preciso disso.

Dash, Emmett e Leo marcharam pelo quintal de Presley, me segurando enquanto ficavam em frente a Luke.

Eu não sabia como eles sabiam que algo estava errado e não me importei. Esses três fariam qualquer coisa por Presley e isso era tudo que importava.

—O que vocês estão fazendo aqui? — Luke perguntou com os dentes cerrados. — Vocês quatro precisam desaparecer. Este não é um assunto civil.

— Tive um amplo treinamento da SWAT, — eu disse. — Já estive em mais situações de resgate de reféns do que você e seus homens juntos. Deixe-me ajudar.

—Não. — Luke balançou a cabeça. —Você não é policial.

—Não seja um idiota arrogante, — disse Dash. —Não se trata de quem está usando um distintivo.

— Saia desta propriedade, Slater. — Luke olhou furioso para Dash. — Meus homens têm coisas mais importantes a fazer do que arrastá-lo para a cadeia agora. Vocês são civis. Eu não posso...

—Por favor. — Eu levantei a mão, minha voz caindo para deixar o medo correndo pelo meu coração aparecer. —Por favor. Ela é minha vida. Se você já se importou com ela, deixe-me ajudar. Vamos ficar fora do seu caminho. Nós seguiremos sua liderança. Mas me use. Use minha experiência. Por favor.

Os ombros de Luke caíram. — Nós nem sabemos com o que estamos lidando. Precisamos avaliar a situação. Tudo o que tenho agora é uma ligação de onze segundos para o 911.

— Posso escutar isso? — Eu perguntei.

A mandíbula de Luke ficou tensa. — Bem, mas só você.

— Isso é besteira, Rosen, — disse Emmett. — Ela é uma das nossas. Você quer informação? A melhor maneira de conseguir isso é nos deixar ajudar.

Os molares de Luke rangeram juntos, alto o suficiente para todos nós ouvirmos. Ele olhou furioso, depois deslizou seu olhar de nós para a casa. — Esta é uma perda de tempo que não precisamos.

— De acordo. — Eu firmei as minhas pernas e caminhei em direção a sua caminhonete. — Vamos começar com a ligação.

Luke resmungou alguma coisa, mas seus passos rangeram na neve enquanto o seguia. Dash, Emmett e Leo estavam atrás dele.

— Configure um perímetro em torno da casa, mas fique para trás. —Luke apontou para seus oficiais enquanto caminhava. — Ninguém entra. Ninguém sai. Todas as unidades estão aqui. Não quero ninguém entrando ou saindo num raio de três quarteirões. Entendido?

Cabeças assentiram quando os policiais entraram em ação.

Luke assumiu a liderança, passando por mim para alcançar a porta do lado do motorista primeiro. Ele pegou o rádio e ligou para a Central, solicitando que a ligação de emergência fosse repetida.

911, qual é a sua emergência?

A voz de uma mulher sussurrou através do rádio. *Ele tem uma arma. Ajude-nos.*

O operador fez algumas perguntas, mas nenhuma foi respondida. No fundo, houve um barulho abafado e o choro de uma mulher, depois o som inconfundível do punho batendo na carne antes que a linha ficasse muda.

Meu coração despencou.

Luke desligou o rádio. — É isso aí. Foi tudo o que Presley disse. Nós rastreamos daqui a partir do número de seu telefone.

— Essa não é Presley, — eu disse. — Essa é Scarlett.

Eu conhecia o som da voz de Presley e, mesmo aterrorizada, não seria tão rouca quanto o de Scarlett.

— Sua irmã? — Emmett perguntou. — Quando ela veio aqui? Como não sabíamos disso?

— Ela me disse hoje, — disse Dash.

Eu acenei. — Não é importante. Quem viria atrás de Presley com uma arma?

Dash e Leo trocaram um olhar, depois Dash baixou a voz. — Jeremiah?

— O ex dela? — Perguntou Luke.

— Porra. — Esfreguei minha mandíbula. Quase sempre era alguém próximo da vítima. — Faz sentido.

— Algum sinal de problema com os Warriors? — Dash lançou um olhar para Leo e Emmett.

— Eu não ouvi nada, — Emmett disse calmamente.

Leo balançou a cabeça. — Nem eu.

Dado o triângulo Presley-Scarlett-Jeremiah, não poderia ser coincidência que isso estivesse acontecendo três dias depois que Scarlett apareceu em Clifton Forge.

A menos que...

'Ele' lá dentro poderia ser o pai delas? Ele poderia ter vindo à procura de suas filhas e Scarlett o levou direto para a porta de Presley?

Mas meu instinto... — Meu instinto diz que é o ex. — Quase sempre era um amante atual ou antigo nessas situações. E neste caso, Jeremiah contou duas vezes. — Scarlett e Jeremiah estavam

juntos uma vez. Talvez ele soubesse que ela estava aqui. Talvez tenha trazido uma arma porque a última vez que ele visitou Presley, ela bateu à porta na cara dele.

— O que? — Dash perguntou. — Ele esteve aqui? Quando?

— Neste verão, antes de eu deixar a cidade. Pres não o deixava falar muito, então não sei o que ele queria. Ela deixou claro para não voltar e, pelo que sei, ele não voltou.

— Você não nos contou, — Emmett cortou.

— Como o cara apareceu, Presley o rasgou de um lado e do outro, e então ele foi embora. Isso não importa. Vamos discutir isso mais tarde. — Eu apontei meu olhar para Luke. — O que você está pensando?

— Precisamos fazer contato, — disse Luke. — Descubra se é ele e o que quer.

— Seus homens não têm equipamento tático. Você não tem atiradores. Você não pode simplesmente ir até a porta. Essa é uma boa maneira de levar um tiro.

— Não brinca, — ele brincou.

— Chefe? — Um de seus oficiais se aproximou. Ele não estava usando uma touca e as pontas de suas orelhas estavam vermelhas. Situações de reféns podem levar horas para serem resolvidas e, nesse momento, ele teria congelado se não encontrasse uma. — Nós temos o perímetro configurado. Devemos evacuar os vizinhos?

— Não, mas um de vocês precisa ir de porta em porta e dizer a todos para ficar lá dentro. Dê-me um segundo. — Luke levantou o dedo e depois se virou para nós. — Preciso montar minha equipe e proteger a vizinhança, para que possamos conversar sobre um plano. Fique longe daquela casa ou eu vou prender vocês.

Seu comentário de despedida foi direcionado para mim.

Quando Luke se virou para falar com seu oficial, eu me afastei da viatura, os caras seguindo. Parei no centro do meu quintal, onde podia ver claramente a casa de Presley.

Todas as luzes estavam apagadas. Se fosse Jeremiah lá dentro, ele as teria desligado e provavelmente Presley e Scarlett amontoadas. Houve um leve movimento pela janela da sala de estar, como se uma brisa tivesse levantado a cortina.

Aquele filho da puta estava lá dentro, observando.

Luke acenou para outros dois policiais, amontoados com eles no meio da rua, e apontou para as casas ao redor do quarteirão.

Ele estava fazendo o seu trabalho. Ele estava seguindo o protocolo. Luke já estivera em algumas situações difíceis antes, quando ele era policial em Bozeman, e, embora eu confiasse em suas habilidades, sua equipe era muito inexperiente para isso.

De jeito nenhum eu deixaria algum novato com um dedo no gatilho entrar naquela casa e colocar Presley em perigo.

— Como diabos ele está me mantendo fora daquela casa.

Três pares de olhos se viraram em minha direção.

— Nós, — Dash corrigiu. — Como diabos ele está *nos* mantendo fora daquela casa.

— Não. — Eu bufei. — Vocês são mecânicos.

— Mecânicos com mais horas em situações de merda do que qualquer policial aqui além de Luke. Mecânicos que sabem como disparar uma arma e tirar uma vida quando isso significa proteger aqueles que amamos. — Não houve tremores na voz de Dash. Não havia dúvida de que ele havia matado antes. Seus olhos eram duros e calculistas.

Se a vida de Presley estivesse em risco, ele faria o que precisava ser feito, sem hesitação. Dada a energia nervosa pulsando na equipe de Luke, eu não confiava que eles fizessem o mesmo.

— Suponho que um de vocês não tenha uma pistola de reposição à mão.

Emmett levantou a barra do casaco, tirou uma Glock 22, a mesma arma que eu carregava como policial e a entregou para mim.

Eu verifiquei o pente, carregado, e a enfiei na cintura da minha calça jeans, o peso familiar e reconfortante. — Luke pode dar os tiros. Mas se ele fizer algo que, em minha opinião, coloque Presley em perigo, eu vou entrar.

Dash assentiu. — Estaremos logo atrás de você.

Olhei para a casa novamente e meu estômago revirou.

Eu já tinha visto essa situação muitas vezes. Este era o momento para o qual treinávamos com frequência, porque violência

doméstica era terrivelmente comum. Cada movimento, cada decisão, era uma carta selvagem.

Na maioria das vezes, terminava bem. Na maioria das vezes, a vítima saiu ilesa e o agressor era levado vivo sob custódia.

Mas eu tinha visto três situações de reféns terminarem mal.

Duas delas, terminaram com o atirador matando seus cativos antes de tirar a própria vida. Na primeira, a vítima já estava morta. Seu marido a matou uma hora antes de os policiais aparecerem, mas o bastardo não estava prestando atenção o suficiente para perceber que ela sangrou por causa da punhalada em seu abdômen.

Era difícil lembrar dos bons casos, dos resultados bem-sucedidos, quando a mulher do outro lado da porta trancada era a minha.

Enfiei o medo profundamente e respirei calmamente para desacelerar meu coração acelerado.

Ela era a minha vida.

Como o inferno, eu não ia entrar para salvá-la.

Capítulo Vinte e Cinco

Presley

—Porra. — Jeremiah pairou ao lado da janela com vista para o jardim da frente. —Não acredito que você chamou a maldita polícia.

Ao meu lado, encolhida contra a parede da sala, Scarlett lambeu o corte no lábio inferior. —Você colocou uma arma na cabeça da minha irmã.

—Eu não ia machucá-la. Eu lhe disse na sede do moto clube, eu só precisava de algum dinheiro. Da última vez, ela nem me deixou falar.

Scarlett enrijeceu.

Eu pisquei. *O moto clube? Scarlett esteve na sede do moto clube Warrior? Quando?*

—Vocês estavam juntos? — Eu perguntei. — Há quanto tempo você está em Montana, Scarlett? O que está acontecendo?

Meu olhar disparou entre os dois enquanto Jeremiah espiava pela cortina novamente. *Há quanto tempo eles estão juntos? Meses? Anos? Foi a razão pela qual Jeremiah nunca se comprometeu de verdade porque Scarlett estava se esgueirando com ele pelas minhas costas? Era essa a sua vingança por eu me apaixonar por Jeremiah?*

— É por isso que você não apareceu no casamento? — Eu o perguntei, mas ele estava muito ocupado, sussurrando maldições para os policiais do lado de fora para responder.

Jeremiah não precisou responder porque a vergonha de Scarlett era clara.

Eu superei a humilhação do dia do casamento. Eu estava feliz por ele não ter aparecido. Mas saber que Scarlett tinha feito parte disso partiu meu coração de novo.

—Scarlett? — Eu encarei seu perfil, esperando por uma resposta.

Uma lágrima escorreu por sua bochecha. — Eu só queria falar com ele. Eu queria saber se realmente me amou, ou se sempre foi você.

Irônico que eu tenha me feito essa mesma pergunta ao contrário. — Você é a razão pela qual ele me deu um bolo.

Ela fechou os olhos, comprimindo outra lágrima. —Eu sinto muito. Não fui lá com a intenção de arruinar o seu casamento, mas...

Mas Scarlett havia retornado à vida de Jeremiah e ele tinha a irmã que sempre quis. O alívio amenizou um pouco a dor no coração por este não ter sido um caso longo e prolongado.

Quando Jeremiah veio me encontrar em Clifton Forge, eu o perguntei duas vezes se ainda estava preso a Scarlett. Nós nos encontramos para jantar algumas vezes e conversamos sobre Chicago. Ele jurou, jurou por sua vida, que não estava mais apaixonado por Scarlett.

Eles eram história antiga.

Me garantiu que eu era o motivo de sua visita a Clifton Forge. Ele estava curioso para saber como minha vida tinha acabado. Talvez na época, suas palavras fossem verdadeiras. Ou talvez Jeremiah estivesse mentindo para si mesmo e para mim.

Jeremiah veio aqui para uma visita de fim de semana e ficou uma semana. Depois das duas semanas, eu ofereci a ele meu quarto de hóspedes para que não perdesse mais dinheiro no hotel. Na terceira semana, eu perdi minha virgindade, ele pegou o lado esquerdo da minha cama e se mudou para cá.

Ele nunca esteve perto de seus pais e não tinha motivos para voltar para Chicago. Depois de um mês, ele havia me proposto em casamento. Para todos na oficina, parecia repentino, mas eles não haviam entendido nossa história. Eu não me incomodei em explicar porque minha teimosia havia aumentado e *por que eu deveria explicar minhas decisões?*

Ou talvez porque eu soubesse, no fundo do meu coração, que Jeremiah não era meu.

Eu não queria explicar o passado de Jeremiah com Scarlett. Se eu falasse em voz alta muitas vezes, perceberia que estava em segundo lugar.

Eu fui uma pobre substituta.

Ele havia se contentado com a outra irmã depois que a primeira não o deixou salvá-la.

— Por que você veio aqui? — Eu perguntei a Scarlett.

— Eu lhe disse, eu queria...

— Não. Por que você veio aqui? Na minha casa? — *Por que ela arrastou esse desgosto e humilhação para a minha porta da frente quando eu finalmente segui em frente?*

Quando eu encontrei Shaw.

Oh meu Deus, Shaw.

Eu olhei para as janelas, onde o algodão das minhas cortinas não conseguia impedir o ocasional brilho dos faróis. Shaw estava do lado de fora e tinha que estar perturbado.

— Eu queria ver você, — disse Scarlett, abaixando a voz.

Mentirosa. — Você poderia ter me visto meses atrás.

—Eu tentei, mas... — Ela soltou um suspiro profundo. — Eu queria vir vê-la antes, mas Jeremiah pensou que era muito cedo. Nós brigamos e eu fui embora. Peguei uma carona aqui e estava observando a cidade. Antes que eu tivesse coragem de vir aqui, ele me localizou e me pediu para esperar. Para poupar essa dor.

Foi quando Leo, bêbado, avistou minha sósia. As datas, os eventos, passaram pela minha mente quando as coisas começaram a fazer sentido. Esse foi o motivo pelo qual Jeremiah me ligou implorando pelo número de Scarlett. O idiota não a entendeu quando dormiu com ela em Ashton, mas quando ela foi embora, não conseguiu encontrá-la.

— Por que você veio aqui agora? Depois de todos esses meses? — Porque o seu desejo de me ver era claramente uma

mentira, já que ela passou dias escondida no meu quarto de hóspedes.

— Eu queria te ver, — ela insistiu. — E porque tive que sair de lá. Do moto clube.

— Você estava com os Warriors esse tempo todo?

Ela assentiu. — Desde que saí de Chicago. Troquei um inferno por outro.

Eu passei a minha parte dos fins de semana no moto clube Warrior e, embora não gostasse de interagir com os membros, não diria que ficar no quarto de Jeremiah era um *inferno*. No entanto, ele tinha acabado de entrar em minha casa com uma arma e acertou-a no rosto.

Ele havia mudado.

O Jeremiah que eu conheci nunca tinha posto uma mão em mim. De todas as pessoas, ele deveria saber que era a traição final.

—O que está acontecendo, Scarlett? — Eu sussurrei, mantendo meu olhar em Jeremiah. Ele estava na janela, passando a mão pelo cabelo e resmungando para si mesmo.

— Eu não sei. — Os seus olhos estavam cheios de medo enquanto ela o encarava. — Algo não está certo. Não faz muito tempo, ele está nervoso, com raiva e entrando em brigas. Houve algumas ocasiões, em que ele chegou sangrando ao moto clube. Uma vez neste verão foi tão ruim que quase o levei ao hospital, mas ele recusou. Então, eu o ajudei a se limpar, mas não me contou o que aconteceu.

Leo. Aquela devia ter sido a noite em que Leo foi atrás de Jeremiah. *Leo o espancara mais de uma vez?* Quando Jeremiah chegou à minha casa neste verão, ele tinha marcas no rosto, mas isso não poderia ter sido de Leo. Não havia como Leo arriscar irritar os Warriors pela segunda vez e trazer o perigo para Clifton Forge.

Inclinei-me para mais perto da orelha de Scarlett. — Por que você foi embora?

— Nós brigamos. Ele não me contou o que estava acontecendo e discutimos. Ele ficou realmente bravo e foi... — Ela engoliu em seco. — Isso me lembrou do papai, então eu fui embora.

— Ele bateu em você?

O queixo dela estremeceu. — Não até hoje.

Peguei sua mão, segurando-a com as minhas. Havia dores para curar, discussões para ter e erros para perdoar, mas agora, precisávamos uma da outra. Nós sobreviveríamos a esse horror como havíamos sobrevivido a outros.

Juntas.

— Jeremiah. — Engoli em seco, desejando que minha voz fosse gentil e reconfortante. Era assim que mamãe costumava conversar com papai quando ele estava à beira da raiva. Ela falava com tanta ternura, e houve momentos em que suas palavras apagaram o fogo. — O que está acontecendo?

Ele se afastou da janela, piscando como se tivesse esquecido que estávamos sentadas no chão no escuro. Depois que ele bateu em Scarlett, nos empurrou neste local e correu pela casa, apagando

todas as luzes. Se eu estivesse pensando claramente, essa poderia ter sido nossa janela para escapar, mas Scarlett e eu estávamos em choque depois dele ter dado um soco nela.

— Você pode dizer a eles que foi um erro. — Ele se afastou da janela para andar atrás do sofá. — Pode dizer a eles que não estou aqui para machucá-la, e Scarlett fez essa ligação por acidente. Então você pode me conseguir o dinheiro.

— Que dinheiro?

— Eu preciso de algum dinheiro, Pres.

Eu já tinha ouvido essa frase tantas vezes, mas nunca com tanto desespero. Meu aperto na mão de Scarlett aumentou. — Por quê? O que aconteceu?

— Você pode me conseguir o dinheiro e dizer à polícia que foi um erro. — Ele repetiu as palavras, convencendo a si mesmo e não a mim que seu plano funcionaria. — Diga a eles que Scarlett estava bêbada ou algo assim. Então você me conseguirá o dinheiro.

— Que dinheiro? — Eu perguntei novamente.

— Eu preciso de cem mil dólares para fazer tudo isso desaparecer.

Minha boca se abriu. — Oh, meu Deus. O que você fez?

— Eu preciso de cem mil dólares! — A arma bateu no ar quando ele gritou.

Scarlett se aproximou.

— Diga-me o que você fez, — eu disse, fazendo o meu melhor para evitar o tremor de minha voz. — O que aconteceu?

— Eu estraguei tudo. — O seu pomo de Adão balançou quando ele piscou, concentrando-se em mim. Algo brilhou em seus olhos — dor ou arrependimento — e pela primeira vez, desde que ele explodiu para dentro, eu senti como se estivesse realmente nos vendo. Ele percebeu que estávamos encolhidas no chão. Seu olhar disparou para os lábios de Scarlett. — Porra. Eu sinto muito, querida. Eu não quis dizer isso. Eu juro, isso nunca vai acontecer de novo.

Eu tinha ouvido isso minha vida inteira. Pela primeira vez, queria que um homem fosse honesto. *Eu quis dizer isso, e isso vai acontecer de novo.*

—Jeremiah, olhe para mim. — Minha voz estava ficando mais ousada quando suas pontas começaram a se desgastar. —O. Que. Aconteceu?

— Eu peguei algumas drogas.

—Hoje? — Isso explicava seu comportamento.

— Não, — ele rosnou. — Do moto clube.

Meus olhos saltaram. —Você está usando drogas?

— Maldição, Presley! Você pode calar a boca e me deixar falar?

Eu vacilei e fechei minha boca.

— Eu estava correndo para o moto clube neste verão. Estávamos levando um pouco de heroína para Washington e, quando chegamos lá, houve uma confusão na entrega. Eu pensei que tinha esvaziado meus alforjes, e os caras que fizeram a troca contaram tudo e disseram que estávamos bem. Mas quando voltei

para Ashton, encontrei uma bolsa que havia esquecido. E eu a guardei.

Meu estômago caiu. Ele havia roubado drogas de seu próprio moto clube. Eu já tinha estado perto dos Tin Gypsies, você não traía seus irmãos.

Jeremiah era um homem morto andando.

— Eu tenho esse amigo em Chicago, — disse ele. — Um cara que conheci depois do ensino médio e que estava ligado a alguns revendedores. Ele vendeu para mim. Dividimos o dinheiro e me perguntou se eu poderia conseguir mais.

— Então você está roubando os Warriors, — eu sussurrei.

— Tudo vai desaparecer se eu pagar de volta.

Não, não iria.

— Eu só preciso de dinheiro, — Implorou, sentindo meu ceticismo. — Foi por isso que vim. Imaginei que se eu mantivesse Scarlett como refém ou algo assim, você encontraria uma maneira de me conseguir o dinheiro. A última vez que estive aqui, você estava com aquela estrela de cinema. Eu o reconheci. Cem mil não são nada para um cara assim. Apenas pergunte a ele.

Ele acentuou sua última frase apontando a arma para o meu rosto.

— Ok, — eu menti. — Eu posso perguntar a Shaw.

— Bom. — Seus ombros caíram e a arma caiu ao seu lado. — Então tudo ficará bem. Viu, querida? Vai ficar tudo bem.

Scarlett ficou quieta, mantendo os olhos fixos nos joelhos.

— Os Warriors sabem que você pegou as drogas?

Eles estavam a caminho daqui? Eles o seguiram?

— Não. — O rosto de Jeremiah empalideceu. — Eles acham que era outra pessoa.

Oh, Deus. — Quem?

Seus olhos foram para Scarlett.

— O que? — Eu gritei. — Você disse a eles que foi Scarlett?

Ela engasgou, então, mudou completamente sua reação. Seu corpo congelou e seu olhar se transformou em gelo. Ela se desligou como já havia feito um milhão de vezes antes.

— Eles teriam me matado na hora. Mas ela já havia partido. Se eu voltar com o dinheiro, posso convencê-los a deixá-la em paz. Vamos deixar isso circular por um tempo e verei se consigo sair do moto clube em alguns anos. Isso vai explodir.

Jeremiah estava delirando. Homens como Tucker Talbot não acreditavam em deixar as coisas explodirem. Os membros não deixavam seu moto clube vivos. Independentemente de serem indenizados ou não, alguém pagaria pelo roubo.

Se não consertássemos isso, essa pessoa seria Scarlett. Eu a perderia para ele como perdi Draven.

—Ok. Vamos descobrir isso. Onde está o dinheiro?

— Eu perdi.

— Jogos de azar. — *Porra. Eu deveria saber.* — Você perdeu jogando pôquer.

A culpa cruzou seu rosto por um breve momento, depois suas feições se endureceram. — Faça a ligação, Presley. Pegue esse maldito dinheiro. Ou sua irmã está morta.

Cerrei os dentes e me levantei do chão, deixando cair a mão de Scarlett. — Eu o odeio por isso.

A fúria escapou com as palavras.

Ele levantou o queixo, o gesto obstinado torcendo suas feições. — Faça. A. Ligação.

Ele não se parecia em nada com o garoto que me ajudou a escapar do meu próprio inferno pessoal. Ele não se parecia em nada com o homem com quem eu queria me casar.

Peguei meu telefone na ponta da mesa, mas antes que eu pudesse ligar para o número de Shaw, a campainha tocou.

A sala silenciou.

— Polícia de Clifton Forge, — Luke chamou do outro lado da porta da frente. — Recebemos uma ligação. Só quero ter certeza de que está tudo bem.

Com um longo passo, Jeremiah cruzou a distância entre nós e agarrou meu braço, me carregando pelo chão. — Diga a ele que estamos bem. Diga a ele que foi um erro.

Eu lutei contra o seu aperto. Quando eu era criança, eu nunca sonharia em brigar com meu pai, mas eu não era mais aquela garotinha assustada. — Solte-me.

Ele pressionou o cano da arma na minha cabeça, me incentivando a avançar. — Faça isso, Pres. Ou machucarei Scarlett.

Eu encontrei seu olhar. — Quem é você?

Ele apertou a arma com mais força. — Livre-se dele.

Respirei fundo e caminhei lentamente até a porta.

Jeremiah seguiu logo atrás, mudando para que o cano da arma estivesse nas minhas costelas. Ele acenou com a cabeça em direção à maçaneta.

Eu abri a porta. — Ei, Luke.

— Olá, Pres. Posso entrar?

— Agora não é um bom momento. Eu sei que minha irmã ligou para vocês por acidente, mas estamos bem. Desculpe-me por isso. Estamos apenas conversando.

Os olhos de Luke dispararam para o lado em que Jeremiah estava atrás da porta.

Eu dei-lhe um leve aceno de cabeça.

— Você tem certeza que está bem? — Luke olhou para mim como se estivesse tentando comunicar alguma coisa, mas eu não tinha ideia do que ele estava dizendo por trás de seu olhar sério. Ele estava usando um colete à prova de balas e sem casaco. Seus braços tinham que estar frios.

— Estou bem. Obrigada por me verificar. Boa noite. — Fechei a porta silenciosamente.

Jeremiah passou por mim para abrir a fechadura.

Ficamos ali, mal respirando, enquanto os passos de Luke ecoavam pela varanda.

— Ele não vai embora, — eu sussurrei, virando-me para Jeremiah, esperando poder argumentar com ele. — Ele sabe que algo está errado. Até que veja por si mesmo que estou bem, ele não vai embora. Abaixe a arma, Jeremiah. Por favor. Vamos sentar e conversar. Este não é você.

A expressão dura de Jeremiah se manteve firme. Eu tinha certeza que ele iria me bater em seguida, mas então seu queixo caiu junto com a arma. — Eu estraguei tudo.

Quando seus olhos se voltaram para os meus, ele parecia tão quebrado. *Ele sempre esteve tão perdido? Eu tinha perdido isso no nosso tempo juntos?*

Sua vida em casa não foi horrível como a nossa, mas também não tinha sido boa. Seus pais o haviam negligenciado e, quando Scarlett apareceu, ela lhe deu a atenção que ele desejava. Ele lhe dera sua devoção em troca.

Mas não era amor.

Eu conhecia o amor. Eu vi no sorriso de Shaw. Eu senti isso em seu toque. Eu ouvi na sua voz.

No segundo em que saísse dessa confusão, eu diria ao mundo.

Eu estava apaixonada por Shaw Valance.

— Vá. — Jeremiah assentiu para eu andar pelo corredor. Ele seguiu, não de perto, com passos embaralhados. A urgência de sua entrada dramática se foi. O desespero também estava diminuindo.

Cheguei à entrada, pronta para voltar para a sala, quando uma mão agarrou meu cotovelo e me puxou para o lado.

— Ah-— Meu grito foi interrompido quando Shaw entrou na minha frente, me protegendo enquanto apontava uma arma para o rosto de Jeremiah.

— Abaixe a arma, — ordenou Shaw, com a voz firme. — Acabou.

Jeremiah olhou para a arma na mão e todo o seu corpo caiu. — Eles vão me matar.

Meus olhos passaram por Shaw, procurando por Scarlett. Ela não estava mais no chão. Em vez disso, ela estava atrás de Dash, que tinha sua própria arma apontada em Jeremiah.

— Sim, — disse Dash. — Eles vão.

Os olhos de Jeremiah se ergueram, nebulosos e sem foco. Ele examinou a sala até encontrar minha irmã. — Eu sinto muito.

— Vai ficar tudo bem. — Ela fungou. — Nós podemos consertar isso.

Ele olhou para mim, depois de volta para ela. — Eu amei você.

Minhas mãos agarraram as costas do suéter de Shaw enquanto o tempo diminuía.

Lágrimas escorriam pelas bochechas de Scarlett.

Dash deu um passo à frente.

Shaw gritou: — Pare.

Jeremiah levou a arma à boca.

E eu gritei.

Capítulo Vinte e Seis

Presley

— Onde está minha irmã, Luke? —Eu coloquei as minhas mãos nos meus quadris.

— Ela está segura.

— Isso não é uma resposta.

Ele colocou os dedos embaixo do queixo, inclinando-se mais na cadeira, sem mais nada a dizer.

— Você está desperdiçando a minha hora do almoço, — eu murmurei. Perdi minha hora de almoço todos os dias desta semana perturbando Luke.

Através da janela de vidro atrás dele, a neve estava caindo, polvilhando os galhos nus das árvores com outra camada branca. As margens do rio estavam congeladas e a água corria negra por um canal gelado. Não havia um sopro de vento no ar para interromper a queda de neve. Os flocos de gordura flutuaram em linhas perfeitas para descansar no chão.

Era pacífico. Não parecia certo que o mundo estivesse tão tranquilo quando havia tanta agitação mexendo dentro do meu peito. —Ela está bem?

—Sim. — Luke acenou com a cabeça. —Ela está segura.

Seguro não era o mesmo que bom. Houve uma grande diferença entre as duas palavras depois do que vimos.

Eu não via Scarlett há dez dias, não desde a noite em que Dash a carregou para fora da minha casa, com a mão sobre os seus olhos enquanto ela gritava e se inclinava para o corpo sem vida de Jeremiah. Shaw me prendeu ao seu lado, protegendo meus olhos enquanto o seguíamos de perto.

No momento em que a arma disparou, o caos irrompeu.

Enquanto corríamos para fora, um grupo de policiais, Luke na frente, entrou correndo. Em algum lugar entre o interrogatório e as luzes piscando e a maca carregando uma mochila preta, Scarlett encontrou seu caminho para a caminhonete de Luke. Ela se sentou afundando no banco do passageiro, sua cabeça pressionada contra o vidro da janela, seus olhos em branco.

Shaw e eu ficamos parados na neve, agarrados um ao outro, embora nenhum de nós estivesse com frio. Estávamos entorpecidos. Ele me envolveu em seus braços, me segurando perto. Eu me enterrei em seu peito, querendo desaparecer dentro para sempre.

Então ele foi arrancado. Preso. Dash também. Ambos foram transportados em viaturas policiais enquanto Emmett e Leo eram meus sentinelas.

No meio do meu pânico, meus pedidos de respostas e a libertação de Shaw, eu perdi Scarlett.

Olhei para a caminhonete de Luke e ela se foi.

Gritei o seu nome várias vezes, até Luke aparecer. Com as mãos nos meus ombros, me prometeu que ela estava segura, dando a sua declaração.

Então, ele me levou para a delegacia — não era como se eu pudesse ir para casa — e me acomodou neste escritório, colocando um cobertor de lã sobre meus ombros. Sentando-me na mesma cadeira que estou agora, em frente à sua cadeira, e conversamos sobre o que tinha acontecido.

Quando finalmente estava livre, encontrei Shaw me esperando no saguão. Bryce pagou a fiança para liberar ele e Dash de suas celas.

Shaw me levou para a sua casa. O sono era bom, na melhor das hipóteses, mas ele me segurou perto, e quando as lágrimas desciam, na manhã seguinte, ele me abraçou mais forte e prometeu que tudo ficaria bem.

Dez dias depois, a névoa estava se dissipando.

Voltei ao trabalho dois dias depois daquela noite horrível. Todo mundo protestou quando entrei no escritório naquela manhã com Shaw ao meu lado, mas eu precisava do normal.

Eu precisava do barulho, cheiro e paz da garagem.

No dia seguinte, Shaw e Dash foram acusados de obstrução da justiça. Ambos foram multados, mas, felizmente, não houve tempo de prisão. Por algum milagre, a prisão foi mantida fora dos tabloides até agora.

A gerente, agente, assistente e publicitária de Shaw estavam em alerta máximo. Isso aconteceria, lidaríamos com as consequências, e a vida seguiria em frente.

Embora, eu suspeitasse que, quando os detalhes surgissem, a imagem de Shaw como herói seria reforçada.

Ele violou a lei para salvar a vida da mulher que amava.

Minha casa estava limpa.

A evidência da morte de Jeremiah desapareceu, mas sua sombra permaneceu. Eu entrei uma vez depois que os limpadores foram embora e imediatamente saí. Eu não entraria naquela casa novamente. Shaw passou dois dias transportando meus pertences para sua casa enquanto eu estava no trabalho.

Como ele havia prometido, ficaríamos bem.

Eu só precisava encontrar minha irmã.

— Você pode deixa-la me ligar? — Eu perguntei a Luke. — Onde quer que ela esteja?

— Não. — Ele suspirou. — Ela está sob custódia protetora. Isto significa, nenhum contato externo. Você continua perguntando, mas a minha resposta não irá mudar. Ela está segura, em um local que precisa permanecer. Deixe por isso mesmo e saiba que eu a tenho e seus melhores interesses no coração.

— Bem. — Levantei-me, sabendo que não conseguiria mais informações. Peguei minha bolsa e virei para a porta.

— Pres? — Luke me parou. — Como você está indo?

— Vou sobreviver.

— Qualquer coisa que eu possa fazer?

— Além de me dizer onde está minha irmã? Não. Apenas cuide dela.

— Eu vou, — ele prometeu. — E Shaw? Ele está cuidando de você?

— Sim. — Eu dei um sorriso triste para ele. — Ele está.

— Como ele está?

— Ele se sente culpado. No momento, está atolado nisso, se preocupando comigo.

Ontem, eu acordei sozinha. Shaw estava na sala de estar, sentado no sofá na escuridão total, olhando para uma parede. Levou algum tempo para convencê-lo a dizer a verdade, mas acabou confessando.

Ele se sentia responsável pelo suicídio de Jeremiah.

Luke tinha ouvido o conselho de Shaw sobre a melhor forma de tirar Scarlett e eu com segurança daquela casa.

Todos concordaram que o primeiro passo era reunir informações. Eles suspeitaram que Jeremiah estava dentro, mas não tinham certeza. Alguém tinha que se aproximar.

Luke insistiu em correr o risco e tocar a campainha. Enquanto isso, um de seus oficiais tentaria examinar a situação da minha varanda no quintal.

Shaw e Dash garantiram a Luke que eles se retirariam, ficariam longe e vigiariam. Em vez disso, Shaw havia entrado pela janela do meu quarto, enquanto Dash havia entrado pelo quarto de Scarlett. O oficial na varanda não conseguiu abrir a fechadura da minha porta de vidro deslizante.

Enquanto Luke examinava seus oficiais sobre o plano e vestia um colete à prova de balas, Shaw e Dash entraram furtivamente, espreitando no escuro, ouvindo Jeremiah confessar ter roubado o seu moto clube.

Talvez se eles tivessem esperado, talvez se tivessem ficado do lado de fora, tivéssemos conseguido libertar Jeremiah e levá-lo preso sob custódia policial.

Ou talvez ele tivesse matado a todos nós.

Nós nunca saberíamos.

A culpa da morte de Jeremias pesava sobre Shaw.

Não era de sua natureza desobedecer a ordens e, por causa disso, um homem havia tirado a vida.

— Eu entendo por que ele fez isso, — disse Luke. — Se eu estivesse no lugar dele, também não teria ficado fora daquela casa.

— Ele pensou que, uma vez que eu e Scarlett estivéssemos seguras, tudo acabaria.

Luke balançou a cabeça. — Eu não acho que teria terminado de outra maneira.

— Eu também não, — eu sussurrei.

Nas noites sem dormir dos últimos dez dias, pensei muito sobre o que havia levado ao disparo da arma de Jeremiah. Ele estava tão desesperado, tão maníaco. Sabia que destino o esperava e, em vez de deixar sua morte para os Warriors, ele assumiu a responsabilidade.

Perdemos Jeremiah muito antes de ele invadir minha casa.

— Tchau, Luke.

Ele assentiu uma vez. — Tome cuidado, Presley.

— Volto na segunda-feira.

— Eu presumi que você faria. — Ele riu quando eu saí pela porta.

Até saber onde Scarlett estava, eu perseguiria Luke por respostas. Ele não estaria na delegacia neste fim de semana, então eu não poderia passar para preenchê-lo com perguntas, mas costumava mandar mensagens com frequência.

Havia vantagens em ter o número pessoal do chefe de polícia.

Eu atravessei o escritório até a saída. Luke tinha parado de me escoltar ontem, eu sabia para onde estava indo. A curta distância da estação até o meu Jeep afugentou qualquer calor que eu encontrasse lá dentro. Escovei os pesados flocos de neve do meu jeans e cabelo, depois liguei o aquecedor enquanto dirigia para a oficina.

Quando cheguei, Shaw estava na cadeira em frente à minha mesa, esperando.

— Trouxe sopa para você. — Ele se levantou e beijou minha bochecha quando tirei meu casaco e o joguei ao lado da minha mesa.

— Obrigada. — Aqueci minhas mãos na tigela antes de tirar a tampa e mexer com a colher.

— O que Luke disse? — ele perguntou.

— Nada, — eu murmurei. — Ele não vai me dizer onde ela está.

— Vamos apenas torcer para que ele não tenha chamado o DEA[10].

Nenhum de nós sabia o que Scarlett tinha visto em seu tempo na sede dos Arrowhead Warrior. Na pior das hipóteses: investigadores federais se envolveriam, na esperança de usar Scarlett como uma ferramenta contra os Warriors para derrubar a gangue.

Ela seria um peão.

Ela se tornou mais um alvo do que já era.

Eu estava mantendo a fé de que minha irmã era inteligente o suficiente para manter a boca fechada. Se Luke não tivesse motivo para usá-la como informante, cedo ou tarde ele a deixaria ir.

Especialmente se pudéssemos obter algumas garantias de que os Warriors não pensavam mais que ela era uma ladra.

Dash foi forçado a fazer outra ligação para Tucker Talbot e explicar que Scarlett não roubou as drogas dos Warriors. Tucker ouviu, mas não garantiu que acreditava em Dash.

Muito dinheiro foi roubado.

O que significava que estávamos parados. Ou o DEA apareceria em Clifton Forge ou os Warriors começariam a caçar minha irmã.

— Eu odeio isso. — Suspirei. — Odeio que ela esteja desaparecida.

---

[10] A ***Drug Enforcement Administration*** (**DEA**; *Administração de Fiscalização de Drogas*) é um órgão de polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.

— Eu sei, querida, mas é melhor assim. — Shaw me deu um sorriso triste. — Até que as coisas se acalmem, é mais seguro para vocês duas se ela se for.

— Sim, — eu murmurei, olhando a minha sopa.

— Liguei para o meu pai esta manhã.

A colher caiu da minha mão, salpicando manjericão e molho de tomate na minha mesa. — Você ligou?

Ele assentiu. — Na verdade, falei com ele uma vez antes. Só não tive a chance de lhe contar. Mas liguei para ele hoje também. Eu precisava conversar.

— O que ele disse?

— Ele acha que eu tomei a decisão correta. Papai me disse que provavelmente, teria terminado assim, não importa o que tivesse acontecido.

— Luke disse o mesmo. — Estiquei minha mão sobre a mesa.

Seu grande aperto envolveu o meu. — Você estava falando de mim?

— Você é meu tópico favorito. — Eu apertei seus dedos. — Eu sei que se sente culpado, mas isso não é culpa sua. Jeremiah fez sua escolha.

Shaw murmurou, esfregou o polegar sobre os nós dos meus dedos e me soltou. Levaria tempo, mas eu tinha fé que ele acabaria aceitando sua culpa.

A porta da loja se abriu e Emmett entrou. Isaiah estava logo atrás dele.

— Ei, pessoal. — Emmett se aproximou e apertou a mão de Shaw.

Isaiah deu um tapinha no ombro de Shaw antes de se sentar.

Se houvesse alguma preocupação de que Shaw não se encaixasse aqui, esses medos foram esquecidos. Uma situação de refém tinha como provar lealdade e sinceridade.

— O que você vai fazer hoje? — Emmett perguntou a Shaw enquanto pegava o almoço na geladeira.

— Nada demais. Eu tinha algum trabalho para fazer esta manhã, mas está muito bem embrulhado. Por quê?

— Leo está terminando com algumas riscas em um capô na cabine, ele me convenceu a sair mais cedo para tomar uma cerveja no The Betsy. Quer vir?

— Eu não posso. — Ele sorriu para mim. — Eu tenho um encontro esta noite.

— Um encontro? — Eu levantei uma sobrancelha. *Desde quando temos um encontro?* — Quem é a mulher de sorte?

— Eu vou buscá-la às quatro. Você pode sair mais cedo? Precisamos fazer uma parada antes do jantar.

— Eu vou cobrir o escritório até fechar, — ofereceu Isaiah.

— Obrigada. — Sorri e enfiei a colher de sopa na boca, ouvindo os caras durante o almoço, dizendo a Shaw sobre o carro em que estavam trabalhando.

Quando quase o convenceram a compra-lo no meu próximo aniversário, eles retornaram ao trabalho para encerrar o dia, deixando nós dois sozinhos mais uma vez.

— Você falou com a sua senhoria hoje? — Shaw perguntou.

— Sim. Eu me sinto tão mal por ela. Como é que ela vai alugar a casa onde um homem manteve duas mulheres como reféns e depois se suicidou?

— Quer que eu compre dela e esmague-a no chão?

— Sim, por favor. — Eu estava brincando. Mais ou menos.

Eu amava aquela casa. Foi o trampolim para minha vida em Clifton Forge. Era o meu santuário. Ver isso agora, sombrio e assombrado, estava destruindo as belas lembranças.

— Feito. — Shaw assentiu. — Considere isso feito.

— Eu estava brincando.

— Eu não estou. Se derrubar aquela casa torna sua vida mais fácil, então é isso que faremos.

— Que tal, em vez disso, cobrirmos a hipoteca até que minha senhoria possa alugá-la? Então não me sentirei culpada por sair.

— Ok. Mas se você mudar de ideia...— Ele bateu os punhos juntos, fazendo o som de uma explosão.

— Combinado. — Eu ri.

— Há algo mais que eu queria conversar com você.

Eu estreitei meus olhos. — Por que sinto que não vou gostar disso?

— Mantenha a mente aberta. — Ele piscou. — Eu tenho uma estreia de filme em duas semanas. Você vem comigo?

— Este filme? Nosso filme? — Eu engoli. Não era realmente o meu filme, mas ele entendeu.

— Não. — Ele balançou sua cabeça. — Isso vai sair daqui a um ano ou mais.

Ótimo. Eu precisaria de tempo para pensar sobre isso.

Talvez, em um ano, eu estivesse mais disposta a ver o filme. Mesmo assim, não iria apoiar o filme. Eu só iria ficar ao lado de Shaw, para mostra-lo que estava orgulhosa de sua realização, pelo feito de se arriscar, saindo de seus papeis típicos.

— Que filme? — Eu perguntei.

— É um filme de ação que gravei há um ano.

— Eu gosto de filmes de ação. — Eu bati meu queixo. — Defina estreia do filme.

— Tapete vermelho. Smoking. Vestido.

Eu gemi. — Vou ter que sorrir muito, não é?

Shaw riu e se levantou, contornando minha mesa para dar um beijo na minha testa. — Mas é um sorriso tão bonito.

Meu coração acelerou. — Sempre a conversa mole.

— Estou tomando isso como um sim e saindo antes que você mude de ideia. — Shaw pegou as vasilhas do almoço e as jogou na lata de lixo, depois, vestiu o casaco. — Quatro horas.

— Eu estarei pronta. — Levantei-me e acompanhei-o até a porta, esperando no saguão enquanto ele tirava os flocos de neve do para-brisa de sua caminhonete.

Eu iria para uma estreia de filme de Hollywood. Estava apaixonada por uma estrela de cinema genuína.

Shaw Valance.

Shaw Valance.

Shaw Valance.

Havia tantas maneiras de interpretar duas palavras. Apenas tantas maneiras de alterar seu significado com inflexão.

Mas não importa quantas vezes eu dissesse seu nome em minha cabeça, Shaw Valance sempre seria meu.

Shaw Valance era o homem que me trouxe sopa na hora do almoço porque ele sabia como eu ficava com frio no escritório. Ele era o homem que sabia o quanto eu amava meu trabalho e me apoiava trabalhando aqui enquanto isso me deixasse feliz, não importa quantos dólares ele pudesse cobrar em seu cartão de crédito. Ele era o homem que abriu meu coração. Quem se tornou minha outra metade.

Shaw jogou sua escova de neve no banco de trás. —Vá para dentro antes que você congele.

— Ok. — Eu sorri, mas não me mexi. — Shaw?

— Sim, querida?

— Eu amo você. — As palavras flutuaram na neve, causando um sorriso largo no rosto.

— Vejo você às quatro. — Ele piscou, entrou no caminhão e desapareceu.

Meus pés flutuaram para a minha mesa. Meus dedos estavam mais leves do que tinham estado em dias enquanto voavam pelo teclado, encerrando as coisas da semana.

Shaw me amava, mas ele nunca disse *eu amo você,* as três palavras, nessa ordem.

Ele sempre foi o primeiro a fazer a mudança. Ele perguntava, eu respondia. Ele me deu esse controle. Havia algo libertador em fazer a declaração primeiro, me colocar lá fora, então ele sabia que nem sempre era sobre eu responder a ele.

Eu estava quase terminando o trabalho do dia, ansiosa para Shaw me atender, quando meu telefone tocou. Abri para ver um texto de Bryce.

No supermercado.

Essa era a legenda de uma foto de Luke Rosen carregando uma mulher em um abraço de bombeiro pela porta da frente.

Exceto que não era apenas uma mulher.

Era Scarlett.

Essa era sua ideia de custódia protetora? De estar segura? Claramente, ele subestimou Scarlett.

— É melhor você saber o que está fazendo, Rosen, — murmurei para a tela.

Então mandei a mesma mensagem para ele, obtendo uma resposta dez minutos depois.

Ela está segura.

É bom que esteja.

— Onde estamos? — Minhas botas rangeram enquanto eu seguia Shaw para o campo.

A neve havia parado de cair há uma hora e o sol estava prestes a se pôr. O ar estava gélido e a brisa soprava através da minha parca vermelha.

Shaw havia mencionado que tirou longas férias para a Califórnia para conhecer sua família e com o tempo que estava, parecia melhor a cada segundo.

—Feche seus olhos. — Shaw pegou minha mão.

—Ok. — Eu obedeci quando ele deu um passo atrás de mim e passou os braços em volta do meu peito.

O frio do vento se foi, afugentado enquanto ele me envolvia com seu corpo alto.

—Bem à sua frente estará o celeiro.

—O celei...

—Não abra os olhos.

Eu fiz uma careta, fechando-os novamente. — Fechados.

— Você pode escolher a cor, mas eu voto no vermelho.

— Um celeiro vermelho. — Meu coração deu um salto. —Ok.

Talvez ele estivesse planejando construir o primeiro zoológico de Clifton Forge, mas minha mente teve um uso muito melhor para esta propriedade, esperando que a terra a dezesseis quilômetros da cidade, aninhada ao lado do rio e cercada por árvores, fosse por algo mais pessoal.

Ele nos girou para a direita noventa graus, nossos pés embaralhados enquanto balançamos. —Esta será a casa de hóspedes.

Um sorriso rachou meu rosto. —Que tipo de convidados?

—Meus pais. Minhas irmãs. Sua irmã.

—Eu gosto desses convidados.

—E isso, — ele nos girou novamente, desta vez apenas quarenta e cinco graus, — é aqui que teremos nossa casa.

—Que tipo de casa? — Eu perguntei.

—Uma feliz.

Shaw sempre tinha a resposta certa.

Toda a minha vida, tudo o que eu queria era um lar feliz.

Seus braços desapareceram, mas eu mantive meus olhos fechados, ignorando a sobrecarga de emoção que pinicava minha garganta. Enquanto suas botas se moviam na neve, eu escutei, acompanhando enquanto ele se movia na minha frente.

—Presley Marks, eu amo você.

—Eu sei, — eu sussurrei.

— Ótimo. Agora olhe para mim.

Meus olhos se abriram, caindo para onde Shaw estava ajoelhado diante de mim. Em sua mão estava uma caixa preta, o anel de diamante dentro dele refletindo o último brilho do sol poente.

— Você quer se casar comigo?

Eu ri. — Não.

Ele jogou a cabeça para trás, rindo para o céu de inverno antes de se levantar e me envolver em seus braços. — Eu sabia que você diria isso.

— Você ainda não percebeu? — Eu sussurrei contra seus lábios. — Às vezes, quando digo não para você, realmente significa sim.

Epílogo

Shaw

Sete anos e meio depois...

— Juntem-se. — Apoiei minhas mãos nos joelhos quando treze meninos de seis anos de idade circularam ao meu redor.

Do outro lado da multidão, Isaiah deslizou ao lado de seu filho, Asher. Como os outros meninos, os olhos de Asher estavam na grama. Todo o grupo tinha ombros caídos e bocas amuadas.

— Está tudo bem, — eu assegurei a eles. — Temos tempo para mais uma jogada.

A outra equipe tinha acabado de marcar um touchdown[11] para assumir a liderança, já que o árbitro nos deu o aviso de um minuto.

Estávamos no jogo do campeonato de futebol masculino da primeira e segunda série. Essas crianças queriam tanto ganhar, mas o outro time era maior e mais rápido. Foi um milagre termos mantido o jogo perto porque no início, quando eles marcaram touchdowns consecutivos, eu tinha certeza que seríamos esmagados.

Mas nós tínhamos conseguido um empate.

— Aqui está o que vamos fazer. Asher. — Eu apontei para ele. Ele era magro como Isaiah e muito rápido. — Você vai driblá-

[11] Pontuação do futebol americano e do futebol canadense. Ela vale 6 pontos e é conseguido com a bola cruzando a linha de gol estando em posse de um jogador do time do ataque

los. Finja que vai para a esquerda e depois entregue para Nico, entendeu?

— Entendi, — disse Asher, depois olhou para o pai, que assentiu com firmeza.

— Vocês rapazes na linha, bloqueiam. — Bati com o punho na palma da mão. — Muito. Não deixe as crianças maiores passarem.

Mais parecidos com trapaceiros. Eu estava de olho na linha defensiva do outro time. Havia algumas crianças que ficavam de pé sobre nossas crianças. Mais como alunos da terceira ou quarta série. E nossa equipe era predominantemente de alunos da primeira série.

— Nico. — Virei-me para o meu filho, que estava ao meu lado. Seu rosto estava determinado e sério, o mesmo olhar que Presley me dava sempre que ela estava determinada. — Você ficará com a bola, terá que correr até a zona final. Não pare! Se ver uma criança pegando a sua bandeira, estenda a mão e bloqueie. Seja agressivo.

— Mas pai, mamãe disse para não fazer mais isso depois do último jogo, quando eu deixei aquele garoto sangrando...

— Esqueça o que sua mãe disse. Ela não é a treinadora. Eu sou. E nós podemos ganhar este jogo. — Coloquei minha mão no grupo. — Panthers em três. Um, dois...

— Panthers! — Os meninos gritaram.

Algumas crianças correram para a lateral enquanto o resto me seguiu e Isaiah para a linha de jogo. Isaiah colocou os atacantes no lugar certo enquanto eu fazia o mesmo com os da linha de defesa.

Assim que todos estavam nos dois times, acenei com a cabeça para o árbitro, cujo apito estava preso entre os dentes.

Isaiah juntou-se a mim no campo, observando enquanto os meninos esperavam pela jogada.

— Merda, espero que ganhemos, — murmurei.

Ele assentiu. — Estou muito nervoso agora.

Nenhum de nós esperava terminar como técnico do time de futebol de nossos filhos, mas quando a Associação de Jovens pediu voluntários, fazia sentido assumir. Nós dois estaríamos aqui de qualquer maneira assistindo ao treino, já que Nico e Asher eram da mesma idade.

Oficialmente, eu era o treinador principal e Isaiah meu assistente. Mas isso foi para salvá-lo de ser bombardeado com mensagens dos pais, algo que ele se recusava a lidar e eu não me importava.

Há seis semanas, jogávamos partidas todas as manhãs de sábado contra times de cidades próximas. Num fim de semana, nós jogamos sob uma chuva torrencial. No próximo, havia alguns centímetros de neve no chão.

Mas tivemos sorte no campeonato. O sol de outubro estava brilhando, não havia uma nuvem no céu azul e os espectadores nas laterais só precisavam de um casaco para se aquecer.

Isso não impediu Presley de envolver Noah como se ele fosse esquiar em Aspen. Nosso filho de quatro anos tirou o casaco cinco minutos de jogo e estava correndo no espaço aberto ao lado do

campo, perseguindo Genevieve e a filha de sete anos dela e de Isaiah, Amelia.

Noah estava obcecado por Amelia. Ela era a irmã mais velha que ele não tinha, mas queria desesperadamente. Para sua sorte, compartilhamos a vida com nossos amigos. A cada verão, íamos acampar com a equipe do Reynolds. Tivemos o Dia de Ação de Graças com os Slaters.

Quando nossa filhinha, Natasha, nasceu em agosto, um mês antes da hora, não tivemos que nos preocupar com o que fazer com os meninos. Nossa família estava lá para observá-los enquanto íamos para o hospital, ficando mais quatro dias a mais do que havíamos planejado.

E eles estavam todos aqui para assistir ao jogo de futebol de Nico e Asher.

Bryce e Genevieve estavam à direita de Presley. Dash ficou à esquerda com os braços cruzados. Xander e Zeke estavam ao lado dele na fileira, suas posturas imitando as do pai enquanto se concentravam na jogada. Os meninos tinham riscado tinta preta no rosto sob os olhos esta manhã para mostrar seu apoio.

Não muito tempo atrás, ficamos de fora assistindo seus jogos de futebol. O apito soou e as crianças se espalharam, meninos empurrando meninos enquanto Asher pegava a bola.

— Falso, — disse Isaiah, observando o filho fazer exatamente isso.

Então Asher entregou e Nico pegou a bola.

Mordi meu lábio, dando um passo à frente enquanto ele corria, contornando a linha para a direita. — Corra, amigo.

As pernas do Nico bombearam. Ele tinha a bola embalada debaixo do braço direito para que, como um defensor veio pela esquerda, ele pudesse dar-lhe o braço forte. O outro garoto tropeçou, caindo na grama enquanto Nico continuava correndo.

Ele se libertou.

Asher era rápido.

Mas Nico era mais rápido.

— Vá, — eu cantei. — Vá. Vá.

— Vá! — O grito de Presley se propagou pelo ar. — Corra, Nico!

Ela era uma coisa pequena, mas caramba, quando queria torcer por seus filhos, você precisaria de um megafone para abafá-la.

— Corra! — Ela gritou, cobrindo as orelhas de Natasha com o Sling para bebês[12], amarrado no peito.

— Ele vai conseguir. — A mão de Isaiah disparou, agarrando meu braço.

— Ele vai conseguir. — Eu agarrei seu braço também.

O tempo acabou, mas a peça ainda estava boa e os cabelos loiros de Nico riscavam o campo, passando pelo pilão laranja.

— Touchdown, — o juiz gritou, assobiando.

---

[12] É um pedaço de tecido utilizado para carregar bebês junto ao corpo de um adulto.

— Sim! — Eu bati com o punho, depois bati palmas alto e rápido. Eu sorri para Isaiah enquanto corríamos pelo campo para encontrar nossa equipe.

Os pais aplaudiram quando as crianças gritaram, todos pulando para cima e para baixo em volta de Nico.

Nós reagrupamos as crianças, colocando-as em uma fila para cumprimentar a outra equipe. Mandamos os meninos para os árbitros para agradecer. Depois, Isaiah e eu conversamos com os pais, a maioria queria ter certeza de que voltaríamos a treinar a equipe do próximo ano. Finalmente, a multidão se dispersou, e Nico e eu nos juntamos a Presley.

— Bom jogo, amigo. — Ela se inclinou para beijar sua bochecha.

— Obrigado, mãe. Posso ir brincar com Noah?

— Por alguns minutos.

Natasha estava adormecida em seu Sling. O casaco que Presley havia colocado nela a fazia parecer mais uma lagarta do que um bebê.

— Como ela está? — Inclinei-me e beijei a cabeça coberta por um gorro do bebê, depois dei um beijo na boca de Presley.

— Estamos bem. — Ela sorriu para a nossa filha e depois olhou para mim. — Bom jogo, treinador.

Eu sorri, orgulhoso. — Obrigado.

Ganhei um Oscar por minha atuação em *Dark Paradise*, Cameron foi indicado para melhor diretor e o filme foi indicado para a fotografia do ano.

Esse filme catapultou a Valance Pictures para o próximo nível, dando-nos um nome para construir. Os investidores chegaram em massa e nosso quadro de funcionários dobrou em menos de um ano. Tudo veio com dores de crescimento, mas depois dos últimos cinco anos, tornou-se uma grande fonte de orgulho.

Assistir ao sucesso do meu filho era muito mais gratificante do que qualquer coisa que ganhei sozinho. Não estava no mesmo nível do dia em que me casei com Presley ou dos dias em que recebemos nossos filhos ao mundo, mas hoje foi um dia muito bom.

— Isso é melhor do que qualquer jogo de futebol que eu já joguei, — disse a ela, pegando a bolsa de fraldas.

— Isso é melhor do que qualquer jogo de futebol que você me fez assistir aos domingos.

— Muito verdadeiro. — Eu ri enquanto caminhávamos em direção ao carro.

Dash acenou enquanto entrava em seu caminhão, sua tripulação já carregada. Isaiah beijou Genevieve antes de fechar a porta do seu carro. Ela levava as crianças para casa enquanto ele andava de moto atrás.

— Vamos lá, meninos, — eu chamei Nico e Noah enquanto caminhávamos.

Nico pegou o casaco de seu irmão, carregando-o enquanto corriam para alcançá-lo.

Colocamos as crianças em seus assentos e entramos, dirigindo pela cidade até nossa casa, aquela que construímos na propriedade onde eu pedi Presley em casamento.

Um mês depois de minha proposta, Presley e eu nos casamos em Las Vegas. Ela não queria planejar um casamento de novo, então voamos para Nevada em um fim de semana, só nós dois, e nos casamos. Depois, fomos para a Califórnia e passamos duas semanas com minha família.

Como eu esperava, todos eles se apaixonaram por minha esposa.

Voltamos para casa e moramos em minha casa amarela por nove meses enquanto nossa casa no campo estava sendo construída. Houve momentos em que senti falta daquele pequeno lugar porque foi onde nossa vida começou. De vez em quando, quando eu estava na vizinhança, eu passava de carro. Mas, pelo que sabia, o dia em que deixamos Quaker's Court foi a última vez que Presley esteve naquele beco sem saída.

Havia muitos fantasmas para ela naquela rua.

Por um tempo, a morte de Jeremiah quase rasgou Presley e sua irmã, mas elas ficaram juntas e lutaram uma pela outra.

Scarlett provavelmente chegaria mais tarde hoje porque suas tardes de sábado eram normalmente passadas em nossa sala de estar, onde ela e Presley bebiam vinho e conversavam.

Principalmente suas conversas eram leves. Às vezes, elas investigavam o passado e seus pais.

Depois que soube do abuso do pai delas, queria arruinar o homem. Não seria preciso muito para colocá-lo na lista negra em sua comunidade e envergonhá-lo por suas ações. Eu esperava por isso, planejei mesmo, mas no final, eu tinha me convencido a não fazer isso. Machucá-lo só machucaria a mãe de Presley e aquela mulher já estava vivendo em seu próprio inferno pessoal.

Os pais de Presley ainda moravam em Chicago e enquanto ficassem longe da minha família, eu me contentava em deixar o assunto intocado.

Havia certas coisas sobre as quais não falávamos hoje em dia. A sua infância, o que aconteceu com Scarlett depois da morte de Jeremiah. E os Warriors porque, bem...

Era um filme diferente.

—Então, recebi um e-mail interessante hoje, — disse Presley.

—De quem?

—Ginny.

Eu ligaria para Ginny na segunda-feira sobre limites. — Por que minha agente enviaria um e-mail para você?

— Ela disse que você a derrubou e está desesperada, e então, ela me pediu para conversar com você para reconsiderar.

— Eu não vou mudar de ideia.

Cameron se aproximou de Ginny há alguns meses, perguntando se eu estaria interessado em fazer outro filme

semelhante a *Dark Paradise.* Ele encontrou um roteirista que tinha conversado com ele e pensou que eu seria perfeito para o papel.

Eu dei a Ginny um veementemente não. Ela tinha outros clientes para representar hoje em dia, mas me procurava uma ou duas vezes por ano, esperando que eu mudasse de ideia sobre a aposentadoria.

Dark Paradise foi o último filme que fiz como ator, embora tenha feito parte de muitos desde então, nos bastidores. Eu preferia um papel mais ativo na Valance Pictures a atuar. Funcionou melhor com o estilo de vida das oito às cinco que queríamos em Clifton Forge.

E eu com certeza não senti falta dos malditos paparazzi.

—Você tem certeza? — Perguntou Presley. — Nós poderíamos fazer funcionar. Posso levar Natasha para a oficina comigo durante o dia. Noah pode ir para a pré-escola e Nico tem escola. Estaríamos bem por alguns meses.

Alcancei o console para pegar a sua mão. —Eu não vou a lugar nenhum.

Eu não tinha vontade de passar semanas no local ou sair de casa para uma entrevista de imprensa. Presley havia sobrevivido a duas estreias de filmes, mas as luzes piscando e os fãs gritando não eram para ela.

Não eram para mim estes dias também.

Meu legado não era fama ou fortuna.

Estava neste carro, os sorrisos nos rostos dos meus filhos e a felicidade no coração da minha esposa.

Este era o meu legado.

Eu pretendia alimentá-lo ao lado de Presley pelo resto da minha vida.